

IVAN SANT'ANNA

1929

QUEBRA DA BOLSA DE NOVA YORK: A HISTÓRIA REAL DOS QUE VIVERAM UM DOS EVENTOS MAIS IMPACTANTES DO SÉCULO

OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

IVAN SANT'ANNA

1929

QUEBRA DA BOLSA DE NOVA YORK: A HISTÓRIA REAL DOS QUE VIVERAM UM DOS EVENTOS MAIS IMPACTANTES DO SÉCULO

OBJETIVA

Copyright © 2014, Ivan Sant'Anna
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Sérgio Campante

Imagem de capa
Latinstock | © Bettmann | CORBIS | Corbis (DC)

Revisão
Eduardo Rosal
Raquel Correa
Joana Milli

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Filigrana



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S223m

Sant'Anna, Ivan
1929 [recurso eletrônico] / Ivan Sant'Anna. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-390-0565-9 (recurso eletrônico)

1. Recessão (Economia) - História - Século XXI. 2. Crises financeiras - História - Século XXI. 3. Crise econômica - 1929 - Estados Unidos. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

14-09466 CDD: 330.9
CDU: 33(09)

Para o meu neto Fernando

Três grandes forças regem o mundo:
estupidez, ganância e medo.
Warren Buffet, megainvestidor americano

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Entre os anos que marcaram transições...
Personagens relevantes
1 – O garoto de Boston
2 – Gênios e magnatas
3 – Incêndio e naufrágio
4 – A Grande Guerra
5 – Revolução Russa
6 – Milagre da alavancagem
7 – Comunismo versus capitalismo
8 – Jack Morgan, o banqueiro do mundo
9 – Pague um, leve dez
10 – Ricos e felizes
11 – Consórcios de investimento
12 – Os manipuladores
13 – Fim de ano em Wall Street
14 – Banqueiros, especuladores e visionários
15 – Flint, Michigan
16 – Liga de Cavalheiros
17 – A toca do urso
18 – Desencantos do casamento
19 – Espertos e otários
20 – A pitonisa do Carnegie Hall
21 – Penetra na Casa Branca
22 – Um engraxate bem-informado
23 – O verdadeiro ano de 1929
24 – Palavra de banqueiro
25 – Sexo com baunilha
26 – O céu é o limite

27 – Feira do interior
28 – Os novos alquimistas
29 – Uma terça muito especial
30 – Arauto da desgraça
31 – O homem da mala
32 – Confissões
33 – Atrás das grades
34 – Feridos, desconfiados, mas ainda touros
35 – Chamadas de margem
36 – Venda o rumor e compre o fato
37 – Suporte organizado
38 – A grande chance
39 – Reviravolta
40 – Jolan vai ao banco
41 – Casamento húngaro
42 – Vendo! Vendo! Vendo!
43 – Jantar em Hollywood
44 – Quinta-Feira Negra
45 – Último suspiro
46 – Dono da América
47 – O grande perdedor
48 – Mal sabia ele
49 – Misericórdia divina
50 – A véspera
51 – Terça-Feira Negra
52 – Papéis podres
53 – Choros e rezas
54 – Temos um problema
55 – Irremediavelmente pobres
56 – Fim de uma era
57 – A Grande Depressão
58 – O cabo austríaco
59 – Guerra e paz
60 – Joe Kennedy
61 – Jack Morgan
62 – Perdas e ganhos
63 – De Wall Street para Sing Sing

64 – Flint: os escroques e suas vítimas
65 – Minha vida foi um fracasso
66 – Epílogo
Bibliografia

Entre os anos que marcaram transições históricas no século XX, 1929 é um dos sete mais importantes. Tanto quanto 1914, ano do assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, em Sarajevo, na Bósnia, dando início à Primeira Guerra Mundial; 1917, Revolução Russa; 1918, Armistício; 1939, invasão alemã da Polônia e consequente começo da Segunda Guerra; 1945, derrotas da Alemanha e do Japão e início da era nuclear; e 1989, queda do Muro de Berlim.

Sem exagero, a história econômica americana do século passado pode ser dividida em duas partes, antes e depois de outubro de 1929, mês em que terminou o sonho dourado e ilusório dos "esfuziantes anos 20" (*The Roaring Twenties*), quando, nos Estados Unidos, muitos acreditavam no surgimento de uma sociedade em que todos seriam ricos.

"*Everybody ought to be rich*" (todos devem ser ricos), disse, convicto, John Jakob Raskob, um dos mais bem-sucedidos empresários e financistas da época, em entrevista publicada no *Ladies' Home Journal* em agosto de 1929. Além de ser vice-presidente da DuPont e da General Motors, Raskob concebeu e construiu o Empire State Building.

Os crashes de 24 e de 29 de outubro daquele ano na Bolsa de Valores de Nova York, datas que se tornariam conhecidas pelos nomes pouco imaginativos de Quinta-Feira Negra e Terça-Feira Negra, foram seguidos por terremotos de igual magnitude em todas as bolsas e mercados do mundo.

O ano de 1929 deu origem à Grande Depressão e ao desemprego em massa, influenciou a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, permitindo a Adolf Hitler provocar deliberada e calculadamente a Segunda Guerra Mundial. Esta, por sua vez, deixou em seu rastro mais de 60 milhões de mortos.

Quando se fala em crash da Bolsa, quebradeira dos bancos, ruína das finanças domésticas, depressão, desemprego, guerra, Holocausto, Hiroshima, Nagasaki e mais um sem-número de desgraças, fica uma nítida impressão de que 1929 só gerou perdedores.

Mas não.

No mercado financeiro, os operadores são divididos em "touros" e "ursos". Touros apostam na alta. Ursos, na baixa. Os termos vêm da época em que touros lutavam contra ursos para diversão dos garimpeiros durante a Corrida do Ouro do final da década de 1840, na Califórnia. Como o touro ataca de baixo para cima, com os chifres, e o urso de cima para baixo, com as patas, vem daí a analogia.

No Brasil quase não se usa as designações "touro" e "urso". E os poucos que o fazem, se valem dos termos em inglês: *bull* e *bear*. *Bearish* (algo como "ursista") é

quem acredita na baixa. *Bullish* ("tourista") é quem crê na alta. *Bull-market* é o mercado do touro. *Bear-market*, o do urso.

Este livro tem por objetivo relatar os acontecimentos que precederam e deram origem ao crash de 1929, descrever quase que minuto a minuto os momentos mais dramáticos do colapso da Bolsa de Valores de Nova York e contar como foram os dias, semanas, meses e anos que sucederam o esfacelamento do mercado. Vai também esmiuçar a desgraça dos touros e contar o que aconteceu com os ursos.

Ao iniciar esta narrativa, posso adiantar que tudo o que houve naqueles tempos foi provocado pela ganância e pelo medo, dois sentimentos que sempre moveram os mercados financeiros e que compuseram, ao longo dos séculos, a essência do DNA dos especuladores.

Ivan Sant'Anna
ivansantanna1929@gmail.com

PERSONAGENS RELEVANTES

(por ordem alfabética de primeiro nome)

Adelaide | mãe de Adele Merrill, futura senhora Charlton MacVeagh
Adele MacVeagh | mulher de Charlton e filha do banqueiro Edwin Merrill
Adolf Hitler
Albert Wiggin | presidente do Conselho do Chase National Bank
Alexander Dana Noyes | editor financeiro do *The New York Times*
Alexandra | czarina da Rússia, mulher de Nicolau II
Alfred Sloan | presidente da General Motors
Alfred Smith | diretor da Empire State Inc.
Amadeo Peter Giannini | fundador do Bank of Italy e do Bank of America
Andrew Arway | padrasto de Jolan e destilador de bebida clandestina
Andrew Mellon | banqueiro e secretário do Tesouro dos Estados Unidos
Anna Case | segunda mulher de Clarence Mackay
Archibald Bodkin, sir | diretor da Promotoria britânica
Arthur Schlosser | caixa do Union Industrial Bank
Arthur W. Cutten | especulador canadense do mercado de ações
Attilio (Doc) Giannini | irmão de Amadeo, executivo do Bank of America

Barbara | mãe de Jolan e sogra de Steve Vargo
Bearsted, lorde | diretor do banco inglês Montagu Samuel
Beatrice | mulher de Edward Henry Harriman Simmons
Benito Mussolini | ditador italiano
Ben Smith | operador da W. E. Hutton and Company
Bernard Baruch | financista, especulador, conselheiro de Winston Churchill
Betty | mulher de Ivan Christensen
Bing Crosby | cantor e ator
Blair | maior acionista da Blair and Company
Bradford Ellsworth | especulador profissional

Calvin Coolidge | 30º presidente dos Estados Unidos
Catherine | segunda mulher de Billy Durant
Charles Beagle | promotor público de Flint
Charles Chaplin
Charles Dawes | embaixador americano em Londres
Charles Edwin Mitchell | presidente do National City Bank, atual Citibank

Charles E. Merrill | fundador da Merrill Lynch & Co.
Charles Goudiss | um dos responsáveis pela corretora do navio *Berengaria*
Charles Lindbergh | herói americano da aviação
Charles MacVeagh | embaixador dos Estados Unidos no Japão
Charles Murphy | jornalista do *New York Evening Mail*
Charles Schwab | magnata do aço
Charles Stewart Mott | presidente do Conselho do Union Industrial Bank
Charles Topping | especulador do mercado de ações
Charlton MacVeagh | executivo da J. P. Morgan
Claire | filha caçula de Clorinda e Amadeo Peter Giannini
Clarence Charles Hatry | empresário e financista inglês
Clarence Mackay | magnata dos telégrafos, pai de Ellin
Clifford Plumb | caixa do Union Industrial Bank
Clorinda Giannini | mulher de Amadeo Peter Giannini

Davenport Pogue | assessor financeiro de Helena Rubinstein
David McGregor | caixa do Union Industrial Bank
David M. Lion | manipulador de ações
David Sarnoff | presidente da Radio Corporation of America (RCA)
Dee Van Balkom Furey | jornalista, terceira mulher de Charles Mott
Dorothy (Dotsie) | mulher de Jesse Livermore
Dorothy Goetz | cantora, primeira mulher de Irving Berlin
Douglas Fairbanks Jr. | ator de cinema

E. C. Delafield | executivo do Bank of America
Edmund Daniels | diretor-gerente do grupo empresarial de Clarence Hatry
Edmund Lynch | sócio de Charles E. Merrill na Merrill Lynch & Co.
Edward | príncipe de Gales, filho de George V, futuro duque de Windsor
Edward Henry Harriman Simmons | presidente da Bolsa de Nova York
Edward (Ted) Kennedy | filho caçula de Rose e Joe Kennedy
Edwin Merrill | presidente do Bank of New York e pai de Adele
Elisha Walker | sócio de Amadeo Peter Giannini
Elizabeth | mulher de Milton Pollock
Ellin Mackay | segunda mulher de Irving Berlin
Elton Graham | tesoureiro sênior do Union Industrial Bank
Ephraim Goldberger | advogado da colônia húngara de Flint, Michigan
Eugene M. Stevens | presidente do Continental Illinois Bank
Eugene O'Neill | dramaturgo, pai de Oona
Evangeline Adams | vidente

Farrell Thompson | caixa do Union Industrial Bank
Ferdinand Pecora | presidente da Comissão Parlamentar que investigou o crash
Frank Bliss | operador de pregão na Bolsa de Valores de Nova York
Franklin Delano Roosevelt | 32º presidente dos Estados Unidos
Frank Montague | vice-presidente do Union Industrial Bank
Franz von Papen | chanceler de Hindenburg

Fred Astaire | dançarino e ator

George F. Baker | presidente do First National Bank of New York
George Gershwin | compositor
George V | rei da Inglaterra
George VI | rei da Inglaterra
George Whitney | sócio e diretor da Casa Morgan, irmão de Richard Whitney
George Woodhouse | caixa do Union Industrial Bank
Gilbert Garnsey, Sir | conceituado contador da City londrina
Ginger Rogers | dançarina e atriz
Gladys | mulher de Homer Dowdy
Gloria Swanson | diva de Hollywood, amante de Joe Kennedy
Grant Brown | presidente do Union Industrial Bank, pai de Robert
Guilherme II | kaiser da Alemanha

Helena Rubinstein | empresária da indústria de cosméticos
Henry Davidson | executivo da J. P. Morgan
Henry Ford | fundador da Ford Motor Company
Henry Sturgis Morgan | executivo da J. P. Morgan
Herbert Hoover | 31º presidente dos Estados Unidos
Hindenburg, marechal | presidente da Alemanha
Homer Dowdy | carteiro de Flint
Hut Hutton-Miller | corretor júnior da W. E. Hutton and Company

Ira Gershwin | compositor
Irmãos Fisher | especuladores do mercado de ações
Irving Berlin | compositor
Irving Fisher | professor de economia na universidade de Yale
Ivan Christensen | tesoureiro assistente do Union Industrial Bank
Ivar Kreuger | financista e especulador internacional

Jack Morgan | sucessor do pai na presidência da J. P. Morgan
James Barron | caixa do Union Industrial Bank
James Farrell | presidente da U. S. Steel
James (Jimmy) Walker | prefeito de Nova York
James Riordan | especulador do mercado de ações
Jesse Livermore | especulador do mercado de ações, especializado na baixa
Jessie | mulher de Jack Morgan
J. F. Lowther | jornalista do *New York Herald Tribune*
Joe Garcia | motorista particular de Amadeo Peter Giannini
John Bokr | merceeiro de Flint
John de Camp | vice-presidente sênior do Union Industrial Bank
John D. Rockefeller | magnata americano do petróleo
John (Jack) Fitzgerald Kennedy | 35º presidente dos Estados Unidos
John Jakob Raskob | idealizador do Empire State Building
John Pierpont Morgan | filho do fundador da J. P. Morgan

John Steinbeck | escritor, autor, entre outras obras, de *As vinhas da ira*
John T. Flynn | articulista da *American Magazine*
Jolan Slezsak | futura sra. Steve Vargo, vendedora de bebidas clandestinas
Josef Stalin | sucessor de Lenin
Joseph (Joe) Kennedy | empresário e especulador, pai de John Kennedy
Joseph Patrick Kennedy | o Joe Jr., primogênito de Rose e Joe Kennedy
Joseph Stagg Lawrence | professor da universidade de Princeton

Kathleen (Kick) | filha de Rose e Joe Kennedy
Kitty | primeira mulher de Clarence Mackay

Leon Trotsky | seguidor de Lenin e rival de Stalin
Louise | mulher de Frank Montague
Louis Lyons | jornalista do *Boston Sunday Globe*

Marie | mulher de Grant Brown, o presidente do Union Industrial Bank
Mark Kelly | caixa do Union Industrial Bank
Mary Jo Kopechne | morta no acidente de Chappaquiddick
Mary Pickford | atriz de cinema
Michael Bouvier | operador decano da Bolsa, tio-avô de Jacqueline Kennedy
Michael Levine | judeu russo com vários negócios, legais e ilegais, em Nova York
Michael (Mike) Meehan | especialista nas ações da RCA
Milton Pollock | vice-presidente do Union Industrial Bank
Montagu Norman | *governor* do Banco da Inglaterra

Neville Chamberlain | primeiro-ministro britânico
Nicolau II | czar da Rússia

Oakleigh Thorne | presidente da Trust Company of America
Oliver Bridgeman | especialista na United States Steel no pregão da Bolsa
Oona O'Neill | última mulher de Charles Chaplin

Pat Bologna | engraxate em Wall Street
Paulette Goddard | atriz de cinema, uma das mulheres de Charles Chaplin
Paul Warburg | do International Acceptance Bank
Percy Rockefeller | especulador da Bolsa
Pierre du Pont | diretor da Empire State Inc.
Prewitt Semmes | advogado de Dee Van Balkom Furey

Ramsay MacDonald | líder trabalhista e primeiro-ministro inglês
Richard Edmondson | jornalista do *Wall Street Journal*
Richard Whitney | vice-presidente da Bolsa de Nova York, irmão de George Whitney
Robert (Bobby) Kennedy | filho de Rose e Joe Kennedy
Robert Brown | caixa do Union Industrial Bank
Robert McDonald | caixa do Union Industrial Bank
Roger W. Babson | professor, estatístico e matemático
Rose Kennedy | mulher de Joseph Kennedy e mãe de John Kennedy
Roy Young | presidente do Conselho da Reserva Federal

Russell Runyon | perito em cálculos do Union Industrial Bank

Samuel Vauclain | presidente da Baldwin Locomotive
Seward Prosser | *chairman* do Bankers Trust
S. S. Stewart | conselheiro, diretor e acionista do Union Industrial Bank
Stanley Baldwin | primeiro-ministro da Grã-Bretanha
Stanley Moore | funcionário da corretora do *Berengaria*
Stanley Passmore | advogado de Clarence Hatry
Steve Vargo | operário da Buick, marido de Jolan

Theodore (Ted) Roosevelt | sucessor de McKinley na presidência dos Estados Unidos
Thomas Lamont | segundo em hierarquia na J. P. Morgan
Thomas Stilwell | executivo da J. P. Morgan
Tom Bragg | operador da W. E. Hutton and Company

Vincent Astor | homem de negócios e filantropo, dono de grande fortuna
Vladimir Ilyich Lenin | líder da Revolução Russa

Walter Chrysler | fundador da montadora Chrysler
Walter Teagle | presidente da Standard Oil
Warren G. Harding | 29º presidente dos Estados Unidos
W. F. Walmsley | jornalista do *The New York Times*
William (Billy) Crapo Durant | fundador da General Motors
William Cavendish | marquês de Hartington, marido de Kick Kennedy
William Gomber | jornalista do *Financial America*
William Howard Taft | 27º presidente dos Estados Unidos
William J. McMahon | comentarista de rádio, especializado na Bolsa
William Lamb | arquiteto do Empire State Building
William McKinley | 25º presidente dos Estados Unidos
William Potter | presidente do Guaranty Trust
William Randolph Hearst | magnata americano das comunicações
William R. Crawford | superintendente da Bolsa de Valores de Nova York
William White | jornalista do *New York Evening Post*
Will Payne | colunista econômico e especulador no mercado de ações
Winston Churchill | chanceler do Erário, futuro primeiro-ministro britânico
Woodrow Wilson | 28º presidente dos Estados Unidos

1 O GAROTO DE BOSTON

No final do século XIX, a quantidade de imigrantes que chegavam aos Estados Unidos através do porto de Nova York, vindos principalmente da Europa, não fazia outra coisa senão crescer. Depois que os navios entravam na boca do estuário do rio Hudson, uma das primeiras imagens dos homens, mulheres e crianças que tinham atravessado o Atlântico Norte amontoados em beliches da terceira classe era a da Estátua da Liberdade, inaugurada em 1886. Um quilômetro ao norte da estátua havia um centro de triagem, na ilha Ellis, por onde todos os recém-chegados tinham de passar.

Grande parte dessas famílias vendera todos os seus bens em suas terras natais para pagar a passagem. A origem dos imigrantes havia mudado. Em vez de irlandeses, ingleses, escoceses, franceses, holandeses, belgas, escandinavos e alemães dos tempos anteriores, a maioria agora vinha do sul da Itália, dos Bálcãs e dos impérios russo e austro-húngaro.

Um desses era o pintor de paredes judeu Abraham Sarnoff, que foi inspecionado e aprovado pelos agentes sanitários e de imigração da ilha Ellis em 1896. Ele deixara a família na pequena aldeia de Uzlian, nas proximidades de Minsk, na Bielorrússia, onde haviam nascido. Abraham pretendia trabalhar incansavelmente na América até poder pagar a passagem da mulher e dos filhos, entre estes David, um menino de 5 anos que já revelava uma inteligência incomum.

Também judeus, os Baline, originários da Rússia, haviam desembarcado em Nova York em setembro de 1893, a bordo do navio *SS Rhynland*. Ao contrário dos Sarnoff, a família Baline veio de uma só vez: Moses, o pai; sua mulher, Lena; e seis filhos, entre os quais Israel Baline, de 5 anos, a quem os íntimos chamariam de Izzy e o mundo inteiro iria conhecer como Irving Berlin, nome artístico que Israel adotaria no futuro.

Tal como acontecia com boa parte dos imigrantes que optavam por fixar residência em Nova York, no início os Baline foram morar num cortiço do Lower East Side — a família toda espremida em um cômodo de quatro por quatro metros. Dois anos após sua chegada, Izzy, então com 7 anos, ganhava seus primeiros trocados vendendo jornais nas ruas. Frequentava também uma escola pública, onde aprendeu inglês rapidamente.

Boa parte das famílias de imigrantes costumava não conviver com a miséria por muito tempo. Os Estados Unidos eram a terra da oportunidade e dos empreendedores. Era só ver o exemplo de alguns europeus que tinham vindo antes. Eles haviam estendido os trilhos das ferrovias e os fios do telégrafo, prospectado o solo, instalado indústrias de base e de transformação, erguido os primeiros arranha-céus do planeta e fundado bancos. Bancos esses que financiavam os empreendimentos mais audaciosos e que, dentro de pouco mais de três décadas, iriam desgraçadamente estimular a maior jogatina da história no mercado de ações.

Entre os banqueiros, o de maior prestígio e não menor fortuna era John Pierpont Morgan, nascido em Connecticut em 1837. Raros eram os grandes negócios do país dos quais a Casa Morgan não participava direta ou indiretamente.

Ao apagar das luzes do século XIX, Nova York já era um dos mais importantes centros financeiros do mundo, tendo sua Bolsa de Valores completado um século de existência. Um novo prédio para abrigar os escritórios e o pregão estava sendo projetado. O volume de negócios só aumentava, graças ao magnetismo que a especulação exercia sobre a sociedade *nouvelle riche* americana.

Não apenas em Nova York o mercado financeiro era ativo. Boston, por exemplo, era um centro importante de negócios. Foi justamente lá que Jesse Livermore, um jovem de apenas 14 anos, começou em 1891 sua carreira no negócio de ações, anotando cotações no quadro-negro de uma sociedade corretora e recebendo como pagamento um dólar por semana.

Jesse não se limitava a anotar os preços para que outros os vissem. Ele os memorizava, analisava e fazia projeções futuras, não raro permanecendo no escritório até altas horas. Nesses serões, não demorou a perceber que a análise de tendências era um dos segredos do sucesso nas bolsas. Saber o preço do momento não tinha a menor importância. Bastava ler a pedra. O que valia mesmo era descobrir para onde o mercado estava indo, calcular a cotação do dia seguinte, e do outro, e ainda do outro. Era essa habilidade, uma mistura de ciência e arte, que diferenciava os vencedores dos fracassados.

Em Boston, assim como em Nova York, havia sociedades corretoras informais, sem nenhum vínculo com as bolsas. Eram os *bookmakers* do mercado, chamados de *bucket shops*. Essas "empresas" aceitavam ordens de compra e de venda de ações, sem executá-las no pregão. Ou seja, se alguém quisesse apostar na alta da General Electric, por exemplo, bastava entrar em uma *bucket shop*, dar uma ordem de compra ao preço de mercado e pagá-la. Se a GE subisse, o cliente recebia o lucro. Se caísse, o prejuízo era abatido na hora da liquidação do negócio.

Além de cobrar taxas de corretagem obcenas, as *bucket shops* inventavam cotações. Ou seja, se sabiam que o cliente iria comprar, mostravam-lhe um preço acima do preço real praticado nas bolsas naquele momento. Se o freguês ia vender, a cotação era artificialmente diminuída.

Para ganhar dinheiro no mercado de ações através de uma *bucket shop*, o especulador tinha de superar o mercado, o alto custo de corretagem e o "boneco", nome que se dá a essa diferença entre o preço real e o preço cobrado. Mas vício é vício, especular é um jogo como outro qualquer, e as *bucket shops* registravam grande movimento e não menores lucros, principalmente graças aos pequenos investidores que não tinham cadastros bons o bastante para serem aceitos pelas sociedades corretoras filiadas às bolsas.

Vencendo todos esses obstáculos e contra todas as probabilidades, o jovem Livermore, ainda com rosto imberbe de criança, graças ao seu excepcional talento como *trader* e à sua habilidade de fazer prognósticos, conseguia ganhar dinheiro operando nas *bucket shops*, o que fazia nos intervalos de almoço. Ganhou tanto que foi proibido de frequentá-las. Mas aí já não importava. A conta bancária de Jesse Livermore ficou suficientemente polpuda para que ele pudesse ser aceito como cliente das corretoras.

Volta e meia, as bolsas de valores americanas eram acometidas de surtos de pânico. No século XIX isso acontecera em 1819, 1837, 1857, 1873 e 1893. Durante este último evento, Jesse Livermore já era um especulador ativo e firmara sólida reputação como urso. Ou seja, jogava mais na baixa, exemplar ainda raro no mercado. Certos investidores consideravam os ursos impatrióticos e derrotistas antiamericanos.

Ao pânico de 1893 seguiu-se uma severa depressão. Os fazendeiros, além de se defrontarem com secas, pragas e tempestades de areia, se viram atingidos por uma deflação no preço das *commodities* agrícolas. Nas regiões urbanas, um em cada quatro trabalhadores não especializados perdeu seu emprego. Milhares deles participaram de uma marcha sobre a capital, Washington. Paralisações no trabalho começaram a pipocar em diversos estados, sendo a mais grave delas em Illinois, para onde tropas federais foram enviadas para enfrentar os grevistas.

Tudo isso foi música para os ouvidos de Jesse Livermore. Durante a depressão, que durou quatro anos, ele ganhou uma fortuna vendendo ações a descoberto, ou seja, vendendo os papéis sem tê-los, para recomprá-los mais tarde por preços inferiores.

No primeiro semestre de 1898, com quase 21 anos de idade, mas ainda com o rosto inocente de um garoto, Livermore mudou-se de Boston para Nova York,

levando consigo um formidável capital de 2,5 milhões de dólares, ganhos na bolsa. Se impondo uma disciplina rígida, Jesse jamais entrava em pânico.

Sua fortuna lhe permitiu a realização de sonhos pessoais. Comprou automóveis luxuosos, dezenas de ternos, só fazia camisas sob medida, se banhava com galões de água-de-colônia. Tinha amantes na Flórida e na Europa.

Os Estados Unidos cada vez mais emergiam como potência mundial. Em 1898, o governo americano adquiriu o Havaí, no meio do Pacífico, o que lhe permitiu estabelecer uma base naval a meio caminho entre a Califórnia e o Extremo Oriente. Sua armada já era a terceira do mundo.

Nessa mesma época, o país se engajou em sua primeira incursão militar no exterior, declarando guerra à Espanha. O objetivo era apoiar os revolucionários cubanos que pretendiam obter a independência da ilha. Além de perder Cuba, a Espanha cedeu Porto Rico, Guam e as Filipinas aos americanos.

Veio então o século XX, no qual os Estados Unidos da América se tornariam a maior potência militar e econômica do planeta, não sem antes passar por terríveis provações, sobre as quais a especulação desenfreada no mercado financeiro exerceu forte influência.

GÊNIOS E MAGNATAS

Na virada do século XIX para o XX, os Estados Unidos já haviam se recuperado da depressão iniciada em 1893 e viviam tempos de crescimento acelerado. Nenhum outro país do mundo produzia tanta riqueza. Logo, grandes corporações seriam fundadas, entre elas a United States Steel Corporation, a International Harvester e a International Nickel.

Nesse cenário de prosperidade, o número de bilionários americanos era cada vez maior. Entre eles se destacavam o magnata do petróleo John D. Rockefeller e o banqueiro John Pierpont Morgan, mais conhecido como J. P. Morgan.

Os sócios e executivos graduados da Casa Morgan participavam da direção e do Conselho de outras 112 grandes empresas, entre elas concessionárias de serviços públicos, seguradoras, companhias industriais e comerciais, ferrovias e até mesmo outros bancos.

Para desgosto de J. P. Morgan e de outros grandes empresários, em 14 de setembro de 1901, com o assassinato do presidente William McKinley, seu vice, Theodore Roosevelt, assumiu a Casa Branca. Roosevelt era reformista e se dispunha a defender mais os trabalhadores do que os patrões. Usou a lei antitruste Sherman contra a Northern Securities Co., uma das empresas que Morgan controlava de modo disfarçado.

Em julho de 1901, quando Irving Berlin tinha 12 anos, seu pai, Moses, morreu de bronquite, deixando viúva e quatro filhos órfãos além de Irving. A sexta criança havia morrido antes.

Um ano após a morte do pai, Irving abandonou colégio e família. Chegara à conclusão de que levava menos dinheiro para casa do que dava de despesas. Izzy foi morar nas ruas e em albergues públicos do Bowery, uma das áreas mais pobres da ilha de Manhattan.

Como tinha uma voz passável, Irving Berlin começou a cantar em bares frequentados por marinheiros e prostitutas em troca de gorjetas. Então as coisas melhoraram um pouco e ele conseguiu um lugar no coro do musical *The Show Girl*. Fazia também diversos tipos de biscates, entre eles o de participar de claques em espeluncas de Chinatown. Finalmente arrumou um trabalho de tempo integral como cantor-garçom no café de Mike Salter, também no bairro chinês.

Na noite de sábado de 18 de novembro de 1905, o príncipe Louis de Battenberg, da família real britânica, que percorria casas de ópio de Chinatown, foi até o bar onde Izzy Berlin cantava e servia os fregueses e gostou muito da sua apresentação, em que interpretava paródias cômico-eróticas com letras de duplo sentido. A satisfação do príncipe virou notícia em diversos jornais.

Em Londres, Charlie Chaplin, um garoto semianalfabeto da mesma idade de Irving Berlin, cuja infância fora igualmente miserável, também conseguira seu primeiro emprego no *showbiz*. A peça *Jim, the Romance of a Cockney* foi um fracasso de crítica. Mas a atuação do menino, que interpretou a parte cômica do espetáculo no papel de um pequeno jornaleiro, mereceu fartos elogios.

O pai de Charlie, Charles Spencer Chaplin, morrera de tanto beber. A mãe do jovem comediante, Hannah, uma atriz fracassada, alternava períodos morando com os filhos com temporadas em sanatórios para doentes mentais.

Separados por 5,6 mil quilômetros, os garotos Izzy e Charlie tinham duas coisas em comum: enorme talento e necessidade de trabalhar para comer. Em outubro de 1904, aos 34 anos, Amadeo Peter Giannini fundou, no distrito italiano de North Beach, em São Francisco, o Bank of Italy, voltado para uma clientela de pessoas de baixa e média renda. Segundo os especialistas do ramo, as chances de sucesso de Giannini eram mínimas. Comerciante de formação, ele não tinha experiência bancária e não conhecia ninguém nos altos círculos das finanças.

Incluindo o próprio Amadeo Giannini, nenhum sócio do banco tinha mais do que cem ações. Estas estavam nas mãos de 1.620 acionistas: padeiros, farmacêuticos, peixeiros, pequenos comerciantes de um modo geral, alguns com não mais do que duas ou três cotas. Tratava-se de um banco de gente miúda para atender a uma clientela miúda, atraída pelas taxas de juros de 3,5% ao ano que o Bank of Italy oferecia aos pequenos poupadores, cuja alternativa seria deixar suas economias debaixo do colchão.

Às 5h12 da manhã de quarta-feira, 18 de abril de 1906, a cidade de São Francisco foi abalada por um terremoto de 7,9 graus na escala Richter, seguido por um incêndio não menos devastador. Mais de 3 mil pessoas morreram e 70% das construções foram destruídas. Do total de 410 mil habitantes da cidade, 270 mil ficaram desabrigados.

Nessa ocasião, o magistral urso especulador Jesse Livermore provou ser um homem de muita sorte. Dois dias antes da tragédia, Jesse, que tirava férias com uma namorada em Atlantic City, na Costa Leste, entrou numa sociedade corretora do balneário e vendeu a descoberto 3 mil ações da Union Pacific Railroad, que servia

São Francisco. No dia seguinte, 17 de abril, como a Union Pacific continuava subindo, Livermore vendeu mais 2 mil ações, antes de regressar a Nova York.

No dia do terremoto, Jesse Livermore foi acordado por seu criado de quarto, que lhe deu a notícia. Como não podia deixar de ser, os papéis da ferrovia do Pacífico despencaram, pois um longo trecho do leito da estrada de ferro se esfarinhara, com os trilhos arrancados de seus dormentes. Ao final da tarde, o urso de Boston deixara de ser um milionário para se tornar um multimilionário.

Embora Jesse Livermore tenha dado sua grande tacada de forma fortuita, os demais *traders* não deram a menor importância ao detalhe. Ganhou, é bom. Perdeu, é ruim. Sempre foi e sempre será assim no jogo das bolsas. O que vale é vencer. Foi o que aconteceu com Livermore. Criou-se ao redor dele uma aura de premonição, da qual Jesse se aproveitou para alavancar sua fortuna nos anos seguintes.

Ao contrário de Livermore, Amadeo Peter Giannini tinha tudo para perder dinheiro com o terremoto. São Francisco era o seu território, a sede de seu banco e o local onde boa parte de seus clientes morava e ganhava a vida. Só que Giannini, antes mesmo de a fumaça dos incêndios que haviam devastado a cidade se extinguir, começou a oferecer, através do Bank of Italy, empréstimos a taxas de juros moderadas àqueles que haviam perdido suas casas e seus negócios, para que eles pudessem reconstruí-los. O banco tinha em caixa 80 mil dólares para cobrir depósitos de 846 mil. Mesmo assim, Amadeo não vacilou. Saiu emprestando.

Os demais banqueiros locais, que procuravam se espelhar no conservadorismo e na prudência dos Rothschilds, da Europa, e de John Pierpont Morgan, de Nova York, imediatamente fecharam suas carteiras de crédito após o terremoto. E comentaram com desdém a atitude de Giannini: "Não se poderia esperar outra coisa de um carcamano que cresceu vendendo verduras. Banco não é casa de caridade. O italiano vai dar com os burros n'água."

O mau agouro falhou e o Bank of Italy cresceu com a crise. Impressionados com a atitude de Giannini durante o momento trágico, novos depositantes surgiram.

Em Nova York, Irving Berlin agora cantava no Nigger Mike's, também em Chinatown. E começou a compor. Sua primeira canção foi *Marie from Sunny Italy*, cujos direitos vendeu por apenas 37 centavos. Izzy completara 19 anos e continuava se sustentando, embora mal e porcamente, com seu trabalho de cantor-garçom. Não sabia ler nem escrever partituras e precisava que alguém passasse suas músicas para o papel.

Na Bolsa de Nova York, Jesse Livermore continuava com suas jogadas especulativas, quase sempre vendendo a descoberto. E voltou a dar uma enorme tacada quando o mercado sofreu um novo pânico, no outono de 1907. Só na quinta-feira, 24 de

outubro, o urso de Boston, agora com 30 anos, ganhou 250 mil dólares. Ao todo, Jesse lucrou um milhão de dólares no crash — o equivalmente, nos dias de hoje, a 25 milhões de dólares.



Interior da Bolsa de Valores de Nova York
Nova York, EUA, ca. novembro de 1907
Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, DC | Pearson Publishing Company

O pânico de 1907 foi suavizado por J. P. Morgan de maneira prática e espiritual. Prática porque ele jogou recursos próprios e de outros banqueiros para comprar ações. Espiritual porque apelou para os clérigos de Nova York, para que usassem seus sermões dominicais para injetar confiança nos investidores assustados. J. P. culpava o presidente Theodore Roosevelt pelo que acontecia na Bolsa. Roosevelt não deixou a acusação sem resposta. Chamou de gananciosos e impatrióticos os homens de grande fortuna do país.

Ignorando as acusações do presidente, Morgan, agora com 70 anos, ainda salvou diversos bancos nova-iorquinos e a própria Bolsa de Valores de Nova York da falência, emprestando 25 milhões de dólares aos corretores e à Bolsa. Finalmente, nos dias 28 e 29 de outubro, evitou uma crise financeira na cidade emprestando 30 milhões de dólares à prefeitura para que esta pudesse pagar os salários de seus funcionários e dos professores públicos.

Na Califórnia, Amadeo Peter Giannini continuava prosperando. Durante o pânico de 1907, Giannini, que não fora atingido pela crise, possuía tanto ouro que precisou alugar cofres para guardar os lingotes; seu banco foi o único da Califórnia que pôde atender todas as demandas de empréstimos de seus clientes. Milhares de depositantes abriam contas no Bank of Italy.

O sonho de Giannini agora era expandir seus negócios para outros estados. O ex-vendedor de hortigranjeiros queria agências de seu banco estabelecidas em todas as cidades e até mesmo na maioria das vilas. Seria o primeiro grande conglomerado bancário americano de varejo.

No inverno de 1908, Charlie Chaplin, com 19 para 20 anos, já era um comediante bem-sucedido na Inglaterra, atuando em shows de *vaudeville*. Morava com seu irmão, Sydney, num apartamento de três quartos na Brixton Road, ao sul do Tâmisa, e namorava Hattie, uma corista da companhia.

Um ano mais tarde, Chaplin se apresentaria no Folies Bergere, em Paris, onde fez enorme sucesso.

Charles E. Merrill, que chegara a Nova York no auge do pânico de 1907, trabalhava no departamento de títulos da George H. Burr & Company, uma empresa de Wall Street. Depois de algum tempo no emprego, no qual se sobressaía entre os colegas, Charles conseguiu trazer para a firma seu amigo Edmund Lynch, um graduado da Universidade John Hopkins. Os dois sobrenomes, Merrill e Lynch, ajudariam a escrever a história do mercado financeiro dos Estados Unidos ao longo de todo o século XX, entrando pelo século XXI.

Em 1908, Theodore Roosevelt decidiu não concorrer à reeleição. Amante da vida ao ar livre, resolveu se dedicar a caçadas na África.

"Espero que o primeiro leão que ele encontrar cumpra o seu dever", disse John Pierpont Morgan numa roda de amigos. J. P. jamais perdoara a perseguição que sofrera por parte de Ted Roosevelt.

Roosevelt foi sucedido pelo também republicano William Howard Taft, que manteve a política antitruste de seu antecessor e, para desespero dos ricos, criou o imposto de renda federal.

Na primeira década do século XX, mais 6 milhões de emigrantes entraram nos Estados Unidos, entre eles o bielorrusso David Sarnoff, com 9 anos, cujo pai, o pintor de paredes Abraham Sarnoff, desembarcara em Nova York em 1896, levando quatro anos para juntar os 144 dólares necessários para trazer toda a família. Esta foi morar numa área miserável do Lower East Side.

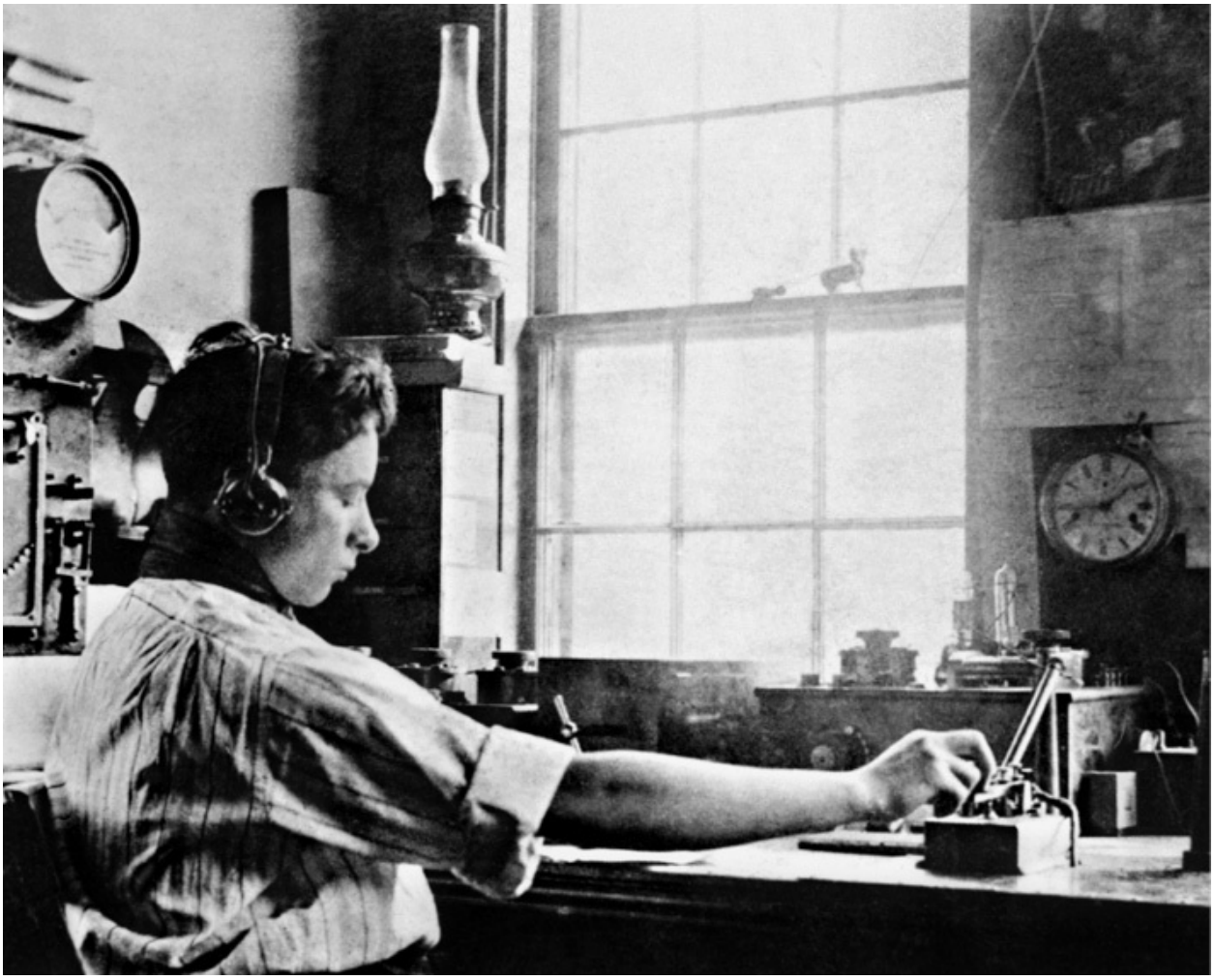
Infelizmente, logo após a chegada da mulher e dos filhos, Abraham ficou doente e incapacitado para o trabalho. Apesar de criança, David fez questão de ajudar no sustento da casa, vendendo nas ruas os jornais judeus *Tageblatt* e *Forverts*. Quando seu pai morreu, em 1906, David Sarnoff, então com 15 anos, foi trabalhar como mensageiro na Commercial Cable Company, uma empresa de telégrafos, ganhando cinco dólares por semana. Sentindo-se no lugar e no momento certos, David cuidou de aprender a operar o telégrafo.

Desde meados do século XIX, as pessoas e as empresas se comunicavam por telegramas. Essas mensagens, passadas e decifradas usando-se o código Morse, eram transmitidas através de fios. Só que, no início do novo século, o fio tornara-se desnecessário. Em 1901, o italiano Guglielmo Marconi completou com sucesso a primeira transmissão transatlântica sem fio.

Demitido da Commercial Cable por ter tirado três dias de folga para comparecer a uma festividade judaica, David Sarnoff conseguiu um emprego no bairro do Brooklyn, na estação telegráfica da empresa inglesa Marconi Wireless Telegraph Co., assim chamada em homenagem ao inventor.

Sarnoff usava suas horas de folga, domingos e feriados para devorar publicações científicas em bibliotecas públicas. Fez também um curso de engenharia elétrica no Instituto Pratt. A dedicação não passou despercebida por seus patrões, e logo David foi promovido a diretor da estação de telégrafo sem fio da Marconi instalada no topo da loja de departamentos Wanamaker, em Manhattan.

Tendo provado sua competência em Nova York, em 1908, David Sarnoff, então com 17 anos, foi designado para a estação da Marconi no posto remoto da ilha de Nantucket, ao sul do extremo leste da costa de Massachusetts, com um salário mensal de setenta dólares. Em vez de se dedicar apenas às suas tarefas profissionais, na ilha Sarnoff estudou como funcionavam as ondas de rádio que lhe permitiam enviar e receber as mensagens telegráficas. Tornou-se um perito no assunto, a ponto de trocar ideias a distância com o próprio Guglielmo Marconi. Fazia também um curso de matemática por correspondência.



O jovem David Sarnoff opera um aparelho de telégrafo sem fio na estação da ilha de Nantucket
Siasconset, Massachusetts, EUA, ca. 1900-1910
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Charles Edwin Mitchell nascera em Chelsea, subúrbio de Boston, em 6 de outubro de 1877. Tinha, portanto, 23 anos na passagem de século. Dotado de inteligência privilegiada, Mitchell conseguiu chegar à universidade, dando aulas particulares de oratória para custear os estudos. Tinha um talento especial para encantar as pessoas, praticamente hipnotizando-as.

O primeiro emprego de Mitchell foi na Western Electric, em Chicago. Em pouco tempo tornou-se gerente de crédito. Mas não esquentou a cadeira por muito tempo. Recebeu — e aceitou — um convite da Trust Company of America, de Nova York, uma companhia de investimentos, para ser assistente pessoal do presidente, Oakleigh Thorne.

Quando aconteceu o crash de 1907, seguido de pânico no mercado, a Trust foi atingida em cheio pela crise. Nessa ocasião, Mitchell chegou a trabalhar vinte horas

por dia, limitando-se a alguns cochilos no escritório de Thorne. Em grande parte graças ao seu esforço e ao seu talento, a empresa sobreviveu à turbulência.

Em 1909, Irving Berlin assinou um contrato de 25 dólares por semana, mais royalties, com a empresa Waterson & Snyder, para compor canções, embora não soubesse escrever música, nem tivesse feito nenhum esforço para aprender a fazer isso, deixando a tarefa a cargo de outras pessoas.

A deficiência não impediu Berlin de produzir, no espaço de um ano, duas dúzias de canções. Só uma delas — *My Wife's Gone to the Country* — vendeu 300 mil cópias em partituras.

Naquela época, as canções eram distribuídas por editoras, sendo as cópias vendidas em papel com pauta, notas musicais e letra. Não havia discos, nem rádio; o cinema, que começava a cair no gosto dos americanos, era mudo. Portanto, sem que Irving Berlin soubesse, uma longa estrada de oportunidades ainda iria se abrir para sua genialidade.

INCÊNDIO E NAUFRÁGIO

Em 1910, o bairro de Hollywood, em Los Angeles, Califórnia, até então uma bucólica comunidade de aposentados que fugiam dos invernos rigorosos dos estados do norte, começou a receber vizinhos estranhos. Eram os primeiros estúdios cinematográficos, os *movies*, como eram chamados, pois lidavam com imagens em movimento.

Justamente nessa época Charles Chaplin chegou pela primeira vez aos Estados Unidos, mas não para o cinema. Foi participar da turnê de uma companhia de *vaudeville*. O grande sucesso de Chaplin, na ocasião, era quando interpretava o papel de um bêbado, numa atuação impagável e irrepreensível que deu grande impulso à sua carreira.

Irving Berlin compôs mais de quarenta músicas em 1911 e contribuiu com quatro canções para a edição anual do *Ziegfeld Follies*, além de vender 2 milhões de cópias da música *Alexander's Ragtime Band*. No ano seguinte, em fevereiro, Berlin se casou com a cantora Dorothy Goetz. Nessa ocasião, a renda do músico já era de 100 mil dólares anuais.

Dorothy e Izzy passaram a lua de mel em Cuba. Enquanto o casal estava lá, irrompeu um surto de tifo. Dorothy foi contaminada pela doença e morreu cinco meses depois, em julho de 1912, aos 27 anos. *When I Lost You*, composta por Berlin em homenagem à mulher, vendeu um milhão de cópias.

Embora a economia dos Estados Unidos não parasse de crescer, também crescia o abismo entre ricos e pobres. A concentração de renda era aviltante. Setenta famílias americanas controlavam 7% da riqueza nacional.

Numa época em que movimentos socialistas floresciam na Europa Ocidental e começavam a se organizar na Rússia czarista, o capitalismo selvagem era regra geral na América. Uma espécie de vale-tudo entre dinheiro e trabalho. Isso começou a mudar por ocasião de um incidente gravíssimo ocorrido em Nova York no sábado de 25 de março de 1911. Nesse dia, a fábrica de blusas Triangle, que ocupava o oitavo, o nono e o décimo e último andares do prédio Asch, em Washington Place, Greenwich Village, na baixa Manhattan, pegou fogo.

A Triangle empregava quinhentas pessoas, em sua maioria mulheres imigrantes italianas e judias do Leste Europeu. Elas trabalhavam nove horas por dia de segunda

a sexta-feira e sete horas nos sábados, em troca de um salário de sete a doze dólares semanais.

O prédio tinha três escadarias. Para evitar o furto de peças de roupa e cortes de tecido, ou mesmo pausas para descanso não autorizadas, os gerentes da Triangle mantinham trancadas as portas que davam acesso a duas delas. A terceira não tinha capacidade para a evacuação de centenas de pessoas ao mesmo tempo e seus acessos nos três andares da indústria se davam por passagens estreitas nas quais as bolsas das operárias eram revistadas na saída. Havia também dois elevadores de carga e uma frágil escada de incêndio.

No sábado fatídico, às 16h40, o fogo teve início numa cesta de retalhos debaixo de uma das compridas mesas de corte no canto nordeste do oitavo andar, onde alguém jogou um cigarro ou um fósforo aceso. Embora fosse proibido fumar na fábrica, muitas garotas o faziam disfarçadamente, mantendo o cigarro sob a mesa e levando-o à boca quando o capataz não estava olhando.

A primeira pessoa a dar o alarme para os bombeiros foi um passante na calçada do lado oposto da Washington Place, que viu fumaça saindo do Asch. O que ele não sabia, nem tinha como saber, é que nos três andares da fábrica já reinava o caos. Pessoas se amontoavam em pânico na ânsia de escapar do fogo. O capataz que tinha as chaves das portas trancadas guardadas no bolso, em vez de abri-las, foi um dos primeiros a fugir. Os elevadores de carga se revelaram inúteis, pois seus trilhos se deformaram com o calor.

Logo boa parte das operárias, encurralada pelo fogo e sufocada pela fumaça, correu para as janelas do prédio. Com seus vestidos e cabelos em chamas, hesitavam um pouco antes de saltar para a rua, trinta metros abaixo, mas imediatamente eram empurradas pelas que vinham atrás.

Somando as pessoas que morreram queimadas, as que se espatifaram no pavimento de concreto lá embaixo e as que estavam na escada de incêndio, que acabou desmoronando, 146 funcionários da Triangle morreram, 125 mulheres e 21 homens. Entre elas, a mais velha tinha 48 anos; as mais novas, duas garotas de 14 anos.

Os bombeiros, que não demoraram a chegar ao local da tragédia, quase nada puderam fazer. As lonas que estenderam para aparar as pessoas que caíam não aguentaram o peso dos corpos vindos de tão alto. As escadas de salvamento só iam até o sexto andar. E o fogo era do oitavo para cima.



Reconhecimento das vítimas do incêndio da Triangle
Nova York, EUA, março de 1911
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

O episódio da Triangle foi um marco na história da luta sindical americana. Em todos os Estados Unidos a agitação social começou a ferver. Diversos ativistas se mobilizaram após o incêndio na fábrica e os direitos dos empregados no país melhoraram bastante, embora às vezes ao preço de muita luta e sangue.

Até então, os imigrantes se sujeitavam a praticamente tudo. Agora não. Reivindicações salariais foram aceitas pelos patrões e a renda tornou-se melhor distribuída. Isso acelerou ainda mais o crescimento do país, pois melhorou consideravelmente o consumo interno. A Women's Trade Union League obteve diversas conquistas para as trabalhadoras. Leis foram aprovadas nos congressos federal e estaduais, melhorando as condições de segurança no trabalho.

Um ano depois do incêndio da Triangle, uma tragédia muito maior aconteceu em pleno oceano Atlântico. Na noite de domingo do dia 14 de abril para segunda-feira, dia 15 de abril de 1912, o *Titanic*, em rota de Southampton, Inglaterra, para Nova York, colidiu com um iceberg e naufragou. Os botes salva-vidas eram insuficientes para as mais de 2,2 mil pessoas a bordo e 1.517 morreram afogadas ou congeladas na água, entre elas milionários como John Jacob Astor IV, Benjamin Guggenheim e Isidor Strauss.

Não fosse a pronta atuação da Marconi Wireless Telegraph Co., que recebera pedidos de socorro do *Titanic*, mais gente teria morrido. Os telegrafistas da Marconi alertaram o *RMS Carpathia*, o primeiro navio a chegar ao local da tragédia e recolher os sobreviventes que estavam nos botes.

Se David Sarnoff — que deixara seu posto na ilha de Nantucket e fora promovido para um cargo de direção no continente — teve participação direta nas operações de socorro aos náufragos, isso não ficou plenamente esclarecido. Afinal de contas, era um domingo e ele fora elevado a executivo. Portanto, deveria estar em casa. O certo é que os jornais o noticiaram como herói e ele ficou famoso da noite para o dia. A atuação da Marconi no naufrágio despertou o mundo para a importância do telégrafo.

Independentemente de ser herói ou não, Sarnoff andava interessado em um novo sistema de comunicações: o rádio. Ele achava que o potencial de lucros da nova tecnologia era enorme.

Em 1912, Woodrow Wilson, nascido e criado na Virgínia, ex-governador de Nova Jersey e ex-reitor da Universidade de Princeton, que só se iniciara na política aos 54 anos, elegeu-se presidente dos Estados Unidos. Assim que se viu na Casa Branca, decidiu pela neutralidade na luta entre as grandes empresas e os sindicatos. "Não devemos acabar com os trustes", dizia Wilson, "mas sim moralizá-los".

Wilson não se preocupou em resolver os problemas sociais mais graves nem em coibir o trabalho infantil. Recusou-se a dar ajuda governamental aos desempregados e a discriminação racial agravou-se em seu governo. Em diversas repartições, os funcionários brancos foram separados dos negros.

Descontadas as injustiças, era uma época de muitas oportunidades em ambos os lados do Atlântico, principalmente para os europeus e seus descendentes na América. Em Londres, Clarence Charles Hatry, um agente de seguros inglês de 24 anos, revelava-se como gênio dos negócios. O mesmo acontecia com Charles Mitchell, de 35, americano de Chelsea, Massachusetts, que fundara uma empresa de investimentos, a C. E. Mitchell & Company, em Nova York. Hatry e Mitchell teriam papel preponderante nos acontecimentos que afetariam os mercados nas décadas de 1910 e 1920.

Nessa mesma ocasião, graduava-se em Harvard Joseph (Joe) Kennedy, 24 anos, filho de um político católico bostoniano de origem irlandesa, Patrick Joseph Kennedy, também conhecido como PJ. Por indicação do pai, Joe foi indicado inspetor estadual de bancos em Massachusetts, o que lhe permitiu conhecer como funcionava o sistema bancário, conhecimento esse do qual logo se valeu para iniciar sua bem-sucedida carreira no mercado financeiro.

Depois de evitar, usando 45 mil dólares emprestados pela comunidade irlandesa de Boston, que o controle acionário do Columbia Trust fosse comprado na Bolsa pelo First National Bank, operação conhecida como *hostile bid*, Joe Kennedy conseguiu, aos 25 anos de idade, ser nomeado presidente do Columbia. Logo se revelou um banqueiro inclemente, não hesitando em confiscar os imóveis dos clientes que atrasavam as mensalidades de suas hipotecas.

Enquanto em Detroit Henry Ford procurava democratizar a indústria automobilística fabricando e vendendo o Modelo T, um carro popular ao alcance do bolso do americano médio, em Nova York, na corretora de valores George H. Burr & Company, os jovens executivos Charles E. Merrill e Edmund Lynch, ambos então com 27 anos, procuravam fazer o mesmo no mercado de ações.

Merrill e Lynch estavam convictos de que investir na Bolsa não deveria ser um privilégio só dos ricos e que muito dinheiro poderia estar envolvido numa operação de varejo. George Burr, patrão dos dois jovens, endossou o plano.

Na terça-feira, 1º de abril de 1913, John Pierpont Morgan morreu aos 75 anos enquanto dormia no Grand Hotel, em Roma. Quando a notícia chegou a Wall Street, as bandeiras na rua foram descidas a meio pau. O corpo foi embalsamado e trasladado para Nova York, e o mercado de ações parou durante duas horas no dia da passagem do cortejo fúnebre.

Jack Morgan (John Pierpont Morgan Jr.), o único filho homem de J. P., então com 45 anos, sucedeu-o na direção do negócio. Tinha o mesmo comportamento discreto do pai, totalmente avesso a qualquer tipo de publicidade. Mas, ao contrário dele, extremamente centralizador, Jack deu autonomia aos demais dezenove sócios da Casa, limitando-se a passar-lhes as diretrizes básicas do banco.

No final de 1913, Hollywood descobriu Charles Chaplin. Mack Sennett, um diretor de comédias cinematográficas que vira Charlie interpretar o papel do bêbado no American Music Hall, em Nova York, o recomendou à Keystone Company. Chaplin foi para a Califórnia e começou no cinema com um contrato pelo qual ganharia 150 dólares semanais nos primeiros três meses e 175 dólares nos nove restantes.

Num dia de filmagens, meio que por acaso, Charles Chaplin inventou Carlitos (*The Tramp — O vagabundo*), seu personagem imortal. O próprio Chaplin conta como tudo aconteceu em sua autobiografia:

> *Eu estava em meus trajes normais e não tinha nada para fazer, de modo que me pus em um lugar de onde* [Mack] *Sennett poderia me ver. Ele estava de pé ao lado de Mabel* [Normand]*, olhando para o set que*

representava o lobby de um hotel, mordendo a ponta de um charuto. "Precisamos de algumas cenas engraçadas aqui", ele disse. Então virou-se para mim. "Se produza como um comediante. Qualquer coisa serve."

Eu não tinha ideia de como me produzir. [...] *Todavia, a caminho do guarda-roupa, pensei em vestir calças largas, sapatos grandes, uma bengala e um chapéu-coco. Eu queria que tudo fosse uma contradição: as calças frouxas, o paletó apertado, o chapéu pequeno e os sapatos grandes. Estava indeciso entre parecer velho ou moço, mas lembrando que Sennett havia suposto que eu fosse um homem muito mais velho, acrescentei um pequeno bigode, que, segundo imaginei, aumentaria minha idade escondendo minha fisionomia.*

Eu não tinha ideia do personagem. Mas no momento em que terminei de me produzir, as roupas e a maquiagem me fizeram sentir a pessoa que o personagem deveria ser. Eu comecei a conhecê-lo, e no momento em que caminhei para o palco ele [Carlitos] *estava totalmente pronto. Quando confrontei Sennett, assumi o personagem e comecei a fazê-lo caminhar, balançando minha bengala e andando* à *frente de Sennett. Piadas e ideias cômicas começaram a desfilar por minha mente*.

[...]

Entrei [no cenário] *e tropecei no pé de uma senhora. E me virei e tirei meu chapéu me desculpando, então me virei e tropecei numa escarradeira, então me virei e tirei meu chapéu para a escarradeira. Por trás das câmeras, as pessoas começaram a rir*.

Enquanto Carlitos nascia, na Europa as músicas de Irving Berlin faziam sucesso em Londres, Paris, Viena e Madri.

No domingo de 28 de junho de 1914, a cidade de Sarajevo, na Bósnia, se engalanara para receber a visita do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro e comandante em chefe do Exército austríaco. Era uma viagem de risco. A maioria dos habitantes de Sarajevo, simpatizantes da Sérvia, odiava a Áustria, que ocupava a Bósnia havia décadas.

Apesar do ambiente hostil, o arquiduque fez questão de desfilar em carro aberto, ao lado de sua mulher, Sofia, duquesa de Hohenberg. Disso se aproveitou Gavrilo Princip, um fanático nacionalista sérvio, que se aproximou do carro e, a menos de dois metros de distância, matou com dois tiros de pistola o arquiduque e a duquesa.

Em toda a história da humanidade, nenhum assassinato teve tantas consequências trágicas.

A GRANDE GUERRA

Por ocasião do assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e de sua mulher, Sofia, a Europa se dividia basicamente em dois grupos nitidamente antagônicos. De um lado, a *Entente*, constituída por Grã-Bretanha, França e Rússia. Do outro, Alemanha, Itália e Áustria-Hungria formavam a Tríplice Aliança.

Como Gavrilo Princip, assassino do arquiduque, era sérvio, fora treinado na Sérvia e usara armas sérvias para cometer seu crime, a Alemanha exigiu que sua aliada Áustria-Hungria, em vez de tão somente julgar Princip por duplo homicídio e terrorismo, retaliasse contra a Sérvia.

Não sem alguma demora, por temer represálias da Rússia, a Áustria acabou agindo. Apresentou um ultimato à Sérvia, cujas cláusulas, na prática, significavam a perda da independência do país. Mesmo assim, os sérvios atenderam a quase todas as exigências, com exceção a de permitir que a polícia e a Justiça austríacas pudessem operar em seu território. A recusa foi o suficiente para que, em 28 de julho de 1914, a Áustria declarasse guerra à Sérvia.

Os russos acudiram os sérvios, concentrando parte de seu Exército nas proximidades da fronteira austríaca. Finalmente o czar Nicolau II ordenou uma mobilização geral. Em represália, o kaiser Guilherme II, da Alemanha, seguindo orientação de seus generais, declarou guerra à Rússia. Voltando também sua atenção para o oeste, a Alemanha ocupou o pequeno e indefeso Luxemburgo. Seguiu-se a invasão alemã da neutra Bélgica e a declaração de guerra à França, cuja aliada Grã-Bretanha respondeu entrando em estado de guerra contra os alemães.

Iniciara-se o conflito que se tornaria conhecido como A Grande Guerra e, um quarto de século mais tarde, quando sobreveio outra muito mais ampla, seria rebatizado como Primeira Guerra Mundial, ou simplesmente Primeira Guerra.

No início os combates favoreceram os alemães, que avançaram até um ponto a dois dias de marcha de Paris. Mas, sendo uma guerra de duas frentes, a Alemanha precisou deslocar algumas divisões para o leste, onde os russos atacavam a Prússia Oriental.

Com vitórias e derrotas, avanços e retiradas dos dois lados, a Grande Guerra entrou em um impasse que duraria quatro anos. Soldados morriam às centenas de milhares. Só na batalha de Verdun, no nordeste da França, 700 mil homens da *Entente* e da Tríplice Aliança morreram de tiro e de doenças nas trincheiras

enlameadas. No ar, embora a guerra fosse limpa, o índice de mortalidade dos pilotos era maior do que o dos soldados lá embaixo.

Por decisão do presidente Woodrow Wilson, um isolacionista convicto, os Estados Unidos no começo ficaram de fora da guerra. Isso não impediu que os mercados financeiros americanos sofressem imediatamente as consequências do conflito. Os negócios com ações na Bolsa de Nova York, por exemplo, ficaram suspensos de 31 de julho de 1914, logo após se iniciarem os combates na Europa, até o dia 28 de novembro daquele ano.

Só após a Alemanha torpedear diversos navios mercantes americanos, além de tentar aliciar o México como aliado, Wilson, pressionado pelo ex-presidente Theodore Roosevelt, decidiu-se pela declaração de guerra, que foi aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos no dia 6 de abril de 1917. Uma onda de sentimento antigermânico tomou conta do país. Nove milhões de jovens se apresentaram como voluntários para lutar na Europa, mas menos de 700 mil foram aceitos pelas Forças Armadas, que não tinham material bélico nem instrutores suficientes para lidar com um número maior de recrutas.

Sendo inglês de nascimento e de nacionalidade — jamais se interessara pela cidadania americana —, Charles Chaplin vibrou com a entrada dos Estados Unidos na guerra. Mas dela não participou, continuando suas atividades no cinema. Ele se tornara o comediante mais famoso do mundo, sempre no papel de Carlitos. Assinara contrato em 1916 com a Mutual Film Corporation, com um salário anual de 670 mil dólares.

Em 1917, Chaplin, agora ganhando mais de um milhão de dólares por ano, começou a investir em ações. Enquanto atuava em suas comédias de pastelão, no ritmo de quase uma por mês, ele, junto com seus grandes amigos, os atores Douglas Fairbanks Jr. e Mary Pickford, ainda encontrava tempo para fazer turnês de trem pelos Estados Unidos vendendo obrigações de guerra (*Liberty Bonds*).

As músicas de Irving Berlin continuavam fazendo enorme sucesso. O musical *Watch Your Steps*, com canções de sua autoria, fora o grande acontecimento da temporada 1914/1915 na Broadway.

Nessa época já havia gramofones. Além de serem apresentadas no teatro, as músicas eram gravadas em sulcos feitos em cilindros ou discos, que uma agulha transformava em som na engenhoca. Junte-se a isso a venda de partituras e os ganhos de Berlin não paravam de subir.

Em 6 de fevereiro de 1918, Irving Berlin, então com 29 anos, tornou-se cidadão americano. Foi imediatamente convocado pelo Exército, no posto de sargento. Mas,

em vez de ser mandado para a Europa, Berlin foi servir em uma unidade de Long Island. Lá, escreveu *God Bless America* (Deus abençoe a América), mas como não achou a música boa o suficiente para incluí-la no show especial que produzia para a Broadway com renda integral para o esforço de guerra, engavetou-a.

A música e a letra de *God Bless America* permaneceriam jogadas no fundo de um baú na casa de Berlin por vinte longos anos.

Embora, durante a Grande Guerra, as transmissões de rádio tenham sido estrategicamente importantes, David Sarnoff, agora vice-presidente da Marconi Wireless Telegraph Co., já antevia o futuro do rádio em tempos de paz como meio de entretenimento.

"Tenho em mente que o rádio se tornará uma utilidade doméstica, tal como o piano ou o fonógrafo", Sarnoff escreveu em um memorando interno da empresa.

No outono de 1914, o banqueiro Joe Kennedy se casara com Rose, filha de John Fitzgerald, um político importante de origem irlandesa, como os Kennedy. Os recém-casados foram morar no subúrbio de Brookline, em Boston. Logo Rose ficou grávida pela primeira vez.

Os objetivos de vida de Joe não podiam ser mais ambiciosos: ele queria ser rico e influente na política e no mundo dos negócios. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, Joe trocou sua posição de presidente do Columbia Trust pela gerência dos estaleiros da Bethlehem Steel em Fore River, Massachusetts, que construíam destróieres para a Marinha.

A produtividade do estaleiro disparou com a chegada de Kennedy. Ele trabalhava tanto que desenvolveu úlceras, com as quais teria de conviver durante o resto de sua vida.

Em Nova York, embora fosse o mais bem-sucedido entre os corretores da George H. Burr & Co., Charles Merrill, aos 28 anos, quis deixar de ser empregado. Associando-se ao seu amigo e parceiro Edmund Lynch, montou uma firma destinada a negociar ações para investidores de classe média, com sede no número 7 de Wall Street. Assim teve início a Merrill, Lynch & Co., cuja logomarca do touro (o símbolo da alta) se tornaria lendária nas décadas que se seguiriam.

William (Billy) Crapo Durant, nascido em Boston e neto de um ex-governador de Illinois, fundara a General Motors em 1908. Dois anos mais tarde, Billy Durant foi demitido de seu próprio negócio, assumido por bancos aos quais a GM devia 10 milhões de dólares. Durant, que fazia enorme fé no mercado de automóveis, montou a Chevrolet Car Company.

Quando os mesmos bancos abriram o capital da General Motors, lançando ações ao público, Durant, na surdina, e usando recursos da Chevrolet, que se revelara extremamente lucrativa, recuperou o controle da GM. Em setembro de 1915, ele assumiu a presidência do Conselho de Diretores.

Na Europa Ocidental, a vitória começou a pender para as tropas de França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Enquanto isso, na frente leste, os alemães discutiam uma paz em separado com a Rússia, que enfrentava uma luta interna entre as tropas leais ao czar e outras simpatizantes do movimento bolchevique, que queria implantar uma república socialista baseada nas ideias de Karl Marx (1818-1883).

A Alemanha foi se desintegrando aos poucos, suas tropas recuando em todas as frentes no oeste. Na Europa Central, seus aliados austro-húngaros enfrentavam movimentos separatistas, com diversos grupos étnicos querendo fundar sua própria nação.

Vendo que a derrota seria uma questão de tempo, o kaiser Guilherme II abdicou do trono e abandonou o país. Seus sucessores pediram a paz aos aliados ocidentais. Um armistício, na verdade uma rendição alemã, foi assinado em Compiègne, no norte da França, no dia 11 de novembro de 1918.

Entre militares e civis, 13 milhões de pessoas haviam morrido na Grande Guerra.

5 REVOLUÇÃO RUSSA

No início, a Grande Guerra foi uma tábua de salvação para o czar Nicolau II, cujo governo vinha enfrentando seguidas greves e manifestações populares, quase nunca pacíficas, geralmente lideradas por militantes socialistas bolcheviques e mencheviques. A czarina Alexandra era especialmente odiada pelo povo, em parte por ser alemã de nascimento, mas também por causa de sua amizade com o autoproclamado santo Grigori Rasputin, alcoólatra e devasso, a quem Alexandra confiava o tratamento de seu filho Alexis, herdeiro do trono, que sofria de hemofilia.

Veio então a guerra contra a Alemanha e a grande maioria dos russos, como quase sempre acontece nessas horas, se uniu em torno do czar contra o inimigo estrangeiro. Nos três anos que se seguiram, reveses nos campos de batalha, além da fome nas cidades, acabaram com o entusiasmo inicial. Em 1917, o czar abdicou e foi enviado, junto com a czarina e os cinco filhos, para a pequena cidade siberiana de Tobolsk.

Após algumas alternâncias no governo, os bolcheviques, sob a liderança de Vladimir Ilyich Lenin, que tinha como principais lugares-tenentes Josef Stálin e Leon Trotsky, instalaram o primeiro regime comunista da história. As terras, os bancos, a Marinha mercante e os meios de produção, transporte e comercialização foram socializados.

"Todo o poder aos sovietes", era o slogan dos novos dirigentes, se referindo aos conselhos de trabalhadores, camponeses, soldados e marinheiros que, ao menos na teoria, iriam agora governar o país, no que era definido por alguns como "ditadura do proletariado".

Enquanto os comunistas tentavam organizar o governo, a guerra contra os alemães continuava, com derrotas russas se sucedendo e soldados desertando em massa do Exército. Lenin não perdeu tempo. Em dezembro de 1917 enviou uma delegação, encabeçada por Trotsky, para iniciar conversações com a Alemanha visando um cessar-fogo.

Os russos pagaram um preço alto para assinar a paz com os alemães, no Tratado de Brest-Litovsk. Tiveram de entregar vastas extensões territoriais no Cáucaso, na Ucrânia, na Polônia, na Finlândia e no Báltico. Isso equivalia a um terço de suas terras cultiváveis e de sua população, quatro quintos das minas de carvão, um quarto

das ferrovias e um terço das fábricas, além de serem obrigados a pagar à Alemanha uma reparação de guerra de 6 milhões de marcos.

Se a Rússia assinou a paz com os alemães, dentro de seu território iniciou-se uma nova e não menos sangrenta luta, uma guerra civil envolvendo, de um lado, os revolucionários comunistas (Exército Vermelho) e, do outro, os adeptos do antigo regime czarista (Exército Branco), estes apoiados e armados pelo Ocidente.

Para grande pesar dos brancos, os vermelhos, que haviam transferido a capital para Moscou, mandaram fuzilar toda a família imperial. A execução ocorreu no dia 16 de julho de 1918 no porão de uma casa em Yekaterinburgo, para onde o czar e sua família haviam sido removidos. Com isso, os comunistas extinguiram a dinastia Romanov.

Terminada a Grande Guerra, os líderes dos países vencedores e derrotados na Frente Oeste se reuniram em Versalhes para tentar estabelecer uma paz duradoura. Mas faltou magnanimidade e bom senso às potências vitoriosas, principalmente a França. Num tratado assinado em 28 de junho de 1919, a Alemanha foi obrigada a se comprometer com reparações financeiras no valor de 11,3 bilhões de libras, impossíveis de serem cumpridas. Esse erro, percebido imediatamente pelo presidente americano Woodrow Wilson, teria trágicas consequências no futuro.

Nos Estados Unidos, terminada a guerra, Joe Kennedy pediu demissão de seu emprego nos estaleiros da Bethlehem Steel e resolveu voltar para o mercado financeiro. Obteve o cargo de gerente da filial da corretora Hayden Stone & Co. em Boston. Seu instinto lhe dizia que as grandes oportunidades dos anos seguintes surgiriam no mercado de ações.

Não foi preciso muito tempo para que Kennedy aprendesse os aspectos menos éticos do negócio e começasse a se valer fartamente deles, inclusive, e principalmente, o de operar amparado por informações privilegiadas. Em sua primeira grande tacada, ele adquiriu ações da empresa Pond Creek Coal, cujo controle acionário Joe sabia que estava passando para Henry Ford. Joe Kennedy pegou dinheiro emprestado e comprou 15 mil ações da Pond Creek ao preço de 16 dólares.

De fato, Ford assumiu a empresa, as ações dispararam e Kennedy obteve um lucro de mais de 200 mil dólares. Logo vieram outras jogadas especulativas, cada uma mais sofisticada do que a anterior, com destaque para os *pools* de ações.

Nesses *pools*, que poderíamos definir como "puxadas", vários corretores se reuniam, adquiriam grandes lotes de determinado papel e começavam a espalhar notícias favoráveis a respeito dele, inclusive subornando jornalistas. Isso atraía levas de compradores gananciosos, em busca de um lucro fácil. Os preços então subiam e

os integrantes do *pool* se desfaziam de maneira ordenada de seus títulos, deixando para a manada de investidores que vinha atrás o prejuízo quando sobreviesse a inevitável baixa, numa espécie de jogo das cadeiras. Cada *pool* tinha um organizador, a quem competia definir as estratégias operacionais e centralizar as decisões. Kennedy costumava ser um deles, um dos melhores.

Um lado menos conhecido das atividades de Joe Kennedy catapultava sua fortuna. Desde o dia 16 de janeiro de 1919 entrara em vigor a 18ª emenda à Constituição dos Estados Unidos, proibindo a fabricação, o comércio, a importação e o transporte de bebidas alcoólicas. Tratava-se da Lei Seca (*Prohibition*). Sem maiores constrangimentos, Kennedy entrou no ramo, agora ilegal, de bebidas, financiando fermentadores e destiladores clandestinos, em parceria com gângsteres.

A Grande Guerra diminuiu o ritmo de crescimento do Bank of Italy, de Amadeo Peter Giannini, mas logo após o armistício os negócios melhoraram. Giannini então resolveu expandir seus negócios, estendendo suas operações de São Francisco para Nova York.

Tal como acontecera na Costa Oeste, quinze anos antes, os banqueiros de Wall Street torceram seus narizes para o arrivista carcamano. Giannini ignorou-os e comprou dois bancos, o East River e o Bowery National. Fundiu-os, constituindo o Bancitaly Corporation, para trabalhar no varejo, aceitando aplicações de pequenos investidores e contas de comerciantes do lado leste, e pobre, da Baixa Manhattan.

Na Califórnia, Charles Chaplin havia decidido ser dono de sua carreira. Em parceria com Douglas Fairbanks Jr., Mary Pickford e o diretor D. W. Griffith, Charlie fundou a United Artists.

Enquanto isso, na Europa Ocidental, os países que haviam lutado na guerra trabalhavam penosamente na reconstrução. No outro extremo do continente, a guerra civil continuava devastando a Rússia. Só após a vitória, se ela viesse, Lenin poderia provar as vantagens para o povo da ditadura do proletariado.

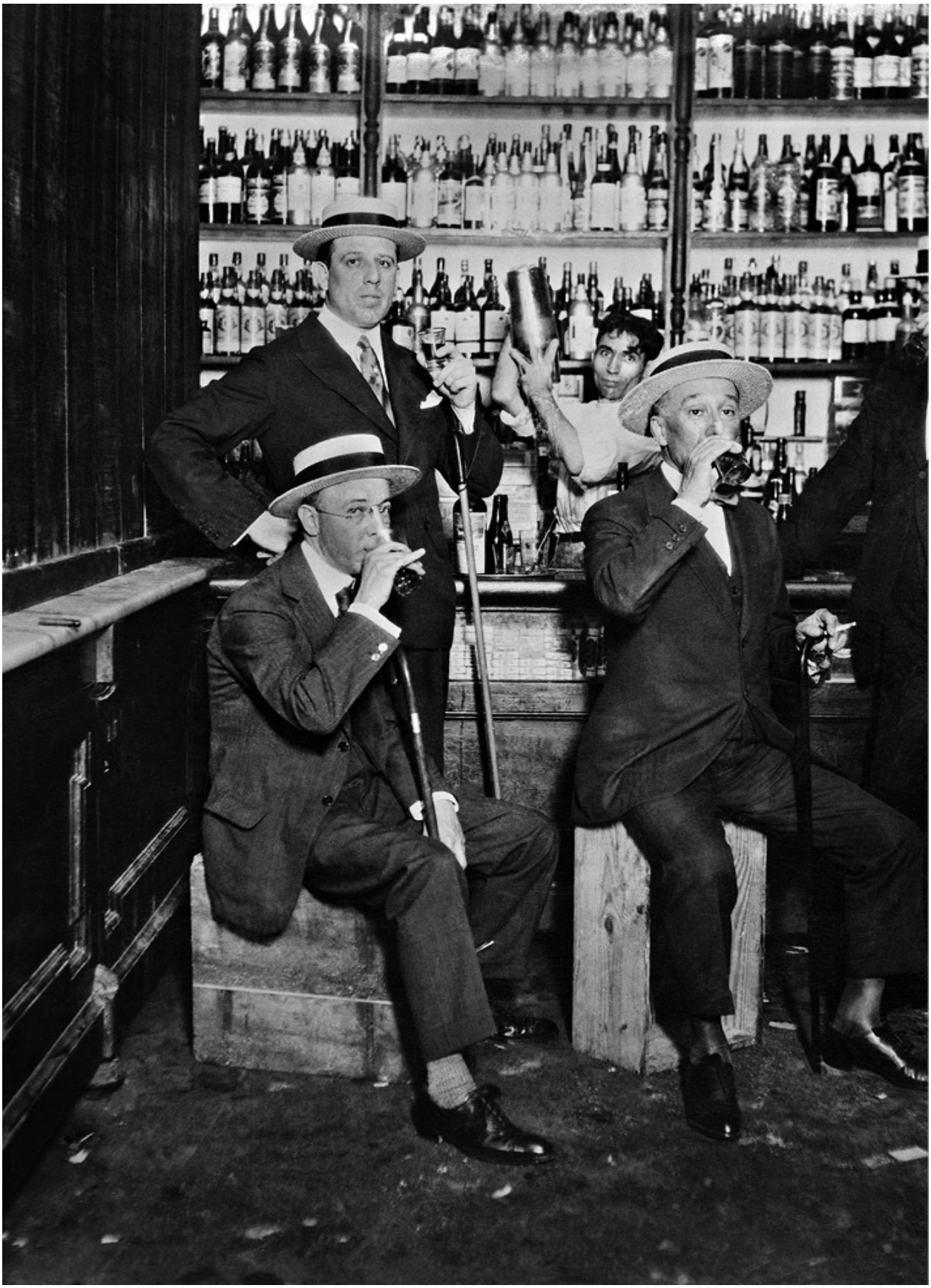
Nesse cenário, os Estados Unidos da América eram uma ilha de exceção. Entre 1914, ano do início da Grande Guerra, e 1920, o PIB do país crescera inacreditáveis 250%. E o melhor estava para acontecer: a chegada dos *Roaring Twenties*.

MILAGRE DA ALAVANCAGEM

Ao se iniciar a década de 1920, o consumo das famílias era a grande mola propulsora da economia dos Estados Unidos. Entre outros tipos de gastança, as pessoas iam regularmente ao cinema, compravam aparelhos de rádio e gramofones — trazendo a música dos teatros para dentro de casa —, frequentavam restaurantes, sorveterias e lanchonetes. Os automóveis deixaram de ser privilégio dos muito ricos, graças à redução dos custos de produção propiciada pelas linhas de montagem de Detroit.

A revolução feminina americana de costumes também começara. As mulheres já podiam usar cabelos curtos, sem serem consideradas indecentes, e mostrar as pernas — as barras das saias subiram do tornozelo para o joelho. No dia 18 de agosto de 1920 foi ratificada a 19ª emenda à Constituição, instituindo o sufrágio feminino.

Com o advento da Lei Seca, boa parte da população passara a delinquir. Enquanto dezenas de milhares de cidadãos aprenderam a fazer bebidas alcoólicas caseiras, um número muito maior começou a frequentar os *speakeasies*, bares clandestinos — mas não tão clandestinos que não pudessem ser encontrados com facilidade — onde uísque, vinho, cerveja, gim, rum e outras beberagens contrabandeadas da Europa e do Canadá eram consumidas à larga. O hábito deu grande impulso aos gângsteres e à corrupção policial.



Fregueses bebendo em um speakeasy
Nova York, década de 1920
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Beber escondido em caves, cujas portas equipadas de olho mágico só eram abertas para clientes da casa, era muito mais divertido do que beber legalmente. Os jovens, então, adoravam o clima de cumplicidade criado pelo novo hábito.

Além do cinema, dos gramofones, das saias curtas, dos carros de Detroit e das noitadas em *speakeasies*, outras modas excitantes estavam surgindo. Entre elas a de se especular com ações, atividade que, tal como acontecia com a compra de automóveis, deixara de ser exclusiva dos ricos. Pois agora os bancos ofereciam "empréstimos com chamadas de margem" (*margin calls* ou *call loans*) para pessoas de classe média.

Se um investidor, por exemplo, dispunha de mil dólares para investir na Bolsa, as sociedades corretoras lhe ofereciam, digamos, um empréstimo de 3 ou 5 mil para a compra de ações a termo. Os mil dólares e as próprias ações serviam como garantia dessas compras. Se o mercado caísse, as corretoras, que eram financiadas pelos bancos, davam duas opções aos clientes: reforçar suas margens, ou seja, acrescentar mais dinheiro aos mil dólares iniciais, ou vender as ações compradas a termo e realizar o prejuízo.

Só que isso raramente acontecia, pois o mercado de ações não fazia outra coisa a não ser subir. Por causa dessa alta, muita gente que jamais sonhara com a hipótese enriquecia facilmente. E espalhava para os amigos.

"Pode comprar. Os bancos emprestam quase todo o dinheiro. Se você for audacioso e tiver um pouco de sorte, pode transformar quinhentos dólares em 10 mil. Foi o que aconteceu comigo."

Os especuladores às vezes exageravam.

No ano de 1920, o volume de empréstimos feitos pelos bancos americanos às corretoras para financiar compras sob margem dos clientes atingiu 1,5 bilhão de dólares.

Charles Chaplin, que em 1918, aos 29 anos, se casara com a atriz Mildred Harris, de apenas 16, não conseguia encontrar inspiração para criar novas histórias para Carlitos. Foi num estado de espírito acabrunhado que certa noite Chaplin compareceu ao teatro Orpheum, em Los Angeles, para assistir ao show de um bailarino, John Coogan. O espetáculo não tinha nada de excepcional. Mas ao final da apresentação, Coogan chamou seu filho, Jackie, de apenas 6 anos, para participar dos agradecimentos.

As reverências e o modo engraçado como Jackie Coogan se dirigiu à plateia encantaram a todos. As pessoas gostaram tanto dos trejeitos e da personalidade do

menino que este foi obrigado a retornar ao palco por diversas vezes.

Se os expectadores gostaram, Charles Chaplin simplesmente ficou extasiado. E prometeu a si próprio que não descansaria até conseguir que o garotinho participasse de um filme de Carlitos.

Foi assim que nasceu *The Kid* (*O garoto*), no qual Carlitos era um consertador de vidraças, cabendo a seu parceiro, interpretado pelo menino Jackie, quebrá-las antes com pedradas. Numa cena que entrou para a antologia do cinema, o garoto se prepara para jogar uma pedra numa vidraça que logo o "sócio" iria se apresentar para substituir. Só que quando traz o braço para trás para preparar o lançamento, a mão de Jackie esbarra no uniforme de um policial que o observa atentamente.

O menino olha para o guarda, abre um sorriso, joga a pedra para cima e a apara na mão. Só então inicia uma desabalada carreira.

The Kid era um filme para fazer as pessoas alternarem risos com choros, coisa jamais tentada em Hollywood. Em certo momento, um agente do juizado de menores tira o menino do vagabundo para levá-lo a um orfanato. Só que Carlitos consegue resgatar Jackie.

Apesar de fazer fé no futuro da fita, Charles Chaplin jamais poderia imaginar que *The Kid* seria um dos maiores sucessos da era do cinema mudo.

Nas eleições presidenciais de 1920, realizadas no dia 2 de novembro, o candidato republicano Warren G. Harding saiu vencedor, batendo por larga margem o democrata James Cox. Caberia a Harding governar os Estados Unidos nos primeiros anos dos *Roaring Twenties*. Sua plataforma era priorizar o desenvolvimento do país, mesmo que em detrimento da austeridade fiscal.

Logo após a eleição de Harding, e antes de sua posse, um atentado à bomba em Wall Street matou 38 pessoas em frente ao prédio do Banco Morgan. A explosão causou pânico na Bolsa de Valores de Nova York, que levou um tombaço.

Os autores da chacina não foram identificados. No entanto, dois anarquistas italianos, o sapateiro Nicola Sacco e o vendedor ambulante de peixes Bartolomeo Vanzetti, suspeitos de um duplo homicídio ocorrido durante um assalto em Massachusetts no início do ano de 1920, sem que houvesse nenhuma prova consistente contra eles, foram julgados, condenados à morte e executados na cadeira elétrica sete anos mais tarde. Segundo as autoridades policiais e judiciárias, alguém teria de servir como exemplo para evitar que atentados como o de Wall Street se repetissem.

Em 1920, William (Billy) Crapo Durant, que reassumira a presidência do Conselho de Diretores da General Motors cinco anos antes, voltou a ver a empresa enfrentar

problemas financeiros causados por um programa expansionista ambicioso demais e pela construção do faraônico edifício Durant, em Detroit. Billy Durant recorreu aos bancos, que lhe recusaram suporte.

Próximo passo, Durant tentou Wall Street, oferecendo 64 milhões de dólares em ações ao público. Mas o mercado ainda se ressentia da queda provocada pelo atentado a bomba e os papéis não encontraram receptividade.

Billy Durant não teve outro remédio senão aceitar uma proposta conjunta do Banco Morgan e da DuPont, que adquiriram a GM por míseros 20 milhões de dólares. Durant não esperou ser demitido da presidência do Conselho. Renunciou antes.

Uma das primeiras providências dos novos donos da empresa foi mudar o nome do novo e pomposo prédio sede de Durant Building para General Motors Building.

7
COMUNISMO VERSUS CAPITALISMO

Nos primeiros anos que se seguiram à Revolução Russa e ao fim da Grande Guerra, a desnutrição e outras doenças decorrentes da escassez de gêneros mataram 5 milhões de pessoas na Rússia, mais gente do que na guerra e na revolução juntas. A revolta contra os comunistas era geral. Levantes pipocavam por todos os lados.

Em março de 1921, os marinheiros da base naval russa de Kronstadt, localizada em uma ilha no golfo da Finlândia, se amotinaram contra as arbitrariedades cometidas pelos comissários do povo, representantes do partido que os bolcheviques mantinham em todas as unidades das Forças Armadas. Embora Lenin tivesse sufocado a rebelião enviando 25 mil soldados do Exército Vermelho para combatê-la, percebeu que teria de ser mais moderado no trato com o povo em geral, e com os militares em particular, se quisesse continuar controlando o país.

Visando um melhor relacionamento com a população, o governo adotou uma série de procedimentos, aos quais deu o nome de Nova Política Econômica. Os agricultores foram autorizados a vender livremente o excesso de produção. Os pequenos comerciantes e industriais puderam reabrir suas empresas, que a Revolução transferira para o Estado.

A resposta às medidas foi imediata. Cresceram a produção industrial e a safra agrícola, embora tenham continuado muito abaixo dos níveis do tempo do czar.

Quando Vladimir Lenin sofreu um ataque cardíaco em maio de 1922, o primeiro de uma série, poucos russos tinham conhecimento da existência de um dos seus lugares-tenentes, Josef Stálin, que agia mais nos bastidores, ao contrário de seu rival, Leon Trotsky, que fazia valer seus dotes de brilhante orador e articulista. Mas, à medida que a saúde de Lenin se deteriorava, foi Stálin que começou a mover, na surdina, as pedras de xadrez do poder.

Se na Rússia o comunismo engatinhava titubeante, na América o capitalismo caminhava a passos largos, ancorado num ritmo alucinante de crescimento da produção industrial e na farta liquidez. Em 1921, a Casa Morgan liderou a emissão e a venda de obrigações da França e da China, totalmente subscritas pelos investidores. Os governos da Polônia e da Romênia também receberam empréstimos da Morgan.

Charles Mitchell, que fundara a C. E. Mitchell & Company em Nova York cinco anos antes, tendo como funcionários apenas uma datilógrafa, um escriturário

e um office boy, mudara o nome da empresa, agora com um amplo quadro de empregados, para National City Bank. Sob a presidência de Mitchell, o City Bank tornava-se uma instituição cada vez maior e mais lucrativa.

Quase todos os setores da atividade econômica prosperavam nos Estados Unidos, inclusive o de entretenimento, já que os cidadãos tinham dinheiro sobrando para gastar em supérfluos. Na quinta-feira de 22 de setembro de 1921, Irving Berlin inaugurou em Nova York seu próprio teatro, ao qual deu o nome de The Music Box (Caixa de Música), cuja construção custara quase um milhão de dólares. A estreia do *Music Box Revue of 1921* foi o grande acontecimento musical da Broadway no ano.

A General Electric comprara a Marconi Wireless Telegraph Co., transformando-a em Radio Corporation of America, empresa que se tornaria mundialmente conhecida por suas iniciais, RCA, e entre os operadores da Bolsa simplesmente como Radio. Essa aquisição veio ao encontro dos anseios do vice-presidente da Marconi, David Sarnoff, que antecipara o futuro do rádio como meio de levar diversão e informação aos lares de todo o país.

Rapidamente os engenheiros da RCA encontraram uma maneira de enviar os sons do rádio pelas linhas telefônicas. As duas primeiras estações emissoras da RCA, cujos prefixos eram WJZ e WJY, foram inauguradas em Manhattan.

No dia 2 de julho de 1921, a RCA transmitiu para 300 mil ouvintes, diretamente de Jersey City, a luta de boxe entre o americano Jack Dempsey e o francês Georges Carpentier, valendo o título mundial dos pesos pesados.

Em Wall Street, Joe Kennedy continuava com suas jogadas especulativas, quase sempre bem-sucedidas. Ao descobrir que alguns ursos espertos vinham derrubando artificialmente as ações da Yellow Cab Company, uma empresa de táxis de Nova York, com a intenção de recomprá-las na baixa, Kennedy se ofereceu aos diretores da firma para entrar como touro na disputa, sustentando os papéis.

Operando de um quarto do hotel Waldorf Astoria, Kennedy levou algumas semanas para desmontar a estratégia dos ursos. Joe não só conseguiu estancar a queda da Yellow Cab como reverteu a tendência de baixa das ações, dando dicas para diversos especuladores ávidos por um lucro fácil. Lucro esse do qual Joe Kennedy ficou com a maior fatia. Seu nome começou a ser comentado pelos *traders* da Rua. “Precisamos tomar cuidado com esse irlandês filho da puta”, comentou um dos ursos, lambendo as feridas e dividindo-se entre o respeito, a admiração e a raiva.

8 JACK MORGAN, O BANQUEIRO DO MUNDO

Enquanto os Estados Unidos se tornavam a maior potência econômica do planeta, superando inclusive o Império britânico, a União Soviética — que era como a Rússia e os países sob seu domínio passaram a se chamar desde 1922 — tentava edificar uma sociedade próspera baseada no socialismo. Já a Alemanha sofria para cumprir as cláusulas draconianas do Tratado de Versalhes.

Adolf Hitler, um cabo austríaco, pintor de paredes de origem, que recebera a Cruz de Ferro por atos de bravura na frente ocidental durante a Grande Guerra, liderava agora o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou simplesmente Partido Nazista, como era mais conhecido.

Apesar de sua pouca instrução, Hitler era dotado de enorme carisma e atraía seguidores em todo o país com sua oratória repleta de slogans repetitivos e citações bombásticas, acompanhada de gestos teatrais, que magnetizavam os ouvintes. Para o líder nazista e seus adeptos, os políticos e os militares que haviam assinado o armistício de 1918 e aceitado as cláusulas de Versalhes, assim como os judeus, eram os vendilhões da pátria.

Com os cofres do Tesouro vazios por causa dos pagamentos de reparações de guerra às potências vencedoras, o governo alemão não teve outro remédio a não ser imprimir dinheiro. Em volume tão grande que resultou numa inflação devastadora.

Em 1914, quando estourou a Grande Guerra, um dólar custava 4,2 marcos. Em 1922, a cotação subira 166.500% para 7 mil. Um ano depois, no verão de 1923, o dólar era trocado por 200 mil marcos. No final do outono esse valor subiu para inacreditáveis 4,2 trilhões de marcos. Em novembro de 1923, a taxa mensal de inflação na Alemanha atingiu 10.121% e a moeda simplesmente perdeu seu poder de compra. O próprio dólar em espécie só tinha utilidade quando eram cédulas de baixo valor, pois ninguém seria ingênuo o bastante para comprar alguma coisa com uma nota de vinte dólares, por exemplo, e receber o troco em notas de 20 bilhões de marcos, que em poucas horas nada valeriam.

Na noite de quinta-feira, 8 de novembro de 1923, no auge do pique inflacionário, Adolf Hitler tentou dar um golpe de Estado em Munique, na Bavária, que ficaria conhecido como o *Putsch* da Cervejaria, pois foi numa das maiores e mais famosas da cidade, a Bürgerbräukeller, que os conspiradores se reuniram para iniciar o movimento.

Quando, após discursos que vararam a madrugada, os golpistas saíram às ruas no dia seguinte, na esperança de que multidões se juntassem a eles, foram atacados pela polícia. Na fuzilaria que se seguiu, dezesseis nazistas e quatro policiais foram mortos. Hitler conseguiu fugir, mas foi preso pouco depois. Julgado e sentenciado a cinco anos de detenção, cumpriria apenas um. Na prisão ele escreveria o livro *Mein Kampf* (*Minha luta*), no qual expunha suas teorias raciais e expansionistas e que se tornaria a bíblia do nazismo.

Nas eleições presidenciais americanas de 1924, vencidas pelo republicano Calvin Coolidge, pela primeira vez o rádio foi usado durante a campanha pelos três candidatos. Graças ao engenhoso trabalho de David Sarnoff, a RCA, agora dirigida por ele, transmitiu os discursos pronunciados nas convenções dos partidos Republicano, Democrata e Progressista para todo o país.

Mil novecentos e vinte e quatro foi também um ano de mudanças na indústria automobilística em Detroit. Até então a Ford era a única montadora que se interessava por fabricar carros populares, tendo produzido 10 milhões de unidades do Modelo T. Agora havia uma concorrente de peso nesse segmento, a General Motors, que oferecia ao público modelos tão baratos quanto o T, só que equipados com mais recursos. Em vez da partida com manícula, por exemplo, uma manivela que fazia o motor pegar, de difícil manuseio para as mulheres e perigosa até para os homens, que não raro quebravam o braço no procedimento, os Chevrolets da GM dispunham de um sistema elétrico de partida que acionava um motor de arranque, além de outras novidades.



Os Modelos T, da Ford Motor Company
St. Luis, Missouri, EUA, década de 1920
Latinstock/© CORBIS/Corbis (DC)

O Bancitaly, de Amadeo Peter Giannini, era agora uma poderosa instituição bancária com 115 milhões de dólares de capital. Ao contrário dos outros banqueiros, Giannini considerava sua empresa um órgão de utilidade pública, que existia apenas para servir às pessoas, e recusava-se a receber salário por seu cargo de presidente do banco.

A Casa Morgan, sob a direção de Jack Morgan, filho do falecido J. P., continuava atuando em diversos países. Em 1923 a instituição fez vultosos empréstimos para Cuba e para a Áustria, nações que corriam risco de se tornarem insolventes. Pouco depois, quando Cuba ameaçou criar impostos específicos para empresas e cidadãos americanos, Jack Morgan enviou um emissário a Havana, que conseguiu que o país desistisse das medidas. Moscou não gostou da interferência. O Kremlin declarou que o "capitalismo orquestrado por Morgan estava tentando dirigir o mundo".

Em 1924, Frances Louise Tracy, viúva de J. Pierpont e mãe de Jack Morgan, morreu. Jack passou a ser o acionista majoritário do banco que já dirigia desde a morte do pai. Nesse ano, a Casa Morgan emprestou grandes quantias à França e ao Japão. Os Morgan eram de fato os banqueiros do mundo, papel que anos mais tarde caberia ao FMI e ao Banco Mundial.

Irving Berlin não podia se queixar da vida. Sua canção *What'll I Do?*, lançada em 1924, vendeu 2 milhões de cópias em discos e partituras. As ondas de rádio enviavam *What'll I Do?* para todas as cidades de costa a costa, assim como as músicas compostas anteriormente por Berlin.

A prosperidade dos Estados Unidos parecia não conhecer limites, para grande regozijo dos especuladores. Eles agora deixavam um pouco de lado o mercado de ações para investir num *boom* imobiliário que germinava na Flórida. Os preços dos terrenos, que podiam ser comprados com entradas módicas de até 10%, não raro triplicavam ou quadruplicavam em poucos meses.

"Alavancagem" voltava a ser a palavra mágica, a chave da riqueza fácil e quase instantânea.

Deus abençoe a América era o título da música guardada e esquecida no fundo do baú da casa de Irving Berlin em Nova York.

PAGUE UM, LEVE DEZ

Embora os preços das ações nas bolsas de valores americanas continuassem subindo havia mais de um ano, os olhos mais gulosos de Wall Street se voltavam para a península da Flórida, onde oportunidades fantásticas no setor imobiliário surgiam todos os dias.

Na verdade, os especuladores não negociavam imóveis, mas sim papéis, ou melhor, promessas de venda. Se determinado terreno era oferecido — segundo a avaliação exagerada dos corretores — por 10 mil dólares, era possível comprá-lo dando uma entrada de mil. O comprador recebia a promessa, que podia ser negociada, e ficava devendo o resto.

Como o mercado só subia, logo o título passava para o comprador seguinte, que pagava, digamos, 1,5 mil e assumia o saldo devedor. O próximo dono comprava a dívida por 2 mil e a passava adiante por 3 mil dólares. Era um negócio espetacular para todos os envolvidos desde que o mercado, é claro, continuasse subindo para sempre.

O melhor de tudo é que dava para alavancar. Com 10 mil dólares se adquiria dez terrenos de 10 mil, pagando mil pela promessa de venda de cada um. Ao se vender as dez promessas por 15 mil, lucrava-se 50% em algumas semanas. E podia se partir para a próxima.

Segundo os contratos, os terrenos se localizavam em Miami, Miami Beach, Coral Gables, Palm Beach e outros lugares paradisíacos, com calor o ano todo e palmeiras à beira-mar. Só que os compradores não iam lá ver se suas terras realmente ficavam a um pulo da praia, como mostravam os prospectos dos vendedores. E assim as tais promessas quase sempre correspondiam a loteamentos em brejos, pântanos, às vezes a mais de cem quilômetros de distância da orla marítima. Aliás, esses detalhes não tinham a menor importância, já que os jogadores não estavam pensando em se mudar para a Flórida, mas apenas em dar uma tacada rápida e fácil. E comentavam com os amigos:

"Só 10% de entrada, meu chapa. Lotes na beira da praia. Com o dinheiro de um você compra dez. E vende tudo com lucro em poucas semanas. Só não entra nessa quem é otário. Vou lhe dar o telefone do meu corretor. Mas liga logo porque já está difícil encontrar os melhores terrenos."

Jessie, mulher de Jack Morgan, morrera em 1925, aos 57 anos, vítima de encefalite. Mas, se Jack sofreu muito com isso, quase ninguém percebeu. Nessa época ele tinha aprendido a não exteriorizar suas emoções em nenhuma circunstância.

Nesse mesmo ano, Thomas Lamont, segundo em hierarquia na Casa Morgan, foi a Roma encontrar-se com Benito Mussolini. Acertou com o ditador italiano liderar um consórcio para investir 250 milhões de dólares no país. Quando a imprensa dos Estados Unidos criticou a operação por estar beneficiando o regime fascista, Jack Morgan limitou-se a declarar aos jornalistas: "Foi apenas um negócio. Um bom negócio. Para isso estamos no mercado."

A fortuna de Joe Kennedy, assim como a de sua família, não parava de crescer. Desde o seu casamento com Rose, em 1914, Joe e a mulher produziam filhos em intervalos regulares. Joseph Patrick, o Joe Jr., nasceu em 1915, e John (Jack) Fitzgerald, dois anos depois. Vieram então quatro meninas: Rosemary (1918); Kathleen (Kick), em 1920; Eunice Mary (1921) e Patricia, em 1924. Seguiu-se um menino, Robert (Bobby), um ano depois. Ia se formando o clã mais famoso dos Estados Unidos.

"Não haverá perdedores nesta família", dizia Joe Kennedy aos filhos, tão logo eles chegavam à idade de compreender o sentido dessas palavras. "Vamos nos manter juntos e cada um ajudará o outro sempre que for necessário", arrematava Joe com seu orgulho irlandês.

O mercado americano de ações continuava em franca expansão no início de 1925. Para financiar as operações com chamada de margem de seus clientes, as sociedades corretoras filiadas às bolsas haviam tomado emprestados dos bancos 2,5 bilhões de dólares. Era a "alavancagem" a pleno vapor.

Veio então o estouro da bolha imobiliária da Flórida. O pretexto foram dois furacões que atingiram o estado. Mas a desculpa foi apenas isso, uma desculpa, já que não há nenhuma imprevisibilidade em furacões na península. Eles acontecem quase todos os anos.

O motivo real foi que, em determinado momento, o número de vendedores de promessas de venda de terrenos ultrapassou o de novos investidores querendo entrar na ciranda do lucro fácil. Os preços pararam de subir e então desabaram. Uma multidão de especuladores queria vender suas promessas ao mesmo tempo e o pânico foi inevitável.

O desastre na Flórida refletiu-se negativamente no mercado de ações de Nova York, mas não por muito tempo. Logo a Bolsa voltou a subir.

A sociedade corretora Merrill Lynch, de Charles Merrill e Edmund Lynch, se especializara no lançamento de ações novas ao público (*IPOs — Initial Public Offering*), principalmente de empresas do ramo de mercearias, supermercados, lojas de departamento e cadeias varejistas. Esses papéis atraíam cada vez mais a classe média para as bolsas, que se democratizavam.

Após quatorze anos de viuvez, Irving Berlin casou-se novamente em janeiro de 1926, na cidade de Nova York. Ele tinha agora 37 anos. Sua noiva, a jornalista Ellin Mackay, de 22, era filha do magnata dos telégrafos Clarence Mackay, que se opôs ao casamento, ao qual não compareceu, entre outras coisas por Berlin ser judeu, quinze anos mais velho do que Ellin, vir de uma categoria social inferior, fora o "agravante" de ser um artista, embora muito rico. A família Mackay era católica e extremamente conservadora.

Mary Ellin, a primeira filha de Irving e Ellin, nasceu em 25 de novembro de 1926. Clarence, o avô, não foi conhecer a neta.

Na Inglaterra, no dia 3 de maio de 1926, 3,5 milhões de trabalhadores sindicalizados, a maioria ligada ao Partido Trabalhista, cruzaram os braços,

interrompendo as atividades dos transportes públicos, das fábricas, das minas de carvão e dos moinhos. Com os gráficos também em greve, os jornais deixaram de ser publicados.

O governo conservador, liderado pelo primeiro-ministro Stanley Baldwin, mobilizou todos os efetivos policiais e militares do país para enfrentar os grevistas. Já o Chancellor of the Exchequer (chanceler do Erário, cargo equivalente ao de ministro da Fazenda), Winston Churchill, advertiu que o governo de Sua Majestade (George V) não hesitaria em usar esse aparato bélico para combater o movimento.

Em uma semana, 4 mil grevistas foram presos durante enfrentamentos com as forças oficiais. O *Flying Scotsman*, trem expresso que ligava Londres a Edimburgo, foi descarrilado por sabotadores. Finalmente a greve foi subjugada.

Nessa ocasião, Clarence Charles Hatry, magnata do vidro, agora com 39 anos, dono da British Glass Industries e um dos empresários mais bem-sucedidos do Reino Unido, tinha planos grandiosos, como sempre fora de seu feitio. Através de suas instituições financeiras, o Drapery and General Investment Fund e o Corporation and General Securities, Hatry pretendia fazer uma série de fusões e aquisições.

Clarence Hatry planejava adquirir o controle acionário da United Steel Company, que representava 10% da indústria britânica de ferro e de aço. Em seguida, o magnata fundiria a United com outras companhias siderúrgicas independentes.

Imodestamente, Hatry queria ser o rei do vidro, do ferro e do aço no Reino Unido. Para financiar todas essas operações, ele teria de vender ações do novo conglomerado ao público.

Em 1926, Joe Kennedy, que se mudara com a família de Boston para Nova York, sempre ansioso por explorar um novo campo de atividades, decidiu investir no *show business*. Viajou para a Califórnia e lá adquiriu uma pequena produtora de Hollywood, à qual deu o nome de FBO — Film Booking Office. Logo o novo estúdio rodava melodramas e faroestes em série. Eles levavam não mais do que uma semana para serem produzidos, ao custo médio de 30 mil dólares.

A FBO revelou-se bastante lucrativa, mas Kennedy queria mais. Sua intenção era ser um dos grandes do negócio. Procurou David Sarnoff, da RCA, e o convenceu a investir em seu estúdio, garantindo em troca exclusividade na rede de salas de exibição da Radio.

Kennedy comprou também a cadeia Keith-Albee de cinemas e teatros de *vaudeville*, pagando por ela 4,2 milhões de dólares.

Cinco milhões de residências americanas dispunham de aparelhos radiofônicos e a RCA formara uma rede transmissora à qual deu o nome de National Broadcasting Company (NBC), que disputava ouvintes com a concorrente Columbia Broadcasting System (CBS).

No dia 23 de agosto de 1926, os americanos, ou melhor, as americanas, enlutaram-se com a morte do astro de Hollywood Rudolph Valentino, aos 31 anos. O acontecimento provocou cenas de histeria em massa, assim como uma série de suicídios de fãs.

Nessa época, uma viagem de trem entre Nova York e Los Angeles durava cinco dias e cinco noites, o que nos melhores expressos não tinha nada de sacrificante. Tanto no *Twentieth Century Limited*, entre Nova York e Chicago, como no *Santa Fe Super Chief*, que ligava Chicago a Los Angeles, os passageiros de primeira classe, não raro astros e estrelas famosos do cinema, assim como grandes empresários, dispunham de compartimentos luxuosos.

As cabines de mogno, com detalhes em bronze polido e brocados vermelhos, eram equipadas com confortáveis poltronas, que à noite se convertiam em leitos. Havia comodidades tais como telégrafo, banhos de chuveiro, serviços de barbeiros, cabeleireiros e manicures, além de um requintado vagão-restaurante.

Enquanto os passageiros, durante o almoço, admiravam os campos da Nova Inglaterra, as pradarias do Meio-Oeste, os cânions do Colorado e os desertos do Arizona e do Novo México, podiam se deliciar com trutas frescas capturadas nos rios das montanhas, e entregues por pescadores nas estações ao longo da rota, ou guisados de perus selvagens, fornecidos por caçadores das matas à beira da linha férrea.

À noite o jantar, não menos sofisticado, era seguido por conversas animadas que iam até altas horas, regadas por bebidas que os agentes da Lei Seca não conseguiam impedir que fossem contrabandeadas para bordo do trem.

Naquele ano de 1926, 4,301 milhões de automóveis foram produzidos nos Estados Unidos. Os *Roaring Twenties* se encaminhavam para seu auge, uma época, conforme alguns prediziam convictos, na qual todos seriam ricos nos Estados Unidos da América. Ricos e felizes.

CONSÓRCIOS DE INVESTIMENTO

O puritanismo, que havia tempos regia os costumes de boa parcela do povo americano, na segunda metade dos anos 20 ia dando lugar a um comportamento licencioso, principalmente nas grandes cidades. Nos *speakeasies* de Greenwich Village, em Nova York; da Towertown, em Chicago; e do French Quarter, em Nova Orleans, os casais sacudiam os esqueletos ao ritmo frenético do *charleston*, que substituíra o foxtrote na preferência popular.

O mulherio desinibido saía à noite usando roupas decotadas, diáfanas e coloridas, cujas barras em franjas haviam subido a meio palmo acima do joelho. Cabelos cortados rentes, copo de uísque numa das mãos, piteira longa na outra, colares que desciam até o umbigo, as mulheres extravazavam sua alegria na coreografia delirante da nova dança.

Os negócios cinematográficos de Joe Kennedy estavam indo tão bem que mais uma vez ele resolveu se mudar, desta vez de Nova York para Los Angeles, embora sem levar a família. Negociando com uma série de grupos importantes do cinema, Kennedy coordenou diversas fusões e aquisições de empresas, resultando na criação da Radio-Keith-Orpheum Pictures, que se tornou mais conhecida por suas iniciais, RKO, uma empresa de 80 milhões de dólares. Com pouco tempo de atividade no novo ramo, Joe era agora o mandachuva de um grande estúdio.

Dinheiro não era o único atrativo que Hollywood oferecia a Kennedy. Havia também as mulheres. E que mulheres: estrelas, *starlets*, candidatas a um teste num estúdio, cada uma mais estonteante do que a outra. Boa parte delas se dispunha a deitar-se no sofá de um produtor importante, as mais jovens não raro levadas pelas próprias mães.

Após envolver-se com diversas atrizes, Joe Kennedy se deteve em ninguém menos do que a diva Gloria Swanson. Os dois se conheceram em 1927, ano em que Hollywood começou a produzir filmes falados. Gloria era então casada com seu terceiro marido, Henri, o marquês de la Falaise de la Coudraye, um aristocrata francês, homem muito conveniente por não ser dado a ciumeiras.

Além de maridos, miss Swanson, como gostava de ser chamada, já colecionara diversos amantes, entre eles o diretor Cecil B. de Mille e o galã Rudolph Valentino. Como o currículo de Kennedy não ficava atrás, o caso dos dois foi a fusão da fome com a vontade de comer.

Rose Kennedy, que continuava morando em Nova York com as crianças, não tinha como desconhecer as estripulias sexuais do marido, que não saíam das colunas de mexericos dos jornais.

A prosperidade de David Sarnoff, agora com 36 anos, e das empresas que ele dirigia — RCA e NBC — parecia não conhecer limites. "Ele [Sarnoff] era consultado constantemente pelos grandes líderes, não apenas no mundo dos negócios e das indústrias, mas também no mundo da ciência", publicou a revista *Forbes* em 1927.

Nessa época, uma criação de David começou a ser posta em prática com estrondosa aceitação, principalmente entre as donas de casa. Eram os "teatros do ar", precursores das radionovelas (*soap operas*). Os anunciantes e agências de publicidade disputavam aos tapas os segundos de intervalo entre um bloco e outro.

Sem se deixar embriagar pelo sucesso, Sarnoff já trabalhava com sua equipe de engenheiros no projeto de um dia transmitir imagens pelo ar.

No mercado financeiro a novidade eram os consórcios de investimento. No início de 1927 já existiam nos Estados Unidos cerca de 160 dessas instituições. Em vez de comprar ações diretamente na Bolsa, através das sociedades corretoras, os investidores podiam adquirir cotas dos consórcios, deixando para profissionais especializados a escolha dos papéis a serem adquiridos.

A empresa administradora do consórcio cobrava uma taxa fixa pelo serviço, além de outra taxa, essa de sucesso (*success fee*), que era um percentual sobre o lucro alcançado pelo fundo. E, lógico, tratavam logo de alavancar, tomando dinheiro emprestado dos bancos.

Se o mercado caísse, haveria as chamadas de margem. Caso não fossem prontamente atendidas, os papéis seriam liquidados. O consórcio poderia então falir e os investidores perderiam seu dinheiro. Acontece que em 1927, assim como nos anos imediatamente anteriores, as bolsas de valores dos Estados Unidos viviam sob o signo do touro. As quedas, quando ocorriam, eram rápidas e de pouca expressão, não mais do que "saudáveis realizações de lucros", que era como os analistas e *traders* definiam esses pequenos espasmos de recuperação dos ursos.

Logo um financista mais esperto — e financista esperto era o que não faltava naquela época — surgiu com uma ideia brilhante. Em vez de o consórcio comprar ações na Bolsa, por que não adquirir cotas de outros consórcios, que por sua vez comprariam as de outros? Assim seria possível alavancar a alavancagem e a alavancagem da alavancagem. Dez dólares aplicados na ponta inicial significavam cem, mil, 10 mil dólares lá no fim. Como o mercado só subia, o efeito dessas

reaplicações em cascata dava lucros fenomenais, assim como fenomenais taxas de sucesso.

Evidentemente os investidores não faziam a menor ideia de onde o seu dinheiro fora parar. Muito menos se interessavam por esse detalhe. O que os deixava felizes era abrir o jornal todas as manhãs e ver que as cotas de seus consórcios de investimento haviam subido mais uma vez. Aqueles que resgatavam seus papéis, seja para garantir o lucro, seja por causa de uma necessidade inesperada, logo se arrependiam ao ver, nos dias e semanas seguintes, o quanto estavam deixando de ganhar.

"Puxa vida", um deles comentava com sua mulher, "aqueles duzentos dólares que jogamos na Bolsa e que a gente liquidou por quatrocentos, já estão valendo seiscentos. Na vida a gente tem de ser ambicioso, tem de acreditar. Isso aqui é a América. Se eu pudesse, dava um chute no meu próprio traseiro".

Nada entusiasmava tanto os americanos quanto o mercado de ações. A Bolsa de Valores de Nova York batia recordes atrás de recordes. As façanhas dos principais *traders* eram comparadas, em termos de heroísmo, às do aviador Charles Lindbergh, de 25 anos, que em maio de 1927 cruzara o Atlântico, entre Nova York e Paris, num voo solitário de 33 horas e meia, pilotando um monomotor Ryan NYP, ao qual dera o nome de *Spirit of St. Louis*.

Entre esses heróis do mercado estava o canadense Arthur W. Cutten, os sete irmãos Fisher, ex-fabricantes de carrocerias, e Billy Durant, que por duas vezes tivera e perdera o controle acionário da General Motors e que agora atuava como especulador em Wall Street, obtendo resultados excepcionais em seus lances alavancados.

Como se não bastasse o entusiasmo dos investidores e especuladores, o FED — Banco da Reserva Federal — vinha jogando gasolina na fogueira. Na primavera de 1927, o FED baixou a taxa básica de juros de 4% para 3,5% ao ano. Ao mesmo tempo, a Reserva adquiriu grande quantidade de títulos do Tesouro americano, injetando fundos na economia. Boa parte desse dinheiro foi diretamente para o mercado de ações. Os touros agradeceram.

Ao longo de 1927, na Bolsa de Valores de Nova York só em dois meses as cotações não tiveram variação positiva. No restante do tempo, foi alta após alta. Encerrado o ano, o mercado subira 40%. Para os especuladores que operaram com margens, multiplicando seus valores investidos, e para os consórcios de investimentos, esses 40% significaram ganhos de 100%, 200%, 300%, 500% e até mais.

O volume de empréstimos repassados no ano de 1927 pelos bancos às corretoras — para que estas financiassem operações alavancadas garantidas por margens —

subira o mesmo que os índices da Bolsa: 40%. O valor total agora era de 3.480.780.000 dólares, um montante sem precedentes. Mas que logo seria suplantado, em muito, no auge da maior febre especulativa que o mundo jamais conheceu.

Nenhuma dessas jogadas atraía o interesse — embora elas despertassem a preocupação — do banqueiro Amadeo Peter Giannini. Seu único objetivo era fazer seus bancos, Bank of Italy e Bancitaly, crescerem e democratizarem o crédito. Em outubro de 1927, Giannini perpetrou a maior fusão bancária da história dos Estados Unidos até aquela época, quando, de uma tacada só — numa típica aquisição hostil (*hostile bid*) — ele absorveu, através de compras na Bolsa, o Liberty Bank of America — com 174 agências — e o enorme Italian American of San Francisco. Com esse lance, o Bank of Italy tornou-se um dos maiores bancos do país. O *The New York Times* não deixou por menos:

> Filho de imigrantes se destaca entre os banqueiros
> *Sucesso de A. P. Giannini, que fundou o Bank of Italy, uma maravilha internacional. Usando recursos próprios e ignorando precedentes, o homem de São Francisco desenvolveu uma instituição de 500 milhões de dólares.*

Giannini estava convicto de que um crash ocorreria na Bolsa e uma depressão econômica se seguiria à debacle. Preparava suas instituições financeiras para esse momento.

Com exceção de A. P. Giannini e de mais uma dúzia de financistas sensatos, pouca gente acreditava nos prognósticos pessimistas. Esses poucos eram inclusive considerados derrotistas impatrióticos.

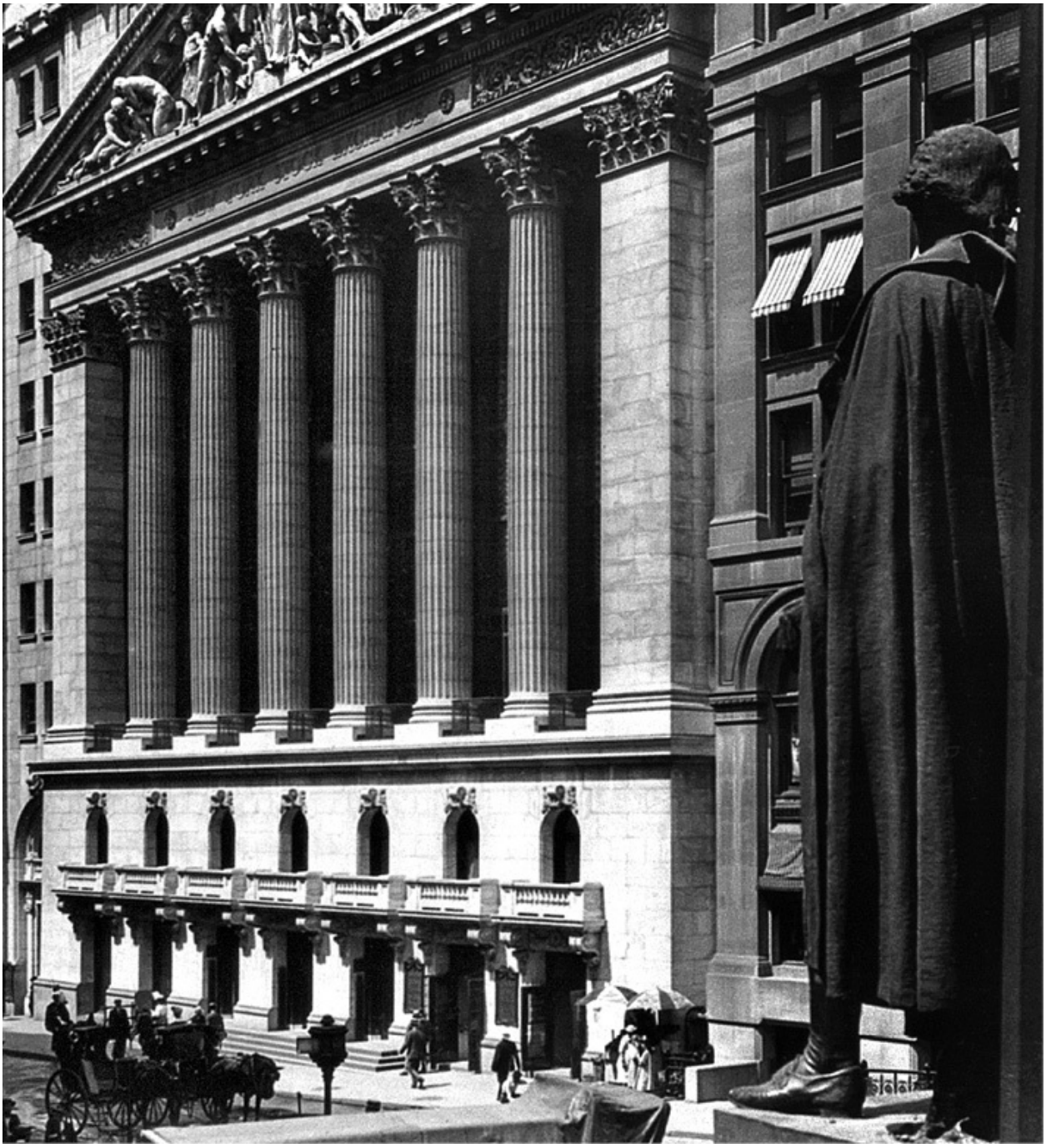
Ao final de 1927 os consórcios de investimento dos Estados Unidos haviam vendido ao público cotas no montante de 400 milhões de dólares.

12 OS MANIPULADORES

Quase todos os surtos especulativos com ações começam com algum fundamento sólido. Pode ser o crescimento da economia, o aumento dos lucros das empresas, a descoberta de alguma rica jazida de petróleo ou mesmo uma mudança de governo. No início da década de 1920, não faltavam motivos para que os americanos se tornassem otimistas com o mercado.

Quando 1927 deu lugar a 1928, o *boom* da Bolsa de Valores de Nova York já se calcava muito mais na fantasia e na ganância do que na realidade. O mercado entrara em um círculo vicioso: todos compravam ações porque elas subiam e elas subiam porque todos compravam. E o ritmo alucinante da alta se devia à alavancagem. Era cada vez mais fácil se obter crédito para a compra de ações.

As pessoas mais conservadoras, ou prudentes, acabavam se sentindo otárias ao ver seus vizinhos trocarem seus carros por outros muito mais luxuosos, viajarem para a Europa nos grandes transatlânticos e frequentarem os *speakeasies* mais caros. "Ganhei na Bolsa", eles explicavam com candura, como se fosse a coisa mais natural do mundo comprar títulos de um consórcio de investimento que investia em outro consórcio e este em mais um outro.



Bolsa de Valores de Nova York no início do século XX
H.C. White Co. | New York Stock Exchange Bldg. Co.
Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C.

Confiante de que tinha discernimento e experiência suficientes para detectar, com a devida antecedência, o momento da virada do mercado, Amadeo Peter Giannini também investia em ações. Só que o fazia em papéis do exterior, em empresas de alta reputação como o Banco da Inglaterra, o Banco da Irlanda, o Banco da França,

o Reichsbank — com o marco estabilizado, a economia alemã voltara a crescer — e o Canal de Suez.

No plano interno, Giannini já detinha o controle acionário de nada menos do que 289 bancos, inclusive o relativamente pequeno, mas tradicional e reputado, Bank of America, com 116 anos de funcionamento. E via com grande preocupação as ações de seus bancos subirem mais do que ele considerava razoável.

Num único dia, Amadeo Giannini acompanhou, sem poder fazer nada a respeito, as ações de seu Bancitaly subindo dez pontos — ou dez dólares — nas bolsas de valores de Nova York e de São Francisco. Nessa época, o prestígio de Amadeo já era tão grande que jornalistas viajavam da Europa para os Estados Unidos apenas para entrevistá-lo.

Finalmente, em fevereiro de 1928, Amadeo Peter Giannini emitiu um comunicado oficial ao público exortando as pessoas a não comprarem ações de suas instituições financeiras por estarem sobrevalorizadas. Seguiu-se uma pequena queda nas cotações, que não durou mais do que poucos dias.

"O italiano espertalhão só pode estar blefando, para poder comprar barato", comentaram alguns especuladores desconfiados, antes de mergulharem de volta nos papéis de A. P. Giannini.

No primeiro trimestre de 1928, o volume de empréstimos concedidos pelos bancos às corretoras para financiar operações com margens caiu um pouco. Mas, com a chegada da primavera, os valores dispararam. Dinheiro era o que não faltava no mercado.

Só em março, o índice Dow Jones subiu quase 25 pontos. Nos jornais, as cotações da Bolsa foram promovidas das seções de economia para as primeiras páginas. E não sem motivo. Em certos dias, alguns papéis subiam dez, quinze e vinte dólares. Na segunda-feira, 12 de março, as ações da Radio (RCA), as mais negociadas da época, ganharam dezoito pontos. No dia seguinte, para espanto dos especuladores, a Radio abriu 22 pontos (dólares) acima do fechamento da véspera.

Essa nova realidade do mercado provocava cada vez mais aflição naqueles que haviam pulado fora. Ninguém calculava o que havia ganhado na venda, mas sim o que estaria ganhando se ainda possuísse os papéis.

"Você não deveria ter vendido", dizia a mulher ao marido, profetizando o passado. Era o pretexto que faltava para ele voltar ao carrossel da especulação.

Clarence Mackay, o magnata dos telégrafos e sogro de Irving Berlin, já não se sentia confortável com sua Postal Telegraph Company. Enquanto a Postal ganhava os lucros normais de qualquer empresa rentável, Mackay via alguns de seus amigos multiplicarem suas fortunas em alguns meses negociando papéis na Bolsa.

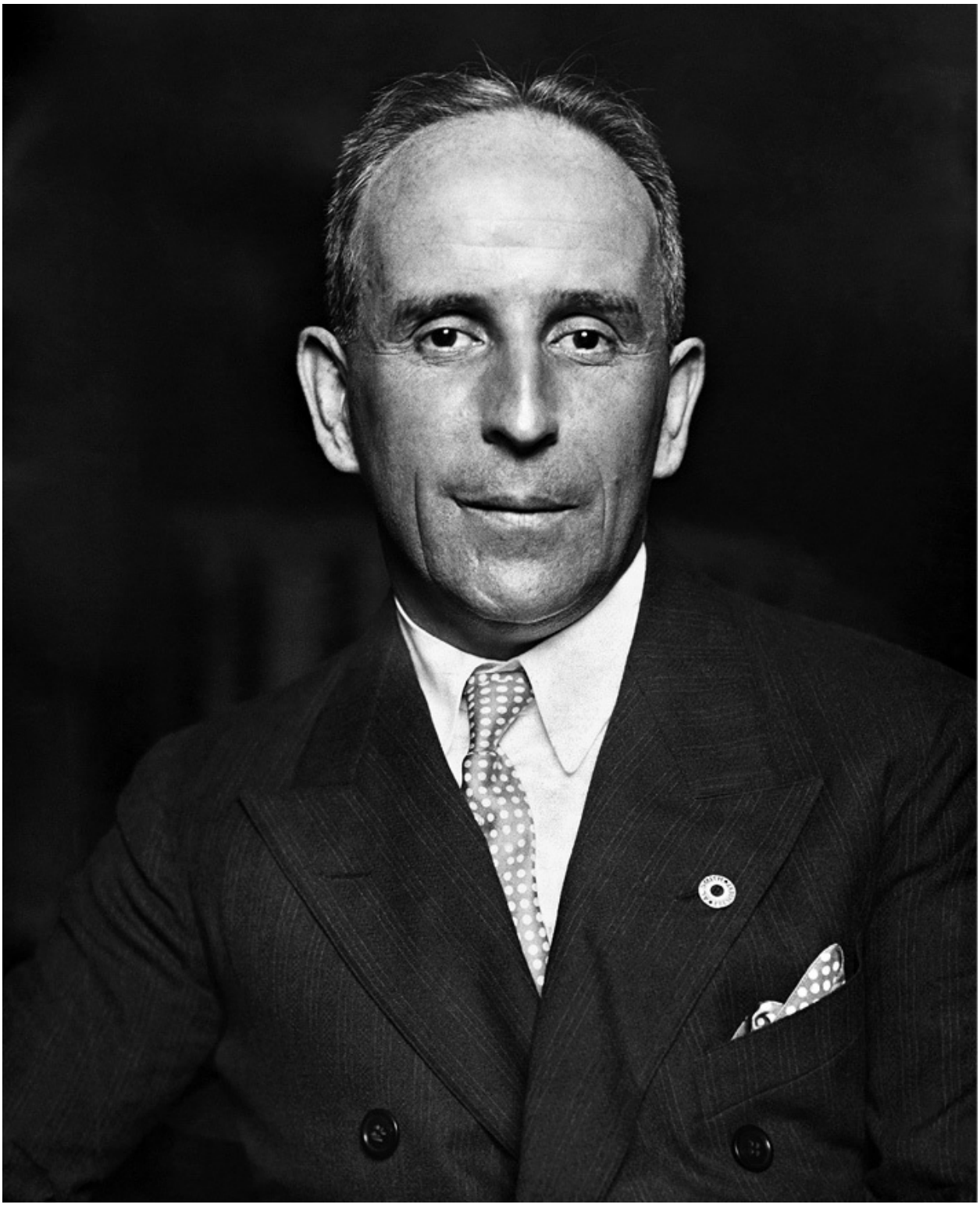
Por fim, Mackay não resistiu. Vendeu o controle acionário da Postal Telegraph para a International Telephone and Telegraph (IT&T), num negócio de 300 milhões de dólares. Não quis um centavo em dinheiro. Preferiu receber tudo em ações.

Tal como Amadeo Peter Giannini, Charles Merrill, da Merrill Lynch, acreditava que o preço das ações subira demais. Só que Charles era mais pessimista do que Amadeo. Ele achava que um colapso das bolsas era iminente e que sua opinião deveria ser tornada pública.

No dia 31 de março de 1928, a Merrill Lynch enviou um comunicado aos seus clientes no qual advertia, entre outras coisas, e sem usar uma linguagem muito direta, "que se deve aproveitar a atual alta dos preços para pôr a casa em ordem". A recomendação foi solenemente ignorada.

Hipnotizados pela força descomunal do *bull-market*, os especuladores não queriam nem saber dos fundamentos da economia. E, no entanto, 14 milhões de americanos estavam desempregados no final da primavera. Esse dado estatístico, divulgado pelo Departamento do Trabalho (US Department of Labor), passou despercebido pelos investidores. Mas não por todos. O número impressionou o ator Charles Chaplin, que, excetuando-se sua participação na United Artists, tinha todo seu dinheiro disponível aplicado na Bolsa. Chaplin, que não era dado a hesitações, não pensou duas vezes. Liquidou sua carteira de ações, no valor de 5 milhões de dólares.

John Jakob Raskob, 48 anos, era diretor da General Motors, além de participar do conselho de diversas outras grandes empresas, inclusive a gigantesca DuPont. Raskob também atuava na Bolsa. Mais do que isso, era especialista em manipular cotações, usando para isso seu prestígio pessoal, seu amplo crédito e suas conexões em Wall Street.



Além de diretor da General Motors e integrante do Conselho da DuPont, John Jakob Raskob era um atuante especulador no mercado de ações
S. l., ca. 1928
Latinstock/© Hulton-Deutsch Collection/CORBIS/Corbis (DC)

No dia 12 de março de 1928, ao embarcar para a Europa, Raskob deu uma entrevista aos jornais na qual disse que as ações da GM deveriam estar sendo negociadas a um preço no mínimo equivalente a doze vezes o lucro anual da empresa dividido pelo número de ações. Isso significava um valor unitário de 225 dólares.

Como a cotação naquele momento era de 187 dólares, se o que John J. Raskob afirmava fazia sentido havia ali um lucro potencial de 20%, isso para quem não alavancasse sua compra em operações com chamada de margem, caso em que o lucro seria muito maior.

Vaticínios pessimistas, como os de Amadeo Giannini e Charles Merrill, não eram muito populares naqueles tempos do touro. Já as declarações de Jakob não só mereceram grande destaque nos jornais como caíram no gosto do público.

"Foi o próprio cara da General Motors que disse", comentava excitado um especulador para outro. "Não um borra-botas qualquer. Se ele diz que as ações estão baratas, ainda é hora de comprar."

Não deu outra. As ações da GM pularam de 187 para 199 dólares, uma alta de quase 7% em poucos dias, puxando outros papéis em sua esteira, como é comum nas bolsas. E se as ações subiram, o prestígio de Jakob subiu com elas.

"Eu não disse?", comentou o especulador com seu amigo. "Esses caras sabem das coisas. É só seguir o que eles dizem."

No mesmo dia em que Jakob deu a entrevista, a Bolsa de Valores de Nova York bateu um novo recorde de negociações: 3.875.910 ações trocaram de dono, volume esse que passou a ser normal. Duas semanas depois, em 27 de março de 1928, 4.790.270 ações foram negociadas no pregão.

Para grande desalento de Amadeo Peter Giannini, os títulos de suas empresas subiam no mesmo ritmo.

"Isso é uma insensatez", Giannini dizia para seu motorista e confidente, Joe Garcia.

Entre os manipuladores, gente que "fazia" o mercado, distribuindo dicas e subornando jornalistas para que publicassem notícias falsas e fizessem comentários favoráveis a determinados papéis, continuavam se destacando Billy Durant, ex-General Motors, os sete irmãos Fisher e o canadense Arthur Cutten. Só que agora eles eram mais organizados. Formavam *pools*.

Em cada *pool* havia um estrategista que comandava a ação dos parceiros e definia a hora de comprar e de vender, assim como o tamanho dos lotes. Ao final, o lucro era dividido entre os sócios, considerando-se o capital investido por cada um. O gerenciador da operação recebia um bônus especial.

Em 1º de junho de 1928, o total de empréstimos bancários às corretoras bateu um novo recorde: 4 bilhões de dólares. Onze dias mais tarde, o recorde coube ao volume de negociação na Bolsa de Nova York: 5.052.790 ações. Os papéis da Radio, cotados a dez dólares no início da década de 1920, valiam agora mais de duzentos dólares, uma alta de 1.900% para quem não alavancou e o céu para quem o fez.

Nessa época, tornou-se comum a *ticker-tape* — esteira de cotações da Bolsa semelhante a uma tira picotada de telex com dois centímetros de largura, transmitida pelas linhas telegráficas para todo o país — atrasar-se em uma ou duas horas. Só tinham conhecimento do mercado em tempo real os profissionais que estavam no recinto do pregão ou em contato com ele por telefone. Aos demais investidores e especuladores não restava outra alternativa a não ser observar a Bolsa pelo retrovisor.

Foi então que o mercado virou.

Amadeo Peter Giannini estava em Milão, a quase 10 mil quilômetros de distância de Nova York, quando recebeu um cabograma. As ações do Bank of Italy haviam caído 120 pontos; a Bancitaly Corporation perdera 86. A United Securities, oitenta.

Giannini fazia as malas para voltar para casa quando foi derrubado por uma polineurite. Não teve alternativa a não ser acompanhar a distância a tragédia que acontecia no outro lado do Atlântico, tragédia essa que ele previra, mas que poderia atingi-lo também se não administrasse seus negócios com cuidado.

Num único pregão, a Radio perdeu 23 pontos, mais de 10% de seu valor. No dia seguinte, um jornal de Nova York exibiu a seguinte manchete:

O MERCADO DE WALL STREET RUIU ONTEM,
PROVOCANDO UM ESTRONDO OUVIDO NO MUNDO INTEIRO

Tudo indicava que o *bull-market*, o ciclo do touro, chegara ao fim.

13 FIM DE ANO EM WALL STREET

Amadeo Peter Giannini não teve outra opção a não ser ficar na Itália. Levado para um hospital em Roma, permaneceu internado durante julho e parte de agosto de 1928. Mesmo atormentado por dores excruciantes, tinha de tomar decisões para manter sua cadeia bancária protegida da queda do mercado de ações nos Estados Unidos.

Finalmente, no início de setembro, Giannini, já restabelecido, mas ainda muito fraco, chegou a São Francisco. Mandou seu motorista, Joe Garcia, levá-lo diretamente da estação para o escritório, onde o banqueiro, mais do que depressa, mergulhou no trabalho. Nas semanas que se seguiram, em vez de ir todas as noites para casa, em San Mateo, 26 quilômetros ao sul, A. P. Giannini dormiu no Mark Hopkins Hotel.

Após pouco mais de um mês de cálculos e estudos cuidadosos, Giannini concluiu que tinha meios e recursos para constituir uma das maiores empresas *holding* dos Estados Unidos. Assim nasceu a Transamerica Corporation, com um capital de 217,5 milhões de dólares. A Transamerica deteria o controle acionário do Bank of Italy, da Bancitaly Corporation, da National Bancitaly Company, do California Joint Stock Land Bank, da Bancitaly Agricultural Credit Corporation, da Bancitaly Mortgage Company, da America Commercial Corporation, da Pacific National Fire Insurance Company e da Capital Company.

As ações da Transamerica foram registradas na Bolsa de São Francisco e se constituíram em sucesso imediato, apesar de o mercado ainda estar em baixa. Nessa época, Giannini usara de um estratagema para dormir em casa todos os dias sem enfrentar problemas de tráfego nas estradas. Conseguira ser designado chefe honorário do Corpo de Bombeiros e, graças a isso, pudera instalar sirenes e luzes vermelhas giratórias no capô de seu Rolls-Royce negro, modelo 1926. Além de agora poder trafegar acima do limite de quarenta quilômetros por hora, o Rolls, com seus alarmes ligados, obrigava os carros à frente a ceder passagem.

Joe Kennedy achava que a queda da Bolsa era coisa passageira e voltou a se interessar por ações. Ele chegara à conclusão de que os touros aproveitariam o pessimismo do mercado para fazer operações muito lucrativas e não queria estar de fora quando as oportunidades surgissem. Joe agora se dividia entre a Califórnia, onde se

concentravam seus negócios cinematográficos, e Nova York, onde perscrutava Wall Street com lupa.

No início de 1928 nascera mais uma menina no clã: Jean Ann. Joe e Rose Kennedy tinham agora oito filhos.

A queda da Bolsa de Valores de Nova York foi tão aguda quanto efêmera. Pouco antes do início do outono, as ações, tal como Kennedy previra, reverteram a tendência e voltaram a subir. O banqueiro Andrew W. Mellon, que no momento era secretário do Tesouro dos Estados Unidos, excitou os ânimos ao declarar, convicto: "A maré alta da prosperidade continuará."

No dia 1º de novembro de 1928, os empréstimos dos bancos às sociedades corretoras atingiram um novo recorde: 5 bilhões de dólares. Na sexta-feira, 16 de novembro, logo após a eleição de Herbert Hoover, por maioria esmagadora, para suceder Calvin Coolidge na Casa Branca, o volume de negócios na Bolsa de Nova York também fez nova máxima, com 6.641.250 ações transacionadas. Voltou a ser comum a *ticker-tape* se atrasar uma ou duas horas.

A essa altura dos acontecimentos, empresas tradicionais da Rua, como a Goldman Sachs, com quase sessenta anos de existência, puseram seu conservadorismo de lado, se juntaram ao trem da alegria e passaram a operar com consórcios. A Goldman criou um deles, emitiu um milhão de ações a cem dólares cada uma e repassou os papéis a 104 dólares para o público investidor.

Pronto. Num passe de mágica, 4 milhões de dólares — equivalentes a 54 milhões em números de 2013 — foram criados do nada, engordando os cofres da Goldman e os bônus de fim de ano de seus diretores.

Para os médios e pequenos investidores que aceitaram correr riscos, deu tudo certo em 1928, ano em que o índice Dow Jones subiu 35%. A Radio, que jamais pagara dividendos, subiu espantosos 394%, saindo de 85 dólares para 420. A DuPont foi de 210 para 524; a Montgomery Ward, de 117 para 440; e a Wright Aeronautic de 69 para 289.

Os que operaram com financiamento, garantidos por margens, ganharam além desses percentuais. Muito além. Já os profissionais tarimbados de Wall Street, que, atentos aos gráficos e às oscilações do dia a dia, foram touros no início do ano, ursos na queda, e touros novamente na reviravolta, esses… bem… esses se tornaram os homens mais bem-sucedidos dos *Roaring Twenties* até então.

Jamais, em nenhum momento da história, tantos ganhavam tanto. Simplesmente jogando com papéis, se valendo de recursos dos bancos. Milionários surgiam às dúzias.

Nadando contra a corrente especulativa, a Merrill Lynch continuava advertindo seus clientes a repeito dos riscos do mercado. "Agourento" era o mínimo que se

dizia de Charles Merrill.

No dia 1º de dezembro nasceu Irving Berlin Jr., segundo filho de Irving e Ellin. O bebê morreu com 25 dias de vida, na noite de Natal. O avô, Clarence Mackay, não foi visitar o neto nem compareceu ao enterro.

Nova York, segunda-feira, 31 de dezembro de 1928. Três horas da tarde. No recinto de negociações da Bolsa de Valores o soar do gongo decretou o encerramento das operações naquele ano. Nos diversos postos do saguão, novecentos *traders*, todos donos de assentos e os únicos que tinham poderes para fechar negócios ali, substituíram seus gritos de apregoação por abraços de fim de ano nos companheiros.

O gongo significava também o término da jornada de trabalho de 1.145 telefonistas e quinhentos auxiliares de pregão, ou corredores (*runners*), cuja função era essa mesmo: correr. Correr de um lado para o outro com as ordens dos clientes e com os resultados das execuções dessas ordens. Nessa hora pararam também de trabalhar os operadores dos tubos pneumáticos — nos quais cilindros contendo boletos de negociações eram expelidos por ar comprimido para outros setores da Bolsa e para os escritórios das corretoras.

Todas as atividades daquela segunda-feira, assim como dos demais dias do ano, haviam sido supervisionadas e fiscalizadas pelo superintendente William R. Crawford, o homem que batera o martelo do gongo, responsável pelo funcionamento do que havia de mais representativo na máquina capitalista da América.

A cada compra feita teria de haver uma venda correspondente. Todas as operações tinham de aparecer na *ticker-tape* e no boletim da Bolsa. Crawford, cuja fisionomia não escondia o alívio de ver mais um ano terminado, agora caminhava pelos 1,5 mil metros quadrados do pregão, parando aqui e ali para cumprimentar os profissionais mais antigos da Casa.

Como sempre, a maior aglomeração de operadores (*floor traders*) ficava nas imediações do Posto 12, o "Posto da Radio", onde um dos prodígios de Wall Street, Michael Meehan — nascido no País de Gales de pais irlandeses pobres, mas criado em Manhattan, para onde a família emigrara, e que começara sua carreira profissional como cambista de ingressos de teatros da Broadway —, costumava liderar a especulação desenfreada com ações da RCA, as de maior liquidez do mercado.

Outro astro do pregão chamava-se Frank Bliss, um veterano que costumava liderar puxadas rápidas e totalmente inesperadas em alguns papéis nos quais

ninguém estava prestando atenção. Bliss era apelidado de "a raposa prateada de Wall Street" por causa de sua esperteza e de seus cabelos grisalhos.

Encerrados os negócios do dia, diversos operadores subiram para o sétimo andar do prédio, onde funcionava o restaurante da Bolsa, um dos mais requintados da cidade e restrito aos proprietários de assentos e seus convidados. Começava a tradicional festa de fim de ano. Logo uma fileira de garçons entrou no salão carregando travessas de prata contendo as iguarias que seriam servidas, acompanhadas de suco de mariscos, já que não ficava bem para a instituição descumprir acintosamente a Lei Seca.

Muitas mulheres e amantes dos *traders* já aguardavam seus maridos e parceiros no local. Mas quase ninguém ficou na festa por muito tempo, preferindo seguir para seus *speakeasies* favoritos, boa parte deles localizada por ali mesmo, na Baixa Manhattan, quase sempre em subsolos enfumarados.

Comemoração de fim de ano, ainda mais um ano exitoso como aquele, não tinha muita graça sem champanhe, vinho, uísque, absinto e cerveja. Sem contar que os desacompanhados estavam loucos para capturar uma garota para virar o ano com uma bela companhia. E nenhum lugar era melhor para esse tipo de caçada do que um *speakeasy*. O mais chique e exclusivo desses bares supostamente clandestinos — todo mundo sabia onde eles ficavam, inclusive a polícia — era a Casa Morgan, de Helen Morgan, que não tinha nenhum parentesco nem relacionamento com os Morgan banqueiros.

Entre os *traders* que operavam no saguão da Bolsa e os que dirigiam as operações de seus escritórios, alguns tinham se destacado em 1928: Mike Meehan, o especialista em ações da Radio; Frank Bliss, "a raposa prateada"; John J. Raskob, que se dividia entre as diretorias da General Motors e da DuPont e o mercado de ações; além do canadense Arthur Cutten, de Charles Topping e dos irmãos Fisher, todos hábeis formadores de *pools*. Ah, e o incomparável Jesse Livermore, o "garoto de Boston", o "urso da Nova Inglaterra", o "demolidor de ações", *trader* magistral que conseguia ganhar na baixa mesmo quando o conjunto do mercado estava subindo.

Quando o circunspecto e fumante inveterado Livermore começava a vender um papel a descoberto com a intenção de derrubá-lo para comprar mais barato, os touros de Wall Street tremiam.

Jesse Livermore tinha planos grandiosos para 1929.

1 BANQUEIROS, ESPECULADORES E VISIONÁRIOS

Encerrado o expediente de 31 de dezembro no banco Morgan, repetia-se do lado de fora do prédio do número 23 de Wall Street, esquina de Broad Street, sede da instituição, a rotina de todos os dias úteis do ano. Uma longa fileira de limusines pretas, com para-choques e frisos cromados e seus choferes uniformizados ao volante, aguardava os sócios da casa. Era uma fila cuidadosamente organizada. O primeiro carro destinava-se a Jack Morgan, presidente do banco. Logo atrás ficava a limusine de Thomas Lamont, segundo em hierarquia na firma. O terceiro carro servia ao terceiro homem e assim por diante. Para que pudessem se alinhar desse modo preciso, a chegada das limusines ao local era uma operação logística minuciosa e cronometrada.

Antes de sair para pegar seu carro, Jack Morgan examinara planilhas com detalhamento do lucro do ano que se encerrava. Do total, Jack ficaria com 50%, sendo o restante dividido entre os demais sócios, levando em conta o desempenho, a posição hierárquica e o tempo de casa de cada um deles.

O processo de seleção dos sócios do Morgan, concebido pelo patriarca da família, Junius Spencer Morgan (1813-1890), e ligeiramente alterado por seu filho e pai de Jack, John Pierpont Morgan (1837-1913), não admitia o ingresso de judeus nem de homens divorciados na sociedade, por mais brilhantes que fossem. A casa escolhia seus próprios clientes, convidava-os a abrir uma conta e dificilmente uma pessoa ou empresa recusava a oferta, considerada uma distinção.

No rosto de Jack Morgan, agora com 62 anos, o bigode prateado contrastava com as sobrancelhas negras. No vestir ele imitava seu grande amigo, Edward, o príncipe de Gales, a quem convidava todos os anos para uma temporada na cabana de caça que Jack possuía na Escócia, ocasião em que os dois caçavam galos e gansos silvestres nos campos e colinas de Gannochy. Não raro toda a família real britânica participava desses eventos esportivos.

A fortuna pessoal de Jack Morgan era calculada em 500 milhões de dólares. Mas isso era apenas um palpite. Jack, que detestava qualquer tipo de publicidade, jamais divulgaria o valor de seus bens.

Quinhentos milhões ou não, o certo é que nesta noite de fim de ano, com a distribuição dos lucros do banco, o número teria um aumento considerável.

Após ter concluído que os cálculos das planilhas de resultados estavam corretos, Jack Morgan levantou-se de sua mesa tendo em mãos diversos envelopes. Cada um deles continha um cheque correspondendo aos bônus dos sócios. Morgan fez questão de distribuí-los pessoalmente aos parceiros, indo de escrivaninha em escrivaninha. Só então desceu para pegar sua limusine. Sempre em ordem hierárquica de cima para baixo, os sócios desceram em seguida. Quando chegavam à calçada, o carro de cada um acabara de parar em frente ao prédio, no qual não havia nenhum letreiro indicando ser ali o banco. Apenas uma placa com a inscrição "1914", ano em que o edifício fora inaugurado.

Na outra extremidade do continente, na Costa Oeste, o dia ainda estava claro por causa da diferença de três horas de fuso horário. Com luzes e sirenes ligadas, o Rolls-Royce de Amadeo Peter Giannini, dirigido por Joe Garcia, percorria em alta velocidade uma estrada de terra, erguendo em sua cola uma nuvem de pó. No banco traseiro, sem se perturbar com os sacolejos causados pelos buracos do caminho, Giannini estudava relatórios de seus bancos.



Jack Morgan era o banqueiro mais importante do mundo
Década de 1920
Latinstock/© CORBIS/Corbis (DC)

Giannini e Garcia haviam passado o dia todo percorrendo bairros de São Francisco, além de subúrbios da cidade e vilarejos próximos, tendo engolido sanduíches às pressas na hora do almoço. Em cada um dos lugares visitados, A. P. Giannini inspecionara agências da Transamerica. Agora, com o pôr do sol avermelhando o horizonte, o chofer lembrou ao patrão que este teria de presidir o jantar de fim de ano da família.

Naquele 31 de dezembro de 1928, o patrimônio de Giannini valia 250 milhões de dólares. Suas companhias tinham 75 mil acionistas. Isso não o impedia de continuar morando com sua mulher, Clorinda, quatro anos mais velha que o marido — 62 e 58 — e dois dos cinco filhos do casal, na mesma casa modesta de dois pavimentos de San Mateo, onde viviam havia anos. Dentre os filhos se destacava Claire, a caçula, agora com 23, por causa de sua forte personalidade e de sua vocação para os negócios.

Entre as celebridades que confiavam a Giannini suas aplicações financeiras estavam os atores Charlie Chaplin, Douglas Fairbanks e Mary Pickford.

Amadeo não gostava de retirar dinheiro de suas empresas para uso próprio. Resistia tenazmente às sugestões de Claire de que deveria se vestir como os outros banqueiros bem-sucedidos. Recusou-se a fazer um terno sob medida mesmo quando visitou o papa, o presidente eleito Hoover e o ditador italiano Benito Mussolini. Por outro lado, era pródigo em doações. Naquele final de 1928, por exemplo, dera 1,5 milhão de dólares — o que significava boa parte de seus recursos pessoais — para programas de pesquisa de agricultura da Universidade da Califórnia.

Claire estava preocupada naquela noite, e não era por causa dos negócios da família. Ela adquirira uma baixela de prata para ser usada no jantar comemorativo da passagem do ano, em substituição às travessas arranhadas e manchadas usadas na mesa desde a época em que era criança, e temia que o pai a repreendesse pelo que poderia achar um desperdício. Mas nada aconteceu, pois ao chegar em casa ele não reparou na prataria nova.

Desde pequena, quando seu pai percebeu sua inclinação para os negócios, Claire fora educada para assumir algumas das funções dele. Mais tarde, já adolescente, enquanto suas amigas se interessavam por festas, namorados e roupas, ela passava boa parte do tempo estudando balanços e estatutos de empresas.

O mobiliário da casa, comprado em 1905, ano em que Claire nasceu, apresentava sinais crescentes de desgaste. O mesmo acontecia com as cortinas e tapetes. Certa ocasião Claire sugeriu reformar a sala de jantar usando um argumento óbvio:

"Mas, papai, você ganha tanto dinheiro."

"Para os outros, querida. Para os outros." A. P. Giannini pôs um ponto final na questão. "O dinheiro é dos correntistas e dos acionistas dos bancos."

O jantar chegava ao fim, quando Amadeo notou a prataria.

"Muito bonita", ele disse para Claire. "Mas vai precisar de polimento constante. Esse trabalho será seu."

Um repórter telefonou, querendo saber de Giannini qual eram suas previsões para 1929.

"Vai ser um ano difícil", o banqueiro respondeu. "Se essa jogatina descontrolada com ações continuar, teremos sérios problemas."

Se para Amadeo Peter Giannini o mercado de ações era uma jogatina descontrolada, para Michael Meehan, o especialista da Radio no pregão da Bolsa de Nova York, era meio de vida e de enriquecimento fácil. A sociedade corretora de Meehan tinha oito assentos na Bolsa, quatrocentos empregados e uma folha de pagamentos de 600 mil dólares.

Naquela passagem de ano, Michael Meehan também fez uma declaração aos jornais: "O dinheiro existe para ser gasto."

Mas não na aparência pessoal, poderia se afirmar.

Baixinho, com uma barriga protuberante e arredondada, consequência do pecado da gula, Meehan usava pesados óculos de aço. O especulador parecia mais velho do que os seus 38 anos. Era displicente no vestir, usando ternos, camisas e gravatas baratos. O colarinho, sempre frouxo, destacava seu saliente pomo de adão.

Durante o ano que se encerrava, Michael Meehan ganhara 25 milhões de dólares com as ações da Radio. Mas isso era passado. Ele agora estava preocupado com a organização de um *pool*, uma puxada nas ações da Anaconda Copper, que pretendia executar em 1929. Para tanto esperava contar, entre outros, com gigantes como Percy Rockefeller, os irmãos Fisher e John Jakob Raskob, que ainda não sabiam de nada. Seria o *pool* mais audacioso da história, com um investimento inicial de 300 milhões de dólares.

Enquanto bebericava um uísque, Meehan não tinha outro pensamento a não ser a Anaconda.

O corpulento e pescoçudo Richard Whitney, vice-presidente da Bolsa de Nova York, talvez fosse o homem mais impopular que já exercera o cargo. Ninguém o suportava. Como se não bastasse, Whitney era incompetente em suas funções e desastrado em seus negócios particulares, além de ser um esnobe intragável. Só conseguia se manter no cargo graças à influência de seu irmão, George, um dos sócios da Casa Morgan. Sem contar que a Morgan executava grande parte de suas

ordens na Bolsa através da sociedade corretora de Whitney, a Richard Whitney & Co.

Quando o mercado de ações se comportava em zigue-zague, Whitney caminhava em "zague-zigue". Se o reinado pertencia aos touros, ele vestia a pele do urso e vice-versa. Suas perdas eram invariavelmente cobertas por empréstimos que seu irmão George lhe concedia. No ano que se encerrava, Richard Whitney acumulara 590 mil dólares de prejuízos em suas especulações.

A despeito de seus fracassos, a grande ambição de Whitney era assumir o lugar de Edward Henry Harriman Simmons na presidência da Bolsa.

Ninguém em Wall Street, e talvez em todo o país, tinha um plano tão ambicioso para 1929 quanto John Jakob Raskob. Além de suas atividades no mercado de ações, Raskob pretendia iniciar o projeto e a construção do maior arranha-céu do mundo, com 102 andares e 443 metros de altura. Para tanto, ele tinha a intenção de comprar o hotel Waldorf-Astoria, na esquina da Quinta Avenida com a rua 34 Oeste, e demoli-lo.

Até aquela noite de 31 de dezembro, Raskob guardara seu plano em segredo. Mas agora iria revelá-lo para William Lamb, um dos arquitetos mais reputados da cidade, a quem Raskob pretendia encarregar do projeto. Lamb era o queridinho dos especuladores. Construíra o novo escritório de Jesse Livermore e mobiliara o apartamento de Billy Durant.

John Raskob, homem dos mais excêntricos, detestava fumar, apesar de seu pai ter sido um bem-sucedido fabricante de charutos na Alsácia. Raskob recusava-se a dirigir automóveis, além de não gostar de andar neles, mesmo sendo proprietário de dois Cadillacs. Tinha o hábito de percorrer a pé as ruas de Manhattan. Nessas ocasiões um motorista, ao volante de um dos Cadillacs, seguia ao lado do patrão, perturbando o tráfego com sua vagareza.

O convite a William Lamb ocorreu na suíte do Carlton Hotel, onde John morava a maior parte do tempo, embora Helena, sua mulher, vivesse em Wilmington, Delaware, com os onze filhos do casal, na luxuosa Archemere, a mansão dos Raskob situada no centro de um enorme e magnífico terreno às margens do rio Delaware. A família tinha também um haras em Pioneer Point, Maryland.

Por mais que Lamb soubesse das excentricidades de Raskob, jamais poderia imaginar que o milionário lhe convidaria para planejar um edifício de 104 andares. John Jakob fez com que William Lamb fosse caminhando com ele — seguidos por um dos Cadillacs — até a esquina onde o prédio seria erguido.

"O hotel vai ser derrubado. Você vai providenciar isso. E no lugar vai construir o arranha-céu mais alto do mundo", Raskob disse, sem mencionar custos e sem

perguntar ao outro se aceitava ou não a empreitada, pois em nenhum momento lhe ocorreu duvidar disso.

Os dois entraram no hotel, cujos salões e restaurantes estavam engalanados para abrigar diversos eventos, inclusive bailes à fantasia que iriam acontecer ali naquela noite de réveillon, sem contar algumas orgias em suítes exclusivas dos andares mais altos.

Desde 1893, quando ficou pronto, o Waldorf tornara-se o ponto mais chique da cidade de Nova York. E agora John Jakob Raskob pretendia derrubá-lo, pois sabia de fontes confiáveis que os donos do estabelecimento tinham a intenção de vendê-lo para fazer um projeto novo mais ao norte de Manhattan.

John J. Raskob já tinha até escolhido um nome para o arranha-céu: Empire State Building.

15
FLINT, MICHIGAN

Em Londres, o magnata Clarence Charles Hatry encarava 1929 como o ano decisivo de sua carreira empresarial, pois, nos meses seguintes, pretendia adicionar aos seus negócios uma participação de grande porte na indústria do aço, promovendo a fusão de diversas companhias do setor, obtendo recursos para isso através do lançamento de ações e obrigações ao público e contraindo empréstimos bancários.

Levantar dinheiro, embora não para seu uso pessoal, era tarefa relativamente fácil para Winston Churchill, agora com 55 anos, pois como chanceler do Erário bastava-lhe aumentar os impostos e diminuir os gastos sociais do governo. Churchill jamais hesitava em adotar as medidas de austeridade que julgava necessárias. Isso, como seria de se esperar, enfurecia boa parte do eleitorado britânico, principalmente os operários.

Tanto em Londres como em quase toda a Europa, as pessoas não se interessavam pelo *boom* no mercado de ações que ocorria nos Estados Unidos. Cada país europeu lidava com seus próprios cenários econômicos e políticos.

Na Alemanha, o governo democrático da República de Weimar eliminara, com grande sucesso, os últimos resquícios da crise financeira, causada pelas reparações da Grande Guerra fixadas pelo Tratado de Versalhes, e da hiperinflação de 1923. O país voltara a ser uma das grandes potências industriais do mundo. Com o salário dos operários subindo, Hitler e os nazistas viviam um tanto no ostracismo. O partido encontrava dificuldades para recrutar novos militantes.

A União Soviética, em seu quinto ano da nova política econômica de Stálin, enfrentava severa escassez de alimentos. Na Espanha, incertezas políticas paralisavam o país, governado pelo ditador Primo de Rivera, mais interessado em mulheres e bebedeiras do que no bem-estar dos espanhóis.

Na Europa Central e nos países balcânicos só um tema despertava suas populações da letargia: o ódio que nutriam uns pelos outros. Austríacos, eslavos, croatas, eslovenos e magiares eram povos que a guerra unira ou separara em fronteiras que pouco ou nada tinham a ver com suas identidades culturais e tradições históricas.

A Itália de Mussolini encontrava-se em recessão, provocada pelo desempenho pífio da indústria e da agricultura. Isso se refletia na Bolsa de Valores de Milão,

onde os preços das ações simplesmente não se moviam devido à ausência quase total de negócios.

Nesse quadro de penúria, a França e a Suíça, assim como a nova Alemanha, eram exceções.

Os suíços, ao contrário de seus vizinhos, acompanhavam com vivo interesse os eventos em Nova York e investiam enormes somas nos bancos americanos para que estes, por sua vez, concedessem empréstimos a taxas que não raro chegavam a 10% ao ano e até mais, com os quais financiavam a especulação alavancada de Wall Street.

Já a França, onde as cotações da Bolsa de Nova York quase não apareciam nos jornais, experimentava seu próprio *boom*. Com orçamento equilibrado, balança comercial superavitária, pleno emprego, franco valorizado e alto padrão de vida da população, além de enorme reserva em ouro, os franceses viviam em uma fortaleza econômica.

Em Nova York, Charlton MacVeagh, de 26 anos, jantava na casa da família de sua namorada, Adele, 19, filha de Edwin Merrill, presidente do pequeno mas reputado Bank of New York. Ele já fizera isso outras vezes, mas agora se tratava de um evento formal. Os homens vestiam smokings; as mulheres, longos. Charlton MacVeagh e Adele anunciariam seu noivado.

O casal de jovens se conhecia havia dois anos, pois ele e o irmão dela, Edwin Jr., tinham sido colegas de classe em Harvard. Depois, Charlton estudara no Balliol College, em Oxford, na Inglaterra. Como se não bastassem seus dotes acadêmicos, era simpático, bonito, elegante, culto, inteligente e trabalhava na Casa Morgan, além de ser filho de Charles MacVeagh, sócio de um dos mais importantes escritórios de advocacia de Nova York e então embaixador dos Estados Unidos no Japão. Enfim, Charlton era um marido que qualquer pai, por mais exigente que fosse, desejaria para sua filha.

Só havia um defeito em Charlton MacVeagh, pelo menos na visão de seu futuro sogro. Tratava-se de um rapaz liberal, tendo apoiado causas de trabalhadores, coisa que, aliás, não escondia de ninguém.

"Se Morgan o contratou", concluíra o pai de Adele, "é porque considerou essas ideias perigosas arroubos normais da juventude, que o tempo se encarrega de apagar". Mas ficou uma pontinha de preocupação.

Durante o jantar, Charlton comentou os últimos acontecimentos de Wall Street.

"Jack Morgan fechou a conta de Amadeo Peter Giannini no banco. Morgan e Giannini discordaram a respeito da política monetária do FED. Jack era a favor e Giannini, contra." Embora trabalhasse na Casa Morgan, os olhos do jovem brilhavam de admiração pela atitude do audacioso banqueiro de São Francisco.

"Ah, aquele italiano", o olhar de Edwin Merrill foi de puro desdém.

Novecentos quilômetros a oeste dali, na cidade de Flint, Michigan, outro casamento estava sendo discutido. Desta vez sem consulta à noiva, Jolan Slezsak, de 15 anos, e mesmo sem ninguém saber ainda quem seria o noivo. Barbara, mãe de Jolan, e seu marido, Andrew Arway, padrasto da menina, chegaram à conclusão de que estava na hora de ela se casar.

Sentados à mesa da cozinha, Barbara e Andrew, ambos imigrantes húngaros, conversavam sobre quem poderia ser o "pretendente".

"O senhor Goldberger prometeu ajudar", disse Andrew.

O advogado Ephraim Goldberger tratava dos interesses da comunidade húngara de Flint. Fora ele que cuidara do divórcio de Andrew, cuja primeira mulher se recusara a emigrar para a América, permanecendo em Budapeste. Fora também Goldberger que movera seus pauzinhos para que Barbara, então viúva do pai de Jolan, e o divorciado Andrew pudessem se casar.

Apesar de sua pouca idade, Jolan trabalhava duro, assim como seus irmãos, Julius, 17, e Michael, 16. Nos dias de semana ela servia como criada de uma senhora judia. E nas sextas-feiras, sábados e domingos à noite vendia bebidas alcoólicas que sua mãe e seu padrasto destilavam clandestinamente em casa. Jolan fazia as vendas e as entregas levando sua irmãzinha Margaret, de 6 anos, num carrinho de criança em cujo fundo falso ela transportava as bebidas. Que agente da Lei Seca, por mais vigilante que fosse, iria suspeitar de uma adolescente passeando com uma garotinha?

Pouco antes de morrer, em consequência de um acidente na mina de carvão onde trabalhava, o pai de Jolan deixara para ela quatrocentos dólares em uma caderneta de poupança no Union Industrial Bank, o maior da cidade e um dos mais importantes da região dos Grandes Lagos, com mais de 32 milhões de dólares em depósitos distribuídos por dez agências. Jolan Slezsak só poderia sacar o dinheiro ao completar 18 anos ou então ao se casar, prevalecendo o que acontecesse primeiro. Daí o interesse de sua mãe e de seu padrasto no casamento.

Apesar da renda da destilaria e do trabalho dos filhos, a família era muito pobre. As refeições não variavam: *goulash* feito de carne de terceira e vegetais cultivados no quintal da casa. As roupas de baixo de Jolan, Julius, Michael e da menorzinha Margaret eram feitas por Barbara com sacos de farinha de trigo.

Homer Dowdy, carteiro de 34 anos, também morador de Flint, sentia-se seguro por ter posto suas economias no Union Industrial Bank. Pelo menos seu dinheiro estava a salvo de incertezas e crescendo. Com sua mulher, Gladys, muito doente, Homer

sabia que de uma hora para outra poderia ficar sozinho com três crianças pequenas para criar.

As consultas do médico eram caras e os remédios que ele prescrevia também, embora ainda não tivesse descoberto o mal que aos poucos consumia sua paciente. Os medicamentos eram principalmente opiáceos, para aliviar as dores.

Mesmo com seu salário de 2,1 mil dólares anuais, Dowdy temia ter de sacar dinheiro da poupança para pagar o tratamento. O que mais doía no carteiro era ver seus filhos, as meninas Ferne e Doris e o caçula, Homer, de apenas 7 anos, cuidando da casa e da mãe durante o dia em vez de brincar com as crianças da vizinhança.

No seu trajeto diário de trabalho, Homer Dowdy entregava envelopes com cheques remetidos por bancos e pelas sociedades corretoras de Chicago e de Nova York. Muitos destinatários, afobados e ansiosos, abriam os envelopes na frente do carteiro.

"Ganhei jogando na Bolsa", os felizardos comentavam, exibindo os cheques. Uma mulher chegou a dançar na frente de Dowdy. "Foi uma tacada (*killing*) nas ações da General Motors", disse ela, manifestando sua alegria ensaiando passos desengonçados do *charleston*.

Dowdy era um homem antiquado e conservador. Tinha uma mulher doente e três filhos para sustentar. Simplesmente não se encorajava a trocar sua poupança por ações, mesmo sendo testemunha do que as pessoas estavam ganhando, aparentemente sem nenhum esforço.

Reduzindo a velocidade, que pouco antes fora de quase cem quilômetros por hora, o expresso *Wolverine*, procedente de Nova York, se aproximava de Detroit. Iniciava-se a terceira semana de janeiro de 1929 e a paisagem estava coberta de neve. Dos vagões, os passageiros já podiam ver o enorme prédio cinzento, todo feito em blocos de pedra, da sede da General Motors. Mas, devido a distância, ninguém podia distinguir a letra "D" esculpida em vários pontos da fachada.

O "D" se referia a William Crapo Durant, ou Billy Durant, um dos passageiros do trem. Nas últimas quatorze horas ele permanecera em total isolamento, em sua suíte privativa na composição da New York Central. Durante esse tempo, garçons haviam servido o jantar e o café da manhã na sala de estar da suíte e um camareiro armara e desarmara a cama, com colchão de crina de cavalo e travesseiro estofado com penas de ganso.

Durant, um homem elegante, de fala macia e hábitos requintados, já ganhara 100 milhões de dólares especulando com ações em Wall Street. Numa das duas vezes em que detivera o controle acionário da General Motors, quase conseguira comprar a Ford Motor Company, de Henry Ford, por 8 milhões de dólares. O

negócio só não se concretizou porque o banco que iria financiar a operação roeu a corda no último minuto, após Ford ter aceitado a oferta.

Billy Durant era um homem tão importante que se permitia ir a Washington visitar o escritório de transição de Herbert Hoover, presidente eleito dos Estados Unidos e que ainda não tomara posse, sem ter uma entrevista previamente agendada. E Hoover sempre o recebia.



William (Billy) Crapo Durant, fundador da General Motors e um dos maiores especuladores de Wall Street
Década de 1920
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Pouco antes de deixar Nova York, Durant fora convidado por John Jakob Raskob, seu ex-companheiro de General Motors, para ser um dos sócios na construção do Empire State Building. Essa proposta martelou em sua mente ao longo de toda a viagem. Seu hemisfério cerebral aventureiro lhe induzia a aceitar o convite. O outro

lado, o da prudência, mostrava o risco de fracasso de um empreendimento tão colossal.

Com certeza a banda da aventura prevaleceria. Pois uma das máximas de Billy Durant era: "O dinheiro é apenas emprestado a um homem; ele chega ao mundo sem nada e vai embora sem nada."

Após desembarcar na Michigan Central Station, a principal de Detroit, Durant dirigiu-se para a limusine que o esperava junto à entrada. Seguiu nela para Flint, cem quilômetros a sudeste, cidade onde passara a infância — embora tivesse nascido em Boston — e para onde sempre retornava para se recuperar das tensões do mercado.

A notícia de que Billy Durant se dirigia a Flint chegou a Charles Stewart Mott, segundo homem em hierarquia da General Motors, trazendo-lhe grande desconforto. Mott devia ao outro muitos favores, inclusive o de o ter levado, durante a gestão de Durant na GM, para trabalhar na empresa, onde Mott fez carreira meteórica e se tornou milionário graças às gratificações e ao direito de comprar ações da companhia por seu valor contábil, muito abaixo dos preços de mercado. Foi também Billy Durant que financiou a campanha eleitoral que fez de Mott prefeito de Flint entre 1912 e 1914.

O pavor de Charles Mott era que, algum dia, Durant lhe pedisse um favor em retribuição aos seus, quem sabe o de ajudá-lo a armar um complô que levasse Billy Durant a obter, pela terceira vez, o controle da GM, coisa que Mott não faria de modo algum, pois jamais trairia o então presidente da empresa, Alfred Sloan, com quem se relacionava magnificamente. Seus medos nunca se concretizaram, mas, mesmo assim, Mott se assustava toda vez que Durant surgia no estado de Michigan.

Mott enviuvara duas vezes. Sua primeira mulher, Ethel, com quem tivera três filhos, morrera em 1924, ao despencar — pelo menos foi essa a conclusão da polícia — da janela do quarto do casal. O segundo casamento foi com Mitties, uma divorciada, e durou apenas sete meses. Ela morreu em consequência de uma infecção de garganta, no remoto rancho de Charles Mott no Arizona.

Agora Mott mantinha um romance quase secreto com a jornalista Dee Van Balkom Furey, editora da revista *Bridle and Golfer*, de 29 anos, 24 a menos do que Charles. Ela o cobria de agrados e atenções, tendo acendido nele a chama de uma paixão mais condizente com a de um adolescente. Só os amigos mais íntimos do casal sabiam do caso e desconfiavam de que Dee estivesse interessada apenas na fortuna do industrial.

Além de suas posições na General Motors, Charles Mott era o maior acionista e presidente do Conselho (*chairman of the board*) do Union Industrial Bank, de Flint, o mesmo no qual a jovem Jolan Slezsak e o carteiro Homer Dowdy tinham suas

poupanças guardadas. Mas Mott pouco interferia nas atividades do banco, confiando-as a diretores profissionais e a pessoas de seu círculo de amizades, entre os quais distribuíra os assentos do Conselho.

Raríssimas vezes Charles Mott comparecia às reuniões do banco. Se fizesse isso mais amiúde, talvez, graças à sua experiência em negócios, descobriria uma fraude que lá se iniciara, comandada de dentro da própria instituição. Os desfalques no Union, que no início foram pequenos, agora cresciam como uma planta bem-regada e adubada.

O National City Bank, de Charles Mitchell, com sede em Nova York, tornara-se o maior do país. Já vendera ao público americano 15 bilhões de dólares em títulos. Só em 1928 os salários de Mitchell, somados às suas participações nos lucros do banco, haviam atingido a soma fantástica de 1.316.634,14 de dólares. E ele achava que 1929 seria um ano ainda melhor.

Em questões de política monetária, Mitchell se julgava tão importante quanto os conselheiros da Reserva Federal, não escondendo de ninguém, muito menos da imprensa, a avaliação que fazia de si próprio. Agora, em fevereiro de 1929, o banqueiro estava revoltado com a decisão da Reserva de recomendar aos bancos diminuir os empréstimos às sociedades corretoras das bolsas, para desinflar um pouco a bolha no mercado de ações. Com efeito, a recomendação provocara uma queda de 21 pontos no índice da Bolsa de Valores de Nova York.

Tendo descoberto que Billy Durant estava em Flint, e sabendo que ele e o presidente eleito Herbert Hoover eram amigos pessoais, Mitchell telefonou para o especulador e pediu-lhe que alertasse Hoover de que o FED estava tentando matar a galinha dos ovos de ouro. Durant prometeu ajudá-lo. Afinal de contas, boa parte de suas operações especulativas com ações passava pelo National City.

Da janela de sua suíte no Hotel Durant, um dos diversos estabelecimentos da cidade que levavam seu nome, Billy via o Union Industrial Bank do outro lado da rua. Era um prédio em estilo clássico, com quinze andares, arcos no térreo e duas torres de aço no terraço sustentando antenas de rádio. Certa vez, Charles Mott, da General Motors e *chairman* do Industrial, o convidara a investir no banco. Mas Durant declinou do convite. Já ouvira dizer que Mott pouco se interessava pela instituição, raramente indo lá e deixando para outras pessoas a condução dos negócios.

Na segunda-feira, 4 de março de 1929, Herbert Hoover tomou posse em Washington, tornando-se o 31º presidente dos Estados Unidos. Em seu discurso inaugural enfatizou a imposição da lei. Era um tema bem apropriado. As cidades da América estavam se tornando cada vez mais violentas.

Em Chicago, Nova York, São Francisco e Detroit grupos rivais de gângsteres guerreavam pelo controle do comércio ilegal de bebidas alcoólicas. A luta pelo cumprimento da Lei Seca estava sendo perdida em todas as frentes; o governo

federal acabara de anunciar a demissão de 706 agentes por aceitarem subornos dos proprietários de *speakeasies*. Estimava-se que Al Capone, o bandido número um de Chicago, em cuja folha de pagamento constavam policiais, juízes e políticos, tivera uma renda líquida de 25 milhões de dólares em 1928.

Uma das primeiras ordens do presidente Hoover foi a de quebrar o domínio de Capone naquela cidade. Isso seria feito por agentes do Tesouro, que os próprios bandidos e a opinião pública apelidariam de Os Intocáveis.

Burlar a Lei Seca não era a atividade mais danosa ao país. Nesse quesito, os gângsteres perdiam feio para os magos de Wall Street. Os banqueiros especulavam na Bolsa com o dinheiro de seus depositantes, como fazia a National City Company, de Charles Mitchell. Havia também os *pools*, puxadas organizadas pelos grandes mestres da manipulação de cotações.

Em cada fusão e aquisição de empresas os *insiders* (detentores de informações privilegiadas) ganhavam uma fortuna. Assim como ganhavam fortunas aqueles que emitiam papéis artificiais de *holding companies*, cuja única função era possuir outras *holding companies* sem que nenhum dos imprudentes gananciosos que compravam as ações dessas empresas soubessem o fim que a elas se destinava. Sabiam apenas que seus preços subiriam, o que de fato já vinha acontecendo. Portanto, estavam todos felizes: gângsteres, banqueiros, corretores e operadores de ações e especuladores. Quase ninguém perdia dinheiro.

A bolha inflava, mas ainda tinha muita resiliência.

Sempre empurrando o carrinho de sua irmã menor, Margaret, Jolan Slezsak percorria uma das plataformas da estação ferroviária de Flint para ver a partida do expresso noturno para Nova York. Apesar de jamais ter feito a jornada do trem, ela conhecia a rota de cor: Detroit, Toledo, Youngstown, Pittsburgh, Washington, Baltimore, Filadélfia e, finalmente, o terminal da Grand Central, em Nova York. Um dia, pelo menos era o que sonhava, ela faria isso. Só tinha 15 anos e muita coisa ainda iria acontecer em sua vida.

Desta vez Jolan estava tendo de lidar com um imprevisto. Uma das garrafas de gim colocadas no fundo falso do carrinho se quebrara e o líquido pingava no chão, deixando um rastro no caminho, fora os vapores etílicos que emanavam da pequena Margaret. Como a garotinha estava muito feliz e ria à toa, Jolan suspeitava que ela tivesse se embebedado com os eflúvios da bebida.

Só faltava um agente da Lei Seca surgir por ali, sentir o cheiro do gim e fazer uma revista no carrinho. Mesmo assim, Jolan decidiu ficar na plataforma. Ela simplesmente não resistia à tentação de mais uma vez curtir o calor da caldeira da

locomotiva, aspirar o aroma do carvão e da fumaça e ver o trem partir, o que aconteceria logo, pois os últimos passageiros estavam embarcando apressadamente.

Jolan Slezsak acabou reconhecendo um deles. Tratava-se de Billy Durant, cuja fotografia ela já vira várias vezes nos jornais que forravam o chão da destilaria de sua casa. Só que ele era muito mais baixo do que ela imaginara, talvez devido ao contraste com os homenzarrões que conduziam sua bagagem.

A menina se roeu de inveja ao ver que Durant dera um quarto de dólar para cada carregador. Em poucos segundos ele distribuíra mais dinheiro para aqueles homens do que o seu padrasto lucrava em uma noite inteira de trabalho destilando bebidas.

Assim que o expresso partiu, Jolan não quis dar mais chance ao azar e, em vez de completar a rota de entrega daquela noite, optou por voltar para casa. No caminho, passou pelo Union Industrial Bank. Imediatamente ela se lembrou dos quatrocentos dólares deixados por seu pai. Fechou os olhos e conseguiu ver o dinheiro na gaveta de um cofre do subsolo. Seu padrasto lhe explicara que todos os dias alguns centavos eram acrescentados à poupança. Ainda de olhos fechados, Jolan viu *pennies*, *nickels* e *dimes* caindo sobre as notas de dólar.

Jolan não entendia por que o banco, além de tomar conta de seu dinheiro, ainda acrescentava mais algum. "Se eles fazem isso com todo mundo", ela pensava, "como é que conseguem ter lucro?".

Todas as luzes da sede do Union Industrial Bank estavam acesas. Jolan se aproximou de uma das janelas do térreo. Ficou impressionada com o tamanho e a imponência do saguão e com o brilho dos boxes gradeados dos caixas. "Por que será que eles não apagam as luzes já que não há ninguém lá dentro?", ela se perguntou. Dar dinheiro para as pessoas, desperdiçar eletricidade, "seu" banco era mesmo maluco.

Jolan Slezsak retomou o caminho de casa sem ter a menor noção de que na sala do Conselho do Union Industrial, nos fundos do andar térreo e revestida de paredes de carvalho, quinze homens se reuniam ao redor de uma mesa polida. Um enorme quadro retratando o presidente do Conselho, Charles Stewart Mott, dominava o ambiente.

Se retratos pudessem ver e ouvir, aqueles quinze homens seriam presos. Eram todos executivos, funcionários administrativos, tesoureiros e caixas do banco, supostamente pessoas de confiança da instituição. Eram também os sócios de uma operação de desfalque que subtraía dinheiro das contas dos clientes para aplicá-lo em operações alavancadas na Bolsa de Valores. Em suma, defraudadores.

Entre eles estava Frank Montague, um dos vice-presidentes do Union Bank, homem alto e magérrimo, com a pele empalidecida de um cadáver, que acompanhava atentamente as discussões. Frank não se considerava um ladrão. Segundo sua moral elástica, ele e seus sócios estavam apenas tomando dinheiro

emprestado, dinheiro esse que logo seria reposto, uma vez que, segundo o juízo geral, era quase impossível perder dinheiro na Bolsa naqueles tempos de euforia.

Nos últimos anos, Montague contraíra inúmeras dívidas, que ultrapassavam em muito sua capacidade de pagá-las com seu salário. Mesmo assim ele fazia questão de manter o alto padrão de vida de sua mulher, Louise, e de seus filhos. Se por acaso fosse pego, preso, julgado e enviado para uma prisão, sua família passaria necessidade. Por isso, nas últimas semanas Frank Montague não conseguia dormir direito à noite, rolando na cama para lá e para cá.

"Aposto que isso é tensão por causa do trabalho", deduzia Louise, que não fazia a menor ideia da encrenca na qual o marido poderia estar se metendo.

Já Milton Pollock, um bonitão de 39 anos, vice-presidente do banco e também envolvido nas fraudes, conseguia afastar pensamentos pessimistas. Do contrário, enlouqueceria. Homem de família, tinha sua mulher, Elizabeth, muito doente e filhos pequenos para criar. O tratamento dela consumia todo o seu salário. Foi o desejo de obter dinheiro extra para pagar os remédios que levara Pollock a participar das falcatruas.

Ivan Christensen, tesoureiro assistente do Union Industrial Bank, um homem tremendamente exibido, roubava para manter um estilo de vida que julgava compatível com sua função. Seu salário de 93,75 dólares por semana jamais lhe permitiria pagar as mensalidades dos diversos *country clubs* que ele e sua mulher, Betty, frequentavam.

O casal se relacionava com a nata da sociedade de Flint. Ela se vestia nas melhores lojas, comprava os sapatos e bolsas mais caros e Ivan só usava ternos e camisas finos. Ivan e Beth haviam construído uma mansão de 75 mil dólares no bairro mais exclusivo da cidade, cujas prestações Christensen pretendia pagar com os lucros da especulação que, tal como seus sócios, fazia com o dinheiro do banco.

Christensen fora o pioneiro do grupo. Desde o início do ano de 1928, ele, trabalhando sozinho, começara a desviar fundos das contas dos clientes para comprar títulos nos mercados de Nova York e de Chicago. Teve sorte de principiante e acumulou alguns lucros. Sentindo-se um profissional, decidiu trocar de lado e tornou-se um urso. Vendeu ações a descoberto e perdeu dinheiro, anulando o ganho inicial. Desde então, não parou mais. Roubar tornou-se uma necessidade para cobrir os rombos pessoais. Tornou-se também um vício.

Em meados de 1928, Ivan Christensen percebeu que outros funcionários e executivos do banco faziam a mesma coisa e o mesmo aconteceu com os colegas em relação a ele. Daí a formarem um clube de investimentos, se é que a quadrilha podia receber tal nome, foi um passo. Referiam-se a si próprios como a Liga de Cavalheiros. No primeiro trimestre de 1929, o montante desviado do Union Industrial Bank pela Liga já passara de 2 milhões de dólares.

Fora também Christensen que sugerira a reunião semanal dos conspiradores, sempre à noite, após os demais executivos e funcionários terem ido embora. Nesses encontros, eles examinavam a carteira de ações da Liga e discutiam novas oportunidades de investimentos.

A presença de John de Camp no grupo fazia os outros relaxarem um pouco. Não sem razão: De Camp era o vice-presidente sênior do banco. Tratava-se também de um aristocrata. Vestia-se com o maior apuro. Do bolso de seu colete pendia um sólido relógio de ouro. Na verdade, ele não precisava ter-se unido àquele clube pois não enfrentava dificuldades financeiras. Casado, pai de quatro filhos, John estava de mudança para uma espaçosa casa na rua mais elegante de Flint, a Circle Drive, sem depender para isso dos lucros da Liga.

John de Camp era ladrão mais por esporte. Certa ocasião, num surto de sinceridade, dissera ao colega vice-presidente, Frank Montague: "O jogo do *bull-market* me pegou e não sei como parar."

Curiosamente, tanto John de Camp como Frank Montague eram acionistas do banco que roubavam.

Se havia alguém que não deveria estar ali de modo algum, mas estava, era Robert Brown, um caixa de 29 anos. Robert era simplesmente filho do presidente do banco, Grant Brown, de 56 anos, que não fazia a menor ideia do que acontecia na instituição sob seu comando. Pudera. O senhor Brown passava a maior parte do tempo fora do escritório, viajando e curtindo com sua segunda mulher — a primeira, mãe de Robert, falecera — a vida mundana da alta sociedade do estado de Michigan.

Os demais integrantes da Liga de Cavalheiros eram Elton Graham, o tesoureiro sênior do Union Industrial; Russell Runyon, perito em cálculos e contabilidade, que se encarregava de escamotear as fraudes do grupo adulterando os livros contábeis; e os caixas James Barron, Farrell Thompson, Robert McDonald, George Woodhouse, Clifford Plumb, Mark Kelly, David McGregor e Arthur Schlosser.

Apesar da alta consistente do mercado de ações, a turma da Liga não vinha se dando bem, geralmente comprando quando a Bolsa caía, vendendo quando subia. O mais desastrado de seus integrantes era Elton Graham, que não acertava um palpite sequer, o que gerava profunda irritação em seus comparsas.

Embora supostamente a Liga de Cavalheiros fosse um colegiado, cada um agia por conta própria, seja nos desfalques nas contas correntes, seja nas aplicações na Bolsa. Na reunião daquela noite, por exemplo, que a cada minuto ficava mais tensa, Ivan Christensen anunciou que a conta que abrira numa corretora estava no vermelho em 70 mil dólares. Milton Pollock revelou a mesma coisa, só que num valor menor: 50 mil.

Se um cliente do banco de repente resolvesse sacar seu dinheiro e sua conta fosse uma das adulteradas, imediatamente Runyon fazia uma mágica contábil, desviando recursos de outro correntista. A coisa poderia funcionar assim durante meses e meses a fio, a não ser que surgisse uma auditoria ou então que os prejuízos se avolumassem demais, fora a hipótese de um crash na Bolsa ou de uma corrida bancária, caso em que todos os clientes poderiam querer zerar suas contas ao mesmo tempo.

Havia também empréstimos fictícios, geralmente em nome de pessoas proeminentes, com assinaturas falsificadas em notas promissórias. Era outra fonte de recursos da Liga de Cavalheiros. O dinheiro, supostamente emprestado, era jogado na Bolsa e a promissória ficava como contrapartida nos livros contábeis. O próprio *chairman* do banco, Charles Mott, e celebridades como Billy Durant, Henry Ford, Joseph Kennedy e George F. Baker, presidente do First National Bank of New York, constavam dessa lista falsa de devedores notáveis.

Apesar do nervosismo natural pelo prejuízo acumulado, os cavalheiros da Liga permaneciam confiantes de que o *boom* da Bolsa ainda duraria muito tempo e eles não só cobririam os desfalques como sairiam ricos do episódio. Pelos menos é o que afirmavam uns para os outros naquelas "reuniões de Conselho".

"No final vai dar tudo certo", repetiam a todo momento, em meio a risadinhas forçadas. "O que a gente precisa é dar uma grande porrada (*killing*). Temos que nos concentrar nisso."

O sempre imaginativo Christensen deu uma nova sugestão:

"Vocês sabem que muitas mulheres tendem a deixar as chaves de seus cofres alugados no próprio banco. Quando se tratar de dinheiro vivo, a gente pode usar esses recursos para jogar no mercado."

Alguém não gostou muito da ideia: "E se uma delas aparecer de repente, querendo levar a grana?"

Christensen sorriu com condescendência.

"É simples, pedimos para a cliente esperar um pouquinho, pegamos o dinheiro de outro cofre e transferimos para o dela. Você não acha que todas vão aparecer ao mesmo tempo. Ou acha?"

"É, penso que não. Vai contra a lei das probabilidades."

Apesar de todo esse trabalho incansável e das horas insones, os membros do Clube continuavam se mostrando inábeis para ganhar dinheiro na Bolsa. Ivan Christensen fez questão de encerrar o encontro com mais uma mensagem de otimismo.

"Nós vamos ficar ricos. Muito ricos", ele afirmou, sem que sua voz revelasse indecisão. "O mercado vai subir como jamais subiu em tempo algum." Vaticínio no qual estava totalmente certo.

A TOCA DO URSO

O índice de preços das ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York medido pelo *The New York Times* subira 207% entre janeiro de 1924 e janeiro de 1929, saindo de 110 para 338 pontos. Graças à alavancagem praticada à larga, que potenciava os lucros, novos milionários surgiam a cada dia. Um assento na Bolsa, cujo volume de negócios não parava de subir, valia agora meio milhão de dólares.

Apesar da grande euforia que se apossara dos *traders*, Charles Merrill continuava pessimista. Em um memorando enviado ao seu sócio, Edmund Lynch, Charles insistiu que os dois precisavam manter a corretora Merrill, Lynch & Co. com bastante liquidez, pois considerava inevitável um colapso da Bolsa.

"É apenas uma questão de tempo", proclamava convicto.

Charles Merrill não era o único que enxergava nuvens cinzentas no horizonte. A Sociedade de Economia da Universidade de Harvard pressentia uma recessão nos próximos meses. "A atividade econômica está se contraindo nos Estados Unidos", concluiu um dos relatórios semanais da instituição.

Outro que continuava achando que o mercado de ações seria abalado por um crash era o banqueiro Amadeo Peter Giannini, que agora passava parte de seu tempo na sede nova-iorquina do Bank of America. Quase sempre se fazia acompanhar da filha Claire, que aos poucos ia se tornando o braço direito do pai.

Para a maior parte da imprensa e dos analistas de mercado, esses palpites *bearish* (relativos aos ursos) eram típicos de gente perdedora, agourenta e impatriótica. O especulador Will Payne, por exemplo, escreveu um artigo na revista *World's Work*, publicado em janeiro de 1929, no qual reduzia o cenário da Bolsa a uma fórmula tão simplista quanto simplória.

"Alguém compra uma ação a cem dólares e vende por 150. O segundo comprador passa o papel adiante por duzentos. E o terceiro, por 250. É só o mercado continuar nesse ritmo que todo mundo ganha", argumentou ele.

Em janeiro, as médias industriais do *Times* haviam subido trinta pontos e o total de empréstimos bancários levantados pelas corretoras se elevara a 260 milhões de dólares. A partir do Ano-Novo passou a ser normal o volume diário da Bolsa de Nova York ultrapassar a marca de 5 milhões de ações. Raros eram os dias em que não surgiam pelo menos dois ou três novos consórcios de investimento.

Nesse mesmo mês, janeiro, a J. P. Morgan and Company lançou ações de um consórcio, a United Corporation, e vendeu os papéis para uma série de amigos e

sócios da Casa Morgan pelo valor unitário de 75 dólares. Uma semana depois a United foi lançada na Bolsa, abrindo a 92 dólares, garantindo aos bem-aventurados compradores iniciais um lucro de 22%. Era a América rica e feliz, a América que Will Payne vaticinava em suas colunas.

Um dos contemplados com as ações da United, comprando-as diretamente da Morgan, foi John Jakob Raskob, que continuava dividindo seu tempo entre especulações e sua ideia fixa de construir o Empire State Building. Assim que a United chegou à Bolsa, Raskob tratou de realizar o lucro, pois sabia que os bens do novo consórcio (cotas de outros consórcios) valiam muito menos do que o valor que o mercado estava atribuindo às suas ações.

Fevereiro de 1929 não foi um mês tão bom quanto janeiro. Tudo porque o Banco da Inglaterra elevou sua taxa de juros de 4,5% para 5,5%, numa tentativa de reduzir o fluxo de dinheiro da City de Londres para Wall Street. Em 7 de fevereiro, por exemplo, outro dia em que foram negociadas 5 milhões de ações na Bolsa, as médias industriais do *Times* caíram onze pontos. Novas quedas, embora menores, aconteceram nas sessões que se seguiram.

"Apenas uma saudável realização de lucros." Os otimistas repetiram sua argumentação preferida.

O *boom* econômico em alguns setores parecia dar razão aos touros. A United Airlines, por exemplo, acabara de lançar a primeira linha de passageiros costa a costa usando um trimotor que levava apenas 28 horas para ir de Nova York a Los Angeles, incluindo nesse tempo várias escalas para abastecimento de combustível e um pernoite no meio do caminho. Os voos de malas postais estavam em seu quinto ano. No chão, as ferrovias competiam com as empresas de caminhões na busca pelas melhores fatias do lucrativo transporte transcontinental de cargas.

As emissoras de rádio, agora em seu décimo ano de transmissões, cresciam mais do que qualquer outro ramo de atividade, com exceção dos negócios do mercado de Wall Street. Nas linhas de montagem de Detroit, alguns automóveis já saíam da fábrica equipados com aparelhos de rádio.

Se havia alguém que se preparava não só para não perder, mas também para ganhar quando a Bolsa desmoronasse, esse alguém era Joe Kennedy. Nos últimos anos, além de seus negócios em Hollywood, Kennedy jogara com enorme sucesso no mercado de ações, quase sempre apostando na alta.

Agora Joe começara a liquidar seus papéis, mas isso não lhe bastava. Ele queria estar vendido a descoberto, ser um autêntico urso, quando o pânico começasse. Não era uma coisa fácil. Seria preciso estimar, com precisão, o momento de virada do mercado para poder enfrentar e abater os touros. Caso contrário, se errasse o *timing*,

seria atropelado pela manada ignara que vendia seus bens pessoais e ainda pegava dinheiro emprestado nos bancos para comprar ações.

Antes de conceber sua estratégia, Joe Kennedy decidiu sondar a opinião de Jack Morgan a respeito da tendência do mercado. Sabia que Morgan era um homem frio e calculista, que jamais se deixava guiar por emoções.

Certa manhã de fevereiro, Kennedy dirigiu-se à Casa Morgan. Não se preocupou em telefonar antes agendando uma visita, certo de que seu nome e sua reputação seriam suficientes para que Morgan o recebesse. Mas não foi isso que aconteceu.

Joe Kennedy subiu os seis degraus de granito da entrada da Morgan, no número 23 de Wall Street, e passou pelas portas duplas de acesso ao prédio. Foi imediatamente bloqueado por um porteiro.

"Sou Joseph Patrick Kennedy e vim ver o senhor John Pierpont Morgan Jr." Joe não se intimidou com a presença do homem e fez questão de ser seco e formal. Para sua surpresa, o outro agiu da mesma maneira.

"O senhor tem um encontro marcado?", limitou-se a perguntar o porteiro, sem alterar o semblante. E talvez tivesse feito a mesma coisa se por ali surgisse o herói nacional Charles Lindbergh ou o prefeito de Nova York, Jimmy Walker.

"Não, não tenho. Mas estou certo de que Jack me receberá." Joe Kennedy usou o apelido de Morgan para impressionar o serviçal que bloqueava seu caminho. "Diga a ele que é Joe Kennedy, de volta de Hollywood."

O porteiro hesitou um pouco. Percebendo-o de pronto, Kennedy engrossou o tom.

"Seja rápido, homem. Eu não tenho o dia todo." Ao dizer isso com acidez, Joe obteve sua primeira vitória. Após conversar com alguém através de um interfone, o homem conduziu Kennedy até uma antessala separada de um enorme saguão por paredes e portas de vidro. Lá dentro ficavam os sócios e os executivos importantes da Morgan, assim como suas secretárias.

"Por favor, senhor Kennedy. Aguarde aqui."

Deixando Joe Kennedy de pé, o porteiro abriu a porta do salão e entrou. Joe podia ver como era lá dentro. Numa área de aproximadamente 4,5 mil metros quadrados, os dirigentes sentavam-se em escrivaninhas com tampas articuladas de correr. Apenas divisórias baixas de vidro separavam uns dos outros. O piso era de mármore cor-de-rosa. Algumas paredes laterais eram forradas de madeira; outras, de couro. Do alto das janelas pendiam cortinas pesadas. Jamais Joe vira um lugar que combinasse tão bem requinte e austeridade monástica.

Kennedy viu o porteiro alcançar a ala dos sócios, onde uma secretária já o aguardava. Os dois trocaram algumas palavras. Kennedy conhecia alguns homens que estavam lá dentro: Thomas Lamont, segundo em hierarquia na Morgan; seu

filho, Thomas Stilwell Lamont; Henry Sturgis Morgan e Henry Davidson. Mais ao fundo, Jack Morgan examinava alguns papéis em sua escrivaninha.

A secretária foi até Morgan e lhe disse alguma coisa. Os dois conversaram por não mais do que alguns segundos. Ela então regressou para falar com o porteiro. Este, mais do que depressa, saiu do salão e informou a Joe Kennedy:

"O senhor Morgan está muito ocupado para recebê-lo."

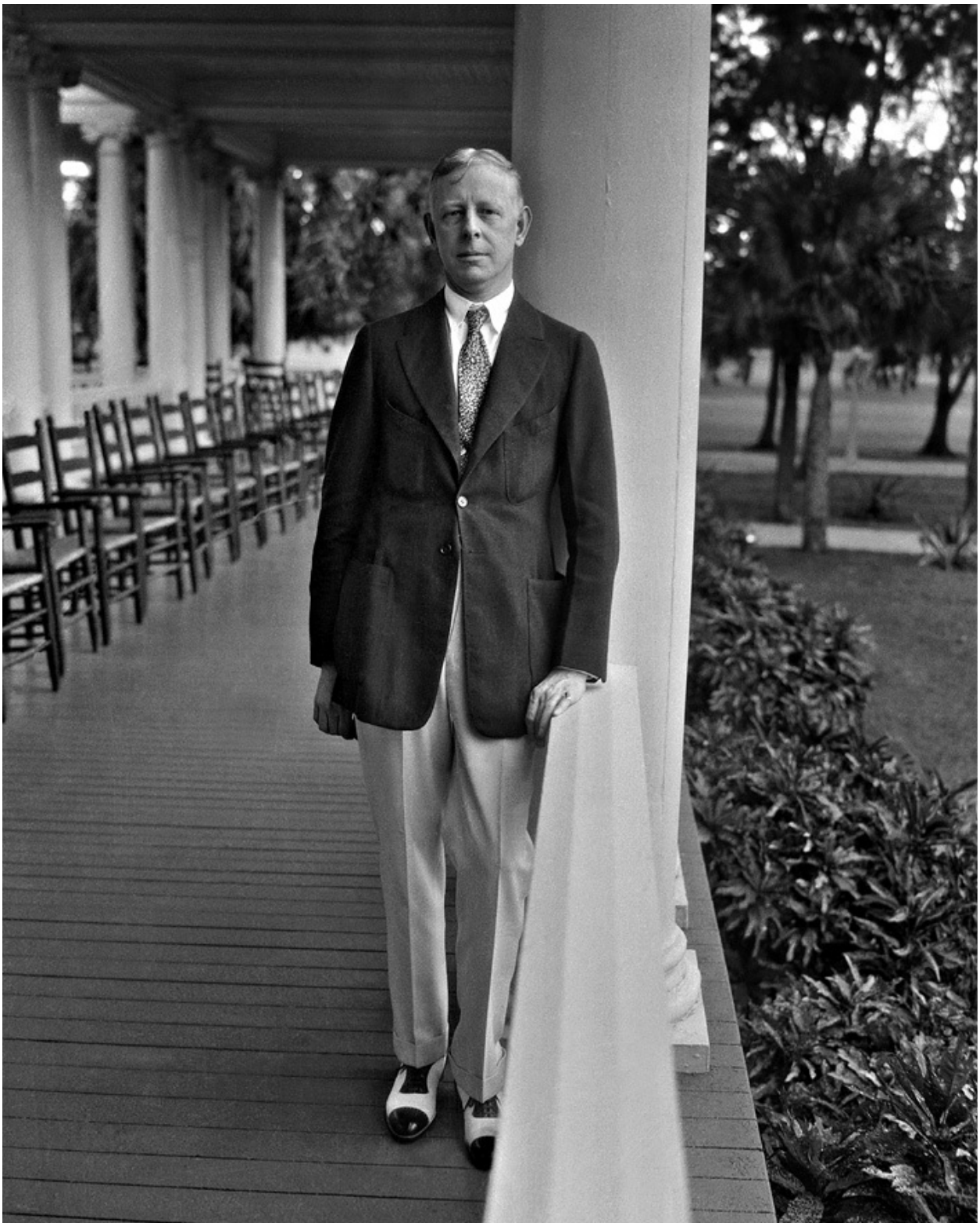
Kennedy ficou em silêncio. Girou sobre os calcanhares e foi embora da Casa Morgan, determinado a se vingar da desfeita tão logo surgisse uma oportunidade.

Uma das primeiras pessoas a saber da humilhação de Joe Kennedy foi Jesse Livermore, que estava na suíte de seu escritório no 18º andar do Heckscher Building, na Quinta Avenida. Rei da baixa, urso maior, Livermore gostava de alardear para seus amigos mais íntimos e para suas amantes que nada acontecia em Wall Street sem que ele tomasse conhecimento imediato. Para isso, tinha uma enorme rede de informantes.

Como sabia tirar proveito de quase todos os fatos, por mais desimportantes que parecessem no início, Livermore anotou o incidente Kennedy-Morgan em um de seus inúmeros caderninhos, acrescido do seguinte comentário:

"Quando tiver uma oportunidade, Joseph Kennedy irá retaliar contra J. P. Isso poderá afetar o mercado."

A toca do urso Jesse era a mais bem-aparelhada de Nova York. Vinte analistas, todos discretíssimos, colhiam informações por intermédio de linhas particulares de telégrafo e dezenas de telefones cujos números não apareciam nos catálogos. Numa parede, as cotações da Bolsa eram anotadas em um quadro-negro com, no máximo, um minuto de atraso, limite de tolerância de Livermore. Estatísticos e grafistas completavam a equipe de apoio. Aproximadamente sessenta pessoas trabalhavam exclusivamente para prover o urso de Boston com os dados e notícias dos quais ele necessitava para agir antes dos demais *traders*, tão logo uma nova tendência começava a se delinear.



Jesse Livermore, aos 47 anos
25 de dezembro de 1924
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Jesse Livermore não tinha clientes. Só negociava por conta própria. E conseguia ser um dos mais bem-sucedidos operadores de ações apesar de seus enormes custos operacionais. Para alguns de seus pares, tratava-se de um gênio. Para outros, de um bruxo. Mas boa parte da Rua não gostava dele justamente pelo fato de Livermore trabalhar quase sempre vendido a descoberto, tentando forçar o mercado para baixo e estragar a festa da maioria.

Embora fosse casado, o apetite de Jesse Livermore se dividia entre a Bolsa e as mulheres. Gostava de sair à noite pelas ruas de Manhattan em seu Rolls-Royce amarelo-canarinho caçando garotas para satisfazer seu insaciável apetite sexual.

Se havia alguém que sabia conciliar trabalho e lazer, este era Livermore. Jesse possuía diversas mansões, um iate, um vagão ferroviário e um avião particular. Seus charutos eram enrolados especialmente para ele em Cuba. Para suas recepções, nas quais cortejava algumas das mulheres mais bonitas da América, ele comprava grandes quantidades de champanha francês contrabandeado e caixas e mais caixas de caviar iraniano. Mas nada o deixava mais excitado do que uma *killing* no mercado, principalmente se na "porrada" houvesse um lado perdedor bem identificável.

Mais do que Joe Kennedy, mais do que Amadeo Peter Giannini, mais do que Charles Merrill, mais do que os estudiosos de Harvard, Jesse Livermore tinha certeza de que um novo crash estava a caminho. Mas, tal como os outros, Livermore sabia que não bastava ser pitonisa. Era preciso acertar na mosca o *timing* do colapso.

Nem Kennedy, Giannini, Merrill e Livermore tinham a menor ideia da avalanche de ordens de compra de ações que, ainda naquele ano, iriam fluir de todos os recantos dos Estados Unidos da América, inclusive dos mais remotos, para Wall Street, na apoteose do maior *bull-market* da história.

18 DESENCANTOS DO CASAMENTO

Amadeo Peter Giannini e sua mulher, Clorinda, estavam hospedados em uma suíte do Hotel Ritz de Nova York. À noite, Giannini costumava sentar-se ao piano de cauda da sala de estar da suíte e cantar árias de óperas, acompanhando-as ao instrumento. Claire, que ocupava um quarto adjacente, ficava feliz ao ouvir a voz de barítono do pai.

Naquela noite o recital foi rápido, pois A. P. Giannini tinha um importante compromisso de jantar. Após seu rompimento com Jack Morgan, Amadeo procurava novos parceiros na cidade e um dos visados era o banco comercial e de investimentos Blair and Company. Blair, o maior acionista da instituição, morava em sua propriedade nas Bermudas e deixava seus negócios nas mãos de Elisha Walker, um nova-iorquino de 49 anos, graduado de Yale e do MIT. Era justamente com Walker que Giannini iria se encontrar.

Essa foi apenas a primeira de diversas reuniões exploratórias de lado a lado. Nessas oportunidades, A. P. descobriu, para sua satisfação, que Elisha era um homem franco e de mente aberta a inovações, sem nenhum traço da arrogância e ar de superioridade tão comuns nos executivos de Wall Street.

Após vários dias de conversas, Elisha Walker viajou para as Bermudas para informar ao seu patrão, Blair, sobre as intenções de Giannini.

"Eu preciso da *expertise* de vocês. Eu quero a sua companhia", dissera Amadeo a Elisha. "Diga isso a Blair."

O resultado foi um convite formal de Walker a Giannini para um jantar na sede da Blair em Nova York, o Blair Building. Quando chegou lá, pontualmente às vinte horas, Amadeo Peter Giannini foi levado até a sala do Conselho, onde Walker e outros onze sócios do banco o saudaram calorosamente. A maioria era composta de jovens na casa dos 30 anos.

Não poderia passar desapercebido a Giannini que os futuros sócios em potencial queriam agradá-lo. Na mesa e nos aparadores havia garrafas de seu vinho preferido, assim como travessas de antepastos de sua predileção. De um cômodo anexo emanava o aroma inconfundível da cozinha italiana, da qual uma grande variedade de pratos começou a ser servida em seguida.

Os sócios da Blair participavam do conselho de quase duzentas companhias americanas e estrangeiras e a instituição fazia empréstimos regulares para governos de outros países. A Blair and Company administrava também um fundo de 55

milhões de dólares, o Petroleum Corporation of America. Com a cadeia de bancos de Giannini, e sua ampla atuação na Costa Oeste, os dois grupos se completavam.

Após o jantar, no qual os homens praticamente só conversaram sobre amenidades, todos se dirigiram a uma sala próxima. Então Elisha Walker disse a A. P. o que A. P. queria ouvir.

"Nós estamos prontos para sermos absorvidos pelo Império Giannini. É a única maneira de enfrentarmos os grandes conglomerados financeiros que estão se formando em Wall Street."

O arquiteto William Lamb, escolhido pelo magnata John Jakob Raskob para projetar o Empire State Building, tinha pesadelos terríveis todas as noites. Nesses sonhos ele via o gigantesco arranha-céu desabando sobre vários quarteirões da ilha de Manhattan, deixando dezenas de milhares de pessoas soterradas sob toneladas de ferro, aço, vidro e blocos de pedra e de concreto. Tudo porque, ainda no campo dos sonhos, ele errara nos cálculos da estrutura.

Além do entusiasmo com seu prédio, Raskob era um dos especuladores mais otimistas de Wall Street. Ele endossava os slogans do *boom*: "Seja um touro na América"; "Nunca venda os Estados Unidos a descoberto".

Certa noite, em fevereiro de 1929, enquanto John Raskob e William Lamb conversavam sozinhos no escritório de Raskob na cobertura do número 230 da Park Avenue, o arquiteto apresentou ao investidor o primeiro esboço do Empire State.

John Jakob Raskob quase perdeu o fôlego ao ver o desenho do prédio em forma de um lápis.

"Vai custar 60 milhões de dólares", informou Lamb.

Raskob não piscou um olho.

"O dinheiro já está reservado", limitou-se a dizer. "Basta entregar o prédio no prazo. Deixe o resto comigo."

Na compra do terreno, não houve barganha. Os proprietários do Waldorf Astoria haviam dado seu preço, 16 milhões de dólares, e John Raskob preenchera um cheque na hora.

Por mais que seus amigos íntimos o desaconselhassem, Charles Stewart Mott, 53 anos, segundo em comando e poder na General Motors e presidente do Conselho do Union Industrial Bank, de Flint, resolvera se casar pela terceira vez, agora com a jornalista divorciada Dee Van Balkom Furey, 29. Os dois marcaram, em segredo, a cerimônia para a sexta-feira, 1º de março. Tudo o que Mott não queria era publicidade na imprensa sobre o casamento.

Na última vez em que Mott conversara ao telefone com Grant Brown, presidente do Union Industrial, Brown lhe disse que os negócios estavam

prosperando. Mas cobrou de Mott uma visita a Flint, coisa que o *chairman* do banco, mesmo tendo sido um dia prefeito da cidade, não fazia havia meses. Dee simplesmente não gostava de lá, um lugar muito pequeno e provinciano para uma pessoa tão cosmopolita quanto ela. Dee Furey chegou a ter um chilique quando Charles sugeriu que passassem a lua de mel em uma mansão que ele possuía em Flint.

No ano de 1928, Charles Mott recebera, entre salários e bônus, mais de um milhão de dólares. Seus investimentos no mercado de ações haviam rendido mais do que o dobro disso. E tudo indicava que 1929 seria um ano ainda melhor, tanto profissionalmente como em sua vida pessoal, agora que iria se casar com uma mulher tão brilhante e tão mais jovem do que ele.

No final de fevereiro de 1929, Michael Meehan, o especialista da Radio Corporation of America no pregão da Bolsa de Valores de Nova York, decidira dar uma nova puxada no preço das ações da RCA. Segundo seu raciocínio, a cotação nominal do papel estava muito baixa: setenta dólares. Não levou em conta o fato de que a Radio dera uma bonificação de cinco por uma. Quem tinha cem ações ficou com quinhentas ações. Daí o fato de o preço ter caído de 420 para os tais setenta.

"Mas setenta é baixo", cismava Meehan. "Dá pra dar uma porrada."

Junto com Percy Rockefeller, Billy Durant, Charles Mitchell, Ben Smith e Tom Bragg, os dois últimos da W. E. Hutton and Company, Meehan acabara de ganhar uma fortuna no *pool* da Anaconda Copper. Mas o pessoal de Wall Street era insaciável.

"Porrada dada é passado", pensava Meehan. "Agora é partir para a Radio, que ficou de graça. Pelo menos é o que os investidores vão achar quando começarmos nossa campanha."

Outra razão para que Michael Meehan tivesse escolhido aquele momento para puxar a Radio, era que em alguns dias o último *pool* especulativo com o papel completaria um ano. Naquela ocasião, em apenas 24 horas, de 12 a 13 de março de 1928, a RCA subira espantosos quarenta pontos.

Enquanto brincava com suas filhas no estúdio de seu apartamento de quatorze quartos na rua 67 Leste, Meehan fazia contas mentalmente. Cada vez ficava mais convencido de que a RCA poderia ser a *killing* do ano. De vez em quando sua mulher, Elizabeth, 36, com quem Michael estava casado havia dezoito anos, entrava no estúdio para servir salgadinhos e refrescos para o marido e as meninas.

Para compor o *pool* da Radio, Michael Meehan pensava em convocar Rockefeller, Raskob e Billy Durant. Avaliara também a possibilidade de chamar Joe Kennedy, mas rumorejava-se na Rua que ele estava se transformando em um urso.

Além disso, algumas fontes confiáveis haviam dito a Meehan que Kennedy fora escorraçado por Jack Morgan. E ninguém de bom senso traria um possível inimigo dos Morgan para participar de um *pool*.

Como toda puxada na Bolsa precisava de um gerenciamento central para definir os *timings* e as estratégias, Michael Meehan pretendia sondar Bragg e Smith, da Hutton, para a função. Eram os melhores de Wall Street. Ao contrário do *pool* da Anaconda, programado para se arrastar ao longo de vários meses, a ideia de Meehan era que a tacada da Radio fosse brusca e desconcertante, durando apenas uma semana.

De acordo com as normas da Bolsa de Nova York, Michael Meehan não poderia possuir ações da Radio, uma vez que era o especialista do papel. Mas nada impedia que sua mulher, Elizabeth, agisse como "laranja". Isso já acontecera diversas vezes e Michael não via razões para não recorrer novamente ao estratagema. Era só dar os papéis para ela assinar, o que Elizabeth fazia sem ler e sem hesitações.

Sem saber que seu nome fora cogitado, e descartado, para participar de um *pool* da Radio, Joe Kennedy desfrutava de uma temporada em sua casa de praia de Palm Beach, na Flórida, acompanhado de Rose e das crianças.

Embora sua decisão de vender ações a descoberto estivesse de pé, Joe vinha protelando a ação. As notícias que lia nas páginas do *The New York Times* todos os dias lhe mostravam que a temporada do urso ainda não chegara. Num outro compartimento de sua mente, Kennedy continuava determinado a vingar-se da descortesia de Jack Morgan, mas para isso também teria de aguardar o momento certo.

Para evitar o assédio da imprensa, o industrial e banqueiro Charles Stewart Mott e a jornalista Dee Van Balkom Furey se casaram quase em segredo na Igreja Episcopal de Trinity, na pequena cidade de Toledo, no estado de Ohio. À cerimônia, simples e curta, realizada de manhã, compareceram apenas os familiares do noivo e alguns convidados de seu círculo mais íntimo, tendo todos assumido o compromisso de não revelar o local e a hora para ninguém.

No aeroporto de Toledo, um trimotor Ford de propriedade de Earle Halliburton, magnata do petróleo, diretor da Southwest Airlines e um dos maiores amigos de Mott, aguardava os noivos para levá-los para o rancho de Charles, no Arizona. A escolha do local não podia ser mais infeliz, pois havia sido exatamente naquele lugar remoto que, um ano antes, a segunda mulher de Charles Mott, Mitties, também em lua de mel com ele, contraíra a infecção de garganta que a matou apenas sete meses depois do casamento.

Se a decisão a respeito da viagem para o Arizona foi péssima, a escolha da noiva, por parte de Mott, não ficou nada a dever em inépcia, tal como haviam suspeitado os amigos do industrial. Desde os primeiros minutos de casada, Dee se revelou uma mulher implicante e mal-humorada, impaciente com todos. Curiosamente, as únicas pessoas que ela chamou para assistir ao casamento foram o senhor e a senhora Prewitt Semmes, sendo ele seu advogado, já de prontidão para um possível e, pelo que se pode deduzir, premeditado, litígio.

Após um almoço na casa de Halliburton, Charles e Dee deram adeus aos convidados e se dirigiram ao avião que rapidamente decolou para o longo voo até o Arizona. Já eram quatorze horas.

A aeronave ainda estava nos procedimentos de subida quando Dee Mott se queixou da turbulência e da poltrona desconfortável. Emburrada, ela se reclinou no assento e não quis conversa com o marido. Os dois seguiram viagem em absoluto silêncio.

Uma hora após a decolagem, quando sobrevoavam a cidade de Anderson, 250 quilômetros a sudoeste do ponto de partida, o trimotor foi surpreendido por uma tempestade de neve. O piloto se afastou dali, saiu de sua rota e foi obrigado a voar mais baixo para se orientar pelos acidentes geográficos do solo. Não demorou muito e confessou aos seus dois passageiros: "Infelizmente, nós estamos perdidos."

"Tudo por sua culpa", Dee disse ao marido. "Bem que eu falei que a gente deveria ter passado a lua de mel em Detroit. Só você mesmo para ter essa ideia maluca de ir para o Arizona."

Charles Mott ignorou as lamúrias da mulher e gritou para o piloto:

"Voe mais baixo. Vamos procurar um lugar para fazer um pouso forçado."

Como Indiana é um estado essencialmente plano, os dois logo descobriram uma plantação numa pradaria. O Ford conseguiu fazer um pouso forçado, suas rodas se afundando na lama. Em menos de cem metros, o avião parou totalmente. Todos a bordo estavam ilesos.

A sra. Mott foi a primeira a cair fora do avião e dirigiu-se para a sede da fazenda próxima de onde o trimotor se atolara. Para sorte de Dee, lá havia um aparelho telefônico. Usando os serviços da telefonista de Anderson, Dee Furey, em vez de dar notícias aos seus parentes, ligou para ninguém menos do que o advogado Semmes, que ainda estava na festa na casa de Halliburton, em Toledo. Informou-o sobre o que acontecera.

Como Dee se recusou a dormir num lugar tão precário como a casa da fazenda, Mott convenceu o dono da propriedade a levá-los de carro até Anderson, onde, segundo o fazendeiro, havia um hotel. Quando chegaram lá, Dee Mott reclamou das instalações, dos quartos pequenos e mal mobiliados e do serviço.

Após uma noite no hotel o casal Mott seguiu viagem, agora de trem, para o rancho do Arizona, onde permaneceram uma semana. Charles não precisou de muitas horas para constatar que Dee detestava estar em sua companhia. Ela só estivera interessada em seu dinheiro. Antes de regressarem a Detroit, a sra. Mott deixou clara sua intenção de se divorciar e que seu advogado discutiria com Mott a divisão dos bens e uma pensão em dinheiro.

"Terceira mulher! Eu sou burro mesmo!", Mott gemia a cada momento.

Se Charles Mott descobrira rapidamente os desencantos de sua jovem mulher, Jesse Livermore tinha poucas esperanças de aprender a lidar com Dorothy, com quem estava casado havia onze anos. Grande parte da culpa era dele, com seu histórico interminável de casos com amantes e prostitutas e de noites passadas fora de casa. Mas ela também tinha sua parcela de responsabilidade no fracasso do casamento.

Dorothy Livermore, 29 anos, era uma alcoólatra, vício que adquirira muito provavelmente para fugir da realidade de sua vida conjugal. A bebida, geralmente uísque, já começava a deixar traços em sua fisionomia, na silhueta, que se arredondara, e em seu comportamento. Ela se tornara uma pessoa triste quando sóbria e agressiva quando bêbada.

Quando as crises de sua mulher se tornavam especialmente agudas, Livermore, avisado pelos criados, deixava seu complexo de escritórios no Heckscher Building e corria para o luxuoso apartamento no número 817 da Quinta Avenida para evitar que Dorothy, ou Dotsie — que era como ele a chamara nos primeiros anos —, cometesse uma sandice irreversível na presença dos dois filhos do casal, Jesse Jr., de 9 anos, e Paul, um garotinho extremamente bem-humorado, um ano mais moço do que o irmão.

Em 1929 a Lei Seca era uma peça de ficção em Nova York, cidade onde adquirir bebidas em um dos milhares de contrabandistas das máfias locais era tão fácil quanto comprar verduras em um mercado.

Jesse Livermore já poderia ter se divorciado de Dorothy há muito tempo, mas o medo de que ela ficasse com a guarda dos filhos, que o idolatravam, o tolhia. Mesmo porque ele também adorava os garotos.

10 ESPERTOS E OTÁRIOS

Exatamente às dez horas da manhã de terça-feira, 12 de março, quando soasse o gongo de abertura do pregão da Bolsa de Valores de Nova York, Michael Meehan acompanharia atentamente o início da puxada das ações da Radio, versão 1929, na qual o dinheiro do especialista da RCA seria posto em risco.

Após despedir-se de sua mulher, Elizabeth — em cujo nome seriam executadas algumas das ordens do *pool* —, e de suas duas filhas pequenas, Meehan, tenso, emendando um cigarro no outro, seguiu no Rolls-Royce guiado por John, o chofer da família, para o prédio da Bolsa.

A logística da operação seria coordenada por Tom Bragg e Ben Smith, da W. E. Hutton and Company. O estopim da puxada fora um documento de três páginas, em papel timbrado da companhia de Meehan, distribuído para os investidores e especuladores de seu círculo e rotulado como "particular e confidencial", convidando-os a participar do *pool*.

Sessenta e oito desses homens responderam positivamente ao convite, entre eles James Riordan, amigo de Meehan, cuja única atividade na vida era especular com ações; John Jakob Raskob, que concordou em depositar um milhão de dólares; Billy Durant, com 400 mil; Percy Rockefeller, com apenas 75 mil dólares; além de Walter Chrysler, fundador da montadora Chrysler, e Bradford Ellsworth, também especulador profissional, que puseram no bolo meio milhão de dólares cada um. De todos eles, Ellsworth foi o único que investiu dinheiro em seu próprio nome, tendo os demais usado nomes de terceiros na operação, quase sempre suas próprias mulheres.

Somados todos os valores, os administradores do *pool*, Bragg e Smith, tinham à sua disposição 12,683 milhões de dólares para jogar na RCA.

Antes de a operação começar, só os boatos de que ela iria acontecer já haviam elevado as ações da Radio de 81,75 dólares para 89 dólares. E não pararam por aí. No domingo, 10 de março, o *Wall Street Journal* publicou a seguinte nota: "A situação financeira da Radio Corporation of America é a melhor de sua história. Agora a empresa irá expandir suas atividades para outros países."

Por causa dessa matéria, na segunda-feira as ações da Radio subiram para 92 dólares. Isso deixou aflito o grupo do *pool*, pois eles ainda não haviam sequer começado a comprar os papéis.

Nessa própria segunda, dia 11, uma nota na coluna The Trader, do *New York Daily News*, estimava uma alta rápida da RCA para cem dólares. "Amanhã, terça-feira, será um belo dia para a compra da Radio", arriscou o colunista do jornal, acertando o *timing* na mosca, pois a puxada realmente estava programada para começar no dia seguinte.

Realmente na terça, às dez horas, assim que o superintendente da Bolsa William Crawford bateu o gongo sinalizando a abertura dos negócios, no Posto 12, da RCA, sem que o especialista Mike Meehan tivesse aberto a boca — já que as ordens do *pool* eram executadas por operadores de outras sociedades corretoras, para não dar na vista —, os preços da Radio decolaram com um empuxo poucas vezes visto.

Quando surgiram alguns vendedores, atraídos pelo patamar mais alto, eles foram recebidos com vaias. Só que a pressão de compra dos touros era enorme e os ursos tiveram seus papéis sugados ou bateram em retirada, fora os que viraram casaca e engrossaram as hostes adversárias.

Ordens de compra dos papéis da RCA começaram a surgir de São Francisco, da Flórida, de Seattle e até de lugares distantes como o Havaí, influenciadas pelas matérias do *Wall Street Journal* e do *New York Daily News.* Com medo de perder o trem da alegria, os integrantes do *pool* entraram em campo. Suas primeiras ordens, executadas por volta das dez e meia, somaram 5 mil ações, compradas ao preço médio de 92 e ⅞ (sete oitavos). Segundos depois esse lote e esse preço apareceram na *ticker-tape*.

Boletins da Associated Press e da United Press informavam que a Radio se movia. Ao recebê-los, as emissoras de rádio incluíram a informação em seus programas de notícias.

Em seu escritório de Manhattan, no número 250 da Rua 57 Leste, Billy Durant esfregava as mãos satisfeito. Os 400 mil dólares que pusera no *pool* já começavam a crescer.

Ao mesmo tempo que acompanhava o mercado, Durant fazia anotações para o encontro que pretendia ter, na Casa Branca, com o recém-empossado presidente Herbert Hoover. Ele pretendia convencer Hoover de que a tentativa de endurecimento da política monetária por parte do FED era uma atitude totalmente errada e poderia interromper o *boom* econômico que o país vinha atravessando.

A notícia de que uma avalanche de ordens de compra da RCA estava inundando Wall Street chegou a Frank Montague, um dos vice-presidentes do Union Industrial Bank, em Flint. Frank apressou-se a dar conta do fato aos seus comparsas conspiradores da Liga de Cavalheiros.

Eles fizeram uma reunião para discutir a possibilidade de comprar ações da Radio. Para isso, teriam de subtrair mais dinheiro dos correntistas do banco. Acabou prevalecendo a opinião de Montague.

"Vamos aguardar mais alguns dias para ver como o papel se comporta", argumentara o vice-presidente. "Se a RCA continuar firme, nós entramos de cabeça. Quem sabe desta vez a gente cobre os prejuízos e ainda põe alguma frente. Mas é melhor esperar um pouco."

Quando, às quinze horas, William Crawford fez soar o gongo encerrando a sessão daquela terça-feira, o último negócio das ações da Radio Corporation of America havia sido fechado a 91 e ⅝. O *pool* havia comprado 392.600 ações, mas vendera 246 mil, resultando num investimento líquido de 13,5 milhões de dólares, chegando a ultrapassar o cacife de que dispunha, o que não foi um problema. Bastou a cada um deles pôr um pouco mais de dinheiro.

Quando os touros puxam uma ação ou os ursos querem derrubá-la, é preciso que atuem nas duas pontas do mercado, comprando e vendendo, usando diversos operadores (*floor traders*) para que suas intenções não fiquem óbvias. Caso contrário, a estratégia operacional se revela um desastre, exatamente o que não aconteceu naquele 12 de março de 1929.

O *pool* comprou exatamente o que queria, praticamente na quantidade que queria, sem que ninguém pudesse ter certeza de suas verdadeiras intenções. Melhor: os pequenos investidores que haviam comprado nos dias anteriores e vendido agora, se contentando com um pequeno lucro (mãos fracas, conhecidos em Wall Street como *flippers*), estavam fora. O dinheiro que entrara hoje era dinheiro novo, de investidores "mãos fortes", convictos de que a Radio era a bola da vez e que poderia enriquecê-los.

Restava agora aos puxadores o mais difícil em qualquer *pool*: vender seus papéis para uma nova onda de compradores. Essa leva, a ser criada por eles, teria de ser grande o suficiente para absorver os papéis adquiridos pelo *pool* e ainda manter a RCA subindo, para que a puxada desse lucro.

Tal mágica só era possível porque Michael Meehan, Tom Bragg, Ben Smith e seus parceiros tinham a seu soldo uma equipe de jornalistas conceituados. Conceituados aos olhos do público, que era o que interessava.

Richard Edmondson, do *Wall Street Journal*; William Gomber, do *Financial America*; Charles Murphy, do *New York Evening Mail*; J. F. Lowther, do *New York Herald Tribune*; William White, do *New York Evening Post* e W. F. Walmsley, do *The New York Times*, aceitavam suborno para divulgar notícias falsas a respeito da

empresa que os participantes de *pools* queriam puxar ou derrubar. E foi exatamente o que aconteceu na puxada da Radio Corporation of America em março de 1929.

As notícias foram tão exageradas que em 13 de março, graças a um artigo do *Wall Street Journal*, a RCA fechou a 94 dólares. No pregão seguinte, a Radio subiu para 100 dólares e meio. Nesse dia, uma declaração do secretário do Tesouro, Andrew Mellon, recomendando aos investidores trocar ações por títulos do governo, foi parar em letras miúdas nos cadernos interiores dos jornais enquanto as invencionices sobre a RCA deram manchetes de primeira página.

Na sexta-feira de 15 de março, a Radio bateu 107 dólares. No sábado, 109 e ¼. Embora ninguém soubesse, a não ser seus integrantes, o *pool* se livrou de suas últimas ações nesse sábado.

Não foi o que aconteceu com a Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank, de Flint. Após tantas notícias favoráveis à RCA, e com o mercado demonstrando enorme força, nos últimos dias eles resolveram entrar de cabeça no papel. Só que, sem o apoio do *pool* e com o fim das notícias otimistas nos jornais, na segunda-feira, 18 de março, a Radio caiu para 101 dólares e, no dia seguinte, para 92 e meio.

No sábado, 23, os cavalheiros da Liga não tiveram outro remédio a não ser liquidar sua nova e desastrada posição, pois os corretores que os atendiam estavam exigindo reforços de margens. O preço médio de venda foi de 87 e ¼.

O rombo estava cada vez maior. E os defraudadores só tinham duas alternativas: se entregar à polícia ou partir para outra jogada. Após se reunirem na sala do Conselho, com os nervos em frangalhos, optaram pela segunda.

O lucro líquido do *pool* concebido por Michael Meehan foi de 4.924.078,68 de dólares, distribuído entre seus participantes proporcionalmente à participação de cada um. Embora quase todo mundo em Wall Street agora soubesse dos detalhes da puxada escandalosa, em 1929 isso contava como mérito, esperteza, jamais como patifaria. A Rua dividia os homens em duas categorias: espertos e otários.

A PITONISA DO CARNEGIE HALL

Após acertar a fusão de seus negócios bancários na Costa Leste com a Blair and Company, Amadeo Peter Giannini, acompanhado de sua mulher Clorinda e de sua filha Claire, retornava à Califórnia de trem. Em cada parada, as últimas edições dos jornais locais eram levadas à cabine privativa de Giannini. Assim, ele pôde acompanhar o que acontecia de importante nos Estados Unidos e no mundo. As matérias que faziam referências à família eram recortadas e guardadas numa pasta por Clorinda.

Claire Giannini estava imersa em outros pensamentos. Alguma coisa em Elisha Walker a incomodava. Walker, responsável pela direção da Blair, agora seria o presidente da Bancamerica-Blair Company e *chairman* do comitê executivo do novo banco. Esses cargos fariam dele o segundo homem em importância do conglomerado, atrás apenas de seu pai.

Nas reuniões de Amadeo e Claire com Elisha em Nova York, ela o achara encantador e polido. Encantador demais, polido demais, subserviente, enfim, um bajulador que concordava com tudo o que A. P. dizia. Isso, na opinião de Claire Giannini, poderia estar encobrindo uma dissimulação. Mas ela não quis falar sobre o assunto durante a viagem. Deixaria para mais tarde, em casa. Não desconsiderava também a possibilidade de estar enganada a respeito de Elisha Walker.

Evangeline Adams era a mais famosa vidente da América. Em seu consultório no prédio do Carnegie Hall, em Nova York, ela se valia do estudo dos astros, de bolas de cristal, cartas de tarô e leitura de mãos. Ficara rica prevendo o futuro, principalmente o futuro do mercado de ações, cujas altas e baixas vinha acertando desde 1927.

A pitonisa de Wall Street se limitava a prever como o índice industrial Dow Jones, da Bolsa de Valores de Nova York, iria se comportar. Como o Dow praticamente não fazia outra coisa exceto subir, e era isso que ela quase sempre vaticinava, o percentual de acerto da vidente era enorme.

Na segunda-feira, 25 de março de 1929, o urso Jesse Livermore, tocaiado em seu retiro na Quinta Avenida, resolveu bater no mercado. Os integrantes do Conselho da Reserva Federal, em Washington, encontravam-se reunidos havia vários dias. A demora, ao modo de ver de Livermore, só podia significar que seus membros

estavam em desacordo. Como desacordo gera incerteza, e incerteza derruba as bolsas, Jesse deu início a uma sequência de vendas a descoberto.

Quando, às dez horas, o superintendente William Crawford bateu o gongo e deu início à sessão do dia, Livermore disparou pelo telefone para diversas sociedades corretoras uma saraivada de ordens de compra e de venda de papéis, de modo que ninguém podia saber a origem dessas ordens e mesmo se o especulador que as passava era um touro ou um urso. Sendo um ás em seu métier, Jesse Livermore, que sempre conseguia camuflar suas intenções, conseguiu vender na surdina, a descoberto, grandes lotes de ações, pois suas vendas superaram por larga margem as compras.

Como qualquer urso que se preze, Livermore foi dormir vendido. Se dormiu tranquilo ou se passou a noite insone, a história não registrou. O fato é que não poderia ter tomado decisão mais acertada.

No dia seguinte, terça-feira, persistindo a indecisão dos conselheiros do FED, as taxas de juros do *call money* (empréstimos dos bancos às corretoras para financiar os especuladores) haviam subido para 20% ao ano, o maior nível desde 1920. Quando o painel elétrico do recinto de negociações anunciou o novo patamar das taxas, as cotações desmoronaram. Em meio ao pânico, 8.246.746 ações mudaram de dono, de longe o maior volume da história da Bolsa até então.

Jesse Livermore recomprou os papéis que vendera na véspera, realizando um lucro de 200 mil dólares. O urso estava em plena forma.

Charles Mitchell, presidente do National City Bank, não gostou nem um pouco da baixa. Convocou uma coletiva de imprensa e criticou severamente a junta da Reserva na capital federal, embora ele mesmo fosse um dos diretores seniores do Federal Reserve Bank de Nova York.

"A partir de agora o FED de Nova York ignorará as instruções vindas do Conselho em Washington", anunciou Mitchell.

Daí em diante, uma séria divergência se estabeleceu entre as autoridades monetárias de Nova York e de Washington, que iria pesar nos trágicos acontecimentos do quarto trimestre de 1929.

Mitchell deixou bem claro para a imprensa, e, portanto, para o público, que o FED de Nova York e seu próprio banco, o National City Bank, disponibilizariam o dinheiro necessário para que os tomadores de empréstimo o usassem a seu bel-prazer, seja para comprar uma casa ou um carro novo, seja para jogar na Bolsa.

Embora a prática fosse proibida por lei, o National City especulava com suas próprias ações ou financiava terceiros para que o fizessem. Entre janeiro de 1928 e o final de março de 1929, as ações do banco haviam subido 150%, saindo de 785 dólares para quase 2 mil dólares, uma rentabilidade excepcional para os que não

operaram alavancados e estratosférica para aqueles que o fizeram, usando dinheiro emprestado pelo próprio National.

A vidente Evangeline Adams continuava a fazer grande sucesso. Muitos investidores, inclusive corretores e operadores profissionais, a procuravam. Entre seus clientes estava Charles Schwab, magnata do aço, ex-presidente da United States Steel, de onde se transferira para a liderança da Bethlehem Steel. Antes de comprar ou vender qualquer título na Bolsa, Schwab consultava Evangeline. O mesmo fazia a rainha do cinema, Mary Pickford.

Para a arraia-miúda, que não tinha condições financeiras de consultá-la pessoalmente, Evangeline Adams editava um boletim mensal explicando como a mudança da posição dos planetas afetava o preço das ações. Cada um dos 100 mil exemplares do boletim era vendido por cinquenta centavos.

Os palpites de Evangeline não eram as únicas orientações desprovidas de lógica seguidas pelos investidores e especuladores americanos. Outros serviços, sistemas e doutrinas os mais estapafúrdios eram obedecidos à risca. Uma dessas doutrinas se baseava na crença de que nenhum *bull-market* poderia entrar em colapso em um mês que não tivesse um "R" no nome. Outra estabelecia que o comportamento das ações dependia da posição do sol. Havia também a Teoria da Ostra, que demonstrava por A + B que o mercado sempre atingia seu pico na estação das ostras.



A astróloga Evangeline Adams em seu consultório no Carnegie Hall
Nova York, década de 1920
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Nenhum desses métodos se equiparava em número de adeptos aos conselhos de Evangeline Adams. Dizia-se que o próprio John Pierpont Morgan pai, falecido em 1913, não fazia negócios sem consultá-la.

Certa vez, ainda segundo rumores jamais investigados, o venerando financista fizera um investimento de 100 milhões de dólares simplesmente porque a astróloga lhe dissera que Áries estava em posição favorável em relação ao sol. De acordo com os adeptos da vidente, J. P. obtivera um lucro tão grande com a aplicação dos 100 milhões que levara Evangeline em seu iate para um extenso cruzeiro particular, no qual o magnata se esmerou em descobrir "os métodos científicos" usados por ela. Se encontrou uma resposta para seus questionamentos, Morgan a guardou para si.

Alguns integrantes da realeza europeia também consultavam Evangeline regularmente. Quanto mais ela cobrava, mais sua fama crescia. E acabou se

tornando uma autora de profecias autorrealizáveis.

"Vai subir", a astróloga do Carnegie vaticinava. Todos compravam e o mercado subia mesmo. O mesmo acontecia na baixa.

As paredes da antessala de Evangeline Adams eram decoradas com retratos autografados de alguns de seus clientes mais célebres, entre eles o tenor Enrico Caruso (Peixes), John Pierpont Morgan pai e Mary Pickford (ambos Áries) e Charles Schwab (Aquário), cuja foto ampliada ocupava uma parede inteira.

Evangeline Adams previa sua própria morte para 1932. Em meados do primeiro trimestre de 1929, ela estava pesadamente comprada em ações e pretendia continuar assim por um bom tempo, tal como recomendava aos seus consulentes. Aqueles que entravam em sua sala como ursos saíam metamorfoseados em touros.

"As taxas dos *call loans* vão subir em breve. O mercado vai cair e isso será uma ótima oportunidade de compra. Não perca." Ela concluía sua sessão erguendo-se da cadeira para indicar ao cliente que a consulta estava encerrada.

Numa suíte do agora condenado hotel Waldorf-Astoria, cujo prédio iria ser demolido para dar lugar ao Empire State Building de John Jakob Raskob, um grupo de mulheres de todas as idades se reunia. Sentadas em sofás e poltronas que formavam um círculo, as senhoras e senhoritas discutiam apenas um assunto: ações. Era apenas um dos milhares de clubes femininos de investimentos semelhantes que se espalhavam por todo o território dos Estados Unidos.

De quando em vez um garçom, o único personagem masculino permitido na suíte, entrava trazendo bandejas com café, drinques e delicados sanduíches de pepino e punha tudo sobre uma mesa de centro, retirando-se em seguida com a louça usada.

Fumando cigarros turcos da moda, na ponta de longas piteiras, elas discutiam lucros, dividendos, fusões, aquisições e formações de novos consórcios e *pools*. Uma *ticker-tape* num canto do aposento, com seu matraquear, trazia os últimos negócios da Bolsa. Os números eram anotados em um quadro-negro por duas moças que usavam guarda-pós azuis.

"A Radio está começando a se mexer", observava uma das investidoras, apontando para o quadro. "Acho que é hora de comprar."

"Vejam a Steel (United States Steel)", dizia outra. "Vocês não acham que está barata? Meu mari… eu fiquei sabendo que eles vão dar mais uma bonificação. Já a Copper (Anaconda Copper) está cara. Será que não vale a pena vendê-la a descoberto?"

"Eu jamais faço isso", revelou uma terceira. "Para baixo tem limite. Para cima é o infinito. Além disso, acho impatriótico."

Um murmúrio de aprovações e desaprovações seguiu-se aos comentários. A

reunião esquentou e elas gostavam disso. Fazia com que se sentissem *traders* profissionais.

A sociedade de consumo americana, aquela em que todos seriam ricos, se aproximava de seu auge. Na classe média, cada vez maior, as famílias se sentiam obrigadas a possuir um carro, um aparelho de rádio, uma geladeira, uma máquina de lavar roupa, banheiro com água corrente e sistema de aquecimento para enfrentar o inverno. Mais do que isso: não bastava ter o carro ou a lavadora. Era preciso que fosse o último modelo, para não despertar o falatório depreciativo dos vizinhos.

Pagar não era problema; os bancos financiavam. Prazos de hipotecas eram ampliados, linhas de crédito, aumentadas. Fazia-se tudo para a economia dos Estados Unidos crescer mais e mais.

De vez em quando surgia alguma pessoa mais sensata para mostrar a realidade que os americanos viviam. No dia 8 de março de 1929, por exemplo, o respeitado banqueiro judeu nova-iorquino Paul Warburg, do International Acceptance Bank, alertou a respeito do grande risco que os investidores estavam correndo ao aderir sem freios à orgia alavancada na Bolsa, cujas cotações subiam havia cinco anos, com apenas algumas interrupções.

"Se a Reserva Federal", declarou Warburg, "não adotar uma política monetária enérgica que ponha um dique na especulação desenfreada, vamos ter um colapso desastroso. Os perdedores não serão apenas aqueles que investem em ações, mas o país inteiro. Poderemos ter uma depressão geral".

O mínimo que os touros disseram de Paul Warburg era que se tratava de um homem antiquado que estava "entravando a prosperidade norte-americana". Outros o acusaram de estar vendido a descoberto na Bolsa. Como o mercado continuava subindo, as críticas se transformaram em chacotas, entremeadas de antissemitismo.

Com a chegada da primavera, a *ticker-tape* da Bolsa de Valores de Nova York já não conseguia acompanhar o andamento dos negócios. Atrasos de 45 minutos tornaram-se rotina. Nas corretoras de valores de todo o país, os investidores e especuladores passaram a operar em voo cego, comprando e vendendo sem saber o preço na hora.

Só que, para a maioria deles, isso não representava um entrave. Pessoas que se orientavam por videntes, por bolas de cristal, pela temporada das ostras ou por letras nos nomes dos meses bem que podiam operar no escuro. Bastava comprar, à vista ou a termo, pois o mundo era definitivamente dos touros. A não ser, é claro, que a Reserva Federal, em Washington, fizesse prevalecer sua ideia de dificultar os financiamentos para o mercado de ações.

21 PENETRA NA CASA BRANCA

Casados havia 21 anos, o megaespeculador Billy Durant e sua segunda mulher, Catherine, continuavam apaixonados um pelo outro. Uma das razões pelas quais o casal vivia tão bem era o fato de que ela tolerava todas as excentricidades do marido. Que não eram poucas.

Não raro Billy saía à noite do apartamento em que viviam, no número 905 da Quinta Avenida, com magnífica vista para o Central Park, para disputar uma partida de xadrez com o cabineiro do elevador do prédio — enquanto os dois subiam e desciam transportando os usuários —, ou então passar um fim de semana ausente de casa numa maratona de pôquer, em cuja mesa era capaz de apostar 10 mil dólares numa única mão de cartas.

Para aquele dia Durant tinha planos especiais, dos quais apenas Catherine tomara conhecimento. Ele viajaria de Nova York a Washington para discutir aspectos do mercado de ações com o presidente Herbert Hoover. O detalhe curioso era que não se dera ao trabalho de telefonar solicitando uma audiência.

"Hoover é meu amigo", pensava Billy, "e não vai deixar de me receber".

Em vez de ir para a estação ferroviária com seu chofer, Billy Durant, para preservar o sigilo, pegou um táxi. No início da tarde, já em Washington, se hospedou no Hotel Carlton. Naquela noite, sem que Durant soubesse, Hoover seria anfitrião de um jantar para as figuras mais importantes do Poder Judiciário Federal.

Pouco depois das nove da noite, Billy Durant, vestindo um terno cinzento escolhido por Catherine, seguiu de táxi para a Casa Branca. Embora três presidentes dos Estados Unidos — Abraham Lincoln, James Garfield e William McKinley — tivessem sido assassinados, a segurança do palácio era precária. Quando os guardas de um dos portões viram o táxi que conduzia Durant se aproximar, julgaram que se tratava de um dos convidados para o jantar. Sem pedir nenhuma identificação, fizeram sinal para que o carro seguisse para o pátio.

Mais adiante, já na entrada do prédio, um porteiro negro se dirigiu ao táxi. Perguntou o nome do passageiro e constatou que não havia nenhum William Crapo Durant na lista de convidados.

"Eu sou o senhor Billy Durant", disse o próprio. "Desejo ver o presidente. Vá chamar o mordomo."

O tom de comando de Durant foi tão incisivo que o porteiro, pedindo para que o visitante aguardasse ali na porta, entrou. Poucos minutos depois, voltou com o

mordomo, um homem vestindo casaca e luvas brancas e que olhou arrogantemente para Billy Durant.

"William Durant, para ver o presidente."

Billy tinha uma maneira toda especial de lidar com criados esnobes. Deu certo. O mordomo, intimidado, voltou para o interior do prédio e retornou com o secretário particular de Hoover.

"Senhor Durant, o financista?", indagou o secretário.

"Sou eu mesmo. Trata-se de um assunto importante e inadiável, de interesse do país. Agora vá até Hoover e diga-lhe que seu amigo Billy Durant está aqui e deixe que ele decida se quer me receber ou não."

"Mas ele está no meio de um jantar com..."

William Durant não deixou que o homem prosseguisse.

"Faça o que eu disse. Vá e chame o presidente. Hoover ficará muito grato com o que vou lhe dizer."

Enquanto o secretário, entre perplexo e indeciso, sumiu lá para dentro, o mordomo encaminhou Durant para uma sala de espera.

Para surpresa dos serviçais, minutos depois Herbert Hoover veio até onde Durant o aguardava.

"Billy", disse Hoover. "É melhor que isso seja mesmo importante. Eu abandonei meus convidados."

Em pouco mais de dez minutos William Crapo Durant explicou ao presidente Herbert Hoover que se o Conselho da Reserva Federal continuasse insistindo em controlar os empréstimos para compra de ações (*call loans*), um colapso na Bolsa de enormes proporções seria inevitável.

"Impedir isso ou não depende exclusivamente de você", Billy disse a Hoover.

Sem fazer nenhum comentário, Herbert Hoover agradeceu o alerta de Durant e voltou para seus convidados. Mas o especulador saiu da Casa Branca certo de que impressionara o presidente e que este tomaria algum tipo de atitude, mesmo sendo a Reserva Federal uma instituição autônoma.

Hoover confiava muito na competência de Durant. Por isso, transmitiu como se fossem seus os temores do financista de Nova York ao presidente do Conselho da Reserva, Roy Young, que não quis assumir os riscos de um crash na Bolsa. Após consultar seus colegas, a Reserva abandonou a ideia de cercear os *call loans*, tal como vinha insistindo Charles, *chairman* do National City Bank e diretor da Reserva em Nova York.

Até o momento o *boom* de 1929 estava salvo. Haveria dinheiro farto para a orgia da especulação alavancada, pois todas as cancelas estavam abertas para o expresso desembestado do *bull-market*.

22
UM ENGRAXATE BEM-INFORMADO

Jack Morgan fazia questão de que os executivos da J. P. Morgan, além de estarem sempre impecavelmente trajados, mantivessem seus sapatos limpos e reluzentes. Para os sócios e diretores da firma, isso não era problema. Mandavam engraxá-los em casa e, como iam para o trabalho em limusines, não ficavam expostos a poças, à lama da neve fora de época daquele início de abril e a pisões de terceiros.

O mesmo não acontecia com Charlton MacVeagh, filho de Charles MacVeagh, o embaixador dos Estados Unidos no Japão, e noivo de Adele, filha de Edwin Merrill, presidente do Bank of New York. Charlton ia de metrô, sempre superlotado na hora do *rush* matinal, da rua 57, onde ficava seu apartamento, até Wall Street.

Para chegar com os calçados totalmente limpos no escritório, MacVeagh parava todas as manhãs na banca de engraxate de um jovem de 19 anos, Pat Bologna, situada no número 60 de Wall Street, a pouco mais de um quarteirão da Casa Morgan. Por um *dime* (dez centavos), Bologna fazia um sapato parecer novo em folha. E, muito mais do que isso, provia seus clientes com as dicas e boatos que influenciariam a Bolsa naquele dia.

Pudera. Pat Bologna era engraxate de Ben Smith — um dos chefões da W. E. Hutton —, de Joseph Kennedy, de Charles Mitchell e de Billy Durant, além de diversos outros banqueiros, investidores e especuladores do primeiro time da Rua.

De cada um que sentava na cadeira de sua banca, Bologna pedia conselhos sobre o mercado de ações e depois repassava as indicações para os demais, que também davam seus pitacos. Sem exagero, podia se afirmar que Bologna formava o consenso do mercado para a sessão do dia. Muita gente até dava uma lambuzadinha no sapato só para ter o pretexto de parar lá.

Bologna, evidentemente, não trabalhava só pelos *dimes*, por mais numerosos que fossem. Dentro de suas limitações financeiras, baseava-se nas dicas que recebia para se valer de *call loans* com os quais negociava uma grande variedade de ações. E jamais deixava de jactar-se com seus fregueses quando conseguia cavalgar uma vencedora. Assim foi aumentando sua fama.

Nos últimos oito anos, George Whitney, um dos sócios seniores da Morgan, estava envolvido em uma operação no mínimo pouco profissional. George vinha

emprestando vultosas quantias a seu irmão Richard, vice-presidente da Bolsa de Valores de Nova York.

Os primeiros empréstimos, feitos em 1921, tinham sido pequenos. E foram acompanhados de aulas de George para Richard sobre os princípios de administração de recursos, aulas essas que de pouco adiantaram. Além de incompetente como *trader*, Richard Whitney era um perdulário. Isso não impediu que o irmão continuasse a abastecê-lo de dinheiro.

Em 1928, Richard recebeu 100 mil dólares da Morgan, supostamente para comprar uma casa. Mas o dinheiro foi alavancado na Bolsa em operações com margens. Deu tudo errado e agora Richard Whitney já devia à Casa Morgan quase 600 mil dólares, o que não o impediu de solicitar mais 175 mil, desta vez para investir em uma empresa de fertilizantes na Flórida, um dos papéis mais especulativos do mercado. Novamente George cedeu, dessa vez para que o irmão não se tornasse inadimplente e o rombo não fosse descoberto na firma. Só lhe restou rezar para que Richard estivesse certo em seu palpite.

Como seria de se supor, os 175 mil viraram pó. Só que Richard Whitney pediu mais. Precisava de meio milhão de dólares para comprar um assento adicional da Bolsa de modo a expandir sua firma. Mais uma vez George topou a parada e o débito de Richard subiu para 1,375 milhão de dólares, nada que pudesse arranhar os cofres abarrotados da J. P., mas o suficiente para uma demissão sumária de George se os demais sócios da Casa soubessem o que estava acontecendo. Só havia uma solução: tentar recuperar o dinheiro emprestando mais.

"Em algum momento", achava — ou pelo menos torcia — George Whitney, "isso vai ter de dar certo".

Uma das razões pelas quais o débito sem lastro de Richard Whitney com a Casa Morgan ainda não fora descoberto era que, de acordo com a política da companhia, nenhum auditor podia examinar seus balanços contábeis. A J. P. Morgan and Company era a mais fechada das empresas. Não devia, nem dava satisfações a ninguém.

Com a data do noivado de Charlton MacVeagh e Adele Merrill marcada, a preocupação de Adelaide, mãe da noiva, se concentrava na festa que iria acontecer no Colony Club no dia 26 de abril. Enquanto isso, em Flint, Michigan, os detalhes de outro noivado estavam sendo discutidos. O curioso é que, nesse segundo caso, nem a noiva nem o noivo tinham conhecimento do fato.

Após o café da manhã, Barbara e Andrew, mãe e padrasto da jovem Jolan Slezsak, ainda em seus 15 anos, mandaram a garota sair de casa com seus irmãos mais moços, Frank e Margaret. Era para eles darem uma longa caminhada pelas

florestas além da cidade, pois o casal tinha alguns assuntos importantes de adultos para conversar.

Quando Jolan voltou para casa com os irmãos, o reluzente Chevrolet do senhor Goldberger, advogado da comunidade húngara de Flint, estava estacionado na porta. No mesmo instante, como se estivesse esperando por Jolan, Goldberger saiu da casa, tirou de um dos bolsos do colete um *quarter* (moeda de 25 centavos) e o deu para as duas crianças menores irem comprar balas no armazém da esquina. O advogado então pegou Jolan pela mão e a levou para dentro da casa, onde cinco pessoas se reuniam em volta da mesa da sala de estar: Andrew e Barbara, outro casal mais ou menos da mesma idade e um jovem. Todos pareciam ansiosos.

Jolan viu que o rapaz era filho do casal, pois tinha as maçãs do rosto iguais às da mãe e as mesmas sobrancelhas espessas do pai. O jovem examinava Jolan com curiosidade e isso fez a orelha da moça enrubescer e a pele formigar.

Goldberger sentou-se na cabeceira da mesa e pôs Jolan ao seu lado. Virou-se para ela e fez as apresentações:

"Jolan, estes são o senhor e a senhora Vargo e o filho deles, Steve."

O casal Vargo limitou-se a um aceno de cabeça para a garota. Já Steve sorriu, impressionando Jolan com sua dentição branca e perfeita. Ela concluiu que se tratava de um bom rapaz. Então se lembrou de que já o vira outras vezes. Steve e sua família moravam a umas dez quadras de distância. Jolan indagou-se sobre a razão de eles estarem ali. Estando o advogado presente, só poderia ser algo importante.

Goldberger virou-se para Steve e perguntou:

"Você tem 19 anos?"

"Sim, 19."

"Trabalha na Buick?"

"Sim, na Buick."

"Há quanto tempo?"

"Três anos."

Steve Vargo não parecia se importar nem um pouco com o interrogatório, como se estivesse esperando por ele.

"Quanto você ganha?"

"Sessenta e seis centavos por hora."

Barbara, mãe de Jolan, resolveu interromper os prolegômenos e ir direto ao que interessava e que já havia sido decidido pelos adultos enquanto Jolan passeava na floresta. Olhou a filha nos olhos e disse:

"Você e Steve irão se casar."

Todos os olhos se fixaram em Jolan Slezsak para sentir a reação da moça, que não foi pequena. Agora a vermelhidão passara para todo o corpo. O advogado Ephraim Goldberger interpretou isso como uma aprovação:

"Casados!", proclamou, dando um salto da cadeira. "Vocês terão uma boa vida juntos", concluiu.

Andrew, o padrasto, pegou a deixa.

"Eles poderão se casar no outono", decidiu. "É uma boa época."

Todos os adultos concordaram. Nenhum deles se deu ao trabalho de olhar para os noivos. Se tivessem feito isso, teriam percebido que Steve não deu um pio. Jolan se sentiu tratada como um saco de batatas, mas não se aborreceu quando Goldberger lhe deu umas palmadinhas na cabeça.

"Estou certo de que vocês dois serão muito felizes. Vou agora deixar os detalhes para os pais. Tenho outras coisas a fazer."

Com um aceno geral de cabeça para todos, e uma reverência especial para as mulheres, o advogado levantou-se e deixou a sala em direção ao seu carro.

Perplexa, entorpecida, a jovem ouviu sua mãe e a senhora Vargo discutindo detalhes do casamento. Do "seu" casamento, com um rapaz que conhecia apenas de vista e do qual sabia apenas que tinha 19 anos e que trabalhava na Buick. Jolan sentiu uma vontade enorme de chorar. Percebendo-o, Steve se aproximou dela:

"Quer tomar um sorvete de baunilha? Tem um ótimo ali na lanchonete da esquina."

Jolan sorriu de pura felicidade. Baunilha era seu sabor preferido.

Na última vez em que o médico examinara Gladys — mulher de Homer Dowdy, o carteiro de Flint —, chamou Homer para uma conversa em particular após a consulta. Os dois sentaram-se à mesa da cozinha, ao redor de um bule de café e duas canecas.

"Ela está muito doente, Homer. Muito doente." A fisionomia séria do profissional não traía sua sinceridade.

Pouco mais tarde, Homer conversou com Gladys sobre a possibilidade de sacar o dinheiro da poupança que o casal tinha no Union Industrial Bank. Assim, poderia levá-la ao melhor especialista de Detroit.

Gladys não concordou.

"Nosso médico está fazendo o melhor possível", ela disse tristemente. "Guarde o dinheiro para as crianças, quando eu me for."

Joe Kennedy via com cada vez mais pessimismo o mercado de ações. Durante anos a Bolsa vinha subindo sem parar e agora parecia a Joe que as pessoas aplicavam seu dinheiro sem sequer se dar ao trabalho de analisar os títulos que adquiriam, a maioria tomando dinheiro emprestado dos bancos, dando como garantia os próprios papéis e ficando sujeitas a chamadas de margem.

Era crença quase geral que o mercado jamais cairia, podendo no máximo permanecer estável. Consciente da estupidez de tal avaliação, Kennedy vinha aos poucos vendendo sua carteira.

Por volta das oito e meia da manhã, Grant Brown, presidente do Union Industrial Bank, iniciou uma inspeção na sede do banco, em Flint. Brown desconhecia totalmente as falcatruas praticadas por vários dos integrantes de seu *staff* que se autodenominavam Liga de Cavalheiros.

Brown vinha se descuidando do Union Industrial por viver em permanente lua de mel com sua nova mulher, Marie. Para seu pesar, ouvia rumores de que o mesmo não acontecia com o *chairman* do banco, Charles Mott, que enfrentava problemas em seu casamento com a jornalista Dee Van Balkom Furey. Mas o presidente não se sentia íntimo o bastante do *chairman* para indagar sobre sua vida conjugal.

De vez em quando Robert, filho do primeiro casamento de Brown, e já adulto, dizia ao pai que o fato de Charles Mott raramente visitar Flint, passando a maior parte do tempo em Detroit, era bom para o quadro de funcionários do Union, que se sentia inibido com a presença do *chairman*. Robert Brown, um dos caixas da instituição, participava ativamente da quadrilha que assaltava as contas dos clientes para jogar na Bolsa.

Enquanto inspecionava os diversos setores do banco, Grant Brown pôde ver seu filho, vestindo um colete preto de alpaca, no interior de seu boxe gradeado, o penúltimo da fila de caixas, conferindo os 10 mil dólares em cédulas e moedas que o tesoureiro Elton Graham, outro cavalheiro da Liga, lhe entregara para as atividades do dia.

Logo adiante Grant Brown viu um dos vice-presidentes, Frank Montague, curvado sobre sua mesa. Brown estava considerando a possibilidade de conceder uma promoção a Montague — seu amigo e a quem admirava muito —, quem sabe para gerente de uma das agências. Tal como no caso de seu filho, Grant Brown não tinha a menor noção de que Frank era um dos mais ativos do grupo de defraudadores.

Com cada funcionário por quem passava em sua vistoria, Brown trocava amabilidades, nem que fosse um comentário sobre o tempo ou votos de um bom dia de trabalho. Fez isso com os caixas, com os escriturários e com os guardas de segurança.

Exatamente às nove horas as portas do banco foram abertas e os clientes começaram a chegar, num fluxo que duraria o dia todo. Grant Brown foi para sua mesa, onde ficou até o meio-dia, hora em que saiu para almoçar em casa, hábito que adquirira após se casar com Marie. Resolveu não voltar depois do almoço. Passou

suas funções para o vice-presidente sênior, John de Camp, também integrante da Liga de Cavalheiros, em quem Brown confiava cegamente, tanto no sentido literal como no figurado do advérbio.

Os integrantes da gangue ficavam felizes quando Brown saía, pois temiam que algum acontecimento, por mais insignificante que parecesse, pudesse fazê-lo ficar desconfiado das falcatruas. Afinal de contas, as somas desviadas das contas dos clientes já eram vultosas e envolviam muita gente para adulterá-las. Frank Montague, por exemplo, achava que era apenas uma questão de tempo as fraudes serem descobertas.

Já o tesoureiro assistente, Ivan Christensen, não compartilhava dos temores de Montague. Ele achava que era possível manipular os números sem que pessoas de fora do grupo tomassem conhecimento. A não ser, é claro, que alguém da Liga fraquejasse e cometesse um ato de indiscrição ou que eles continuassem a perder dinheiro na Bolsa e a situação se tornasse insustentável. Havia também a possibilidade de uma visita inesperada de uma equipe de auditores ao banco que os colhesse de surpresa. Só que a Liga tinha algumas estratégias preparadas para essa hipótese.

Os auditores ficavam baseados em Lansing, a oitenta quilômetros de distância. Quando faziam a viagem entre as duas cidades, ao chegarem a Flint, iam primeiro almoçar. Sempre no Durant Hotel. Só depois disso se dirigiam ao Union Industrial Bank para a inspeção dos registros contábeis. Então, bastava a Liga ter um mensageiro do hotel como espião para não serem pegos desprevenidos.

No dia em que o presidente do Industrial trabalhou no banco pela manhã e depois foi almoçar em casa com Marie, os auditores chegaram. Minutos depois, o espião chegou esbaforido ao Union:

"Os homens estão na cidade, no restaurante do Durant", o mensageiro deu o recado.

Os auditores não eram muito diligentes em seu trabalho, mas gostavam muito da fartura do almoço do hotel. Por isso demoraram duas horas antes de ir para o banco. Foi o tempo que os conspiradores da Liga tiveram para "trabalhar" os livros para que estivesse tudo OK na hora da visita.

Por volta das quinze horas os inspetores chegaram ao Union Industrial. Foram cortesmente recebidos pelo vice-presidente De Camp e pelo tesoureiro Christensen.

Percebendo que Frank Montague estava assustado, Ivan Christensen passou por ele e o tranquilizou:

"É apenas uma inspeção de rotina. Não há motivo para preocupações."

Se a Liga de Cavalheiros era incompetente para operar no mercado de ações, o mesmo não acontecia quando se tratava de adulterar os números das contas dos

clientes do banco. Tanto é assim que, ao final da inspeção, o chefe dos auditores deu seu veredito:

"Os livros estão todos em ordem. Parabéns!"

23 O VERDADEIRO ANO DE 1929

Após uma infância e uma adolescência miseráveis, James Riordan conseguira, com enorme sacrifício, graduar-se em uma universidade e subir na vida graças a sua aptidão para negócios e facilidade em fazer amigos. Estes agora incluíam John Jakob Raskob, o incorporador do Empire State Building, ele também de origem pobre; Joseph Kennedy, assim como diversos integrantes dos clãs Rockefeller e Astor e de outras famílias ilustres. James se dava bem com todos sem que isso o impedisse de ter também amigos humildes como o porteiro de seu prédio e o manobrista de sua garagem.

Além de participar de diversos empreendimentos, James Riordan era presidente da pequena, mas sólida, New York County Trust Company, com sede em Greenwich Village, um banco cujos depósitos haviam subido de quatro para 20 milhões de dólares em apenas três anos.

Todos gostavam de James. Ele era isento de preconceitos religiosos, sociais e políticos. Embora católico praticante, tinha vários judeus e protestantes em seu vasto círculo de amizades.

Riordan era um dos convidados que John Raskob recebia para um jantar especial em seu apartamento na Carlton House. Os dois brindaram com dry martínis os maus e velhos tempos passados em cortiços e guetos, esperando que nunca mais se repetissem. Brindaram também às crianças de ambos, as onze de Raskob e as quatro de Riordan — James, Robert, Florence e Elizabeth —, que ajudavam, com sua alegria, o pai, viúvo desde 1917, a se sentir um jovem aos 48 anos.

"O dinheiro é que tem de trabalhar para você, nunca você para o dinheiro", John Raskob certa vez dissera para Riordan, que jamais esqueceu o conselho. Os dois tinham acabado de dar uma tacada no *pool* da Radio, para o qual tinham sido convidados pelo galês Michael Meehan, o especialista da RCA no pregão da Bolsa de Valores de Nova York.

Após o jantar, e durante o conhaque, Raskob e Riordan voltaram a conversar a sós. Falaram sobre a subscrição de 40 milhões de dólares que a United States Steel estava oferecendo ao mercado, sobre a compra do Nassau National Bank por Amadeo Peter Giannini, sobre o retorno de Joe Kennedy a Nova York e sobre as críticas de Charles Mitchell e de Billy Durant ao Conselho da Reserva Federal, Mitchell e Durant acusando a instituição de forçar para cima as taxas de juros, arriscando o país a entrar num período de recessão.

Já embalado pelas bebidas, John Raskob sentiu-se tentado a confidências. Pegando Riordan pela mão, levou-o até seu estúdio, numa ala afastada do apartamento. No chão, havia um objeto comprido e pontiagudo coberto com um pano.

Como se fosse um mágico no clímax de um número, Raskob ergueu o pano de um só golpe e exibiu ao amigo uma maquete do Empire State.

"Quinta Avenida, 350, entre 33 e 34 Oeste", limitou-se a dizer John Raskob.

Tal como acertado, a festa de noivado de Adele Merrill e Charlton MacVeagh acontecera no Colony Club, na Park Avenue, na sexta-feira, 26 de abril, com a presença de toda a Nova York que interessava. Para aborrecimento de Charlton, cada convidado que seu futuro sogro lhe apresentava fazia a mesma pergunta:

"É verdade que você trabalha na J. P. Morgan?"

Como se a pessoa não estivesse cansada de saber.

MacVeagh se via forçado a discutir assuntos do mercado financeiro quando a única coisa que queria era ficar com Adele. O mesmo acontecia com ela, que estava sendo obrigada pela mãe, Adelaide Merrill, a conversar com um monte de gente importante de quem a moça jamais ouvira falar.

Do que Adele gostou mesmo foi da presença de seus futuros sogros, que haviam vindo diretamente de Tóquio, onde eram embaixador e embaixatriz dos Estados Unidos da América.

"Eu sempre quis ter uma filha como você", disse a sra. MacVeagh, emocionando Adele e quase a levando às lágrimas.

Michael Meehan sentia-se altamente desconfortável. Seis semanas após o enorme sucesso do *pool* da Radio, já encerrado, uma operação similar, da Anaconda Copper, que começara muito antes, patinava em prejuízo, apesar do apoio financeiro de Percy Rockefeller, John Raskob e Billy Durant. Os gerenciadores da puxada, Bragg e Smith, não conseguiam impedir a queda das ações na Bolsa.

O *pool* fora formado através da compra, por parte de seus integrantes, de 200 mil ações da Anaconda ao preço médio de 170 dólares cada uma. Logo de saída elas subiram para 174 dólares. E então começaram a cair. Havia razões de sobra para isso. O preço do cobre baixara de 24 para 18 centavos por libra-peso. Com isso, os papéis da Anaconda passaram a ser negociados em média a 160 dólares, gerando um prejuízo de 2 milhões de dólares para os puxadores.

Pragmáticos e calejados, os integrantes do *pool* optaram por um *stop loss* (liquidar uma operação com prejuízo antes que as perdas se avolumem). E foi o que fizeram. Quando as 200 mil ações se juntaram aos lotes que estavam sendo vendidos por

acionistas decepcionados com a queda do cobre, a desvalorização da Anaconda foi ainda maior.

Não foi a primeira vez, e com certeza não seria a última, que um *pool* fracassava, mesmo com o *bull-market* a pleno vapor, encorajado por uma declaração supostamente em *off* do secretário do Tesouro, Andrew Mellon, de que "não considerava os preços das ações perigosamente altos". Mellon sabia que sua confidência sairia em todos os jornais, o que realmente aconteceu.

Alexander Noyes, editor financeiro do *The New York Times*, um dos mais respeitados jornalistas de economia dos Estados Unidos, continuava convicto de que a alta da Bolsa se aproximava do fim e o dizia abertamente em seus comentários no jornal. Isso fazia de Noyes um dos maiores inimigos dos touros.

"Derrotista, é o que ele é", acusavam seus detratores, quando não diziam coisa pior: "Deve estar vendido a descoberto. Só pode ser um urso, aquele pilantra. O jornal deveria despedi-lo."

Cicatrizada a ferida da Anaconda, Michael Meehan estava com novas ideias na cabeça. Pretendia estabelecer uma filial de sua sociedade corretora no luxuoso vapor de passageiros *Berengaria*, que fazia a rota entre Nova York e a Europa. Como sempre havia muitos milionários a bordo, Meehan achava que o empreendimento seria um sucesso. Tanto foi assim que prometeu pagar à linha Cunard, proprietária e operadora do navio, 100 mil dólares por ano pela exclusividade.

Meehan submeteu sua proposta de uma corretora flutuante ao Conselho de Governadores da Bolsa de Valores de Nova York. Para pressionar seus integrantes, ele usou a influência do vice-presidente da Bolsa, Richard Whitney, e de David Sarnoff, vice-presidente executivo da RCA, o pai dos serviços de telégrafo sem fio e de rádio na América, seu amigo havia longo tempo e a primeira pessoa a dar notícia do naufrágio do *Titanic*, dezessete anos antes. Por sinal, recentemente a sra. Sarnoff obtivera um lucro de 58 mil dólares no *pool* da Radio sem pôr um centavo sequer na operação.

David Sarnoff seria de extrema importância caso a corretora flutuante fosse aprovada, pois caberia à RCA montar o serviço de telegrafia no *Berengaria* para que as ordens de compra e venda pudessem ser executadas na Bolsa de Nova York sem demora, assim como não poderiam demorar as confirmações dessas ordens para os passageiros.

O potencial do serviço de corretagem flutuante proposto por Meehan agradou tanto a Sarnoff que ele prometeu designar para o navio Arthur Costigan, considerado o telegrafista mais rápido do mundo.

Como o Conselho da Bolsa aprovou a ideia, Michael Meehan e David Sarnoff passaram a trabalhar no projeto.

Na quinta-feira, 9 de maio de 1929, as ações fizeram um novo pico em Nova York. Era o *bull-market* em sua robustez. Naquele dia, as ações da General Motors, de Charles Mott, foram o grande destaque nas negociações. O dinheiro continuava fluindo para Wall Street.

A participação das mulheres no mercado era cada vez maior, tanto comprando à vista como negociando a prazo através de empréstimos bancários, ou até mesmo vendendo a descoberto, como faziam os ursos profissionais. Um artigo publicado em abril pela revista *The North American Review* dissera que elas "haviam se tornado habilidosas praticantes do mais emocionante jogo capitalista inventado pelo homem".

Muitas descobriam que podiam ficar ricas sem depender dos respectivos maridos.

Com poucas exceções, a imprensa adorava a alta do mercado. Jornalistas recebiam propinas para escrever artigos favoráveis a determinadas empresas. Entre eles estava um colunista do *Daily News* que usava o pseudônimo de *The Trader*. Um comentarista de rádio, William J. McMahon, recebia 250 dólares por semana, em dinheiro vivo, de David M. Lion, um manipulador de ações. Obviamente McMahon elogiava os papéis que Lion tinha acabado de comprar e, como ninguém é de ferro, adquiria alguns títulos da mesma empresa para si próprio.

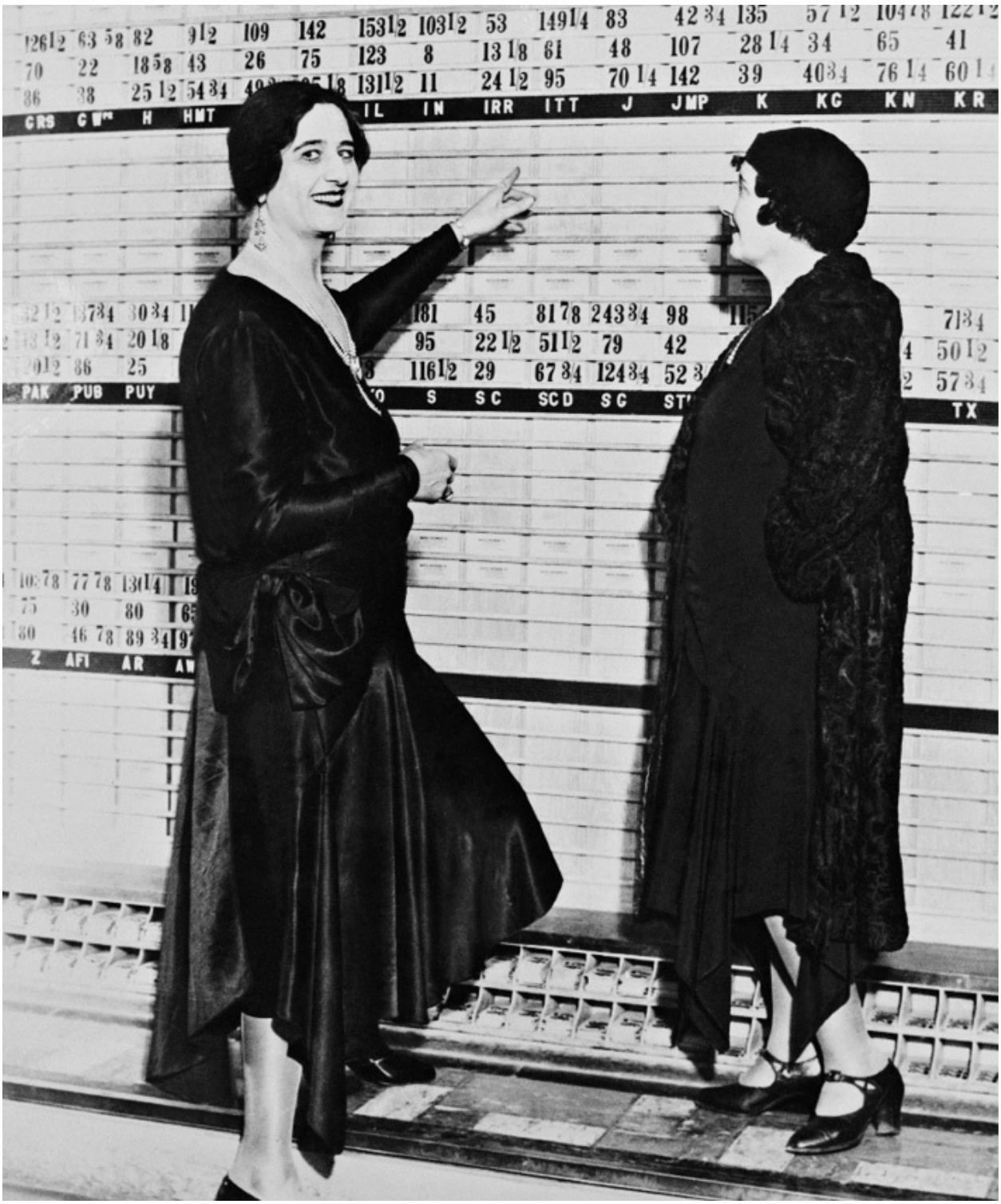
Como as previsões de Alexander Noyes, do *Times*, de que um crash estava a caminho nunca se materializavam, ele começou a ser ridicularizado pelos colegas.

Os touros recebiam tratamento VIP da mídia. Um deles, Bernard Baruch, em entrevista publicada pela *The American Magazine*, declarou que nenhum urso possuía casas na Quinta Avenida.

Alguns acadêmicos não ficavam atrás em otimismo. O professor Joseph Stagg Lawrence, da Universidade de Princeton, por exemplo, perguntou em um artigo: "Onde estão os sábios que se julgam autorizados a vetar o julgamento dessa multidão inteligente que aplica na Bolsa?"

Os Giannini estavam de volta a Nova York. O motivo anunciado da viagem era o de consolidar sua aliança com a Blair and Company. Mas Claire, filha de Amadeo, sabia que a razão pela qual seu pai voltava da Califórnia era para verificar se havia veracidade nas informações confidenciais, dadas por alguns auxiliares italianos que estavam com ele havia muito tempo, de que Elisha Walker vinha se comportando

de modo extremamente arrogante em sua nova posição como presidente da Bancamerica-Blair Corporation.



As mulheres eram participantes ativas do mercado de ações. Aqui, duas delas estudam as cotações da Bolsa
Nova York, EUA, 1929
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Tal como sempre acontece nos grandes *bull-markets* — e o de 1929 foi o maior de todos os tempos — as ações não sobem linearmente. Os investidores e especuladores ficam extremamente sensíveis às notícias boas e ruins e o mercado passa a oscilar muito.

Na segunda-feira, 27 de maio, houve um tombo na Bolsa. A General Electric, por exemplo, caiu 13 e ¼ pontos. Nesse dia, mais de duzentas ações fizeram suas mínimas do ano.

Quando tudo parecia indicar que o *boom* chegara ao fim, o mercado voltou a disparar morro acima. Os ursos, vendidos a descoberto, entraram em pânico e cobriram suas posições.

Apesar da nova alta, Amadeo Peter Giannini estava convicto de que as ações estavam sendo cotadas a preços muito mais altos do que o seu valor real. O mesmo achava seu amigo, o banqueiro Paul Warburg.

Nem Giannini, nem Warburg, nem os touros e ursos mais celebrados podiam imaginar que nos próximos meses a Bolsa iria sofrer oscilações jamais imaginadas.

O verdadeiro ano de 1929, com todas as suas loucuras e tragédias, ainda não começara de verdade. Os momentos de maior euforia e dramaticidade ainda estavam por vir.

24 PALAVRA DE BANQUEIRO

Quinta-feira, 30 de maio de 1929. Uma multidão se aglomerava na calçada oposta à do número 10 da Downing Street, residência oficial do primeiro-ministro britânico. Havia dois grupos distintos. O menor deles era composto de jovens modernosos, os homens vestindo paletós justos e calças largas, as garotas, *flappers* (melindrosas), típicas dos anos 20, usando roupas diáfanas e sumárias, miçangas e chapéus apertados parecendo capacetes. Enfim, os ricos. Sobrepujando-os largamente em número e em alarido, estavam os representantes dos descontentes da nação: desempregados com seus bonés de pano, ternos de sarja e sapatos gastos.

O motivo de tanta gente estar ali era que a qualquer momento seria conhecido o resultado das eleições. Aí se saberia se a Grã-Bretanha iria ter um novo governo ou se o Partido Conservador, sob o comando do primeiro-ministro Stanley Baldwin, permaneceria no poder.

Baldwin, com sua política de austeridade, era tudo o que os desempregados — cujo contingente no país ultrapassava um milhão — não queriam. Por outro lado, o grupo dos almofadinhas e das *flappers* desejava a manutenção do status quo que beneficiava o mercado de ações da City, onde a classe alta vinha se fartando de ganhar dinheiro. Na verdade, muitas melindrosas estavam ali apenas para celebrar sua primeira eleição, resultado de uma lei votada meio a contragosto pelos conservadores que dera direito ao voto às mulheres com menos de 30 anos. Daí o entusiasmo delas em saber quem eram os ungidos pelas urnas, fossem eles quem fossem.

A fisionomia do chanceler do Erário, Winston Churchill, a caminho da Downing Street 10 em seu carro oficial, não dava mostras da ansiedade que o possuía. Se os conservadores perdessem as eleições, ele também perderia seu emprego.

Chegando ao número 10, Churchill ignorou os manifestantes do lado de fora — como se sabe, depois que a votação acaba os eleitores perdem todo o atrativo para os políticos — e foi direto para a sala do primeiro-ministro Baldwin. Juntos esperaram os primeiros resultados, que chegariam através da fita de uma máquina da Press Association, mandada instalar por Baldwin especialmente para a ocasião.

Se os conservadores fossem derrotados, Winston Churchill pretendia fazer uma viagem de costa a costa através dos Estados Unidos, terra natal de sua mãe e sua segunda pátria. Seu pai, lorde Randolph Churchill, tivera um assento na Bolsa de

Valores de Nova York. Winston possuía ações de empresas americanas. Para negociar com elas, contava com os conselhos dos astutos especuladores Percy Rockefeller e Bernard Baruch.

Quando, no interior da residência oficial no número 10, a máquina da Press Association começou a cuspir os resultados das urnas, um após o outro, ficou evidente a vitória socialista. Baldwin e Churchill estavam fora. A vez era dos trabalhistas, cujos adeptos aglomerados na calçada em frente à sede do governo, ao saber por repórteres dos números oficiais, trocavam abraços emocionados.

Através de um dos aparelhos de rádio de sua mansão em Park Lane, na região mais nobre e valorizada de Londres, o financista multimilionário Clarence Hatry soube da derrota dos conservadores. Como tinha grandes planos para os meses seguintes, principalmente o da compra, através de uma *holding company*, a United Steel Limited, de diversas empresas siderúrgicas da Grã-Bretanha, Hatry não teve como não se preocupar.

Clarence Hatry enviara uma carta para cada um dos 40 mil acionistas da United Steel, contendo uma oferta formal de compra de suas ações individuais por um preço acima da cotação delas na Bolsa. Com a vitória trabalhista era provável que as cotações caíssem, mas Hatry seria obrigado, pelo compromisso exposto nas cartas-oferta, a pagar o preço fixado. E, por maior que fosse sua fortuna, não teria dinheiro necessário para honrar a promessa escrita se houvesse uma enxurrada de acionistas querendo vender seus papéis. Ficaria lhe faltando algo como 4 milhões de libras.

Para alívio de Hatry, lorde Bearsted, diretor do Montagu Samuel, um dos mais sólidos e prestigiados bancos de Londres, lhe prometera cobrir o que faltasse. Mas isso fora antes das eleições e a promessa, feita de boca. Não havia nenhum contrato escrito entre Clarence Hatry e o Montagu Samuel. Bearsted, porém, já emprestara quantias similares a Hatry e a liquidação dos empréstimos se dera sem contratempos.

Os conservadores obtiveram 260 assentos no Parlamento, contra 288 dos trabalhistas. O fiel da balança do poder ficaria com os liberais, com 59 cadeiras nos Comuns. E tudo indicava que eles fariam uma coalizão com os trabalhistas deixando a oposição para os *tories* (conservadores). Winston Churchill tinha tanta certeza disso que marcou suas passagens para a América.

Tal como seria de se supor, a Bolsa de Valores de Londres levou um tombaço. Os bancos cortaram suas linhas de crédito para manter a liquidez. Mais uma vez, a Grã-Bretanha aderira ao socialismo. Nos Estados Unidos, as bolsas reagiram com indiferença e pequenas ondulações.

Por volta do meio-dia de sexta-feira, 31 de maio de 1929, Clarence Hatry se apresentou no escritório de lorde Bearsted, no Montagu Samuel, bem no coração da City.

"Suponho que a derrota política não mude nosso acordo." Hatry foi direto ao assunto.

"Que acordo?" Bearsted era daqueles que preferia ficar amarelo de vergonha durante alguns minutos do que vermelho de raiva e arrependimento pelo resto da vida. "Eu não tenho nenhum acordo com você." A desfaçatez não era um dos seus fracos.

Agindo com ingenuidade e total falta de pragmatismo, Clarence Hatry lembrou ao banqueiro os planos dos dois de adquirir a companhia siderúrgica, assim como cada detalhe das tratativas anteriores.

Lorde Bearsted respondeu devagar, medindo cada palavra.

"Com certeza nós chegamos a discutir essa operação. Confesso que cheguei a me interessar pelo negócio. Mas apenas como espectador. Nunca disse que o patrocinaria financeiramente. Você deve estar enganado."

Hatry estava aturdido, mas não era nenhum imbecil. Levantou-se e, sem se despedir, deixou o escritório do banqueiro.

Sem o empréstimo do Montagu, Clarence Hatry percebeu que teria de vender todos os seus bens para poder pagar os acionistas que se apresentassem para se desfazer de seus papéis da United Steel. Esses bens incluíam suas casas, seus puros-sangues de corrida e seu iate de luxo. Mesmo assim, Hatry não tinha certeza de que os fundos arrecadados com essas vendas seriam suficientes. Precisava urgentemente encontrar outra maneira de levantar mais dinheiro.

Na terça-feira, 6 de junho, Stanley Baldwin se apresentou ao rei George V, que convalescia de uma prolongada doença no castelo de Windsor. Tal como era de praxe, Baldwin entregou suas credenciais de primeiro-ministro ao rei. No dia seguinte, foi a vez de Ramsay MacDonald, líder trabalhista, pegar as credenciais, que recebia pela segunda vez. Cumpria-se assim o tradicional rito britânico de transição política.

Em seu ninho na Quinta Avenida, em Nova York, o urso Jesse Livermore aguardava impaciente o momento de executar mais um *killing* na Bolsa, vendendo ações a descoberto. Ao contrário da maioria de seus colegas de Wall Street, Livermore estudava o cenário internacional. Ele tinha certeza de que a situação econômica que se deteriorava na Europa e na Ásia terminaria por afetar o mercado americano. Se havia algo que acabrunhava Jesse era a possibilidade de o mercado cair sem ele estar vendido.

No plano pessoal, a situação de Livermore melhorara muito. Sua mulher, Dorothy, parara de beber e ele, de caçar garotas. Isso lhe facilitava concentrar toda a sua atenção no mercado de ações. Com a vitória trabalhista na Grã-Bretanha, muito dinheiro vinha emigrando de lá para os Estados Unidos. A Bolsa poderia dar mais uma espetada para cima e, na opinião de Jesse, seria a grande oportunidade de dar a maior tacada de sua vida.

Uma das coisas que os assessores de Jesse Livermore haviam descoberto e relatado para ele era que o mercado nova-iorquino de ações estava sendo inundado por peixes pequenos, não só dos Estados Unidos como do Canadá e da Europa. Esses investidores de algumas centenas de dólares se comportavam como verdadeiros cardumes, uns seguindo os outros, e mordiam a isca da ganância sem saber direito o que estavam comprando. Sua participação costumava ser um sinal confiável do fim de um *bull-market*. Mas, para dar sua grande patada de urso, Jesse tinha de acertar o *timing* da venda.

Os exemplos captados pelo *staff* de Livermore, em notícias nos jornais, não poderiam ser mais esclarecedores. Uma dona de casa da Quinta Avenida acabara de perder sua cozinheira, pois esta reivindicara um terminal da *ticker-tape* na cozinha, pedido que a patroa achara descabido. O chofer de uma viúva do Queens exigiu que sua jornada de trabalho fosse noturna, pois precisava operar no mercado durante o dia. Em vez de discutir os resultados dos jogos de beisebol, os lixeiros, entregadores de mercearia, operários da construção civil e estivadores das docas só queriam conversar sobre ações.

Ou todos os americanos, talvez com exceção dos pretos, estavam realmente se tornando ricos, como já fora vaticinado por alguém, ou uma desgraça estava a caminho, como acreditava Jesse Livermore.

Hipódromos estavam instalando *ticker-tapes* em suas tribunas, assim como o faziam as sinagogas em suas entradas e os cinemas nas salas de espera. Na maioria das cidades pequenas do país sociedades corretoras de Wall Street haviam instalado filiais. Nelas, nas salas reservadas aos clientes, impregnadas de fumaça de charutos, os especuladores, grandes e pequenos, passavam o dia acompanhando a *ticker-tape* e examinando cotações dispostas em quadros-negros.



Investidores examinam as cotações na boca do terminal de ticker-tape
Nova York, EUA, 1929

Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Nos últimos dez anos, o volume de negociação das bolsas de valores de fora de Nova York havia subido num ritmo jamais imaginado. Chicago crescera dezessete vezes. St. Louis saíra de 80 mil para um milhão de dólares diários. Em seu primeiro ano de funcionamento, a Los Angeles Curb Exchange negociara 18 milhões de ações. A sociedade americana entrara de cabeça no jogo do "fique-rico-depressa" (*get-rich-quick-game*).

Boa parte desse povaréu operava com créditos bancários, alavancando e comprometendo suas posses, sujeitando-se às chamadas de margem (*margin calls*). Se houvesse um trompaço na Bolsa, todas essas margens seriam exigidas ao mesmo tempo. Livermore, que não tinha dúvidas de que mais dia, menos dia tal coisa iria acontecer, só esperava detectar, com antecedência de alguns dias, o momento do pânico coletivo para poder montar sua armadilha de urso.

Apesar de ser vice-presidente da Bolsa de Valores de Nova York e, portanto, ter amplo acesso a informações privilegiadas; apesar de ser irmão de George Whitney, um dos sócios de J. P. Morgan, que lhe concedera empréstimos vultosos, Richard Whitney continuava fazendo asneiras. A última delas fora a compra de ações de uma inexpressiva empresa que lidava com coloides minerais e húmus de ervilha.

Só mesmo Richard conseguia descobrir essas excentricidades. Parecia que gostava de jogar dinheiro fora, o que definitivamente não era o caso. Cada vez que entrava numa jogada nova, acreditava que iria fazer o *killing* do ano.

Desdenhado por seu esnobismo e por sua notória incompetência pelos grandes *traders* como Michael Meehan, Tom Bragg e Ben Smith, Whitney fora sumariamente excluído do *pool* da Radio. Joe Kennedy rechaçara peremptoriamente uma oferta sua de sociedade.

Agora Richard Whitney via cair em seu colo a grande oportunidade de sua vida. O presidente da Bolsa, Edward Henry Harriman Simmons, o convocara à sua sala e lhe dissera que, após uma viuvez de nove anos, iria se casar no outono, provavelmente no início de outubro, e em seguida partiria com sua noiva, Beatrice, que acabara de se divorciar, para uma prolongada lua de mel no Havaí.

Durante a ausência de Simmons, Richard Whitney assumiria a presidência da Bolsa de Valores de Nova York, com todas as atribuições, os privilégios e as informações confidenciais que o cargo propiciava, além do poder de influenciar decisivamente o mercado.

05 SEXO COM BAUNILHA

Para transportar os quinhentos convidados da festa do casamento de sua filha Adele com Charlton MacVeagh, o banqueiro Edwin Merrill fretou um trem especial para percorrer os 65 quilômetros entre a cidade de Nova York e Bedford Hills, onde os Merrill tinham sua casa de campo. A locomotiva e os vagões estavam decorados com bandeiras de seda branca.

Os homens usavam fraques pretos ou cinzentos, chapéus de seda e botões de cravo na lapela. As mulheres trajavam vestidos feitos especialmente para a ocasião e chapéus de aba larga. Às três da tarde o trem chegou à estação de Bedford Hills, também toda engalanada de branco.

A mãe da noiva, Adelaide, se moveu entre os que desciam dos vagões, pinçando com grande habilidade e sem-cerimônia, e não menor memória visual, os cem previamente selecionados para assistir à cerimônia religiosa na igreja St. Matthew's, situada no alto de uma pequena elevação. Os demais foram encaminhados à casa da família Merrill, a uma distância de caminhada da estação.

No espaçoso gramado da propriedade um extenso toldo listrado, nas cores vermelha e branca, havia sido armado para a recepção. Canapés e refrescos começaram a ser servidos para distrair os que iriam aguardar ali os noivos e seus parentes, padrinhos e convidados especiais. Terminada a cerimônia, conduzida ao som de peças de Mendelssohn e Wagner, uma procissão de casais de braços dados, tendo Charlton e Adele à frente, desceu a colina e foi se encontrar com os demais.

Se havia uma Lei Seca em vigor nos Estados Unidos, não chegou a Bedford Hills. Pois assim que os noivos se misturaram aos convidados para receber os votos de felicidade, bebidas alcoólicas começaram a circular: champanhas franceses de safras nobres, uísque e gim da melhor qualidade, tudo fornecido por Michael Levine, um judeu russo de 37 anos que, à frente dos mais diversos negócios — legais e ilegais —, fizera fortuna ao criar o primeiro serviço de mensageiros de Wall Street, que contava com 2 mil funcionários.

Setecentos quilômetros a oeste de Bedford Hills, em Flint, Michigan, Jolan Slezsak, que acabara de fazer 16 anos, e seu noivo Steve Vargo tentavam conversar em meio ao som do borbulhar contínuo vindo do interior das cubas de cobre da destilaria do padrasto e da mãe de Jolan. Não bastasse o incômodo do ruído, era sufocante o

calor no porão da casa onde eram fabricadas as bebidas, por sinal de péssima qualidade.

Enquanto tentava entender o que Steve lhe dizia, pois a voz dele era abafada pelo barulho, Jolan sentia nas entranhas o quanto ele a excitava. A garota podia ver cada centímetro quadrado da masculinidade do noivo na camisa desabotoada, na pele brilhando de suor, enquanto os dois misturavam, com grandes pás de madeira, a bebida que fermentava. Ela tinha uma enorme vontade de fazer amor com ele, embora tivesse apenas uma vaga ideia de como a coisa se processava. Nunca vira, nunca ouvira falar.

Steve prometera dar à noiva um sorvete de baunilha todos os dias quando estivessem casados. Só que ela agora desconfiava que poderia haver algo mais saboroso envolvido no casamento.

Sexta-feira, 21 de junho de 1929. Grant Brown, presidente do Union Industrial Bank, recebeu a notícia de que Charles Stewart Mott, *chairman* do banco, estava partindo para uma segunda e demorada lua de mel na Europa.

"O casamento deles agora deve estar indo bem", interpretou Brown, sem saber que o único objetivo de Mott era tentar se livrar de um processo de divórcio oneroso, que poderia lhe custar a perda de boa parte de seus bens. Grant Brown também não sabia que o advogado de Dee Mott acompanharia o casal no navio.

Brown era outro que tinha viagem marcada. Iria participar de uma conferência de banqueiros em São Francisco. Na oportunidade esperava realizar um dos seus grandes desejos, que era o de conhecer pessoalmente Amadeo Peter Giannini.

O vice-presidente Frank Montague, do Union Industrial, ficou feliz em saber da viagem simultânea de Mott e de Brown. Estando o *chairman* e o presidente ausentes de Michigan, ficava mais fácil esconder as falcatruas que a Liga de Cavalheiros continuava fazendo, cada vez em maior número.

Montague vinha comendo e dormindo mal, perdera peso e desenvolvera um incômodo eczema nervoso. Percebendo a tensão do marido, sua mulher, Louise, vivia lhe perguntando o que o perturbava tanto. Certa noite ele quase lhe confessou tudo, mas acabou ficando com pena de estender a ela sua aflição. Além do mais, Louise já tinha preocupações suficientes com as lides da casa, o trato das crianças e o orçamento doméstico.

Felizmente para Frank e seus comparsas, pela primeira vez em muito tempo a Liga estava ganhando dinheiro. E poderia estar lucrando muito mais se eles não tivessem entrado atrasados no *pool* da Radio. Agora, um investimento bem-sucedido se seguia a outro, todos alavancados. Só em empresas automobilísticas e companhias de aviação os trapaceiros ganharam 200 mil dólares. E não parou por aí.

Na quarta-feira, 19 de junho, atuando com base em uma dica quente (*hot tip*) recebida por Milton Pollock, também vice-presidente do Union, a Liga comprou ações de uma indústria de alimentos cuja fusão com empresas concorrentes estava sendo patrocinada pela J. P. Morgan and Company. Em questão de dias, as ações subiram trinta pontos.

Se não podia estar feliz por causa da doença de sua mulher, Elizabeth, ao menos Pollock se sentia aliviado. Todas as manhãs, ao liderar a família nas preces matinais, ele pedia a Deus que provesse o dinheiro necessário para pagar as despesas médicas dela, que só faziam crescer.

Durante os últimos meses o pensamento dos integrantes da Liga de Cavalheiros era apenas o de recuperar o dinheiro que haviam "pegado emprestado" das contas dos clientes. Mas agora cada um deles pensava na possibilidade de sobrar um lucro palpável. Afinal de contas, toda a América estava se fartando de ganhar dinheiro na Bolsa.

Em Londres, Clarence Hatry tinha plena consciência de que estaria quebrado caso todos os acionistas da United Steel apresentassem suas ações para venda, conforme a carta que lhes enviara. E tudo indicava que isso iria acontecer, com as ações caindo mais e mais na Bolsa.

O que o jovem e bem-apessoado Edmund Daniels — um dos diretores-gerentes do grupo empresarial de Clarence Hatry — tinha de genialidade, principalmente ao lidar com números, tinha de inescrupuloso. Com uma ideia na cabeça para que o conglomerado saísse do buraco, Daniels procurou o patrão.

"E se a gente usasse cada ação vendida para nós pelos acionistas para levantar empréstimos bancários, dando os títulos como garantia?", sugeriu o diretor.

Clarence Hatry se irritou com o que supôs ser uma proposta ingênua.

"Mas como vamos dar as ações como garantia se nós as estamos comprando por um preço muito superior ao de mercado?"

"É só entregarmos mais ações ao banco do que as que temos em carteira." Edmund Daniels abriu um sorrisinho cínico.

"Mas como?", a irritação de Hatry aumentou.

"É simples. A gente imprime ações em quantidade superior à do capital da companhia."

"Mas isso é crime, é estelionato, é roubo, dá cadeia", a irritação transformou-se em indignação, que, a bem da verdade, foi diminuindo aos pouquinhos. "Você acha que tem chance de dar certo?"

Clarence Hatry via a chance de se agarrar a um galho, um galho muito fraquinho, mas mesmo assim um galho, à beira do penhasco.

"Não sei." Daniels foi honesto. "O que sei é que se não fizermos nada vamos quebrar." Ele usou o plural como se fosse sócio de Hatry.

A partir desse momento a United Steel começou a tomar empréstimos bancários dando em garantia ações falsas e verdadeiras computadas a preços inferiores aos da Bolsa. Com o dinheiro obtido ilegalmente, Clarence Hatry pôde honrar as cartas-oferta que, antes das eleições parlamentares, enviara aos acionistas.

Ao final do mês de junho de 1929, o índice de produção industrial americano atingiu o maior nível de todos os tempos até então. Muitos investidores que haviam relutado em comprar ações naqueles preços, que julgavam altos demais, se renderam aos fatos e jogaram suas economias na Bolsa.

Certos deviam estar o presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, e seu secretário do Tesouro, Andrew Mellon, quando declararam que o país ainda estava para viver seu melhor momento. A sociedade onde todos seriam ricos parecia cada vez mais real e não uma figura de retórica.

Novos consórcios de investimento eram lançados todos os dias e quase sempre integralmente subscritos. Apenas no decorrer do mês de junho as médias industriais do *Times* se valorizaram em 52 pontos, um quarto do que haviam subido nos últimos cinco anos.

Até os desonestos trapalhões da Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank de Flint estavam conseguindo ganhar cada vez mais dinheiro.

26 O CÉU É O LIMITE

Em meio ao calor sufocante da manhã ensolarada de segunda-feira, 1º de julho, Homer Dowdy, carteiro de Flint, iniciou sua primeira ronda de entrega de correspondências. Em sua bolsa postal havia um grande número de envelopes amarelos que ele sabia conter cheques emitidos por sociedades corretoras de ações.

"Aqui na cidade muita gente está ganhando dinheiro no mercado", Dowdy deduziu corretamente.

Embora jamais tivesse aberto um desses envelopes, Homer Dowdy já testemunhara diversos destinatários das cartas fazerem isso na sua frente. Naquela segunda-feira mesmo, um comerciante exibiu ao carteiro o cheque que acabara de receber.

"Foi uma tacada que dei nas ações da General Motors", revelou ele. "Isso é mais do que ganho em um mês de trabalho duro no armazém."

Dowdy prosseguiu sua caminhada tendo um único pensamento na cabeça: a situação de seus três filhos pequenos. Sua mulher, Gladys, piorava a cada dia. O médico dera a ela seis meses de vida. Homer precisava pensar com calma sobre o que fazer com as crianças.

Gladys jamais se queixava das dores excruciantes que sentia para não afligir os filhos. Mas Homer os vinha preparando para o pior.

"Jesus irá chamar a mamãe brevemente", ele confidenciara às meninas, que logo repassaram a notícia ao irmãozinho.

Homer Dowdy sabia que, além de custear as despesas médicas, iria precisar de parte do dinheiro depositado no Union Industrial Bank para contratar uma governanta. O resto, ele pretendia dividir em três partes iguais, uma para cada filho, para que eles pudessem um dia frequentar uma universidade.

Steve Vargo, noivo de Jolan Slezsak, também tinha uma conta no Union Industrial que crescia todas as semanas com o dinheiro que ele separava de seu salário na Buick, para gastá-lo depois que se casasse.

Em julho, a tragédia atingiu em cheio a família Slezsak, quando Frank, de 7 anos, morreu atropelado por um caminhão. Jolan simplesmente não conseguiu lidar com a morte do irmão e entrou em desespero.

Durante o velório, enquanto uma garrafa do ardido uísque da casa era passada de boca em boca, e bebida no gargalo pelos presentes ao redor do caixão, num

cerimonial de vigília húngara, Steve chamou Jolan de lado.

"Precisamos comprar uma coroa de flores para ele", o rapaz sussurrou ao ouvido da noiva, apontando para o corpo do garotinho.

"Mas, como? Estou sem um centavo. E você, está com dinheiro?"

"Não aqui. Mas tenho uma conta no banco da qual jamais fiz um saque. Mas agora é uma emergência. Vamos até lá!"

Quando os dois chegaram ao Union, o expediente já havia sido encerrado. Por isso eles não puderam entrar. Se tivessem feito isso, talvez Steve descobrisse que alguma coisa estava errada, pois contas como a dele e a de Jolan, clientes que jamais sacavam, eram as preferidas da Liga de Cavalheiros para terem seus saldos usados nas especulações da Bolsa. Naquele dia, por sinal, as duas estavam zeradas enquanto o pouco dinheirinho dos noivos circulava por Wall Street.

Mal o luxuoso transatlântico *Berengaria*, com suas três chaminés encarnadas, zarpou do porto de Nova York rumo a Cherbourg, na França, em meio ao pipocar de rolhas de champanha de passageiros que comemoravam a saída da zona de jurisdição da Lei Seca (como se já não bebessem o suficiente nos Estados Unidos), o primeiro escritório de corretagem de ações flutuante do mundo, pertencente a Mike Meehan, iniciou seus trabalhos de teste.

Durante a travessia, haveria a oportunidade de verificar se era realmente possível operar na Bolsa do meio do Atlântico Norte. As transações naquela viagem não seriam para valer. Apenas uma simulação. Dos setecentos passageiros do navio, muitos, principalmente entre os da primeira classe, poderiam se revelar ótimos clientes. Um novo marco na área de comunicações se iniciava.

Nas primeiras semanas do verão de 1929, o *bull-market* não dava o menor sinal de enfraquecimento. Muito pelo contrário, as ações agora desempenhavam um papel central na vida americana.

Como escreveria Frederik Lewis Allen no livro *Only Yesterday* (*Apenas ontem*), publicado em 1931:

> *Enquanto dirigia, o motorista do ricaço tinha os ouvidos atentos às notícias sobre uma iminente alteração na Bethlehem Steel; é que ele comprara a termo cinquenta ações com vinte dólares de margem. O limpador de janelas do escritório da corretora interrompia sua tarefa para acompanhar a* ticker*, pois estava pensando em converter suas economias, penosamente acumuladas, em ações da Simmons Company.*

O repórter Edwin Lefèvre escreveu em um artigo de jornal que o criado particular de um corretor ganhara um quarto de milhão de dólares na Bolsa e que uma enfermeira conseguira fazer 30 mil se valendo de informações passadas por pacientes agradecidos. Lefèvre narrou também a história de um vaqueiro do

Wyoming, cujo rancho ficava a cinquenta quilômetros da ferrovia mais próxima, que comprava e vendia mil ações por dia.

Essa era a América do último verão dos *Roaring Twenties*, os "esfuziantes anos 20".

O *boom* não se limitava a Wall Street e nunca ficou totalmente claro se era causa ou consequência do estrondoso *bull-market*. Pois a situação econômica do país não parava de melhorar. Setenta e oito por cento dos carros do mundo estavam nos Estados Unidos, que queimavam 2,5 milhões de barris de petróleo por dia. Uma profusão de postos de abastecimento se espalhou pelas estradas de costa a costa.

Só a Ford Motor Company, uma das mais poderosas corporações do mundo, produzia 8 mil carros diariamente, registrava um superávit anual de 582 milhões de dólares e mantinha 275 milhões em caixa. A fortuna pessoal de Henry Ford era de um bilhão de dólares.

Mais uma vez hospedado no hotel Ritz, de Nova York, Amadeo Peter Giannini extravasava sua fúria nas teclas do piano da suíte. Claire sabia que de nada adiantaria tentar acalmar o pai. Teria de esperar que sua raiva se fosse como uma tempestade tropical levada pelo vento.

O motivo de tanta ira era que Elisha Walker continuava fazendo das suas, criando novos atritos com os executivos da Transamerica. Claire Giannini, que jamais confiara totalmente em Walker, não estava tão surpresa quanto o pai. Por isso sua raiva era menor.

Claire tentava raciocinar sobre a melhor maneira de lidar com a situação. Não era uma coisa fácil de ser resolvida. Desde a fusão dos grupos Giannini e Blair, a posição de Elisha Walker como segundo em comando ficara estabelecida.

Finalmente, mais calmo, Giannini decidiu dar tempo ao tempo. Resolveu aguardar três meses para que Walker se entrosasse com os demais diretores do grupo. Caso contrário, ele tomaria as providências necessárias, por mais drásticas que fossem. Escreveu uma nota em seu diário registrando a data-limite para a resolução do impasse: última semana de outubro.

Os consórcios de investimento não paravam de surgir, um após o outro. A palavra "alavancagem" tornou-se moda, mesmo entre os investidores novatos, marinheiros de primeira viagem.

"Vou alavancar meu dinheiro", dizia o empregado de uma padaria para o seu colega. "Um amigo meu investiu duzentos dólares e já está com 8 mil. Em menos de seis meses, acredite."

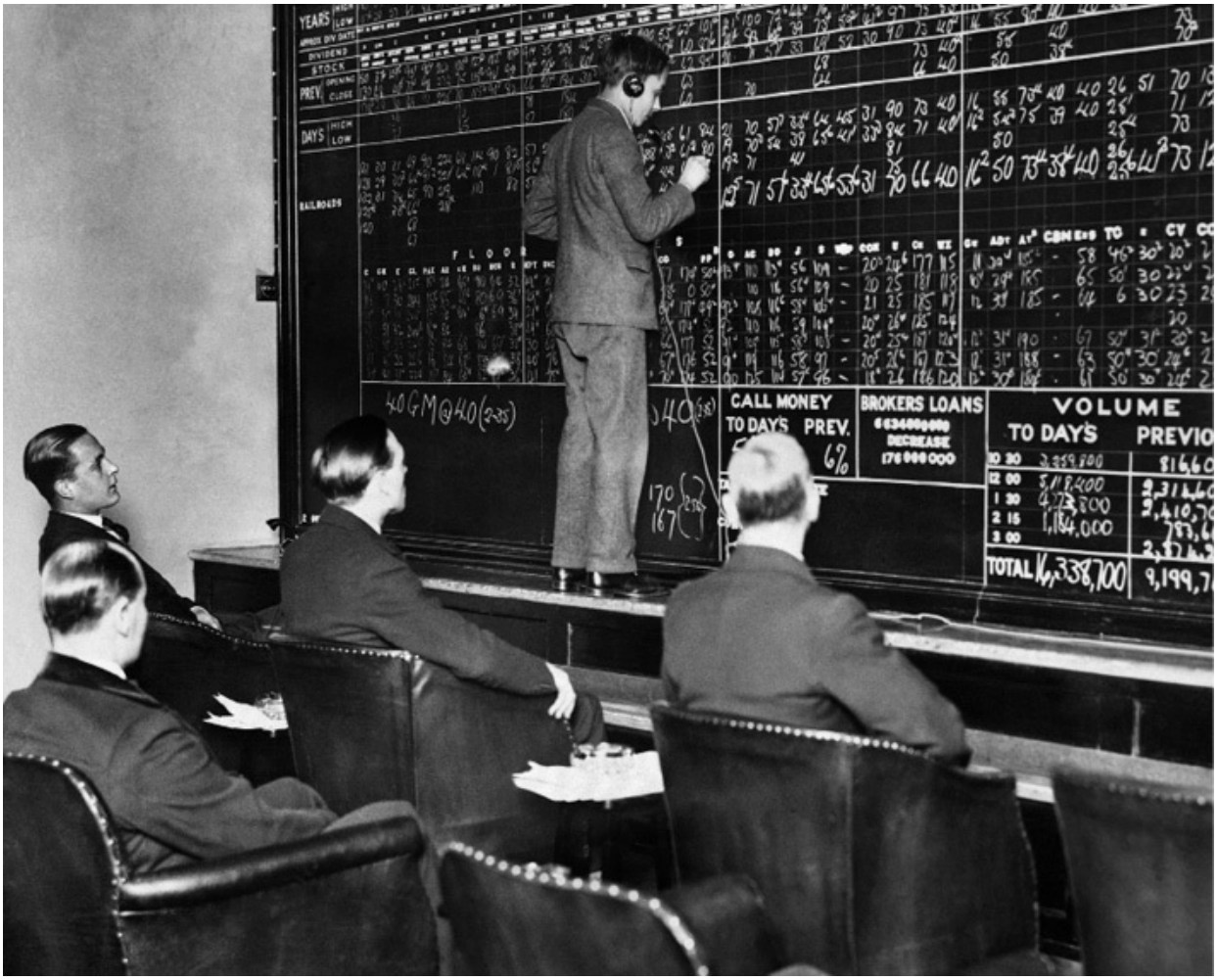
Isso era possível porque os consórcios compravam cotas de outros consórcios,

que por sua vez compravam as de um terceiro, que adquiria as de um quarto e assim por diante, sempre alavancando. Consórcio patrocina consórcio, que patrocina consórcio. Só na compra, antes que as cotações se movessem, um único dólar significava dez, vinte ou até mesmo cinquenta dólares.

Como tudo subia, os lucros de cada uma dessas verdadeiras rodas da fortuna também subiam, em progressão geométrica. O processo só teria fim se o mercado caísse, hipótese que a maioria das pessoas considerava impossível numa época tão próspera.

"Isso é a América, terra da oportunidade", proclamavam eufóricos os investidores.

Nesse ambiente de delírio, os audaciosos ganhavam fortunas, os menos afoitos enriqueciam, os medrosos dobravam ou triplicavam seu dinheiro e caíam fora para voltar ao mercado semanas depois. Os ignorantes e idiotas ganhavam seus trocados.



Como se estivessem assistindo a um filme, investidores acompanham atentamente as últimas cotações anotadas na pedra
Outubro de 1929

Latinstock/© Hulton-Deutsch Collection/CORBIS/Corbis (DC)

O urso Jesse Livermore sabia que aquela situação não podia permanecer para sempre. Mas não havia nenhum sinal de que a manada de touros estava perdendo sua força de impulsão. E no mercado não adianta uma pessoa acertar o fato se errar o *timing*.

Justamente para tentar detectar o ponto de virada, Livermore reunia-se com seus assessores. E os relatos que ouviu não foram nada bons, não para quem pretendia ganhar na baixa. Jesse, com sua experiência, jamais comprara papéis de fachada negociados a preços artificiais, como era o caso dos consórcios. De uma coisa ele tinha certeza: quando a baixa ocorresse, ela seria muito mais rápida do que a alta.

Durante a reunião, o especialista de Livermore no mercado de moedas estrangeiras informou que 10 milhões de dólares em ouro, provenientes da Grã-Bretanha, haviam chegado na primeira quinzena de julho, levando o total acumulado do ano para 48 milhões. De Paris e de Berlim, outros 77 milhões, também em barras de ouro, haviam sido enviados para os Estados Unidos. Tudo isso ia direto para os bancos americanos, que financiavam os empréstimos com margem que abasteciam a febre da Bolsa.

A produção americana de aço em julho de 1929, Jesse Livermore ficou sabendo de outro de seus assessores, deveria superar em um milhão de toneladas o número recorde de julho de 1928. O esplendor da América se revelava em todos os setores de atividade.

Havia alguns dados econômicos contraditórios, que deixavam um urso atávico como Jesse mais animado. Os pátios das fábricas de Detroit começavam a se encher de carros não vendidos. Era grande a quantidade de imóveis novos à venda; nos últimos meses o valor desse estoque subira de 500 milhões de dólares para 18 bilhões de dólares, um número estarrecedor.

Isso significava que os americanos estavam destinando todo o seu dinheiro para Wall Street. Mas como as empresas cujas ações eram negociadas na Bolsa dependiam da expansão ininterrupta da economia, esses sinais contraditórios acenderam uma luz amarela na cabeça de Livermore.

"Vai haver um tombo em alguma hora", dizia para si mesmo e para seus especialistas. "Nós temos de ficar muito atentos."

No J. P. Morgan, Charlton MacVeagh vinha se destacando entre os colegas. Sua mulher, Adele, aceitava sem reclamar os serões que o marido fazia no banco quase todos os dias, fora o extenso volume de relatórios que ele levava para casa e com os quais não raro varava as madrugadas e os fins de semana. Recém-casados, ele e Adele mal tinham alguns momentos só deles.

"Wall Street é assim mesmo", Charlton dizia à mulher, sem que ela pedisse qualquer explicação, filha de banqueiro que era.

Quando os dois saíam para jantar fora, eram sempre acompanhados de colegas de mercado de MacVeagh. Os homens passavam o tempo todo falando de negócios, deixando as amenidades para suas mulheres.

Certa ocasião, num jantar na casa de Thomas Lamont, segundo em hierarquia na Casa Morgan, um dos altos executivos da firma confidenciou a Adele que logo seu marido iria se tornar o mais jovem sócio do banco e que Jack Morgan já decidira isso. Adele MacVeagh ficou sem saber se a notícia era boa ou má, pois, se fosse verdadeira a informação, sobraria ainda menos tempo para ela usufruir de Charlton. Mas isso não evitou que sentisse um imenso orgulho dele.

Outro que monitorava com lupa o mercado de ações para ganhar dinheiro quando a Bolsa despencasse era Joe Kennedy. Seu plano era aumentar sua já enorme fortuna vendendo ações a descoberto. Mas para detectar o momento exato da virada do mercado, Kennedy queria "sentir a Rua". E era isso que ele estava fazendo num dia de julho de 1929.

Joe Kennedy juntou-se à multidão que chegava ao distrito financeiro vinda de todos os lados. Após perambular um pouco entre os pedestres, Joe começou a visitar os amigos que trabalhavam na região. A primeira pessoa que ele procurou foi Michael Levine, o judeu russo dono da maior empresa de mensageiros de Wall Street, o mesmo que fornecera as bebidas para o casamento de Charlton e Adele em Bedford Hills.

Entre outros "empreendimentos" altamente rentáveis, Levine prestava todas as espécies de serviços pessoais, como conseguir, no meio da noite, uma garota de programa para um corretor solitário, reservar um quarto num dos bons hotéis da Baixa Manhattan para um banqueiro levar sua secretária na hora do almoço, indicar os melhores bordéis, cassinos clandestinos e os médicos confiáveis que faziam abortos seguros.

Kennedy sabia que Michael Levine, justamente por conhecer todo mundo em Wall Street, era um dos oráculos do mercado financeiro. Daí tê-lo visitado em primeiro lugar. Depois foi encontrar-se, ao mesmo tempo, com John Raskob, o homem do Empire State; o banqueiro James Riordan, da New York County Trust Company; e o canadense Arthur Cutten, um dos mestres formadores de *pools* e o mais bem-sucedido especulador de *commodities* do país, cuja fortuna era páreo para a de Jack Morgan. A reunião dos quatro, realizada no escritório de Cutten, já havia sido previamente agendada.

O encontro deixou Joe Kennedy perturbado. Ele viu que todos os seus colegas especuladores continuavam *bullish* (altistas) com relação às ações e concluiu que

ainda não era hora de vendê-las a descoberto.

Após a reunião, Kennedy ainda visitou outras corretoras, colhendo de todos os profissionais a mesma opinião: o *bull-market* estava longe de chegar ao fim. A febre da alta grassava por todos os cantos da Rua.

Só faltava uma pessoa importante para Joe Kennedy entrevistar: o engraxate Pat Bologna, em sua banca no número 60 de Wall Street. Ele era outro que sabia de tudo o que acontecia no distrito financeiro.

Como Bologna não estava atendendo ninguém naquele momento, limitando-se a folhear um exemplar do *Wall Street Journal*, Joe subiu os dois degraus e sentou-se na cadeira.

"Como está o mercado, Pat?", Kennedy apoiou os dois pés nos descansos protuberantes da banca de engraxate.

"Sempre subindo, Mr. K, sempre subindo."

Bologna pegou suas escovas e começou a trabalhar.

"E você, está ganhando muito?", o interesse de Kennedy era visível.

"Com certeza. O senhor quer uma dica?"

Embora soubesse exatamente quem era quem em Wall Street, Pat Bologna tratava todos com a mesma informalidade.

Joseph Kennedy fez que sim com a cabeça.

"Compre petrolíferas e ferrovias, Mr. K. Elas vão atingir a lua. Um freguês que não erra nunca me trouxe hoje essa informação."

Joe se indagou se teria havido mesmo o tal freguês e se era fato que o cara não errava. Mas limitou-se a agradecer:

"Obrigado, Pat", e escorregou para as mãos do engraxate uma moeda de um quarto de dólar.

"Obrigado, Pat", repetiu.

Nessa noite Joseph Kennedy disse para sua mulher, Rose.

"Um mercado no qual qualquer um pode jogar e um engraxate faz previsões não é um mercado para Joe Kennedy. Como está todo mundo otimista, acho que ainda há espaço para a Bolsa crescer. Mas quando tudo desabar, e não vai demorar muito, o ruído será ouvido no outro lado do Atlântico. Eu vou aguardar mais um pouco. Depois serei um urso de dar inveja a Jesse Livermore."

Os consórcios iam de vento em popa. No dia 26 de julho foram emitidos pela Goldman Sachs 102,5 mil dólares em ações da Shenandoah Corporation. A alguns privilegiados, entre os quais os próprios sócios e diretores da Goldman, foi dado o direito de comprar esses títulos a 17,50 dólares.

Quando, dias depois, a Shenandoah foi lançada na Bolsa, já abriu a trinta dólares. Ao longo do pregão a cotação foi subindo, fechando a 36 dólares, gerando

um lucro de 105% para quem comprou as ações diretamente da Goldman Sachs com seu próprio dinheiro e infinitamente mais para quem as adquiriu da fonte usando empréstimos bancários, cuja taxa de juros era de aproximadamente 10% ao ano.

O céu continuava sendo o limite em Wall Street.

Em Londres, mesmo após ter conseguido obter empréstimos bancários oferecendo em garantia certificados de ações inexistentes da United Steel, e com isso garantido momentaneamente o caixa da empresa, Clarence Hatry sentia que os alicerces de seu negócio continuavam correndo o risco de desmoronar. A indústria pesada e o setor naval britânicos enfrentavam uma grave crise, que se refletia no consumo de aço.

Até agora aproximadamente um bilhão de libras esterlinas em títulos falsos havia sido entregue aos bancos. Era um crime grave. Se descoberto, Hatry iria mofar na cadeia. Ele tinha medo de que as instituições que enganara logo começassem a fazer perguntas.

A única maneira de evitar isso era uma ação audaciosa. A poucos quarteirões de distância do escritório de Clarence Hatry estava a sede do Banco da Inglaterra, sob o comando de Montagu Norman, o único homem que poderia salvar Hatry.

Embora não fossem amigos, e até cultivassem uma antipatia mútua, Clarence tinha uma proposta para fazer a Montagu.

Com os conservadores fora do poder, Winston Churchill fazia os preparativos para sua viagem ao Canadá e aos Estados Unidos. Com ele iriam seu irmão Jack, seu filho Randolph e seu sobrinho Johnny. Nova York seria o último ponto da viagem do ex-chanceler do Erário. Churchill pretendia visitar Wall Street no final de outubro.

Como ninguém é de ferro, Winston Churchill aproveitaria a viagem para fazer também uma fezinha na Bolsa.

FEIRA DO INTERIOR

Charles Stewart Mott levou cinco meses para ter certeza de que só o divórcio cortaria pela raiz os males de seu lamentoso relacionamento com Dee Van Balkom Furey, a jovem jornalista que se casara com ele visando apenas se apropriar de parte de sua fortuna.

Dee fizera o maior esforço para que o marido chegasse à decisão de se divorciar. Nas infindáveis discussões do casal, ela deixava claro o desprezo que sentia por ele. Mas não foi só isso. Entre outras extravagâncias, Dee Furey torrou 35 mil dólares remodelando o apartamento de Detroit, comprou um piano de 2,5 mil dólares, além de joias, vestidos e casacos de pele nas lojas mais exclusivas da cidade.

A segunda lua de mel, na Europa, fora um tremendo fracasso — para ele, é claro, pois tudo correu de acordo com os planos dela — com Dee passando a maior parte do tempo passeando em companhia de seu advogado, Prewitt Semmes.

De volta aos Estados Unidos, Dee recusou-se a pôr os pés em Applewood, a mansão de Charles em Flint.

Agora, tendo optado pelo divórcio, decisão que lhe trouxe grande alívio, Charles Mott decidiu fazer uma visita de surpresa a Grant Brown, presidente do Union Industrial Bank.

Em junho e julho de 1929, as ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York haviam se valorizado mais do que durante todo o ano anterior, com uma alta de quase 25%. O grande *bull-market* não dava o menor sinal de fraqueza. Wall Street continuava a engolir o dinheiro do mundo. O total de empréstimos dos bancos às sociedades corretoras da Bolsa se elevara a 7 bilhões de dólares.

Após os testes da corretora flutuante de Michael Meehan a bordo do transatlântico *Berengaria* terem se mostrado totalmente satisfatórios, a Bolsa de Nova York concedeu permissão para o início dos negócios, agora para valer.

Ações de cem empresas foram escolhidas para serem transacionadas no navio, entre elas, é claro, a Radio Corporation of America, a RCA, de David Sarnoff, o papel de maior prestígio entre investidores e especuladores e que tinha como especialista na Bolsa o próprio Meehan.

Logo Michael Meehan teria concorrentes nas águas do Atlântico Norte. O transatlântico francês *Île de France* estava montando um serviço idêntico para seus

passageiros, a ser operado pela sociedade corretora parisiense Saint-Phalle and Company.

Como se os planos para erigir o Empire State Building, as participações em *pools* de cartas marcadas e as especulações particulares não fossem suficientes para ocupar todo o tempo de John Jakob Raskob, ele ainda escrevia artigos para jornais. Num deles, publicado em agosto de 1929 e intitulado *Everybody Ought to be Rich* (Todo mundo deveria ser rico), Raskob defendia a tese de que se uma pessoa que economizasse quinze dólares por mês, investisse esse dinheiro em ações e reaplicasse os dividendos, em vinte anos possuiria 80 mil dólares.

A rotina do superintendente da Bolsa de Valores de Nova York, William Crawford, era praticamente a mesma todos os dias. Na manhã de segunda-feira, 5 de agosto, por exemplo, ele aproveitou a viagem de metrô de casa para o trabalho para ler o último número da *American Magazine*. Uma das matérias, escrita pelo articulista John T. Flynn, citava Craw- ford de maneira positiva, deixando-o radiante.

Após desembarcar do trem, às nove horas, na estação de Wall Street, o superintendente caminhou para a Bolsa prestando atenção no movimento do Distrito Financeiro. Nas calçadas, os pedestres mais apressados eram os mensageiros que entregavam nas sedes das sociedades corretoras as ações compradas pelos clientes dessas firmas no sábado e as trocavam pelos cheques correspondentes. Estes, por sua vez, seriam entregues nas sociedades vendedoras. Guardas armados seguiam os mensageiros a curta distância.

Andando mais um pouco, William Crawford deparou-se com o corpulento banqueiro Charles Mitchell, presidente do National City Bank. Mitchell acabara de percorrer, a pé, os mais de dez quilômetros que separavam sua casa, em Uptown, até o banco, coisa que fazia todos os dias, sempre seguido de perto por sua limusine, dirigida pelo chofer. O motorista estacionou o carro junto ao City e carregou a volumosa pasta do patrão para dentro do banco.

Ao passar pela porta do número 23 de Wall Street, Crawford viu os porteiros do J. P. Morgan se alinhando para saudar, ao pé da escada de entrada do prédio, os primeiros sócios da firma que chegavam ao trabalho naquele momento, sempre em ordem inversa de hierarquia. O superintendente da Bolsa sabia que o último a aparecer seria Jack Morgan.

Nos últimos dias os tabloides sensacionalistas de Nova York comentavam os últimos feitos de Jack, nenhum deles ligado ao mercado. Morgan lançara ao mar o maior iate do mundo, que superava em tamanho o de Vincent Astor e o do inglês Clarence Hatry. Adquirira também, em leilão, um Tintoretto e doara 4 milhões de dólares aos hospitais New York Hospital e Lying-in Hospital, 2 milhões para cada

um. A família Morgan patrocinava aquelas instituições desde a época do velho John Pierpont Morgan. Na véspera, domingo, um jornal noticiara que Jack Morgan estava de partida para o Reino Unido, onde caçaria gansos com integrantes da família real britânica.

Ao entrar na Bolsa de Valores, o superintendente William Crawford desconectou-se do mundo exterior e mundano e passou a pensar exclusivamente na instituição, cujo funcionamento era de sua responsabilidade. O preço das ações subia num ritmo jamais alcançado. Recordes eram quebrados praticamente a cada hora. E a infraestrutura da Bolsa tinha de acompanhar esses avanços, sob pena de entrar em colapso.

Desde fevereiro, o número de operadores de pregão aumentara de 1,1 mil para 1.375. Um assento agora custava 625 mil dólares. O que estava atrapalhando os negócios era o atraso da *ticker-tape*. Nos dias e horas de maior movimento, os clientes das sociedades corretoras espalhadas pelo país só ficavam sabendo dos preços uma hora após as operações terem sido fechadas. Um papel que aparecia na fita negociado a 140 dólares podia estar a 145 ou mais. Ou a 135. Isso criava enorme insegurança nos corretores e investidores, muitas vezes obrigados a atuar no escuro.

Havia 3 mil terminais de *ticker-tapes* só no Distrito Financeiro, outros 2 mil dispersos pela cidade de Nova York e mais 4,5 mil instalados em localidades de todo o país. O que dava certo alívio a Crawford era que estava para ser implantado um novo sistema de *tickers*, capaz de imprimir novecentos caracteres por minuto, número suficiente para lidar com 7 milhões de ações diárias.

Após inspecionar a central de comunicações no subsolo, William Crawford subiu para o pregão onde, dentro de alguns minutos, ele mesmo faria soar o gongo, dando início aos negócios daquela segunda-feira. Ao passar pelo Posto 11, Crawford ficou sabendo que um dos corretores que operava ali, Michael Bouvier, de 82 anos, decano do recinto de negociações, acabara de ser tio-avô de uma garotinha. O superintendente deu os parabéns ao velho Michael.

A recém-nascida se chamava Jacqueline — mais tarde, ela se tornaria mulher de John Kennedy, filho de Joe Kennedy, e seria a primeira-dama mais charmosa e conhecida da história dos Estados Unidos.

Exatamente às dez horas, William Crawford, do alto do púlpito, deu início ao pregão. Pouco depois foi chamado até a galeria de visitantes, onde o presidente da Bolsa, Edward Simmons, e seu vice, Richard Whitney, recebiam o prefeito de Nova York, James Joseph Walker, que visitava o lugar em campanha por reeleição na prefeitura, disputando o cargo com o carismático Fiorello La Guardia.

Crawford, tal como os demais, foi obrigado a rir de piadas sem a menor graça ditas a todo momento pelo político para os repórteres que o acompanhavam na

visita. Os trajes do prefeito eram mais apropriados a um ator de *vaudeville* do que ao chefe do Executivo de uma das maiores cidades do mundo. Walker vestia um paletó xadrez espalhafatoso, que em nada combinava com sua camisa e sua gravata, floridas, muito menos com seus sapatos bicolores de bico fino e comprido.

Finalmente, para satisfação do superintendente William Crawford, o prefeito partiu para outro compromisso eleitoral. Nesse momento, um assessor trouxe a notícia de que a *ticker* estava começando a se atrasar, tormento que agora acontecia quase que diariamente.

San Mateo, Califórnia, terça-feira, 6 de agosto de 1929, seis e meia da manhã. Tal como acontecia todos os dias a essa hora quando Amadeo Peter Giannini estava em casa, a campainha do telefone tocou.

No sábado, A. P. Giannini, Clorinda e Claire haviam chegado de Nova York. A jornada de quatro dias fora particularmente longa e cansativa, com o *Overland Express*, que fizera o trecho Chicago/São Francisco, se atrasando quase nove horas.

Embora fosse uma rotina, o telefonema acordou a casa toda. Amadeo foi molhar o rosto antes de atender a chamada no térreo, Clorinda saiu da cama e começou a se vestir. Em seu quarto, Claire também se levantou.

Quem ligava era Attilio — "Doc", para a família —, irmão de Amadeo, falando de seu escritório no prédio do Bank of America, em Wall Street, onde já eram nove e meia. Doc iria fazer o primeiro relato do dia. Mais tarde as chamadas seriam feitas para o escritório de Giannini em São Francisco.

Após um início frio e de mútua desconfiança, o relacionamento entre Doc Giannini e Elisha Walker estava melhorando aos poucos, os dois homens fazendo um esforço honesto para encurtar suas diferenças. Mas Doc continuava sendo os olhos e os ouvidos de seu irmão Amadeo.

"As ações devem continuar subindo hoje." Faltando meia hora para a abertura do mercado, Doc fazia a primeira previsão do dia, após ler os jornais e conversar com vários corretores e *traders*. "Tá todo mundo *bullish*", concluiu a análise para o irmão.

O sentimento positivo não impressionou Giannini.

"Quero que o banco alerte os nossos pequenos clientes da Costa Leste sobre o perigo de comprar ações nos preços atuais, principalmente com dinheiro emprestado, garantido por margens. As pessoas estão simplesmente loucas acreditando que o mercado pode continuar subindo para sempre." A voz de Amadeo não demonstrava o menor sinal de hesitação. Ele acreditava firmemente que um crash estava a caminho e queria que os clientes de seu banco soubessem sua opinião.

Outro medo de Amadeo Peter Giannini era que os investidores, se valendo de créditos, comprassem ações do Transamerica, que iria pagar um dividendo recorde de 150%. Apesar de toda sua solidez, A. P. sabia que mesmo o Transamerica sofreria com o colapso geral da Bolsa.

O tema "risco da Bolsa" prevaleceu na mesa de café da manhã dos Giannini, ao qual vieram se juntar os dois irmãos de Claire, Virgil e Mario. Claire achava que deveriam publicar uma matéria paga na imprensa emitindo um alerta sobre as compras baseadas em margens. Virgil e Mario tinham dúvidas a respeito disso. Clorinda não achava nada e Amadeo gostava de ver os filhos debatendo o assunto. Indagou-se sobre quantas famílias na América tinham esse privilégio.

Do lado de fora da casa, o chofer Joe Garcia aguardava ao volante do Rolls-Royce. Logo todos, com exceção de Clorinda, entraram no carro que seguiu para São Francisco com as luzes giratórias vermelhas de alerta do Corpo de Bombeiros acesas. O patrão sentava-se ao lado de Garcia e seus três filhos se espremiam no banco detrás. Com a velocidade liberada, a jornada até São Francisco duraria apenas meia hora.

Quando chegou ao escritório, A. P. Giannini tomara uma decisão que lhe angariaria muitos inimigos em Wall Street. Convocou uma coletiva de imprensa para alertar ao grande público que especular era coisa para profissionais, não para um pai de família assalariado. Um grande número de repórteres atendeu ao chamado.

Assim que as matérias sobre a entrevista de Giannini foram publicadas nos jornais da Costa Oeste, houve muita revolta no país onde todos queriam — e achavam que podiam — ser ricos.

O mínimo que se disse de Amadeo Peter Giannini foi que se tratava de um traidor, um inimigo do *way of life* norte-americano.

"Nos Estados Unidos não existe lugar para destrutivistas como o senhor Giannini", declarou uma empresa de assessoria de investimentos sediada em Boston.



Amadeo Peter Giannini ladeado pela esposa, Clorinda, e a filha, Claire, sua principal assessora
São Francisco, Califórnia, EUA, 13 de abril de 1928
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Mais uma semana se passou. Na segunda-feira seguinte, 12 de agosto, Charlton MacVeagh chegou cedo para trabalhar no J. P. Morgan. Ele queria testemunhar com seus próprios olhos uma visão que um mês antes o mais *bullish* dos analistas teria considerado impossível.

Agosto sempre fora um período de férias em Wall Street. Os *traders* costumavam ir para Long Island, Atlantic City ou Cape Cod com suas famílias e gozar das delícias das praias até o recomeço das atividades propriamente ditas, após o feriado do *Labour Day* (Dia do Trabalho), na primeira segunda-feira de setembro. Mas essa pausa de descanso não estava acontecendo em 1929.

No fim de semana os jornais e os boletins das rádios informaram que muitos corretores permaneciam em seus escritórios, preparando-se para enfrentar uma ofensiva fora de estação desfechada por pequenos investidores.

Tornou-se moda a gente miúda que entrava no mercado pela primeira vez ir pessoalmente fazer seus negócios no Distrito Financeiro. Alguns iam para a galeria de visitantes da Bolsa, outros para as salas de clientes das sociedades corretoras da área de Wall Street. Eram investidores diferentes, que davam vivas quando suas ações subiam ou acolhiam as baixas com protestos indignados. Muitos ficavam espalhados pelas ruas do distrito, acompanhando o mercado através do boca a boca. Vendedores ambulantes vendiam sanduíches, refrigerantes e cachorros-quentes para o pessoal. Enfim, a Rua começava a parecer mais uma feira do interior do que o austero santuário da época de John Pierpont Morgan.

Naquela semana o mercado sofreu grandes oscilações, porque o Banco da Reserva Federal de Nova York subiu sua taxa de desconto de 5% para 6%. A notícia fez a Bolsa cair muito, mas as cotações se recuperaram antes do sábado.

No domingo, dia 18, à noite, todos os hotéis próximos ao Distrito Financeiro estavam lotados. Algumas pessoas tentaram dormir na Trinity Church, mas, como isso não foi possível, passaram a noite acampadas no cemitério anexo à igreja. Todo mundo queria estar presente quando o mercado abrisse no dia seguinte. O policiamento foi reforçado na área e os cafés e restaurantes da região de Wall Street permaneceram abertos.

Repórteres se espalhavam pela multidão em busca de histórias pitorescas. Entrevistaram investidores que haviam vindo do Meio-Oeste, do Extremo Sul, do Canadá e do México, gente que achava que ficaria rica em poucos dias aplicando algumas centenas de dólares. Houve um que viajara desde o Alasca para testemunhar a nova corrida do ouro e, é claro, tirar a sua parte no filão.

O engraxate Pat Bologna praticamente abandonara sua profissão. Embora continuasse ao lado de sua banca, no número 60 de Wall Street, ele agora se limitava a dar consultas sobre investimentos. Os forasteiros faziam fila para ouvir seus conselhos sobre as tendências do mercado e sobre os melhores papéis para aplicar o dinheiro.

Nessas sessões Bologna ganhava em uma hora o que levaria um dia para faturar engraxando e lustrando sapatos. Em meio às suas dicas, citava Joe Kennedy, Charles Mitchell e Jack Morgan como se fosse amigo íntimo deles. Os fregueses arregalavam os olhos de admiração.

28 OS NOVOS ALQUIMISTAS

A *ticker-tape* agora alcançava o país inteiro, embora quase sempre se atrasasse nos dias e nas horas de maior movimento na Bolsa. É verdade que as pessoas podiam pegar cotações atualizadas através de telefonemas para as corretoras. Mas não raro essas linhas também ficavam congestionadas nos horários de pico.

Além do *Berengaria*, outros dois transatlânticos, o *Leviathan*, da United States Lines, e o francês *Île de France* também disponibilizaram corretoras flutuantes para seus passageiros. Uma das primeiras pessoas a usar os serviços de corretagem do *Île de France* foi o compositor Irving Berlin, que vendeu mil ações da Paramount-Famous-Lasky por 72 dólares cada uma.

Quem entrou para valer na alavancagem foi o banco Goldman Sachs, que, após lançar a Shenandoah, emitiu 7,25 milhões de ações da Blue Ridge Corporation. Desse total, a própria Shenandoah adquiriu 6,25 milhões de títulos a preço superior ao de lançamento, garantindo o sucesso — e o lucro — imediato da Blue Ridge. Da Shenandoah os papéis foram oferecidos ao público, e integralmente subscritos, por preço ainda maior. Sem correr nenhum risco, e apenas se aproveitando da demanda insaciável por papéis, as duas empresas ligadas ao Goldman contabilizaram uma fortuna.

O curioso da Shenandoah e da Blue Ridge era que nenhuma das duas empresas fabricava nem comercializava nada, a não ser papéis. Tratava-se de um sistema de alavancagem infinita, que faria os alquimistas da Idade Média se roerem de inveja em suas covas. Nos *Roaring Twenties*, em Nova York, pessoas ardilosas aprendiam a fórmula mágica de extrair ouro praticamente do nada.

Instituições eram criadas a todo momento apenas para enfiar papéis na goela faminta dos investidores incautos, quase todas com nomes pomposos que insinuavam solidez e austeridade: American Insuranstocks Corporation, Gude Winmill Utility Investments, International Carriers Ltd., Transcontinental Allied Corporation, National Republic Investment Trust, Insull Utility Investments, Solvay American Investment Corporations, Cosmopolitan Fiscal Corporation, Financial Counselor e inúmeras outras.

Além dos bancos e das sociedades corretoras ditos sérios — que pelo menos executavam as ordens dos clientes —, não parava de crescer o número de *bucket*

shops, os *bookmakers* de Wall Street que aceitavam ordens de investidores mas não as cumpriam no pregão da Bolsa, ao qual não tinham acesso, extraindo seu lucro cobrando corretagens exorbitantes, simulando as compras dos títulos acima do preço de mercado e as vendas abaixo da cotação praticada no momento. O atraso constante da *ticker-tape* favorecia as *bucket shops*, pois seus investidores não tinham como verificar se o preço que lhes passavam era justo ou não.

Às vezes a Bolsa subia tanto que uma dessas *bucket shops*, mesmo com toda a bandalha, era obrigada a fechar as portas, deixando seus clientes com uma mão na frente e outra atrás. Mas logo o incidente era esquecido e o mercado de corretoras ilegais voltava a florescer.

Em Londres, Clarence Hatry chegou à sede do Banco da Inglaterra. Entrou por uma porta lateral que lhe havia sido designada. Hatry vestia um terno cinza-escuro, camisa branca com colarinho engomado e gravata da mesma cor do terno, só que um pouco mais clara. Ele tinha encontro marcado com o *governor* do banco, Montagu Norman, a única pessoa capaz de salvar Hatry da enrascada em que se metera ao tentar adquirir o controle da United Steel.

Pontualmente às dez horas, Clarence Hatry foi conduzido ao gabinete do *governor*. Este o cumprimentou afavelmente e apontou para duas poltronas próximas à janela, onde os dois se sentaram. Como Hatry não adiantara nada sobre o que o levava até ali, Norman estava curioso.

Durante dez minutos Hatry explicou a Norman a situação da United Steel. Mas nada falou a respeito da emissão de ações sem lastro. Disse apenas que lorde Bearsted, do Montagu Samuel, lhe prometera financiar a compra do controle acionário da United, mas que na última hora, por conta da vitória trabalhista nas eleições, roeu a corda.

"Lamento, senhor Hatry. Mas o senhor teria de ter assinado um contrato com o banco. Além disso, se me permite a franqueza, acho que pagou caro demais pelas ações. Não há nada que eu possa fazer." Montagu Norman parecia feliz com a situação.

Clarence ainda argumentou que se não fosse auxiliado pelo Banco da Inglaterra seu império poderia desmoronar. Mas o modo frio e insensível como o *governor* reagiu a essas palavras fez com que o magnata percebesse que estava perdendo seu tempo.

"Sinto muito, senhor Hatry", acrescentou Norman, fazendo menção de erguer-se da poltrona de modo a indicar que a reunião estava encerrada.

Clarence Hatry ainda fez uma última tentativa, se odiando pela humilhação.

"Quer dizer então que não irá me ajudar?", procurou disfarçar seus sentimentos.

"Não, senhor Hatry, não irei."

Seis mil e quinhentos quilômetros a oeste de Londres, no Union Industrial Bank, em Flint, Michigan, o vice-presidente Frank Montague, um dos homens da Liga de Cavalheiros, sentia as mesmas aflições. Eram nove horas da manhã de uma segunda-feira quando ele viu o *chairman* em pessoa, Charles Stewart Mott, entrar no banco. Meses haviam se passado desde que Mott fizera isso pela última vez. O primeiro pensamento de Montague foi pessimista.

"Ele está sabendo de tudo."



Em 1929, o magnata dos vidros inglês Clarence Hatry tentou se salvar da falência através de operações fraudulentas no mercado financeiro
Londres, Inglaterra, 1929
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

A notícia se espalhou pelos diretores e funcionários envolvidos nas trapaças.

"Logo agora que as coisas estão perto de serem solucionadas...", gemeu um deles. Boa parte dos fundos desviados havia sido reposta em suas devidas contas.

No domingo, Montague, seu colega vice-presidente Milton Pollock e Robert Brown haviam se encontrado na saída da igreja e concluído que dentro de uma semana todos os desfalques estariam cobertos. Robert tinha esperanças de que seu pai, Grant Brown, presidente do banco, jamais soubesse do que acontecera.

Após uma série de operações tão alavancadas quanto bem-sucedidas, tudo estava se resolvendo a contento, com grandes chances de os trapaceiros saírem limpos. Só faltava essa agora: Charles Mott, *chairman* e maior acionista do banco, aparecer por lá.

Mott foi até Grant Brown e chamou-o para uma conversa na sala do Conselho. A certeza de que o *chairman* sabia de tudo tomou conta dos cavalheiros da Liga, que trocavam murmúrios pessimistas nos corredores.

"Ele sabe"; "Ele descobriu"; "Ele está aqui para desmascarar a gente", só mudavam as palavras.

Na verdade, Charles Mott passara o fim de semana em sua mansão de Applewood, lá mesmo em Flint, onde não ia havia muitos meses. E, na segunda-feira, chamou seu amigo S. S. Stewart, conselheiro, diretor e acionista do Industrial Bank, que desconhecia os desfalques que estavam acontecendo na instituição, para tomar café da manhã em sua casa.

Durante o café, Stewart disse a Mott que achava estranho Ivan Christensen, tesoureiro assistente do banco, cujo salário era modesto, estar construindo uma casa de 75 mil dólares.

Já na sala do Conselho, quando Mott perguntou a Grant Brown a respeito da casa de Christensen, Grant lhe disse que tivera a mesma desconfiança. Mas, após algumas investigações, descobrira, através de seu filho Robert, que o tesoureiro acertara uma grande tacada no mercado de ações, o que lhe permitira construir a casa.

Brown se satisfizera com a explicação. E o mesmo aconteceu com Mott. O *chairman* deixou o banco, pegou a estrada e dirigiu de volta a Detroit.

Tão logo Charles Mott se foi, os defraudadores, aliviados, fizeram seu primeiro investimento do dia: compraram 10 mil dólares em ações de ferrovias. Na quarta-feira elas seriam vendidas com lucro. Para a Liga de Cavalheiros de Flint faltava agora recuperar apenas 60 mil dólares para repor os 2,5 milhões que haviam pegado "emprestados".

Tudo indicava que iriam se safar da embrulhada.

Às oito e meia da manhã de terça-feira, 27 de agosto, um Rolls-Royce amarelo dirigido por um chofer parara junto ao meio-fio em frente ao número 730 da

Quinta Avenida. Jesse Livermore, que passara a noite na farra, descera pela porta traseira do carro e entrara no prédio Heckscher.

Seu terno cinzento, estilo jaquetão, cortado dos melhores tecidos pelos mais caros alfaiates, encontrava-se amarrotado. A camisa branca, que costumava estar imaculada, fazia parecer que ele havia dormido com ela; o lenço de tafetá, frouxo, pendia do bolso do terno como uma flor murcha.

Livermore, que usava *pince-nez*, tinha a aparência de seus 52 anos. Seu cabelo, agora despenteado, embora ainda predominantemente louro, já exibia os primeiros fios brancos. Uma entrada de calvície acentuava seu nariz e suas orelhas grandes.

O boato que corria solto em Wall Street era que Livermore se bandeara de lado e se tornara um touro. Os mexericos tinham razão de ser. Com o mercado subindo daquela maneira, só havia uma maneira de se ganhar dinheiro: comprando.

Às dez da manhã, barbeado, de banho tomado e vestido com novas roupas — das quais mantinha farto estoque no escritório —, Livermore entrou em ação, decisivamente como touro. Tal como os integrantes da Liga de Cavalheiros de Flint, comprando ações de ferrovias. Só que enquanto eles haviam investido 10 mil dólares, Livermore sozinho comprou 250 mil dólares, com a intenção de realizar o lucro o mais rapidamente possível, uma vez que continuava com a impressão de que uma baixa sem precedentes estava a caminho.

Naquela mesma terça-feira, Winston Churchill se sentia radiante. Em carta que escreveu do Canadá para sua mulher, Clementine, que permanecera na Inglaterra, Churchill disse que ganhara 5.750 libras especulando na Bolsa.

O ex-chanceler do Erário e sua comitiva, o filho Randolph, o irmão Jack e o sobrinho Johnny, percorriam o país de trem, antes de seguir para os Estados Unidos, onde dois grandes amigos bilionários de Churchill, o magnata das comunicações William Randolph Hearst, na Costa Oeste, e o financista e especulador Bernard Baruch, na Costa Leste, os aguardavam para recepcioná-los e servir-lhes de cicerone.

Cientes da Lei Seca americana, mas não do quanto ela era desrespeitada, o grupo inglês levava em sua bagagem dois grandes cantis, um com uísque e o segundo com conhaque.

Em Nova York, o assunto do momento na mídia era o Empire State Building de John Jakob Raskob. Na quinta-feira, 29 de agosto, o *The New York Times* publicou uma matéria sobre o custo de construção e as dimensões da nova torre. A Associated Press informou como o projeto estava sendo financiado. Finalmente a United Press distribuiu uma entrevista com o arquiteto William Lamb, que detalhou a obra e a demolição do Waldorf-Astoria, que ressurgiria na Park Avenue.

Só em agosto de 1929, as ações haviam ganhado mais 33 pontos na Bolsa de Valores de Nova York. Nos últimos três meses o avanço fora de 110 pontos, com destaque para as ações da Westinghouse, da General Electric, da United States Steel, da American Telephone and Telegraph (AT&T), da United Founders e da Alleghany Corporation. O vigoroso *bull-market* se mantinha intacto.

Se a alta das cotações era impressionante, o volume de negócios não ficava atrás. De 4 a 5 milhões de ações eram negociados a cada dia. A euforia dos touros não era menor nas bolsas de Boston e de São Francisco.

E a verdadeira ação ainda estava para começar, com a chegada do *Labour Day*, que marcava o fim das férias escolares e da temporada de viagens (*driving season*).

20 UMA TERÇA MUITO ESPECIAL

A *ticker-tape* do escritório de Billy Durant permaneceu silenciosa na segunda-feira, 2 de setembro. Era feriado, *Labour Day*, e ao mesmo tempo o último dia das férias de boa parte dos americanos. Apesar de a Bolsa de Valores estar fechada, Durant trabalhava desde cedo em sua sala, preparando suas estratégias para o outono, que se iniciaria em três semanas, estação na qual ele antevia ganhos impressionantes no mercado, algo como nunca tinha sido visto antes. Nenhum acontecimento doméstico ou externo poderia impedir que as ações continuassem subindo. As manadas de touros haviam adquirido dimensões colossais.

Como exemplo disso, naquela segunda-feira as ruas do Distrito Financeiro estavam cheias de transeuntes, alguns visitando o santuário sagrado do capitalismo como turistas, e outros, pequenos investidores e especuladores, apenas esperando a chegada da terça-feira, quando a verdadeira ação se reiniciaria. Não eram poucos os que reclamavam do feriado, verdadeiro desperdício, um dia em que não se podia ganhar dinheiro.

"Se é *Labour Day*, as pessoas deviam trabalhar", resmungou um dos insatisfeitos.

Billy Durant pensava em nomes para constituir mais um grande *pool*, talvez o maior de todos. Gostaria muito de ter Joe Kennedy ao seu lado. Joe mantinha sempre suas emoções sob total controle, nunca se deixando contaminar pelo pânico e, mais importante, jamais se entusiasmando em excesso quando os negócios iam bem.

Outro que poderia se juntar à nova puxada era o banqueiro James Riordan, da New York County Trust Company, conhecido por transformar em verdadeiras cruzadas as causas que patrocinava. Mike Meehan, o especialista da Radio, os *traders* Tom Bragg e Ben Smith, os sete irmãos Fisher, de Detroit, e Percy Rockefeller eram todos cogitados para entrar na sociedade. Tais pessoas envolvidas no mesmo *pool*, e um bom serviço de divulgação paga nos jornais, atrairiam centenas de milhares de especuladores para comprar os papéis na hora em que Durant e seus sócios quisessem pular fora e realizar seus lucros.

A ideia de Billy Durant era a de que o *pool* entraria em ação no final de outubro de 1929. Ele fixou o dia 28 daquele mês para o início das operações. Portanto, dispunha de 56 dias para definir os detalhes de seu plano de trabalho.

Na tarde desse mesmo dia um repórter da estação de rádio WJZ NBC entrevistou a astróloga Evangeline Adams. Queria obter dela uma previsão para o comportamento do mercado nos próximos meses.

"As ações poderão subir aos céus", a pitonisa respondeu com grande entusiasmo.

A profecia de Evangeline, levada ao ar no noticiário noturno da emissora, foi ouvida por dezenas de milhares de motoristas cujos carros, equipados com rádios, se arrastavam pelas estradas e pontes de acesso a Nova York, engarrafadas por causa do acúmulo de tráfego na volta das férias e do feriadão. Para piorar as coisas, o dia estava tão quente que a água de muitos radiadores ferveu, obrigando alguns automóveis a parar, agravando o trânsito. Outras pessoas simplesmente abandonaram seus carros no engarrafamento e foram para casa de metrô ou de trem.

Terça-feira, 3 de setembro, primeiro dia útil após as férias de verão. Charlton MacVeagh mastigou às pressas seu café da manhã, beijou Adele e partiu para Wall Street. Tal como a maioria das pessoas envolvidas com o mercado, MacVeagh detestara os três dias sem ação na Bolsa.

O metrô para Downtown estava superlotado e sufocante. Pudera. A previsão meteorológica estimava que seria o dia mais quente do ano. A temperatura máxima esperada na área de Nova York era de 35ºC.

De pé num dos vagões, ensanduichado entre outros passageiros, Charlton MacVeagh mantinha a mão direita firmemente agarrada numa das alças de apoio dependuradas em uma barra de metal cromado presa ao teto, paralela ao sentido do trem. Ele conseguia ler um exemplar do *The New York Times*, que segurava em sua mão esquerda acima das cabeças das pessoas sentadas nos bancos. Para mudar de página era necessária uma ginástica de contorcionismo. Assim Charlton pôde ler as notícias principais.

O *Graf Zeppelin* terminara sem nenhum incidente seu voo de circum-navegação. Um avião trimotor da Transcontinental Air Transport caíra no estado do Novo México, devido a uma tempestade, matando oito pessoas. *All Quiet on the Western Front* (Nada de novo na frente ocidental), um livro de ficção ambientado nas trincheiras da Grande Guerra, de viés pacifista, escrito pelo alemão Erich Maria Remarque, se mantinha em primeiro lugar nas listas de best-sellers.

O noticiário político dava conta de que a luta entre Jimmy Walker e Fiorello La Guardia pela prefeitura de Nova York seria dura, embora os dois candidatos estivessem prevendo para si vitórias por larga margem sobre o adversário.

Como o presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Edward Simmons, ia se casar em breve e se ausentar por longo tempo, seu vice e substituto estatutário, Richard

Whitney, a quem a maioria dos executivos e funcionários da Bolsa detestava, começava a pôr suas manguinhas de fora.

Na terça-feira, dia 3, Whitney convocou o superintendente William Crawford à sua sala.

"Exijo que a *ticker-tape* mostre sempre as cotações em tempo real." O tom de voz era o de um chefe supremo e não o de um futuro presidente interino.

William Crawford conteve sua irritação.

"Nós já estamos trabalhando em um novo siste..."

"Eu não tenho tempo para fazedores de desculpas." Whitney cortou a palavra do superintendente.

Desde que trocara, na prática, a flanela e a escova pelas consultorias, jamais o engraxate Pat Bologna tivera um movimento tão bom. Formando uma fila, especuladores e candidatos a especuladores ansiosos aguardavam sua vez de serem atendidos por Bologna, todos ávidos por uma boa dica.

Não muito distante de Pat Bologna, o judeu Michael Levine, faz-tudo de Wall Street, sabia que aquela terça-feira seria um dia intenso. Ele receava que seus mais de 2 mil mensageiros, correndo entre os bancos, as casas de corretagens e a Bolsa, seriam incapazes de dar conta do movimento que se prenunciava recorde. Milhares de envelopes contendo ordens de mercado, certificados de ações e cheques teriam de ser despachados para todos os cantos do Distrito Financeiro. Outros tantos precisavam ser recolhidos nos mesmos lugares.

Cada negócio fechado pelos 1.375 operadores de pregão da Bolsa de Nova York, e não havia dúvidas de que o movimento daquele primeiro dia após as férias seria colossal, detonaria uma ou duas dessas viagens de liquidação. Caso contrário, a máquina toda entraria em colapso. Wall Street simplesmente não podia ser derrotada pela burocracia.

Às 10h01, apenas sessenta segundos após William Crawford ter batido o gongo para abrir os negócios do dia 3 de setembro, Levine percebeu que ele e seus rapazes estavam correndo sério risco de sucumbir sob um mar de papéis.

Em sua toca, por volta das onze da manhã, Jesse Livermore já sabia que o mercado estava sendo impelido para cima como as cinzas e as lavas de um vulcão em erupção.

Naquele exato momento, Livermore era um touro. Mas estava atento aos sinais de suas vísceras, que raramente lhe davam indicações erradas, para vender tudo em dobro e voltar a ser o maior de todos os ursos.

Billy Durant e Michael Meehan faziam uma leitura diferente da de Jesse Livermore sobre o que estava acontecendo e sobre o que iria acontecer. Embora os dois

antevissem alguns movimentos de consolidação financeira, a tal "saudável realização de lucros", ambos acreditavam que a verdadeira alta ainda nem começara.

Por volta das quatorze horas, a Radio, papel de responsabilidade de Meehan, estava sendo negociada a 101 dólares, isso após ter dado uma bonificação de cinco ações por cada uma e de jamais ter pago um dividendo sequer. Com igual força subiam os papéis das concessionárias de serviços públicos (*utilities*) e das empresas de entretenimento.

O índice industrial Dow Jones, tal como a astróloga Evangeline Adams previra na véspera para a WJZ NBC, subira aos céus, fechando no nível recorde de 381,17.

Embora quase ninguém desconfiasse disso, esse nível seria o maior do grande *bull-market* dos anos 20, e só voltaria a ser atingido um quarto de século mais tarde, em 1954, após as tragédias da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial.

3 ARAUTO DA DESGRAÇA

Existe um indicador dos mercados em geral, e do mercado de ações em particular, que mostra que quando quase todo mundo está *bullish* (altista) para as cotações elas param de subir. Esse indicador tem um nome: Índice de Força Relativa (*Relative Strength Index* ou *RSI*).

O aparente paradoxo tem uma explicação. Se todos estão otimistas, quem tinha de comprar já comprou. E não havendo mais ninguém para comprar, o mercado cai. Cai até que surjam preços mais baixos e convidativos.

Em setembro de 1929, os jornais davam corda aos investidores. Uma matéria do *Wall Street Journal* de quarta-feira, dia 4, relatava:

> *Wall Street entrou na estação financeira do outono em um estado de espírito de otimismo. Com as ações das ferrovias apresentando um ganho firme e a produção nos principais ramos da indústria crescendo em forte ritmo, as perspectivas de ganhos das principais corporações com ações registradas na Bolsa de Valores são vistas como extremamente promissoras.*

Jesse Livermore, o mais bem-sucedido dos ursos, foi um dos que interpretaram a alta de terça-feira como sendo um possível topo do mercado. E decidiu agir de acordo com suas conclusões.

Na quarta, quinta, sexta e sábado da primeira semana de setembro, as ações começaram a oscilar muito, às vezes subindo, em outras descendo, mas sempre fazendo topos e fundos inferiores (*lower highs*, *lower lows*) aos da terça-feira, dia 3. Os investidores e especuladores começaram a ficar inquietos, conformando-se agora em realizar lucros pequenos tão logo surgia a oportunidade. A sociedade onde todos seriam ricos já não era um dogma incontestável. A ganância começava a ceder terreno ao medo.

Na manhã do próprio dia 4, Jesse Livermore recebeu em seu escritório uma mensagem cifrada procedente de seu informante de Londres. Segundo o comunicado secreto, Clarence Hatry, o rei do vidro, e que agora tentava tornar-se o rei do aço, enfrentava sérios problemas financeiros. E Hatry era simplesmente um dos homens mais ricos da Europa.

Livermore decidiu manter um olhar permanente na situação do magnata inglês, que poderia afetar negativamente não só o mercado londrino como também Wall Street. As primeiras peças do quebra-cabeças do urso começavam a se encaixar.

Restava-lhe traçar uma estratégia para a grande tacada de sua vida, justamente no campo escorregadio da baixa, que era a sua especialidade.

Quinta-feira, 5 de setembro, foi o dia do almoço anual da National Business Conference, em Boston. Desta vez o principal orador era o professor, estatístico e matemático Roger W. Babson, que vinha prevendo o tombo das bolsas de valores havia dois anos e por isso perdera boa parte de sua credibilidade.

Antes que Babson pronunciasse seu discurso, Jesse Livermore, imaginando que o orador iria mais uma vez prever uma grande queda do mercado, resolveu agir, agora amparado pela ansiedade que reinava entre os *traders*. Usando trinta corretoras diferentes, de modo a manter em segredo suas operações, Livermore fez vendas a descoberto no valor de 300 mil dólares. Era o velho urso em plena ação.

Desta vez Roger Babson não deixou barato: "Mais cedo ou mais tarde o colapso virá e poderá ser tremendo. A média industrial Dow Jones perderá de sessenta a oitenta pontos. Fábricas fecharão, seus empregados serão despedidos, o círculo vicioso da economia funcionará a pleno vapor e o resultado final será uma grave depressão econômica."

"Economista prevê um crash no mercado de ações", foi o boletim que as máquinas de telex da Associated Press enviaram para seus assinantes: rádios, revistas e jornais. Quase todos os órgãos divulgaram a notícia para seus leitores e ouvintes.

Evidentemente os touros não gostaram. "O espírito de porco da América voltou a fazer suas previsões catastróficas, desprovidas de sentido", foi o mínimo que disseram do economista. Nada disso evitou que uma onda de ordens de venda chegasse às corretoras.

Os verdadeiros profissionais levaram a sério os vaticínios de Babson. Entre eles, John Jakob Raskob, o banqueiro James Riordan e Billy Durant. Em troca de telefonemas os três concordaram que o discurso do economista poderia causar danos irreparáveis ao mercado.

Mal as notícias e os presságios negativos chegaram às corretoras, os papéis começaram a cair, entre eles Westinghouse, Woolworth, Consolidated Gas, Adam Express e Coca-Cola. No Posto 12 da Bolsa de Valores de Nova York, onde se negociava a Radio, Mike Meehan via as ordens de venda chegando de todos os lados. O mesmo acontecia em todos os postos de negociação.

Em Wall Street, o engraxate Pat Bologna se via cercado de homens e mulheres amedrontados. Eram em sua maioria pessoas de fora da cidade, parte da multidão que frequentava as salas de clientes das corretoras e dormia nos hotéis e pensões da Baixa Manhattan. Só estavam em Nova York para dar uma tacada na Bolsa antes de voltar para suas casas.

Bologna tentou tranquilizar seus consulentes. Mas quando um deles lhe disse que acabara de perder o dinheiro que acumulara ao longo de toda a sua vida, o engraxate começou a sentir medo.

Em sua edição das quatorze horas, o *Herald Tribune* publicou um artigo do prestigiado economista Irving Fisher, da Universidade de Yale, autor de vários livros sobre o mercado financeiro, refutando os argumentos de Roger Babson. Segundo Fisher, não havia a menor possibilidade de um crash na Bolsa.

A briga entre touros e ursos, agora no campo do academicismo, se estendeu aos jornais. Um tabloide nova-iorquino ofereceu cem dólares por semana a Babson para assinar uma coluna financeira diária e ele aceitou.

Durante toda a quinta-feira Jesse Livermore vendeu ações a descoberto. E dormiu vendido. Nessa sessão, o índice do *Times* caiu dez pontos e 5.565.280 ações trocaram de dono. Na sexta pela manhã, Livermore cobriu suas posições, pois os argumentos de Fisher estavam acalmando os investidores. Foi uma decisão acertada: ao longo do dia a Bolsa recuperou a maior parte das perdas da véspera.

No sábado o mercado também se manteve em alta, para alívio de Pat Bologna.

Winston Churchill entrou nos Estados Unidos a bordo de um *ferryboat* que o trouxera com sua comitiva de Vancouver, no Canadá, através das águas calmas do Puget Sound, para o porto de Seattle, no extremo noroeste do país. O barco ancorou no sábado, 7 de setembro.

Sempre atenta ao cumprimento da Lei Seca, que não vigorava em território canadense, a Alfândega americana resolveu revistar as bagagens dos quatro ingleses: Winston, Randolph, Jack e Johnny. Como levavam nas malas uísque e conhaque, mercadoria que não havia sido declarada, Winston Churchill não viu outra alternativa a não ser a do tradicional e universal "você sabe com quem está falando?".

Churchill brandiu no rosto dos agentes seu passaporte diplomático e uma carta de apresentação escrita e assinada por Charles Dawes, ex-vice-presidente dos Estados Unidos e agora embaixador americano em Londres. E recusou-se a abrir a bagagem.

Sem coragem de fazer a inspeção à força, os inspetores convocaram o chefe local da Alfândega que, por sua vez, chamou o vice-cônsul britânico em Seattle. Enquanto aguardava a solução de seu caso, o ex-chanceler do Erário dava baforadas furiosas em seu charuto.

Após algumas negociações, durante as quais as malas continuaram fechadas, prevaleceu a boa e velha "carteirada". Temendo estar criando um incidente diplomático, o chefe da aduana liberou os Churchill e suas bagagens. E ainda levou

os ingleses para um hotel onde, para grande surpresa de Winston e sua turma, foram conduzidos a uma mesa na qual lhes serviram cerveja e champanha, com os quais o inspetor-chefe não se vexou em brindar os ilustres estrangeiros com generosos tragos.

Após a primeira semana de setembro, quedas e altas abruptas passaram a se alternar na Bolsa de Nova York, embora quase sempre obedecendo ao padrão *lower highs*, *lower lows*. O volume dos negócios aumentou bastante, com os papéis e o dinheiro mudando de mãos. Muita gente que enriquecera na alta liquidava suas posições. No sentido inverso, investidores novos continuavam aparecendo nos escritórios das corretoras espalhadas pelo país, ávidos por ingressar na sociedade onde todos seriam ricos.

O editor financeiro do *The New York Times*, Alexandre Noyes, proclamava o fim do *bull-market*, no que foi contestado pelo *Wall Street Journal*. O *Times* estava certo, pois o mercado, embora ziguezagueando, ziguezagueou caindo. O concorrente *Journal* continuou *bullish*, declarando num primor de inobjetividade: "A evolução das cotações do principal conjunto de ações continuou a mostrar ontem as características de um grande avanço, temporariamente detido para a efetuação de reajustes técnicos."

Na quarta-feira, 11 de setembro, o *Wall Street Journal* apelou para uma citação de Mark Twain para sustentar, de modo ambíguo, sua opinião: "Não se desfaça de suas ilusões; quando as perder, você poderá continuar existindo, mas terá deixado de viver."

31 O HOMEM DA MALA

Steve Vargo pretendia sacar todo o dinheiro de sua poupança no Union Industrial Bank, de Flint, economizado de seu salário na Buick, para gastá-lo após o casamento. E já decidira que entre as despesas teria de incluir um sorvete de baunilha diário para Jolan, para cumprir a promessa solene que fizera a ela.

A morte, por atropelamento, de Frank, o irmão de 7 anos de Jolan, não alterara os planos da cerimônia e da festa, dos quais as duas famílias se incumbiam com gosto, não sem uma série de divergências sobre o número e, principalmente, os nomes dos convidados.

Era um domingo e Steve acabara de almoçar com a noiva, a mãe dela e o padrasto. Depois todos se sentaram em cadeiras de balanço no alpendre, enquanto aguardavam a chegada dos pais do noivo para dar prosseguimento às conversações. Mesmo na varanda o cheiro forte de álcool fermentado que emanava do subsolo da casa era forte.

Não demorou muito e os pais de Steve chegaram em seus melhores trajes domingueiros. Andrew, o padrasto de Jolan, deu um pulo na "fábrica" e trouxe de lá uma garrafa de uísque e copos. Só a noiva, por ser ainda uma menina, não foi servida.

Sem nenhum preâmbulo, e sem que ninguém ainda tivesse dito nada sobre o casamento, Andrew perguntou:

"Sábado, 19 de outubro, é uma boa data?" E completou: "Assim terei tempo suficiente para fermentar algo especial."

Os pais de Steve não objetaram. Ao contrário.

"Nessas semanas que faltam poderemos mandar fazer roupas apropriadas para a ocasião."

Após muitos debates, diversas outras decisões foram tomadas pelos mais velhos, sem que os noivos fossem ao menos consultados.

Na manhã seguinte, Steve Vargo, antes de bater o ponto na Buick, escoltou Jolan em sua primeira entrega diária de aguardente engarrafada, escondida no fundo falso do carrinho de Margaret, empurrado pelos dois em direção ao Centro de Flint. Steve voltou a falar de seu dinheiro guardado no banco.

"A única pessoa que sabe disso é você", ele a envaideceu.

"Puxa vida, Steve. Vamos poder comprar um bocado de sorvete de baunilha."

"Quando nós estivermos casados", ele abriu um sorriso cativante, "acho que vai dar para comprar uma máquina de fazer sorvetes".

A última das dúvidas de Jolan sobre se o casamento era uma coisa agradável, e não uma submissão dolorosa, havia acontecido alguns dias antes quando ela e Steve trocaram carícias no banco detrás de um carro. Nessa ocasião, ele a tratara com toda delicadeza, sem forçar nada.

Durante a caminhada de entregas daquela segunda-feira, Jolan e Steve foram abordados por um policial. Ela ficou aterrorizada.

"Está precisando de conserto", o oficial apontou para uma das quatro rodinhas. "A borracha está gasta e diversos raios estão faltando."

Jolan concordou com a cabeça, o coração aos pinotes.

Em nenhum momento Steve Vargo se atemorizou:

"Eu mesmo faço isso, talvez ainda hoje", ele disse ao agente da lei, que concordou com um aceno de cabeça e prosseguiu em sua ronda.

Na quinta-feira, 13 de setembro, Clarence Hatry chegou a Paris. Hospedou-se num dos melhores hotéis da Champs-Élysées. Junto com Hatry viajavam seu diretor-gerente Edmund Daniels e o assistente de Daniels, o italiano John Gialdini, um gênio em matemática que fizera carreira meteórica na corporação. Os três iriam fazer uma derradeira e desesperada tentativa para obter um empréstimo que pudesse salvar o império Hatry de um colapso total.

Ao embarcarem na Victoria Station, em Londres, na noite da véspera, Clarence Hatry se surpreendera com o tamanho da bagagem de Gialdini, desmesurada para uma viagem de poucos dias. A surpresa se transformou em estranheza quando o italiano manteve as malas junto de si no trajeto inglês do trem, na travessia do canal a bordo de um *ferry* e no percurso final do expresso para Paris.

Indagado a respeito das malas, Gialdini explicou a Hatry que se tudo corresse bem na França ele iria tirar alguns dias de férias na Suíça, onde sua mulher o encontraria.

A ida a Paris revelou-se um fracasso. Nas reuniões que Hatry e seus dois homens mantiveram com banqueiros franceses, todos se recusaram a lhes emprestar dinheiro.

Apesar do insucesso da viagem, na noite de sábado Gialdini recusou-se a voltar para Londres. Dizendo-se extremamente tenso, decidiu ir mesmo para a Suíça. Quando ele partiu com suas malas, Clarence Hatry, suspeitando de uma deserção, virou-se para Daniels e perguntou: "Será que nós o veremos novamente?"

O que Hatry não sabia, nem tinha como saber, era que Gialdini levava na bagagem 400 mil libras esterlinas que roubara de uma das companhias do grupo. O

magnata inglês também desconhecia que da Suíça o italiano faria uma baldeação para seu país. Lá estaria seguro, pois não havia tratado de extradição entre a Itália de Mussolini e o Reino Unido.

Acabrunhado, Clarence Hatry pediu a Edmund Daniels que reservasse lugares no trem e no *ferryboat* noturnos para a Inglaterra. Daniels ainda pensou em perguntar ao patrão se deveria adquirir bilhetes de segunda classe, mas se deu conta de que seria uma humilhação totalmente inútil.

Em meados de setembro, embora o mercado já tivesse dado os primeiros sinais de fraqueza, Wall Street continuava a lançar consórcios. Páginas e mais páginas de anúncios do *The New York Times* e do *Wall Street Journal* ofereciam esses papéis ao público.

O volume de empréstimos obtidos dos bancos pelas sociedades corretoras mantinha-se em alta. Qualquer pessoa que quisesse alavancar seu dinheiro em Wall Street não encontrava obstáculos em seu caminho.

Das dez da manhã, quando o pregão da Bolsa de Valores de Nova York era aberto, até as três da tarde, hora em que o superintendente William Crawford batia o gongo de encerramento, as salas de clientes das corretoras continuavam apinhadas de gente. A *ticker-tape* corria de mão em mão entre os especuladores. Aos poucos, os ursos voltavam a acreditar em sua força.

Quarta-feira, 18 de setembro, final da tarde. Sentado em sua sala no National City Bank, Charles Mitchell acabara de estudar cuidadosamente os números recentes do pregão, assim como os últimos relatórios da Reserva Federal. Não precisou de muito tempo para concluir que as ações estavam firmes e que quebrar os recordes de preços do dia 3 de setembro seria uma questão de tempo. De muito pouco tempo.

Mitchell tinha uma viagem marcada para a Europa, onde passaria um mês de férias. Mas antes de embarcar queria aumentar seus investimentos na Bolsa e convocar uma coletiva de imprensa para anunciar sua opinião sobre o mercado que poderia ser resumida em um simples conselho: "Seja um touro na América."

Já de volta a Londres, na manhã de quinta-feira, dia 19, Clarence Hatry, acompanhado de Edmund Daniels e de outros dois diretores de seu grupo empresarial, foi introduzido no escritório de Sir Gilbert Garnsey, um dos mais conceituados contadores da City.

Garnsey havia sido contratado pelo Lloyds Bank para estudar a situação das empresas de Hatry, uma vez que o magnata procurara o Lloyds na véspera, numa derradeira e desesperada tentativa de conseguir um empréstimo que impedisse seu império de desmoronar.

O contador foi direto ao assunto, sem adoçar as palavras: "Senhor Hatry, sua solicitação foi recusada."

Em apenas dois dias o preço total das ações das empresas de Clarence Hatry havia caído 2 milhões de libras. Ao mesmo tempo, em Paris, os papéis da Photomaton, também do grupo Hatry, entraram em colapso.

Hatry compreendia que agora nada podia salvá-lo. Por isso confessou a Garnsey que suas companhias tinham um passivo de 19 milhões de libras, contra apenas 4 milhões de ativos, havendo, portanto, um rombo de 15 milhões. E concluiu sua entrevista com o contador com um pedido surpreendente:

"Sir Gilbert, o senhor pode me levar até a delegacia de polícia mais próxima de modo que eu possa ser posto em custódia?"

Assustado, Garnsey fez uma contraproposta:

"E se eu fosse imediatamente procurar Montagu Norman no Banco da Inglaterra?"

O contador tinha esperanças de encontrar uma maneira de evitar uma debacle na City, que poderia se estender a Wall Street.

"Por favor, senhor Hatry, não vamos falar em polícia agora. Deixe-me ao menos tentar uma solução política. Enquanto isso, procure seu advogado", aconselhou. "No final da tarde os senhores voltem aqui para vermos como ficaram as coisas", concluiu, erguendo-se da cadeira e estendendo a mão aos visitantes.

Clarence Hatry e seus três executivos foram almoçar com Stanley Passmore, advogado de Hatry havia muitos anos. Passmore ficou estarrecido ao tomar conhecimento da situação financeira de seu cliente e amigo e, principalmente, dos delitos que ele cometera. Mas não foi por isso que recusou a causa.

"Eu não estou qualificado para esse caso. Clarence, desta vez você tem de procurar um criminalista."

Já em seu escritório, Clarence Hatry examinou algumas listas de nomes de advogados, mas não conseguiu encontrar nenhum que conhecesse bem a ponto de entregar-lhe um caso tão importante para seu futuro, futuro esse que poderia lhe custar muitos anos de cadeia. Esperou o final da tarde e retornou com seus homens ao escritório de Sir Gilbert Garnsey.

As notícias do contador não podiam ser piores.

Garnsey disse que sua visita a Montagu Norman não havia produzido nenhum resultado positivo e que não encontrara nenhum sinal de boa vontade no *governor* do Banco da Inglaterra, como aliás já acontecera com o próprio Clarence. Só que Sir Gilbert omitiu o fato mais importante. Norman lhe dissera que informara ao *chairman* da Bolsa de Valores de Londres a respeito da situação de Hatry e que a Bolsa decidira suspender os negócios com todos os papéis do grupo a partir da manhã seguinte.

Com relação à ideia manifestada pela manhã por Clarence Hatry de se entregar à polícia, desta vez Gilbert Garnsey concordou.

"Os senhores devem fazer isso imediatamente. Vou ajudá-los no procedimento, para causar-lhes o mínimo de embaraço possível."

O contador ligou para um velho amigo, Sir Archibald Bodkin, diretor da Promotoria britânica. Disse-lhe que iria encaminhar um grupo de homens da City que precisavam vê-lo imediatamente.

Bodkin quis saber por quê.

"Para confessar uma fraude", Garnsey não economizou nas palavras. Mas Bodkin quis saber mais detalhes.

"Fraude? Que tipo de fraude?" O promotor perguntou. "O que é que eles fizeram?"

"Uma falsificação. E as quantias envolvidas são gigantescas." O contador queria passar logo o problema adiante.

Sir Archibald era chegado a minúcias: "Quanto?"

"Da ordem de 20 milhões de libras."

Desta vez Gilbert Garnsey tinha certeza de que impressionara Bodkin. Mas não contava com a fleuma de Sir Archibald.

"Vê-los-ei amanhã às dez em ponto em meu escritório", a voz do promotor não revelou excitamento, embora jamais houvesse lidado com uma fraude daquele montante, possivelmente a maior da história do Império britânico.

Do lado oeste do Atlântico Norte, outras conversações aconteciam na cidade de Flint, Michigan, onde ainda era fim da manhã daquela quinta-feira. O tema era o mesmo: fraude. Os integrantes da Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank combinavam uma reunião para aquela noite no local de sempre: a sala do Conselho do banco.

O vice-presidente Frank Montague passou o dia todo em estado de grande nervosismo. Mesmo a Bolsa de Nova York tendo recuperado em parte as perdas da primeira semana de setembro, após a alta recorde do dia 3, Montague não conseguia dormir à noite, limitando-se a breves cochilos. Passava horas e mais horas na cama, ao lado de sua mulher Louise, pensando na melhor maneira de sair da situação. E o que mais o amargurava é que quase tinham conseguido sair do buraco.

A mesma aflição acometia o também vice-presidente Milton Pollock e o caixa Robert Brown, filho do presidente do banco. A única vantagem de Pollock e do rapaz Brown sobre Montague é que os dois primeiros recorriam a orações, na esperança de que Deus os tirasse daquela situação.

Na reunião programada para a noite, o vice-presidente sênior John de Camp e o tesoureiro assistente Ivan Christensen fariam uma exposição aos colegas da Liga

sobre a posição real da carteira de ações do grupo.

Depois que os funcionários do banco foram para casa, após o encerramento do expediente, os quinze defraudadores se reuniram na sala do Conselho.

De Camp não perdeu tempo em dar as más notícias.

"No dia em que Roger Babson fez aquele discurso catastrofista em Boston", explicou ele, "nós estávamos comprados. E perdemos muito dinheiro quando a Bolsa despencou. Então eu resolvi vender a descoberto para recuperar o prejuízo. E, como vocês sabem, o mercado reverteu a tendência e subiu. Em resumo: perdemos na ida e na volta".

John de Camp fez uma pausa, respirou fundo e fulminou:

"Nosso déficit, que havia caído para apenas 60 mil dólares, está agora em 700 mil. Tudo isso em apenas duas semanas e sempre usando os fundos das contas dos clientes."

Houve um silêncio abissal na sala, só quebrado por um gemido de Frank Montague.

Após algumas discussões acaloradas, com trocas de acusações as mais diversas, os cavalheiros da Liga decidiram que a única opção era continuar fazendo as operações fraudulentas no mercado de ações, alavancando cada vez mais, até que pudessem repor o dinheiro dos correntistas. Caso contrário, todos iriam para a cadeia, deixando suas famílias arruinadas.

33 ATRÁS DAS GRADES

A notícia de que as ações das empresas de Clarence Hatry haviam sido suspensas das negociações na Bolsa de Valores apareceu nos matutinos de Londres de sexta-feira, 20 de setembro. Em termos práticos, isso significava que o império de Hatry poderia estar desmoronando. Restava ao grande público saber como pudera acontecer tal coisa. Pois só o círculo mais interno do empresário — o contador, Sir Gilbert Garnsey; o *governor* do Banco da Inglaterra, Montagu Norman; o advogado de Hatry, Stanley Passmore; e Sir Archibald Bodkin, diretor da Promotoria britânica — tinha conhecimento do caso.

Em Nova York, o urso Jesse Livermore também soubera, havia mais de duas semanas, através de seu informante em Londres, das dificuldades financeiras do magnata inglês.

Tal como combinado, Hatry e seus três associados se apresentaram na antessala de Sir Archibald às dez da manhã. Hatry passara a noite em um hotel. Como não raro acontece entre pessoas que guardam um segredo comprometedor por muito tempo, ao revelá-lo ele se sentira aliviado e dormira bem. Durante o café da manhã pôde ler sobre o colapso de suas empresas nos jornais. Estava na primeira página de todos eles, desde os tabloides sensacionalistas até o *The Times*.

O primeiro castigo foi um chá de cadeira ao qual foram submetidos por Sir Archibald. Quando finalmente os fez entrar em sua sala, o diretor da Promotoria não os convidou a se sentar nem lhes estendeu a mão. Hatry e seus homens permaneceram de pé, constrangidos, em frente à mesa da autoridade refestelada em sua poltrona.

"Por favor, expliquem o motivo de suas presenças", pediu Bodkin.

Hatry não escondeu nada. Além de relatar o rombo nas finanças de suas empresas, confessou as irregularidades que havia cometido.

Bodkin pressionou um botão em sua mesa. Imediatamente um detetive da Scotland Yard, que estivera aguardando o chamado num escritório adjacente, entrou na sala, exibindo uma fisionomia inamistosa.

"Estes senhores querem fazer uma declaração", Sir Archibald informou ao recém-chegado.

Hatry repetiu tudo o que dissera ao diretor da Promotoria. Quando terminou, Bodkin apontou a porta com a ponta do queixo e instruiu o policial:

"Prenda-os."

Já do lado de fora, o rosto do detetive se desanuviou.

"Eu vou precisar obter um mandado", explicou em tom amável. "Enquanto isso, por que vocês não se alojam no Charing Cross Hotel? Fica aqui perto. Lá vocês podem almoçar enquanto aguardam minha volta. A burocracia às vezes demora um pouco. E nunca se sabe quando haverá uma oportunidade de outra refeição decente."

O oficial só retornou no final da tarde, já de posse da papelada. As coisas então se sucederam rapidamente. Em menos de duas horas, Clarence Hatry e seus companheiros estavam atrás das grades.

Desde o início de setembro, quando no dia 4 soube dos problemas do conglomerado inglês de Clarence Hatry e, no dia seguinte, quando o economista Roger Babson anteviu um crash no mercado de ações de Nova York e uma depressão econômica nos Estados Unidos, o urso Jesse Livermore já ganhara um milhão de dólares vendendo ações a descoberto.

O lucro não tinha sido tão fácil como se poderia supor. A Bolsa ainda observava uma trajetória de zigue-zagues, embora mantendo-se no padrão de *lower highs*, *lower lows*. Mas Jesse sabia lidar bem com aquelas oscilações, maximizando com elas os seus ganhos.

Na sala de estar da mansão na rua 12 do banqueiro James Riordan, presidente da New York County Trust Company, John Jakob Raskob tentava convencer seu anfitrião de que a queda do mercado de ações nova-iorquino causada pela falência de Clarence Hatry era uma ótima oportunidade para se entrar no mercado comprando.

"Eu sei que o conglomerado do inglês é grande", o tom de voz de Raskob demonstrava toda a confiança no que dizia, "e que o rombo também é, mas isso foi lá em Londres. Já, já a Bolsa daqui passa a olhar para os fundamentos da América, que estão cada vez mais sólidos e promissores".

Raskob trouxera consigo uma garrafa de conhaque espanhol, que ele e Riordan esvaziavam com sofreguidão.

"Você não tem medo de trafegar com isso pelas ruas?", James Riordan apontou para a bebida. "E se os agentes da Lei Seca lhe pararem?"

John Raskob deu uma risada gostosa e sacou do bolso do paletó uma declaração de seu médico afirmando que o paciente necessitava de conhaque por razões medicinais.

Os dois voltaram a conversar sobre o mercado. Riordan não compartilhava do otimismo de Raskob.

"Você precisa ver o nível das pessoas que estão pedindo dinheiro emprestado ao banco para aplicar na Bolsa", disse. "Tudo peixe pequeno querendo ficar rico da noite para o dia."

"E você empresta?", John Raskob quis saber.

"É o meu negócio", respondeu James Riordan. E completou: "Mas quando as ações caem nós enviamos um telegrama exigindo reforço de margem. Se os caras não pagam imediatamente, os papéis são liquidados."

"Não se preocupe muito com isso." Raskob era definitivamente um touro convicto. "O mercado ainda vai subir por mais uns vinte anos. Nessa época, eu já terei morrido e só serei lembrado por causa do Empire State Building."

Ao longo da segunda quinzena de setembro o mercado prosseguiu em seu canal de baixa, embora com piques de alta. Isso era facilmente perceptível nos gráficos. Os volumes de negociação se mantiveram elevados e muitas ações mudavam de dono. "O bom não é comprar na baixa?", argumentavam os calouros, antes de dar seus bens em garantia de empréstimos bancários.

As declarações do professor Irving Fisher, da Universidade de Yale, que recebiam ampla publicidade nos jornais, encorajavam os novos touros.

"Estou totalmente convicto de que as ações atingiram um patamar que se manterá permanentemente elevado", Fisher declarou e os peixes miúdos foram na dele.

Na outra face da moeda, não faltavam advertências sobre os riscos da Bolsa. A *Weekly Business and Investment Letter*, publicada pela agência classificadora Standard & Poor's, chamou de "grande delírio" o que estava acontecendo em Wall Street. O diretor de redação do *The Commercial and Financial Chronicle* escreveu que a Bolsa endoidecera. Mais do que todos, o veterano Alexander Dana Noyes, do *The New York Times*, carregava nas tintas, alertando, entre outros presságios sinistros, sobre a iminente chegada do "Juízo Final" no mercado de ações.

Na Bolsa de Valores de Nova York, os volumes continuavam altos, oscilando entre quatro e 5 milhões de ações negociadas diariamente e às vezes passando dos cinco. E, mais perigoso, o volume de emissões de novos papéis, boa parte deles apenas isso, "papéis", batia recordes atrás de recordes.

No dia 20 de setembro, as ações da Lehman Corporation — grupo que seria pivô de uma grave crise 79 anos mais tarde —, que haviam sido lançadas no dia 19 a 104 dólares, abriram no pregão a 136, um lucro de 30% em 24 horas.

O que não faltava era lenha para a fogueira. No mesmo mês de setembro os empréstimos dos bancos às corretoras atingiram a marca de 670 milhões de dólares.

Só os profissionais mais lúcidos percebiam que o padrão *lower highs*, *lower lows* continuava prevalecendo. Ou seja, a Bolsa estava caindo. Para isso, bastava observar os gráficos dos índices de ações. Mas poucos queriam saber de gráficos no apogeu dos *Roaring Twenties*, uma época em que a ganância se sobrepunha à lógica.

34 FERIDOS, DESCONFIADOS, MAS AINDA TOUROS

No vagão abarrotado do metrô que o levaria até a estação de Wall Street, o jovem Charlton MacVeagh, marido de Adele e executivo do J. P. Morgan, prestava atenção à conversa dos demais passageiros. A maioria só falava de ações e consórcios de investimento. Só que ninguém fazia comentários negativos. Era como se o colapso do inglês Clarence Hatry não tivesse acontecido e como se os analistas profissionais fossem unânimes na crença de que o mercado continuaria firme para sempre.

Aquele trem, tudo parecia indicar, era um expresso de touros, com exceção de MacVeagh, que temia pela sorte da Bolsa desde o surgimento dos primeiros sinais de fraqueza.

Ao emergir das escadarias da estação de Wall Street, e iniciar seu pequeno percurso até a Casa Morgan, Charlton, tal como vinha acontecendo nas últimas semanas, precisou forçar sua passagem por entre a multidão que se concentrava do lado de fora das sociedades corretoras. As expressões de euforia das pessoas eram idênticas às dos passageiros do *subway*.

Quando se aproximou do J. P. Morgan, Charlton viu a limusine de Thomas Lamont se afastando e Lamont subindo as escadas do prédio. Com medo de ter-se atrasado, MacVeagh olhou as horas. Viu que estava no horário. Quem se adiantara fora Lamont, no momento ocupando o primeiro cargo na hierarquia da firma, uma vez que Jack Morgan estava gozando suas férias anuais em Wall Hall, seu castelo em Hertfordshire, Inglaterra.

De acordo com a tradição da Casa, o primeiro em posto era sempre o último a chegar, pontualmente às nove horas. E se isso não estava acontecendo naquela manhã era porque havia algo de anormal.

Outro que caminhava pela Wall Street em direção ao seu escritório era Hut Hutton-Miller, 26 anos, corretor júnior revelação da W. E. Hutton and Company. Miller, como alguns de seus colegas já veteranos, ponderava os perigos do culto ao mercado de ações. Ele sabia que muitas daquelas pessoas que apinhavam as calçadas do Distrito Financeiro voltariam desapontadas para casa no final do dia.

Minutos mais tarde, já em sua mesa de trabalho, enquanto atendia os clientes da firma pelo telefone, Hut os alertava sobre as tentações e os riscos da expectativa de uma fortuna fácil e rápida. Mas os novos investidores e especuladores estavam muito mais interessados nas entrevistas de John Jakob Raskob e do professor Irving Fisher

— com suas previsões megalômanas sobre as tendências das cotações —, do que nas advertências de corretores mais prudentes.

"Se você já pulou fora", ponderava Hutton-Miller, "continue de fora. O mercado está cada vez mais difícil de interpretar, mesmo para pessoas como eu, que lidam com ele todos os dias".

"Mas se você ainda está dentro", prosseguia Miller, "adote uma postura cautelosa, principalmente se sua posição é alavancada. Liquide tudo ao primeiro sinal de perigo. Lembre-se das chamadas de margem, que surgem imediatamente quando as ações caem. Se você não tem fundos para cobri-las, vai ser catapultado do mercado".

Hutton-Miller fazia questão de ser bem alarmista, embora soubesse que a ganância travava o raciocínio das pessoas, inclusive o dele. O próprio Miller se via incapaz de seguir seus conselhos. A tentação de tirar a sorte grande (*to hit the jackpot*) era irresistível.

Já no Morgan, Charlton MacVeagh viu, através do vidro que isolava acusticamente sua escrivaninha da grande sala dos sócios, que estes conferenciavam com ares de grande preocupação ao redor da mesa de Lamont. Logo MacVeagh ficou sabendo, por intermédio de uma secretária, que a reunião havia sido convocada de manhã cedo pelo telefone e que iria durar mais tempo do que o encontro diário normal.

Na verdade, os sócios estavam conversando sobre uma mensagem importante que chegara de Jack Morgan, naquele momento em Londres, alertando sobre as possíveis repercussões em Wall Street do colapso de Clarence Hatry na Grã-Bretanha.

Billy Durant achava que o caso Hatry estava sendo superestimado pela mídia e tentava convencer o financista Bernard Baruch dessa tese. Os dois se conheciam e se respeitavam havia vários anos. Durant tentava recrutar Baruch para participar do novo consórcio que vinha planejando.

"Não, Billy, não tenho o menor interesse no momento de entrar em consórcio algum." Baruch se mostrou peremptório.

Durant reduziu suas pretensões.

"Então dê ao menos uma declaração à imprensa encorajando as pessoas a investir."

"Não, amigo, nem isso. Eu simplesmente acho que o mercado vai desabar. E não pretendo iludir as pessoas."

Billy Durant fingiu ignorar a censura embutida nas palavras do amigo.

"Em todo caso, obrigado, Bernard." Durant desligou o telefone, não conseguindo evitar uma pontada de desconforto ao ver Baruch tão pessimista.

Joe Garcia achou o trajeto daquela manhã de terça-feira, 24 de setembro, invulgarmente calmo. Ao seu lado no Rolls-Royce, o patrão Amadeo Peter Giannini quase não falou durante a viagem de San Mateo para São Francisco. Sentada no banco traseiro, Claire também se mantinha em silêncio. Ela sabia que não faltavam ao pai motivos para ficar apreensivo.

O mercado de ações estava vulnerável e A. P. Giannini sabia disso. No primeiro telefonema daquela manhã, que atendera ainda em casa, Doc, seu irmão, de Nova York, lhe dissera que havia mais ursos profissionais em Wall Street do que em qualquer ocasião da qual ele pudesse se lembrar. Uma onda de perdas parecia ser questão de tempo.

Para piorar as coisas, Giannini e sua filha se preocupavam com Elisha Walker, o sócio da Transamerica que viera a reboque da fusão com o grupo Blair, um touro convicto que poderia causar enorme estrago se adotasse uma postura agressiva de compra no mercado. Sendo Walker agora o segundo em hierarquia no conglomerado, ficava difícil pajear todas as suas tomadas de decisão.

Giannini já estava em São Francisco, visitando uma das agências do banco, em Chinatown, cuja gerente, a primeira mulher contemplada com esse cargo nos Estados Unidos, fazia aniversário, quando Doc telefonou pela segunda vez no dia.

"A. P.", que era como Doc às vezes o chamava, "a bolsa está caindo muito. As ações da Transamerica estão perdendo terreno".

"Vamos sustentá-las. Compre o que for preciso", Giannini não perdeu tempo.

Sempre que uma emergência se apresentava, ele raciocinava com velocidade espantosa. Isso desde o terremoto e o incêndio de São Francisco, 23 anos antes.

A rapidez da queda naquela terça-feira pegou até o urso Jesse Livermore desprevenido. Não houve tempo de vender a descoberto. Restou-lhe o tormento de ver a Bolsa cair sem que ele ganhasse um centavo. A American Can levou um tombo de 5,12 dólares por ação; a General Motors, cinco dólares; Montgomery War, 4,20 dólares; Radio, 3,50 dólares; e United States Steel, 5,25 dólares.

"Isso ainda é consequência da falência de Clarence Hatry", concluiu Livermore. "Mas estão surgindo sinais de uma catástrofe em Wall Street. E essa eu não vou perder", consolou-se o urso.

A terça revelou-se desastrosa para a Liga de Cavalheiros do Union Industrial Bank de Flint. Pois justamente naquela manhã de 24 de setembro, antes da abertura dos mercados, eles haviam desviado grandes somas de fundos das contas dos clientes para comprar ações da U. S. Steel, da General Electric e das principais ferrovias.

Findo o dia, restou aos cavalheiros lamber as feridas. Só naquele mês o rombo aumentara em 1,5 milhão de dólares.

Não menos preocupado estava o engraxate Pat Bologna ao ver hordas de investidores vagueando por Wall Street, todos praguejando sobre a falta de lógica da Bolsa.

"Eles vão recuperar seu dinheiro, e eu também", aprumou-se Bologna.

A sessão do dia causou grande desgosto ao superintendente da Bolsa de Valores de Nova York, William Crawford. Não tanto por causa da queda, já que ele não especulava. O problema de Crawford era que a grande quantidade de ordens de venda atrasara a *ticker-tape*. No fechamento dos negócios, a fita exibia transações realizadas meia hora antes e não os preços em tempo real como deveria ser.

Não bastasse seu próprio aborrecimento, Crawford ainda teve de enfrentar uma descompostura do vice-presidente da Bolsa, Richard Whitney, por causa do desempenho do maquinário. Pelo menos foi ao atraso da *ticker* que as críticas de Whitney se referiam, já que não podia culpar o superintendente pelo comportamento do mercado, este sim o verdadeiro motivo de seu nervosismo, pois sua carteira particular sofrera enorme tombo ao longo do dia.

Mais uma vez, Richard teria de pedir socorro financeiro ao seu irmão George, do J. P. Morgan. Se o Whitney banqueiro recusasse apoio ao Whitney da Bolsa, este se veria na mesma posição do inglês Clarence Hatry e dos cavalheiros da Liga do Union Industrial Bank, todos contabilmente quebrados, todos trapaceiros, variando apenas o tamanho dos respectivos passivos a descoberto.

Evidentemente nem todo mundo perdera dinheiro naquela terça-feira de 24 de setembro de 1929. Afinal de contas, quando alguém compra, alguém vende. E o grande urso do dia fora o especulador Bernard Baruch, o mesmo que se recusara a participar do novo consórcio de Billy Durant. Havia dois dias Baruch vinha se livrando de sua carteira de ações.

Outros que venderam foram Michael e Jack Bouvier, respectivamente tio-avô e pai da futura primeira-dama Jacqueline Kennedy, nascida dois meses antes. O velho Michael e seu sobrinho Jack se desfizeram da totalidade de suas carteiras.

Joe Kennedy já estava de fora do mercado havia algum tempo. Esperava apenas ter a habilidade de detectar um momento propício para vender a descoberto, coisa que alguns veteranos manipuladores já haviam começado a fazer, entre eles Tom Bragg, da W. E. Hutton; e Albert Wiggin, presidente do Conselho de Diretores do Chase National Bank.

Wiggin fizera algo que ninguém jamais poderia supor: vendera a descoberto ações do próprio Chase. O resultado da ousadia seria um aumento de 4 milhões de dólares em sua fortuna pessoal.

Embora crescente, o número de ursos era ainda insignificante se comparado ao tamanho da manada de touros. Feridos, desconfiados, mas ainda touros.

35 CHAMADAS DE MARGEM

Na quarta-feira, 25 de setembro, pouco antes de os mercados americanos abrirem, as agências de notícia informaram sobre a intenção do Banco da Inglaterra de subir a taxa de desconto naquele país. Como resultado, nas duas primeiras horas de pregão na Bolsa de Valores de Nova York novas ondas de venda deram prosseguimento às do dia anterior. Os preços das ações continuaram despencando.

Em Flint, Ivan Christensen, tesoureiro assistente do Union Industrial Bank, recebeu logo de manhã telefonemas das três filiais na cidade das casas de corretagem de Wall Street com as quais a Liga de Cavalheiros operava. Todas pediam reforços de margens para compensar os prejuízos da véspera.

Cada vez que desligava o telefone, Christensen repassava a má notícia aos comparsas da Liga. Os 100 mil dólares desviados de clientes escolhidos pelo vice-presidente sênior John de Camp no início do expediente já não davam para cobrir as perdas. Para piorar as coisas, eles haviam comprado mais ações de grande liquidez (*blue chips*) na abertura do pregão. E teriam de honrar esses compromissos adicionais no período da tarde.

Os corretores locais não faziam grande pressão sobre o pessoal do Industrial. Eles acreditavam que os investimentos estavam sendo feitos por especuladores ricos da cidade, que poderiam arcar com os prejuízos. Por isso aceitavam novas ordens e admitiam pequenos atrasos no pagamento dos reforços de margem. Mesmo gente rica às vezes tinha dificuldade de obter dinheiro instantaneamente.

O vice-presidente do Union Industrial, Frank Montague, estava particularmente aturdido. Desde o início das falcatruas, ele tinha dificuldade em lidar com a pressão sobre seus nervos. Dormindo poucas horas por noite, Frank perdera peso e passara a tratar com rispidez Louise e as crianças.

Havia outra razão para Montague se torturar. Sem que os colegas de falcatruas soubessem, ele fizera um desfalque particular no valor de 50 mil dólares, também jogados na Bolsa. E perdera até o último centavo. Agora pensava seriamente em cometer suicídio.

Os nove atendentes de caixa envolvidos nas fraudes faziam malabarismos escriturais e contábeis para desviar os fundos necessários para cobrir margens. Lançavam retiradas fictícias e se apoderavam do dinheiro. Quando um dos correntistas lesados aparecia no banco para fazer um saque maior do que o saldo

lançado de sua conta, era necessário transferir às pressas recursos de outro correntista.

Sendo ao mesmo tempo caixa e integrante da Liga, Robert Brown, filho do presidente do Union, Grant Brown, se sentia em meio a uma operação de guerra. Uma guerra surda, muda e secreta. Pois nem os clientes nem o pai podiam sequer suspeitar levemente dos cambalachos que ele fazia, o que o obrigava a ser um ator quando chegava em casa, à noite, sorridente e descontraído por fora, angustiado por dentro.

Christensen, De Camp, Robert Brown e os demais colegas sabiam agora que não tinham outra opção a não ser seguir adiante até que Wall Street se recuperasse dos baques ou então que as falcatruas fossem descobertas, caso em que iriam todos para a cadeia. O único que tinha uma solução alternativa, o suicídio, era Montague. Que por sinal não tinha nada de honroso, pois iria jogar o peso de sua desgraça sobre a cabeça de Louise e dos filhos.

À medida que, naquela manhã, o mercado de ações continuava a cair em Nova York, crescia o número de saques no Union Industrial Bank. Não que os cidadãos de Flint subitamente desconfiassem da solidez da instituição, que em seus 36 anos de existência enfrentara — e superara — diversas crises e pânicos ocorridos em Wall Street. É que esses clientes também jogavam na Bolsa e agora recebiam suas próprias chamadas de margem. Isso só piorava as condições do terreno minado e pantanoso no qual os membros da Liga se moviam.

A quase insana tarefa de maquiar as contas-correntes minuto a minuto cabia ao tesoureiro sênior Russell Runyon e a seu braço direito, Elton Graham — um trabalho que exigia enorme perícia e sangue-frio.

Era quase hora do almoço quando, sem que ninguém esperasse, surgiu no prédio o presidente do banco, Grant Brown.

"Vim fazer uma inspeção", Brown explicou enquanto se dirigia para sua sala. "Por favor, me tragam os livros."

36 VENDA O RUMOR E COMPRE O FATO

Os demais bancos de Flint haviam lançado um movimento conjunto para tentar tirar o Union Industrial de sua posição de liderança. Visando contrabalançar essa iniciativa, o presidente Grant Brown, do Union, fazia uma campanha de visitas aos principais empresários da cidade para lhes lembrar que seu banco era o mais seguro e confiável de todo o estado de Michigan.

Como alguns desses homens de negócio haviam perguntado a Brown sobre os últimos resultados do Industrial, o presidente resolveu conferi-los pessoalmente. Daí sua ideia de inspecionar os livros contábeis e as fichas das contas-correntes naquela quarta-feira, 25 de setembro.

Em outubro, Grant Brown pretendia lançar uma grande campanha publicitária. Entre outras providências, tais como anúncios na mídia local, todas as empresas e residências de Flint receberiam um panfleto mostrando os formidáveis recursos financeiros do Union Industrial Bank.

Quando Brown pediu para examinar os livros, o vice-presidente sênior John de Camp, um dos membros mais ativos da Liga de Cavalheiros, se ofereceu para executar a tarefa de inspeção.

"Não faz sentido um homem de sua posição ficar conferindo números", De Camp lançou sua isca.

Brown se valeu de uma desculpa para não aceitar a oferta.

"Obrigado, John, mas faço questão de checar as contas", afirmou Grant de modo incisivo, não dando margem para insistências. "Se um dia a Comissão de Bancos", prosseguiu, "me chamar para depor sobre nossa situação, terei de jurar que esmiucei pessoalmente os registros".

Grant Brown já estava em sua escrivaninha quando Milton Pollock, também vice-presidente, com o rosto descorado de preocupação, trouxe o primeiro livro. Após um quarto de hora, que pareceu uma eternidade para os cavalheiros da Liga, já informados da inspeção, Brown aprovou os lançamentos e pediu o segundo.

Mais alguns minutos, o presidente, após seu exame, solicitou o terceiro, depois o quarto, o quinto, o sexto e assim por diante. O que ele não sabia era que cada livro que entrava em sua sala acabara de receber um lançamento de crédito, feito por um dos defraudadores, correspondente ao dinheiro subtraído daquela conta.

Nessa atividade frenética, os caixas e tesoureiros envolvidos na trapaça tinham de consultar outro livro, este exclusivo da Liga. Tratava-se de um caixa dois, no qual todos os desfalques eram lançados, sempre com os nomes e os valores correspondentes a cada operação. Não fosse isso, eles perderiam o controle de suas atividades. Nesse caso, mesmo que as especulações na Bolsa dessem certo, seria impossível repor a quantia exata em cada conta.

Antes de os papéis irem para a sala do presidente, a tinta dos lançamentos era cuidadosamente secada com mata-borrões, para que não ficasse óbvio que o registro acabara de ser feito.

Dentro de suas gaiolas douradas, os atendentes de caixa trapaceiros prendiam a respiração à medida que cada livro e cada ficha voltavam da inspeção de Brown.

Em determinado momento, uma das fichas seguiu para o presidente sem que tivesse havido tempo de "consertar" os lançamentos. Foi então que o tesoureiro assistente Ivan Christensen, por sua própria iniciativa, num rasgo de audácia, entrou na sala de Brown.

"Senhor", disse Christensen, sem que sua voz demonstrasse a menor insegurança, "eu preciso dessa ficha para lançar uma chamada de margem. Para isso é necessário conferir se o cliente tem saldo suficiente. O mercado está levando um tombo em Nova York e temos de fazer lançamentos a cada minuto. Não poderia haver um momento mais inapropriado para essa conferência. Preciso manter os livros contábeis do meu lado para atender as chamadas. Do contrário, o banco estará correndo sério risco".

O presidente Grant Brown hesitou um pouco. Então decidiu:

"Estou satisfeito com o que vi até agora. Podem parar de me trazer os livros. Não quero atrapalhar o trabalho de vocês."

Nada mais tendo a fazer, Brown foi para casa almoçar. A notícia de sua saída se espalhou entre os "cavalheiros". A comemoração discreta que fizeram durou pouco tempo. Eram treze horas e as *blue chips* que haviam selecionado pela manhã estavam com uma queda média de sete dólares.

Uma hora mais tarde, Ivan Christensen recebeu o telefonema de um corretor exigindo que um depósito de margem fosse feito imediatamente. Desta vez Christensen perdeu o controle de seus nervos. Virou-se para alguns comparsas que se encontravam a seu lado e disse:

"Está tudo terminado!" (*It's over!*)

John de Camp pediu a Christensen que falasse com Nova York. Havia rumores de que o National City se juntara a outros bancos para montar uma gigantesca operação de compra para equilibrar o mercado. O resgate se concentrava em papéis estratégicos: United States Steel, General Electric, United Aircraft e Standard Oil,

títulos nos quais a Liga de Cavalheiros fizera compras pesadas sob garantias de margens.

A força-tarefa de socorro funcionou. Por volta das 14h45, Christensen pôde avisar aos seus cúmplices que a baixa de Wall Street fora estancada. Como o mercado fecharia em quinze minutos, era bem provável que no dia seguinte, quinta-feira, o mercado abrisse em alta e recuperasse suas perdas.

"Vamos ficar sentados sobre nossos papéis", Ivan Christensen comandou confiante, aparentemente recuperado do pânico que o acometera pouco antes.

Tal como fora noticiado, na quinta-feira, dia 26, o Banco da Inglaterra elevou sua taxa de desconto de 6% para 6,5% ao ano, no que foi acompanhado pelos bancos centrais de Áustria, Dinamarca, Noruega, Suécia e República da Irlanda.

Existe um ditado em Wall Street que diz: "Compre os rumores e venda o fato" (*buy the rumour, sell the fact*). Funciona e mais uma vez funcionou. Só que desta vez foi ao contrário. O certo então seria: "Venda o rumor e compre o fato." Os *traders* que haviam vendido ações a descoberto na expectativa do aumento dos juros na Europa trataram de recomprá-las. Os papéis em Nova York e nas demais praças americanas subiram naquela quinta, para grande alívio dos touros e desalento dos ursos.

Um dado preocupante, anunciado no final do pregão pelo vice-presidente da Bolsa de Nova York, Richard Whitney, aparentemente passou despercebido ou foi interpretado de maneira errônea pelos especuladores. Na semana anterior, de acordo com Whitney, houvera um aumento de 192 milhões de dólares nos empréstimos às sociedades corretoras, elevando o total para vertiginosos 6,8 bilhões.

Billy Durant e John Jakob Raskob concluíram que o aumento no volume de empréstimos estava totalmente em descompasso com a performance do mercado. Para duas raposas velhas como Durant e Raskob, isso era um sinal inequívoco de que as ações estavam passando das mãos fortes dos grandes investidores para as mãos fracas da arraia-miúda, que vendia, ou era forçada pelos bancos a vender, na primeira chamada de margem.

Dito e feito. Na sexta-feira de 27 de setembro, o mercado voltou a desabar. A Westinghouse perdeu onze dólares por ação; a Allied Chemical, 10,75; a General Electric, quase treze dólares. A cotação da Columbia Carbon fechou 17,25 dólares abaixo de seu preço de abertura.

Em Flint, a Liga de Cavalheiros perdeu 100 mil dólares. Já em Wall Street, o engraxate Pat Bologna ficou duzentos dólares mais pobre.

No sábado, o mercado se mostrou errático. Abriu fraco e permaneceu fraco até faltarem quarenta minutos para soar o gongo de fechamento. Então recuperou-se

com robustez a ponto de fechar o dia em alta. Foi o suficiente para reacender a euforia da multidão que se aglomerara em Wall Street.

Ao sair de seu escritório, o jovem corretor Hut Hutton-Miller viu um homem vestindo um macacão e um capacete de operário da construção civil dizer para um colega que usava trajes idênticos:

"Agora é o momento dos espertos. É só pular dentro e esperar a nova onda de alta. O banco me ofereceu outro empréstimo. Você acha que eu vou perder a chance?"

37 SUPORTE ORGANIZADO

Trinta de setembro de 1929 caiu numa segunda-feira. Uma grande agitação se apossara do Distrito Financeiro de Nova York àquela manhã. Desde cedo o engraxate Pat Bologna recebia enorme assédio de "clientes". Em toda a região de Wall Street, grupos de pequenos investidores e especuladores se formavam do lado de fora das casas de corretagem, num empurra-empurra em que todos queriam entrar ao mesmo tempo. Uma enorme fila, que começava na entrada da galeria de visitantes da Bolsa de Valores, ziguezagueava por sete quarteirões até a margem do East River.

Nas instituições financeiras, sócios, diretores e demais executivos faziam prognósticos sobre os rumos do mercado. Só a maneira de falar variava. No Bank of America, de Amadeo Peter Giannini, discutia-se em italiano, não sem o acompanhamento típico de movimentos espalhafatosos das mãos. Na sala do conselho do National City Bank havia uma confusão de sotaques. Enquanto isso, no J. P. Morgan, um sussurrar discreto e refinado zumbia ao redor da mesa do presidente em exercício, Thomas Lamont.

Boateiros se espalhavam por todos os lados. Na W. E. Hutton and Company, Hut Miller ouvia seus colegas passarem dicas ao telefone, embora nenhum deles estivesse convicto de nada.

Segundo muitos, a fórmula mágica para salvar o mercado de ações era um "suporte organizado de compra" (*organized buying support*). Embora a expressão soasse bem, era difícil presumir-se que o tal suporte seria posto em prática. Pois implicava desprendimento solidário, coisa que não fazia parte da cultura de Wall Street, onde nas horas mais críticas sempre prevalecera o "salve-se quem puder".

Pelo menos em declarações à imprensa, prestadas no domingo, 29, o usualmente contido bilionário canadense Arthur Cutten se revelava um touro convicto.

"Não me surpreenderia", dissera Cutten, "se os empréstimos dos bancos às sociedades corretoras para operações lastreadas com margens na Bolsa se elevassem a 12 bilhões de dólares". A quantia mencionada pelo magnata significava dobrar os valores, já altíssimos, que prevaleciam naquele fim de mês.

Postas na balança as correntes otimistas e pessimistas naquela segunda-feira, o peso maior recaía nas primeiras, talvez por causa do fechamento da Bolsa no sábado, que revelara uma robusta leva de compradores nos últimos minutos de pregão. Agora, nem mesmo os prognósticos soturnos feitos pelo editor de finanças

Alexander Noyes, na edição dominical do *The New York Times*, pareciam assustar os touros.

"Suporte organizado de compra…" os investidores individuais acreditavam, ou se forçavam a acreditar, que não estariam operando sozinhos. "O *bull-market* não pode terminar"; "Na América todos serão ricos". De repente as palavras de ordem renasciam em Wall Street e em todos os rincões do país. "Todos serão ricos" — parecia mais vontade do que convicção.

O grande fornecedor de mensageiros do Distrito Financeiro, Michael Levine, que andara pensando em contrair seu negócio, mudou rapidamente de ideia ao pressentir novos bafejos na Rua.

"Deixem entrar qualquer pessoa que esteja à procura de trabalho", disse Levine aos dois leões de chácara que guarneciam a porta de sua firma.

O urso maior, Jesse Livermore, não ficara nem um pouco satisfeito com as declarações de Arthur Cutten. Tal como Joe Kennedy, Livermore aguardava apenas o momento ideal para atacar, com uma patada de cima para baixo, esmagando as cotações.

Durante a primeira metade da sessão da Bolsa, o mercado escorregou. Levemente, mas escorregou. Mas eis que, por volta do meio-dia, grandes ordens de compra de investidores não identificados começaram a entrar.

"O suporte organizado está chegando", comemorou um dos operadores do Posto 12, da Radio.

Em sua banca, no número 60 de Wall Street, Pat Bologna filosofou com um dos seus consulentes: "O que desce sempre pode subir."

Desse modo ilusório, chegou ao fim o último dia do último mês dos "esfuziantes anos 20", os *Roaring Twenties*.

38 A GRANDE CHANCE

Nos primeiros dias de outubro de 1929 o padrão *lower highs*, *lower lows* (máximas e mínimas sempre menores) prevaleceu na Bolsa. Embora exibindo ligeiras recuperações em determinados momentos, o mercado se mantinha em inconfundível canal de baixa. O volume de negócios continuou alto, com boa parte das ações saindo das carteiras dos investidores e especuladores mais antigos para uma multidão de novatos de poucos recursos e muita ambição.

John Jakob Raskob, o empreendedor do Empire State Building, estava sossegado com relação ao projeto do arranha-céu. A família Du Pont, uma das mais ricas do país, financiaria grande parte dos 60 milhões de dólares necessários para a conclusão da obra. E, segundo Raskob, não havia queda na Bolsa, por maior que fosse, que abalasse a fortuna Du Pont.

Mesmo com o Empire State garantido, a última coisa que John Raskob queria na vida era uma recessão grave para o país. De que lhe adiantaria ter o maior prédio do mundo se não conseguisse achar os inquilinos necessários para ocupar os quase mil conjuntos de escritórios? Por isso fazia questão de dar declarações otimistas à imprensa.

"Nos próximos anos", ele dizia aos repórteres com a maior desfaçatez, "as ações estarão sendo negociadas por valores dez vezes maiores do que os atuais. Todo mundo poderá ser rico se quiser". John Raskob se valia do já batido bordão.

Se Raskob não fazia muita fé em suas próprias palavras, o povão as bebia sofregamente e se lançava de cabeça na ciranda de Wall Street. Hipotecando suas casas e terras, punha na Bolsa os recursos assim obtidos, alguns se limitando a comprar ações à vista, outros, mais ousados ou mais gananciosos, alavancando as aplicações por meio de empréstimos com margens.



Em outubro de 1929, *Wall Street fervilhava de especuladores e curiosos*
Nova York, EUA, início de outubro de 1929
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Àquela altura dos acontecimentos, não havia declaração, por mais bombástica que fosse, que impedisse a queda do mercado. Na quinta-feira de 3 de outubro, o tombo foi tão grande que o *The New York Times* do dia seguinte exibiu na primeira página a seguinte manchete:

PIOR QUEDA DO ANO
ATINGE O MERCADO
DE AÇÕES

Negociação de 1,5 milhão
de ações na última hora
de pregão

United States Steel
cai dez pontos

Os vizinhos da mansão do número 821 da Park Avenue, onde morava Edward Henry Simmons, presidente da Bolsa de Valores de Nova York havia cinco anos, podem ter-se admirado ao vê-lo sair sorridente de sua casa na manhã de sexta, dia 4, vestindo terno escuro e camisa branca de colarinho duro engomado, e entrar em sua limusine.

"Como pode ter tanto sangue-frio?", perguntou-se um morador da casa ao lado, tendo nas mãos um exemplar do *Times*.

Na verdade Simmons estava menos preocupado com a Bolsa do que com seu próprio casamento, a realizar-se dentro de meia hora na igreja presbiteriana da própria Park Avenue. A noiva era a divorciada Beatrice Vanderpoel Bogert.

Tão logo o veículo se pôs em movimento, Simmons prendeu em sua própria lapela um botão de cravo. Ergueu-se um pouco de modo a ver seu paletó no espelho retrovisor do motorista e ajeitou a posição da flor.

Alguns quarteirões adiante a limusine parou para pegar Allen Lindley, ex-colega de Edward Simmons na Universidade de Columbia, e agora padrinho do noivo. Lindley, o maior amigo do presidente da Bolsa, usava um cravo idêntico.

Apenas um grupo seleto de parentes e pessoas mais chegadas havia sido convidado para a cerimônia religiosa, todos tendo se comprometido a não revelar nada à imprensa. Nada seria mais desagradável para Simmons do que encontrar um bando de repórteres em seu casamento indagando sobre a debacle do mercado.

Após o rito presbiteriano, seguiu-se uma recepção íntima na casa de Edward Simmons. Lá o presidente informou que ele e Beatrice partiriam no dia seguinte para uma viagem de lua de mel de dois meses no Havaí.

Se alguém presente na festa estranhou o fato de Simmons se afastar da Bolsa durante tanto tempo em meio à crise que crescia dia a dia, guardou a estranheza para si.

O grande favorecido pela ausência de Edward Henry Simmons era seu substituto imediato, o vice-presidente Richard Whitney. Enterrado até o pescoço em dívidas causadas por suas especulações desastradas no mercado, Whitney agora teria poder suficiente para recuperar-se dos prejuízos, mesmo que tivesse de apelar para extorsões e outras operações escusas, e assim poder pagar as dívidas com seu irmão George, do J. P. Morgan.

Só uma coisa aborrecia Richard: o fato de não ter sido convidado para o casamento do presidente. Mas o desconforto pela descortesia era infinitamente menor do que a antecipação do gozo das oportunidades que teria pela frente, mesmo com a Bolsa em baixa.

Aos 41 anos, Richard Whitney seria o homem mais jovem a se sentar na cadeira da presidência da Bolsa de Valores de Nova York. Lá, Whitney sabia muito bem, ele iria dispor de mais informações confidenciais do que qualquer outra pessoa envolvida com o mercado. Era sua grande chance. Leria relatórios secretos sobre companhias e bancos espalhados pelos Estados Unidos e seria abastecido com informações vindas de outras bolsas do país e do exterior.

"Ganhar dinheiro nessa situação", o vice-presidente em exercício não conseguiu evitar o pensamento, "será como roubar a chupeta da boca de um bebê".

Ao meio-dia de domingo, 6 de outubro, o vagão ferroviário particular do financista e especulador Bernard Baruch, engatado no *Twentieth Century Express*, entrou na Grand Central Station, em Nova York. Baruch fizera questão de ir pessoalmente a Chicago buscar os quatro integrantes da família Churchill, os irmãos Winston e Jack, com seus respectivos filhos, Randolph e Johnny, todos bronzeados por causa de sua estada na Califórnia, onde haviam sido hóspedes do magnata da imprensa William Randolph Hearst.

Numa carta para sua mulher, Clementine, que tratava carinhosamente por Clemmie, Winston Churchill descrevera Hearst como um homem simplório mas muito importante, que tinha um temperamento desagradável. Gostava de brinquedos caros, inclusive duas esposas encantadoras — Churchill se referia à senhora Hearst e à amante do empresário, a belíssima atriz Marion Davies.

O ex-chanceler do Erário britânico e futuro primeiro-ministro sempre apreciara ter amigos bilionários, hábito que o acompanharia até a morte, em 1965, aos 90 anos. Em seus últimos anos, Churchill seria convidado habitual do iate *Christina*, do armador grego Aristoteles Onassis, marido de Jacqueline Kennedy Onassis (nascida Bouvier), em cruzeiros de verão pelo Mediterrâneo.

Durante sua viagem pelo Canadá e pelos Estados Unidos, Churchill vinha fazendo fezinhas na Bolsa, tal como os "nativos". Deliciara-se particularmente com duas pequenas investidas lastreadas em margens, nas quais ganhara 6 mil libras quase sem ter posto um tostão.

Em sua pequena temporada californiana, Winston Churchill conhecera o ator Charles Chaplin, seu compatriota. Ao longo da viagem Chicago-Nova York, em meio a baforadas de charutos e goles de brandy — bebida era o que não faltava no vagão especial —, Churchill descrevera Chaplin a Bernard Baruch como sendo um homem revolucionário em política e delicioso em prosa.

No curto pregão da véspera, sábado, dia 5, o mercado dera uma violenta guinada para cima, enganando completamente os ursos, que já se posicionavam para ganhar uma fortuna no provável crash. Para grande alegria do presidente em exercício da Bolsa, Richard Whitney, em seu primeiro dia na nova função, a United States Steel subira quase oito dólares por ação; a General Electric, dez dólares; e a American Tobacco dera um salto de inacreditáveis 38 dólares.

Nessa reviravolta, dramática para os ursos e revigorante para os estropiados touros, o índice industrial Dow Jones, que refletia o comportamento de trinta das ações mais negociadas no pregão da Bolsa, recuperara mais de dezesseis pontos. A alta repetiu-se em São Francisco, onde o número de negócios com a Transamerica bateu recorde. As bolsas de St. Louis, Los Angeles, Filadélfia, Minneapolis-St. Paul, Baltimore, Boston e Hartford também foram varridas por uma onda de euforia, com os preços dos papéis subindo violentamente.

Como que num passe de mágica, o otimismo e a velha e cansativa história de que todos — com exceção dos ursos, é claro — seriam ricos voltaram ao centro das conversas.

"O *bull-market* continua intacto", proclamaram os mais entusiasmados, parecendo ter se esquecido do sufoco que haviam passado nas últimas semanas. "É o suporte organizado", esclareceram outros.

Mesmo os veteranos mais cascudos, como John Jakob Raskob, Percy Rockefeller, os Du Pont, os Van Sweringens e Billy Durant, precisaram apenas de um sábado apoteótico para cogitar a hipótese de que as quedas recentes eram apenas uma pausa para descanso na longa atropelada dos touros.

Enquanto Churchill e sua comitiva desciam na Grand Central, milhares de pessoas se deslocavam de suas cidades, lotando os trens e congestionando as estradas de acesso a Nova York, todas ávidas para estar na cidade quando a ação recomeçasse na segunda-feira. Elas queriam ver de perto como era o tal *bull-market* do qual tanto se falava.

Um comentarista de rádio resumiu a peregrinação: "Parece uma terceira Corrida do Ouro." Ele se referia aos movimentos de 1848 na Califórnia e de 1897/1898 no Canadá e no Alasca, quando gente de todas as classes e níveis de renda se deslocou para essas regiões do Oeste ao saber da descoberta de grandes jazidas.

Algumas casas de corretagem de Wall Street convocaram seus funcionários para trabalhar no domingo. Era preciso abandonar o viés de cautela, substituindo-o pelo de alta na lida com os clientes.

O próprio perspicaz, prudente e calejado Winston Churchill se juntou à manada de touros. Aproveitara-se das horas de conversa com Bernard Baruch a bordo do trem para pedir algumas dicas. As 6 mil libras que ganhara de modo tão fácil podiam se multiplicar e multiplicar.

"O mercado de ações ainda é a maneira mais fácil e mais rápida de se enriquecer", rabiscou ele num bilhete para Clementine.

Evidentemente nem todos estavam altistas para o mercado. Joe Kennedy, por exemplo, continuava achando que tudo terminaria numa grave crise econômica,

para a qual vinha se preparando havia meses. Jesse Livermore gostara da alta do sábado, pois lhe propiciaria uma venda a descoberto em níveis mais altos. Amadeo Peter Giannini, que não se impressionara com o renascimento meteórico, escrevia uma carta a ser distribuída para os clientes de seus bancos, alertando-os mais uma vez para os perigos da especulação ancorada em dinheiro emprestado.

"Se querem investir na Bolsa", aconselhava Giannini, "façam-no em valores que não comprometam seus patrimônios".

Na segunda semana de outubro, que se iniciou no dia 7, as ações continuaram subindo, de modo gradual e sustentado.

"Acho que me enganei", disse A. P. Giannini para sua filha Claire. "O mercado está realmente firme."

Entre os ursos de maior peso, restavam Joe Kennedy e Jesse Livermore.

JOLAN VAI AO BANCO

No dia 15 de outubro, Charles Mitchell, presidente do National City Bank, que viajara para Londres a negócios, declarou à imprensa local que os preços das ações em Wall Street estavam convidativos. Nessa mesma ocasião, o professor Irving Fisher, da Universidade de Yale, reforçou a opinião de Mitchell dizendo que esperava ver nos próximos meses cotações bem mais elevadas do que as do momento. Fisher aproveitou para debochar do economista Roger Babson, que seguia alertando sobre a possibilidade de um crash da Bolsa.

Outro que se atinha ao seu pessimismo era Alexander Noyes, do *The New York Times*. "É a calmaria que precede a tempestade", foi como o editor de finanças descreveu a interrupção na queda das cotações. Noyes fundamentou sua opinião no declínio da produção industrial nos Estados Unidos. Falando a repórteres, Amadeo Peter Giannini, que se transmudara em touro, rebateu o *Times* dizendo que as estatísticas da indústria logo voltariam a melhorar.

Apesar da guinada em sua concepção sobre os fundamentos da economia, Giannini permanecia preocupado com os fundos de investimentos, que se multiplicavam como ervas daninhas. Eram agora várias centenas deles, totalizando um capital de 3 bilhões de dólares, sendo poucos administrados de modo honesto e competente. A maioria se tratava de arapucas criadas apenas para tomar dinheiro dos pequenos investidores, acumulando em seus portfólios, se é que suas "carteiras" mereciam esse nome, títulos que só poderiam ser classificados como lixo (*junk securities*).

Bastou o novo alento nas hostes dos touros para que os jornais voltassem a se encher de histórias de pessoas que haviam ficado ricas da noite para o dia. O espírito de ganância reapareceu. Homens e mulheres das mais diversas classes sociais especulavam de modo desenfreado — e haviam tornado a ganhar —, sem o menor conhecimento da natureza das ações nas quais haviam investido.

Quando tudo indicava que a sociedade dos "todos ricos" era novamente uma possibilidade real, na quarta-feira, 16 de outubro, o Comitê da Associação de Banqueiros de Investimento (Investment Bankers Association), em Nova York, anunciou que a especulação alcançara um ponto perigoso e que muitas ações estavam sendo negociadas a preços muito acima do razoável. Foi o que bastou para

derrubar o mercado: a General Electric caiu dez pontos; a Westinghouse, mais de onze; a United States Steel, quase dez.

Mais uma vez os touros descreveram a quebra como uma "saudável realização de lucros", e no dia seguinte, 17, os preços se recuperaram.

Flint, Michigan, sexta-feira, 18 de outubro, véspera do casamento de Jolan Slezsak com Steve Vargo. Como o pai da jovem, pouco antes de morrer, lhe deixara no Union Industrial Bank uma poupança de quatrocentos dólares dos quais ela só poderia se apossar quando completasse 18 anos ou se casasse, Jolan, uma vez que seria cumprida uma das cláusulas condicionantes da herança, resolveu dar uma conferida em seu saldo na sede do banco, onde chegou pouco antes do fechamento do expediente.

Tendo trabalhado o dia todo na destilaria, o corpo e as roupas de Jolan rescendiam a bebida alcoólica que a família fabricara em grande quantidade para a festança do dia seguinte, festança essa que começaria com um café da manhã regado a cerveja, gim e uísque literalmente caseiros. Por isso a garota olhava desconfiada para todas as pessoas que se aproximavam dela, temendo esbarrar com um agente de fiscalização da Lei Seca.

Mesmo a morte por atropelamento, três meses antes, do garotinho Frank, de 7 anos, irmão de Jolan, não fora considerada empecilho para as celebrações do casório. Era um hábito dos húngaros comemorar essas ocasiões com festas que duravam o dia todo e se prolongavam até tarde da noite.

Uma vez no interior do saguão do Union Industrial, Jolan Slezsak sentiu uma agradável sensação de aconchego por causa do sistema de aquecimento do prédio. Lá fora, na rua, a temperatura estava abaixo de zero, mesmo faltando dois meses para o início do inverno. Por outro lado, o calor e o ambiente fechado fizeram com que os aromas etílicos emanados por ela aumentassem de intensidade.

Temendo que seu cheiro e suas roupas remendadas chamassem a atenção dos clientes, funcionários e guardas de segurança do banco, Jolan decidiu se apressar e parou junto à primeira gaiola de caixa que viu. Naquele fim de tarde, aquele posto era ocupado pelo tesoureiro sênior Russell Runyon, da Liga de Cavalheiros, justamente o encarregado de camuflar as fraudes cometidas pelo grupo. Jolan remeteu um sorriso cativante para o atendente.

"Eu gostaria de ver o saldo de minha conta."

"*Você* é cliente daqui?" A voz e o olhar de desprezo de Runyon mostravam claramente sua perplexidade com o fato de a mocinha andrajosa e com cheiro de aguardente alegar ter conta no Union.

Se havia uma coisa que Jolan Slezsak sabia fazer bem era lidar com pessoas presunçosas. Ela rebateu desprezo com ironia.

“Esse é o Union Industrial Bank, não?”, perguntou. “Ou será que entrei no lugar errado?”

Russell Runyon não teve alternativa senão a de concordar.

“Sim, somos nós”, o tesoureiro disse-o como se fosse sócio da instituição e não o integrante de um bando de ladrões que apenas trabalhava lá.

Jolan abandonou o tom de deboche e falou sério. Explicou a respeito da poupança que seu pai abrira em seu nome antes de morrer. Falou também dos requisitos testamentais para saque e disse que iria se casar no dia seguinte. Naquele momento só queria saber o saldo.

O caixa pediu licença e foi até o setor de poupança, do outro lado do saguão. Examinou algumas fichas e retornou para sua gaiola.

“Como se trata de uma conta inativa há muito tempo, precisaremos de alguns dias para ver o saldo e organizar o saque.”

Russell Runyon acabara de ver que a poupança de Jolan Slezsak estava zerada, pois o dinheiro da garota se juntara ao bolo desviado pela Liga para as especulações na Bolsa. A conta teria de ser refeita e isso levava realmente algum tempo, pois seria necessário fazer cálculos de juros e pesquisar os lançamentos feitos no livro secreto do caixa dois dos trambiqueiros.

Jolan não gostou nem um pouco da explicação.

“É melhor que você tenha o meu dinheiro pronto na próxima semana, quando virei buscá-lo. Caso contrário, enviarei o senhor Gold- berger aqui.”

“Você conhece o senhor Goldberger?”, Runyon tomou um susto.

Aquela afirmação mudava tudo de figura. Ele sabia que o advogado Ephraim Goldberger cuidava dos assuntos, inclusive financeiros, da colônia húngara de Flint, que incluía diversos correntistas do Union Industrial. Pior: Goldberger era um dos acionistas do banco. Russell Runyon não haveria de pôr o golpe da Liga em risco por causa de algumas centenas de dólares de uma garota praticamente maltrapilha e fedendo a bebida.

“Quando a senhorita voltar munida da certidão de casamento e de uma cópia do testamento de seu pai”, o tom do tesoureiro agora era de subserviência, “seu dinheiro estará à disposição”. Runyon arreganhou um sorriso forçado.

Jolan saiu do banco pisando duro. Lá fora caíam os primeiros flocos de neve do inverno de 1929/1930. Ela apressou o passo e foi para casa. Ao chegar, viu que os preparativos para a festa estavam a pleno vapor. Não havia folga para ninguém, nem mesmo para a noiva. Ela se juntou aos trabalhos, totalmente despreocupada com o dinheiro.

Os homens da família, inclusive o noivo, Steve Vargo, levavam do porão para a parte de cima jarros e mais jarros de bebida recentemente fermentada ou destilada.

Calculava-se que cada adulto do sexo masculino consumiria em média meio litro. E muitas mulheres também bebiam, algumas tanto quanto seus maridos.

As mães de Jolan e de Steve, auxiliadas por senhoras da vizinhança, preparavam uma série de iguarias húngaras que se juntariam a outras tantas que seriam trazidas por convidados. A festa aconteceria no porão da igreja católica de Saint Joseph, próxima dali, onde mesas haviam sido montadas sobre cavaletes e cobertas com lençóis brancos cedidos pelos vizinhos. Louças e talheres, boa parte emprestados, estavam dispostos sobre os lençóis.

John Bokr, o merceeiro do bairro, que alguns consideravam uma pessoa mais influente do que o advogado Goldberger, dera sua palavra a Andrew Arway, padrasto de Jolan, que não haveria nenhum problema com os rapazes da Lei Seca (*prohibition boys*).

Bokr tomara as devidas providências junto às autoridades da prefeitura de Flint para que, durante a recepção que se seguiria ao casamento, as eventuais abordagens na igreja fossem feitas pelo Departamento de Polícia local com instruções específicas para afastar dali qualquer agente da *Prohibition*.

Usando o velho e bem testado método de camuflagem da garotinha Margaret sentada em seu carrinho, à noite Jolan e Steve fizeram diversas viagens entre a "destilaria" e a sacristia da igreja transportando as jarras de bebida, que foram escondidas atrás das garrafas de vinho da comunhão e das caixas de hóstias.

À meia-noite Jolan Slezsak, que no dia seguinte se tornaria a senhora Jolan Vargo, foi se deitar. Excitada demais para dormir, ela limitou-se a fechar os olhos enquanto imaginava como seria ter um homem ao seu lado na cama. Jolan não tinha a menor ideia de como os casais agiam nessas horas. Só sabia que tinha algo a ver com a chegada de bebês. Pensou em algumas cenas que presenciara com vira-latas de rua e não conseguiu evitar um sentimento de repugnância.

11 CASAMENTO HÚNGARO

A neve parara de cair durante a noite, o gelo do chão se derretera e o dia do casamento começou sob um sol radiante. Desde as sete da manhã, Jolan já estava de pé. Agora, de banho tomado, foi até o quarto da mãe e do padrasto. Lá, o vestido de noiva — com uma cauda que se arrastaria pelo chão —, o véu e a tiara estavam dispostos na grande cama de casal.

Barbara Arway não medira despesas. Só o enxoval da filha custara cem dólares, dinheiro retirado dos lucros da fabricação e da venda de bebidas.

Ajudada pela mãe, Jolan começou a se vestir. Pela primeira vez em sua vida experimentou a sensação de roupas de baixo macias e confortáveis, não as costuradas com sacos de farinha que usara desde a primeira infância.

Enquanto se ajeitava, Jolan Slezsak ouvia de sua mãe a primeira e única explicação sobre sexo, que praticamente não revelou coisa alguma.

"Filha", disse Barbara, pouco à vontade, "não espere muita coisa de sua noite de núpcias". E ficou nisso. A senhora Arway não queria criar uma falsa expectativa em Jolan, pois não tinha a menor ideia de como Steve Vargo iria agir — com jeito e carinho ou como macho possuidor querendo logo usufruir ao máximo as delícias de sua fêmea virginal.

Às nove da manhã, as doze damas de honra começaram a chegar, cada qual usando seu melhor vestido. Não demorou muito e todos os cômodos do andar de baixo da casa, inclusive a cozinha, estavam repletos de convidados.

Eram nove e meia quando o advogado Goldberger e o merceeiro Bokr, as duas figuras mais proeminentes da comunidade húngara da cidade, chegaram para desejar boa sorte à noiva. Após falar com Jolan, Bokr pediu aos convidados que se deslocassem para a igreja de St. Joseph.

Tal como convém nessas ocasiões, Jolan, acompanhada de seu padrasto, Andrew Arway, foi a última pessoa a chegar à St. Joseph. Pontualmente às dez horas os dois subiram as escadas da igreja e desfilaram de braços dados pelo corredor central da nave até o altar, em meio aos olhares de admiração dos presentes. Em seus trajes de noiva, Jolan pouco se assemelhava à moleca esmolambada que até então fazia as entregas da "destilaria" da família. Por sua vez, Andrew exibia um sorriso de orelha a orelha.

Oitocentos quilômetros a leste de Flint, no curto pregão de sábado da Bolsa de Valores de Nova York, as cotações desmoronavam. Nas primeiras duas horas alguns papéis chegaram a cair quarenta dólares. As ações da Simmons Company, nas quais Winston Churchill prudentemente se contentara em realizar na véspera um lucro de mil dólares, cederam onze pontos. A Otis Elevator caiu de 401 para 396; a General Electric, de 347 para 339; a Auburn Auto, de 390 para 375. A *blue chip* United States Steel, que naquela semana fora negociada a 223 dólares, estava agora a 209.

Se na igreja de St. Joseph o casamento era uma alegria só, no Centro de Flint só restava aos cavalheiros da Liga do Union Industrial Bank rezar para que a situação em Wall Street melhorasse. Cada um deles sabia que não só seu dinheiro, sua liberdade e sua honra estavam em jogo, como também os saldos das contas-correntes e das poupanças de boa parte da população da cidade.

A cerimônia de casamento terminara. Sem saber que suas modestas poupanças bancárias estavam correndo sério risco, Steve e Jolan Vargo contemplavam extasiados a "pequena fortuna" em notas de dólares que os convidados jogavam em uma chaleira de cobre posta para esse fim sobre uma das mesas do subsolo da St. Joseph, onde agora se iniciavam os comes e bebes. Essas doações em dinheiro eram o modo tradicional dos húngaros de presentear os noivos.

Sua primeira providência na segunda-feira, planejava Steve, seria depositar o dinheiro das doações no Union Industrial. Jolan, por sua vez, não estava tão certa disso. Ela continuava intrigada com o fato de que não conseguira, na véspera, sequer saber o saldo de sua conta.

Aproveitando-se da presença do senhor Goldberger, os noivos o consultaram sobre o caso. O advogado prometeu dar uma olhada no assunto na semana seguinte.

"Por enquanto", aconselhou ele, "é melhor transferir o dinheiro que vocês estão ganhando de presente para o cofre do meu escritório".

Encerrado o lauto café da manhã matrimonial, a música começou. Os dançarinos rodopiavam sobre o chão de cimento do subsolo da St. Joseph ao som de czardas húngaras. Nas mesas, as garrafas de bebida eram substituídas tão logo se esvaziavam. De vez em quando aparecia lá embaixo um dos policiais de Flint que vigiavam o lado de fora da igreja para enxotar os fiscais da Lei Seca, tal como lhes solicitara o senhor Bokr. Desciam para tomar um gole.

Ao final do pregão em Nova York, 3.488.100 ações haviam trocado de dono. Era o segundo maior movimento da história da Bolsa em um sábado. A média industrial do *Times* caíra onze pontos. As *blue chips* tinham sofrido forte baixa, embora menor

do que os papéis preferidos pelos especuladores, que simplesmente desabaram. A J. I. Case, por exemplo, perdera quarenta pontos.

A maioria das sociedades corretoras manteve seus funcionários administrativos fazendo serão naquela noite para calcular as chamadas de margem dos clientes que estavam a descoberto. Cada um desses especuladores receberia um telegrama no dia seguinte, domingo, com uma convocação para depositar o dinheiro na primeira hora de segunda-feira. Caso contrário, suas posições seriam liquidadas sem aviso prévio.

Wall Street precisava de dinheiro.

42
VENDO! VENDO! VENDO!

Na própria noite de sábado, dia 19, os integrantes da Liga de Cavalheiros de Flint receberam diversos telegramas com chamadas de margem. Combinaram de se reunir no domingo para ver como poderiam lidar com a situação. Boa parte das contas-correntes do banco já tinha sido desfalcada e o dinheiro disponível para novas fraudes tornava-se cada vez mais escasso.

Enquanto os trambiqueiros se afligiam, na igreja de St. Joseph as festividades do casamento de Jolan e Steve não davam o menor sinal de estarem terminando. Uma segunda chaleira se enchera de dinheiro até a borda, incluindo agora algumas doações generosas de notas de dez e vinte dólares. Pudera. Os convidados estavam se divertindo a valer.

À meia-noite serviu-se mais uma refeição. Para acompanhá-la, novas garrafas e barriletes de aguardente foram abertos. As danças tornaram-se mais ousadas. Animados com tanta bebida, homens e mulheres se esfregavam uns nos outros lascivamente.

Os policiais de Flint que haviam passado o dia do lado de fora da igreja, protegendo-a de uma incursão indesejada dos rapazes da Lei Seca, entrando apenas de vez em quando para tomar um trago, agora haviam se juntado definitivamente à pândega.

Um dos oficiais trouxe um exemplar da edição dominical de um matutino de Detroit. Na primeira página estava estampada a notícia da queda da Bolsa de Valores de Nova York no pregão de sábado. Só que nenhum dos presentes se deu ao trabalho de ler. As páginas do jornal serviram apenas para uma guerra de bolinhas de papel encharcadas de cerveja.

Em poucas ocasiões, Jolan e Steve Vargo tiveram a oportunidade de ficar juntos. Num desses momentos, ela fez ao marido uma indagação surpreendente:

"Quando eu ficar grávida, o bebê vai sair pelo umbigo?"

"No momento certo, você saberá desses assuntos", Steve assumiu um ar sério e professoral. Não teve coragem de confessar que não tinha a menor ideia de como as crianças nasciam.

"Eu vou buscar mais um sorvete de baunilha para você", o noivo disfarçou sua ignorância.

Não só em Detroit, mas em todo o país, os jornais do domingo, 20 de outubro, dedicavam a maior parte de seu espaço aos acontecimentos de Wall Street. A manchete do *The New York Times*, por exemplo, foi: AÇÕES DESPENCAM DIANTE DA ONDA DE VENDAS QUE ASSOLA O MERCADO.

Segunda-feira, 21 de outubro de 1929. Muitos passageiros do transatlântico *Berengaria*, que zarpara havia 24 horas do porto de Cherbourg, na Normandia, com destino a Nova York, ignoravam as ondas de cinco metros de altura que, trazidas pelos ventos de noroeste, se arrebentavam contra o casco do navio. Caminhando com dificuldade pelos corredores, por causa do balanço provocado pela tempestade, os especuladores se dirigiam à sociedade corretora flutuante para acompanhar a abertura da Bolsa.

Entre os ocupantes das melhores suítes da primeira classe estava a multimilionária Helena Rubinstein, de 58 anos, que se autoproclamava, com algum exagero, "a maior especialista em beleza do mundo". Além de seus negócios na área de cosméticos, madame Rubinstein se dedicava com afinco a especular na Bolsa. Por isso ela não via a hora de o mercado abrir.

Charles Goudiss e seu assistente, Stanley Moore, eram os responsáveis pela corretora de bordo, de propriedade de Michael Meehan, membro da Bolsa de Valores de Nova York e especialista das ações da Radio.

Por volta das 13h45, horário daquele ponto do Atlântico Norte que correspondia a quinze para as dez da manhã em Nova York, Moore abriu as portas do escritório. Os especuladores, entre os quais diversos conhecidos milionários, entraram na sala de operações da corretora flutuante empurrando-se uns aos outros afobadamente.

O mercado de segunda-feira, 21, já abriu abaixo do fechamento de sábado. Continuou a cair ao longo do dia, com muitos investidores entrando em pânico. No fechamento, as cotações se recuperaram um pouco.

Durante toda a sessão, em nenhum momento os preços dos principais papéis foram negociados acima das mínimas da sessão anterior. Desta vez, em lugar do padrão *lower highs*, *lower lows*, os gráficos da Bolsa mostraram um hiato (*brakeaway gap*) entre as mínimas de sábado e as máximas de segunda. Para os analistas técnicos, era um sinal inequívoco de fraqueza. O urso Jesse Livermore foi um dos que percebeu isso, e toda vez que os preços paravam um pouco para respirar, ele vendia a descoberto.

Nos deques, camarotes e salões da primeira classe do *Berengaria* a Bolsa era o único assunto. Nem mesmo a tormenta que sacudia o navio chamava a atenção dos especuladores de bordo.

Quando as notícias da queda do mercado nova-iorquino se espalharam pelo transatlântico, a corretora flutuante se abarrotou de passageiros, cada qual mais aflito que o outro. Charles Goudiss e Stanley Moore se desdobravam para atender a todos que queriam liquidar suas carteiras. Havia pouquíssimos clientes interessados em comprar.

Os dois operadores de rádio da corretora passavam as ordens para Nova York, a 3 mil quilômetros de distância, e recebiam de lá as confirmações de venda. Num quadro-negro as cotações eram anotadas com giz por um jovem funcionário.

Entre o momento em que a ordem era enviada e o momento da resposta com o preço de execução decorriam não mais do que dois minutos. O sistema que Meehan implantara no navio funcionava muito melhor do que a *ticker-tape* em território americano, cujo atraso constante exasperava os clientes.

Impassível, Helena Rubinstein permaneceu durante toda a sessão sentada numa das trinta poltronas da corretora. Não comprou nem vendeu nada, não comentou o mercado com ninguém e limitou-se a anotar os preços em um bloquinho com capa de couro. Só às dezenove horas, hora do navio, quando terminou o pregão em Nova York, ela deixou o local e foi para a sua suíte.

Naquela segunda-feira de queda abrupta, o volume de negócios na Bolsa de Valores de Nova York, o terceiro maior da história, subira a 6.091.870 dólares. A *ticker-tape* se atrasara uma hora e quarenta minutos.

O pregão do dia seguinte, terça, 22 de outubro, foi um *inside day* (máxima inferior e mínima superior às máximas e mínimas da véspera), comportamento que os analistas consideraram uma pausa antes da continuação da agora clara tendência de baixa. Isso se confirmou na quarta-feira. O mercado levou outro tombo, desta vez com volume pequeno — os compradores começavam a sumir.

"Vendo! Vendo! Vendo!", era o coro histérico que mais se ouvia no recinto de negociações da Bolsa de Valores de Nova York.

A constante defasagem da *ticker-tape* trazia enormes inconvenientes para os investidores e especuladores de todo o país. Alguém, por exemplo, em Wichita, no Kansas, querendo pular fora de determinado papel, poderia ver na *ticker* que seu título estava cotado a oitenta dólares. Então dava uma ordem de venda a mercado, supondo que a transação sairia por volta daquele preço. Só que, devido ao atraso, a ação talvez pudesse estar a 75 dólares. E era nesse nível bem mais baixo que saía o negócio, provocando a fúria do vendedor.

Bobagens e mais bobagens continuavam sendo ditas pelos otimistas mais recalcitrantes. O professor Fisher, de Yale, agora afirmava que a queda dos últimos dias era apenas "o resultado de um comportamento lunático, mas passageiro, por parte dos investidores".

Noutra explicação, não menos tola, Fisher disse que os preços das ações ainda não refletiam os benefícios causados pela Lei Seca à produtividade dos trabalhadores americanos. O professor só não mencionou o fato de que a lei já estava em vigor no país havia dez anos.

Para a maioria das pessoas que tinham aplicado seu dinheiro na Bolsa nos últimos anos, os lucros de suas carteiras ainda eram substanciais. Mas a sessão de quarta-feira, dia 23 outubro de 1929, foi a última oportunidade de pular fora da ciranda da felicidade dos *Roaring Twenties*.

Nessa quarta, o mercado abriu calmo. Quem quis vender na abertura, pelos preços de fechamento da véspera, ainda pôde fazê-lo. Só que a calmaria teve vida curta. Logo começaram a surgir ondas de vendedores, alguns premidos por chamadas de margens dos bancos, outros, ursos oportunistas, vendendo a descoberto.

Ao final do dia, a média industrial do *Times* caíra de 415 para 384, voltando ao nível de junho. A AT&T perdera quinze pontos, ou quinze dólares; a General Electric, vinte; a Westinghouse, 25; a J. I. Case, 46; a Commercial Solvents, setenta; a Otis Elevator, 43; a Westinghouse, 35; e a Adam Express catastróficos 96 dólares por ação. O volume de negócios atingiu 6.374.960 ações, o segundo maior da história.

Ao atraso, agora rotineiro, da *ticker-tape*, juntou-se uma tempestade prematura de neve que interrompeu as comunicações em diversos pontos do Meio-Oeste, deixando os investidores dessas áreas sem ter a menor ideia do que acontecia em Wall Street.

Richard Whitney, vice-presidente em exercício da Bolsa de Nova York, não testemunhou a queda. Resolvera enforcar o dia, sem avisar aos seus subalternos onde poderia ser encontrado, e foi assistir às corridas de cavalos no hipódromo de Essex Fox Hounds, em Far Hills, Nova Jersey.

Com o presidente Edward Simmons em viagem de lua de mel e seu vice cabulando o serviço, a Bolsa não dispunha de ninguém para discutir, se fosse o caso, com as autoridades monetárias um modo de impedir o agravamento da situação.

Em Hollywood, o ator Charles Chaplin e o compositor Irving Berlin foram jantar juntos. Chaplin ficou surpreso quando Berlin — cuja canção *Blue Skies*, escrita três anos antes, liderava as paradas de sucesso — lhe disse que tinha vários milhões de dólares em ações.

"Você está louco, Irving", o comediante censurou o amigo. "O mercado está se esfarinhando. Você vai perder uma fortuna. Eu liquidei minha carteira na primavera do ano passado."

"Ano passado?", Berlin abriu um sorriso de deboche. "Então você deixou de ganhar uma fortuna. Perdeu toda essa alta."

"Mas não vou perder a baixa. Eu já disse. O mercado vai levar um tombo gigantesco. Liquida tudo."

"Não se ofenda, Charlie", o compositor assumiu um ar de censura, "mas eu acho esse negócio de vender impatriótico. Antiamericano. Eu vou continuar comprando todos os meses. Na alta, na baixa, não quero saber. Parte do que eu ganho irá sempre para o mercado de ações".

O dia seguinte provaria que Charles Chaplin estava certo. E as próximas seis décadas, que Irving Berlin — cuja morte só aconteceria aos 101 anos — não estava de todo errado. Mas só alguém com a determinação e a tenacidade daquele bielorrusso/americano de 41 anos teria nervos para suportar os acontecimentos da quinta-feira, 24 de outubro de 1929, quando os americanos, sem acreditar no que viam, pararam para acompanhar o terremoto que tomou conta de Wall Street.

QUINTA-FEIRA NEGRA

Em Flint, após passar a noite rolando na cama sem conseguir dormir, às seis e meia da manhã de quinta-feira Frank Montague, vice-presidente do Union Industrial Bank e cavalheiro da Liga, decidiu se levantar. O dia ainda não nascera. Abrindo um pouco a cortina da janela do quarto, ele viu refletidas na neve as luzes dos postes da rua.

Na véspera, antes de se deitar, Montague conversara ao telefone com o colega vice-presidente John de Camp e com os tesoureiros Ivan Christensen e Elton Graham, os únicos de seus comparsas nas fraudes contra o Union que possuíam telefone em casa. Nenhum deles apresentou qualquer solução imaginativa, mesmo que absolutamente desonesta, para o problema que teriam de enfrentar assim que chegassem ao banco: como cobrir as chamadas de margens relativas às perdas da quarta-feira.

A noite em claro serviu para Frank Montague tomar uma decisão: raspar todo o dinheiro das contas-correntes e poupanças pouco movimentadas dos clientes do Union Industrial e jogar no mercado, alavancando o máximo possível, e, ao mesmo tempo, inventar alguma desculpa para protelar o pagamento dos reforços de margens aos corretores. Esperava que seus "sócios" concordassem com a medida extrema, cujas chances de êxito eram quase nulas, a não ser que a Bolsa subisse muito ao longo de todo o dia, coisa que, àquela altura dos acontecimentos, nem o mais otimista dos touros acreditava.

Se Montague estava tão aflito, o estado de espírito do também vice-presidente do banco Milton Pollock, outro que já se levantara, era do mais profundo desespero. Pollock temia que sua mulher, Elizabeth, muito doente, pudesse ter seu estado agravado e até morrer de desgosto quando os desfalques do marido, dos quais ela não tinha o menor conhecimento, fossem descobertos e ele, preso.

Os ventos gelados que açoitavam os poucos pedestres que se expunham nas ruas de Flint não impediram que o carteiro Homer Dowdy iniciasse sua primeira ronda de entregas no horário de sempre: sete da manhã. Sua sacola postal estava mais pesada do que o costume, carregada de envelopes pardos enviados pelas sociedades corretoras da Bolsa aos seus clientes.

Se ao longo da maior parte do ano de 1929 os envelopes costumavam conter os cheques correspondentes aos lucros dos especuladores, eles agora, nas últimas

semanas, levavam cada vez mais cartas de cobranças de margens. Dowdy percebia isso só pelo rosto tenso e amedrontado dos destinatários que abriam suas portas ao primeiro toque das campainhas. E sem-cerimônia batiam as mesmas portas na cara do carteiro tão logo assinavam o protocolo de recebimento.

Havia algum tempo a linguagem usada nos textos das mensagens das corretoras evoluíra de "educada" para "educada e categórica" e, nos últimos dias, para "categórica e ameaçadora".

"O senhor tem até o meio-dia de hoje, quinta-feira, dia 24 de outubro de 1929, para depositar (por exemplo) 655 dólares. Caso contrário, suas ações serão imediatamente vendidas a mercado. Se o valor de venda não for suficiente para cobrir seu débito, a diferença terá de ser depositada até o fim do expediente bancário."

O que o carteiro Homer Dowdy não sabia, nem tinha como saber, era que sua suada poupança no Union Industrial Bank, acumulada dólar a dólar para atender às despesas do tratamento médico de sua mulher e a educação de seus filhos, estava no mesmo barco que, descendo correnteza abaixo em direção ao abismo, continha o dinheiro dos especuladores da cidade, inclusive o de um grupo de diretores e funcionários desonestos do próprio banco.

Enquanto caminhava pelas ruas, Dowdy ponderou pela primeira vez a hipótese de sacar seu dinheiro e guardá-lo em casa sob o colchão. "Quem sabe, essas pessoas que jogam na Bolsa não vão ter condições de pagar suas dívidas e alguns bancos não poderão arcar com o prejuízo."

Tendo deixado seu escritório à uma e meia da madrugada de quarta para quinta-feira, seis horas mais tarde, Hutton-Miller, da W. E. Hutton and Company, estava de volta ao Distrito Financeiro. Caminhando por Wall Street, ele notou que as filas do lado de fora das corretoras e dos bancos eram maiores do que em qualquer ocasião da qual ele podia se lembrar. Dizia-se que no pânico de 1907 também fora assim, mas em 1907 Hut Miller era apenas um garotinho de 3 anos.

Alguns investidores haviam passado a noite em *speakeasies* e ainda estavam bêbados. Outros vestiam roupas amarrotadas, pois tinham dormido nos saguões dos hotéis lotados ou mesmo nas ruas sob as marquises dos prédios.

Rumores os mais diversos corriam pelas filas. "O presidente Hoover vai tomar providências"; "A Bolsa de Valores não irá abrir"; "John Jakob Raskob tem um 'plano de salvação'"; "Charles Mitchell bolou um 'esquema'".

Uma multidão se formara em frente ao número 23 de Wall Street, sede da Casa Morgan. Corria o boato de que Jack Morgan iria intervir para salvar o mercado, tal como seu pai, o finado John Pierpont Morgan, fizera 22 anos antes.

Outro ajuntamento, este composto em grande parte por italianos, fincara pé em frente ao prédio do Bank of America. Eram correntistas do banco querendo ouvir uma palavra tranquilizadora de "papa" Amadeo Peter Giannini ou de seu sócio, Elisha Walker. Só que Giannini estava em São Francisco e Walker, a bordo do *Overland Express*, viajava ao encontro dele.

O mesmo tipo de coisa acontecia em frente às corretoras e bancos mais importantes, onde pessoas aflitas se agrupavam, como se a proximidade das instituições financeiras com as quais tinham negócios tivesse o poder de aliviar seus temores. Passando em meio a toda aquela gente, Hut Miller notava claramente a ansiedade no rosto de cada um.



Especuladores aguardam notícias na porta de uma sociedade corretora
Wall Street, Nova York, EUA, 24 de outubro de 1929
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Quando chegou à sua instituição, Hut encontrou a entrada bloqueada por um grupo de homens e mulheres. Para superar o obstáculo, o jovem executivo precisou da ajuda dos guardas de segurança da empresa. Mas não teve como evitar vaias e insultos. Já lá dentro, Hutton-Miller viu que muitos dos seus colegas haviam passado a noite toda trabalhando, a maioria fazendo cálculos de chamadas de margens para poder despachar telegramas para os clientes.

Por volta das oito da manhã, Charles Stewart Mott, presidente do conselho diretor do Union Industrial Bank e segundo homem na hierarquia da General Motors, sentado em sua sala no quartel-general da montadora em Detroit, tinha de lidar com dois problemas simultâneos, um de ordem profissional, outro envolvendo sua vida particular.

Mott tentava fazer projeções de números para a inevitável queda nas vendas de carros provocada pela adversidade nas Bolsas e, simultaneamente, estudar os termos de um comunicado à imprensa dando conta de seu divórcio da senhora Mott — em solteira, a jornalista Dee Van Balkom Furey —, após menos de sete meses de um casamento que não tivera sequer um dia feliz. Num momento difícil para a GM e possivelmente para o banco — e Charles Mott não sabia de nada sobre o tumor maligno que já corroía as entranhas do Union Industrial —, ele não queria ser perseguido por um bando de repórteres bisbilhoteiros e de colunistas de mexericos.

A General Motors estava bem preparada para a crise em Wall Street. Desde o dia 4 de outubro, o presidente Alfred Sloan previra o fim da expansão industrial consequente da euforia de consumismo que o país experimentara nos últimos anos e decretado uma política de austeridade para a companhia.

Na ausência dos irmãos Amadeo e Doc Giannini e de Elisha Walker, E. C. Delafield respondia pelos negócios do Bank of America em Nova York. Respondia apenas em tese, pois não tomava nenhuma decisão importante sem antes consultar seus superiores. Como há uma diferença de três horas de fuso horário entre as costas Leste e Oeste, Delafield esperou até às nove da manhã para telefonar para A. P., que ainda dormia em San Mateo, Califórnia.

A campainha soou diversas vezes antes de Giannini acordar e descer até o térreo da casa para atender a chamada. Sem prolegômenos, Delafield, cuja voz não escamoteava seu deplorável estado de nervos, disse a Amadeo que o banco parecia estar sob sítio — a multidão lá fora crescera para centenas de pessoas, todas querendo se certificar de que seu dinheiro estava seguro.

Embora Giannini tenha logrado êxito em acalmar Delafield, no fundo ele preferia que pelo menos Doc e Walker estivessem naquele momento em Wall Street, e não impotentes na cabine de um trem. Como àquela altura o *Overland Express* devia estar se aproximando de São Francisco, Giannini decidiu tentar persuadi-los a voltar de avião para Nova York, coisa que ele, A. P., definitivamente não tinha a coragem de fazer, e muito menos se sentia no direito de obrigar outras pessoas a arriscar a vida pelo banco.

Prevendo horas críticas pela frente, Giannini decidiu transferir o posto de comando de suas empresas para o último andar do Mark Hopkins Hotel em Nob Hill, uma das colinas de São Francisco, onde mantinha uma suíte exclusiva. De lá, ele podia telefonar para todos os lugares sem ser importunado por chamadas de fora.

O motorista Joe Garcia levou A. P. para o hotel. Pouco antes de chegarem ao destino, Giannini pediu a Garcia para desligar as luzes de viatura do Corpo de Bombeiros do Rolls-Royce, tentando passar despercebido.

Eram nove e meia da manhã em Nova York. Jesse Livermore se movia sem descanso entre as salas de seu complexo de escritórios. Emendava um charuto no outro enquanto fazia a mesma pergunta a cada um dos seus assessores:

"Tudo foi checado?"

"Sim, chefe. Sim, patrão. Sim, Jesse. Sim, senhor Livermore." A resposta era sempre a mesma, só variando o tratamento.

Apesar de a maioria do *staff* de Livermore ter passado a noite estudando o comportamento do mercado na véspera, agora, enquanto o mais notável dos ursos e seu pessoal aguardavam o início do pregão, ninguém tinha coragem de garantir a ele que a queda prosseguiria. Todos esperavam que o patrão, como quase sempre ocorria, se baseasse no sentimento de suas entranhas antes de decidir como operar naquela quinta-feira.

Exatamente 22 anos antes, em outro 24 de outubro, Jesse Livermore, no auge do Grande Pânico de 1907, ganhara 250 mil dólares vendendo ações a descoberto. Só que, desta vez, suas vísceras emitiam sinais conflitantes, algumas o aconselhando a não vender a qualquer preço.

Faltando quinze minutos para a abertura da Bolsa, John Jakob Raskob, em seu escritório privativo no número 230 da Park Avenue, já mantinha os olhos fixos em sua unidade de *ticker-tape*. Era como se o comportamento das ações naquele dia fosse depender de uma marcação severa sobre a máquina. Raskob temia que um colapso do mercado implodisse seu projeto de construção do Empire State Building, antes mesmo que as primeiras vigas de aço do arranha-céu fossem forjadas.

John Raskob não era o único a marcar de perto sua *ticker*. Naquele momento, cada qual em seu canto, Joe Kennedy, Billy Durant, Arthur Cutten e Charles Mitchell faziam o mesmo.

Pat Bologna era outro que tinha plena consciência da importância daquela quinta-feira. Ao se encaminhar para sua banca de engraxate, Bologna se impressionara com o silêncio expectante da multidão, agora que o momento do soar do gongo no recinto da Bolsa se aproximava.

A chegada de alguns caminhões da polícia na Baixa Manhattan só contribuiu para aumentar o clima de ansiedade. As viaturas foram estacionadas de través no meio da rua de modo a bloquear o tráfego em Wall Street a partir da esquina com a Broadway. Seus ocupantes desceram e se espalharam pelo Distrito Financeiro.

Nove e cinquenta da manhã. O superintendente da Bolsa, William Crawford, fazia uma última inspeção no recinto de negociações, já abarrotado de operadores e auxiliares, para ver se estava tudo em ordem, quando um dos ajudantes do presidente em exercício, Richard Whitney, lhe trouxe um recado: Crawford devia estar preparado para receber um visitante ilustre, Winston Churchill, ex-chanceler do Erário britânico.

O superintendente não gostou nem um pouco da missão. Logo num dia em que era previsto um enorme volume de negócios, com chances de atraso recorde na *ticker-tape*, ele tinha de servir de cicerone a um figurão. A chegada de Churchill — disse o emissário de Whitney — aconteceria na parte da manhã.

Nos escritórios das sociedades corretoras o trabalho era intenso. Um número de ordens sem precedentes, a maioria de venda, chegara durante a noite. Já as ordens de compra fixavam preços bem abaixo das mínimas da quarta-feira.

Faltando dois ou três minutos para a abertura, William Crawford se dirigiu ao pódio. Subiu vagarosamente os degraus. Quando seu cronômetro marcou dez horas em ponto, ele bateu com força incomum o gongo. Ao fazê-lo, deu início à sessão de 24 de outubro de 1929, dia que a história dos mercados marcaria para sempre como *Black Thursday*, ou Quinta-Feira Negra.

No primeiro minuto após a abertura do pregão da Quinta-Feira Negra, a Bolsa de Nova York subiu. Uma transação de 20 mil ações da Kennecott Copper foi feita onze dólares acima do preço de fechamento da véspera. O mesmo aconteceu com a Sinclair Oil, num negócio de 15 mil ações com alta de meio dólar, e com a Standard Brands, também com 15 mil ações quarenta centavos acima do encerramento do dia 23. E foi só. Seguiu-se uma avalanche de ordens de venda.

A primeira queda do dia se materializou nos papéis da General Motors, um bloco de 20 mil ações transacionado com perda de oitenta centavos.

Logo as linhas telefônicas das sociedades corretoras eram inundadas com ordens frenéticas em tom do mais profundo desespero.

"Vende, vende a mercado!"

"Vende tudo!"

"Liquida meus papéis!"

Durante sofridos vinte minutos, entre dez e meia e dez para as onze, Pat Bologna lutou para abrir caminho até a sala de clientes de uma corretora próxima à sua banca de engraxate. Chegou a tempo apenas de ver, no quadro de cotações, que sua carteira de operações a termo, num total de 5 mil dólares, havia se transformado em pó.

Restavam a Bologna ações do National City Bank, que comprara à vista seguindo conselho do próprio presidente do banco, Charles Mit- chell, cujos sapatos costumava engraxar.

"Só os cagões vendem ao primeiro sinal de perigo", Mitchell lhe dissera certa vez. Talvez por isso Bologna tenha decidido manter os papéis. Mas não quis permanecer em meio ao pandemônio que reinava na corretora e saiu para a rua.

De seu escritório na General Motors em Detroit, Charles Stewart Mott acompanhava ao telefone a derrocada do mercado.

"Nada podemos fazer para impedir a queda da GM", acabara de lhe dizer o especialista do papel, diretamente do recinto de negociações da Bolsa, antes de a ligação cair, assim como caíam as ligações em todo o território americano.

A rede de comunicações que conectava Nova York ao resto do país e ao mundo simplesmente não fora projetada para suportar o movimento daquela quinta-feira.

Nem mesmo as linhas diretas privativas mantidas pela Bell Telephone Company, tal como a que ligava Mott à Bolsa, davam conta da sobrecarga de tráfego.

Impossibilitado de falar com Charles Mitchell por causa da pane no sistema telefônico, Thomas Lamont, do Morgan, mandou sua secretária levar pessoalmente um recado ao colega banqueiro. Apenas um quarteirão separava os escritórios dos dois homens, respectivamente nos números 23 e 55 de Wall Street.

Já no City, a moça perguntou a Mitchell se ele poderia participar de uma reunião de banqueiros que aconteceria na Casa Morgan ao meio-dia. Pauta: tentativa de salvar o mercado. Charles Mitchell aceitou o convite imediatamente.

Por volta das onze e meia, ao fazer uma de suas inspeções rotineiras no pregão, o superintendente da Bolsa, William Crawford, verificou que vários corretores não obedeciam às rígidas regras de decoro da casa. Uns corriam e empurravam os colegas, outros diziam palavrões. Alguns estavam sem o obrigatório paletó. Num dia normal, Crawford imediatamente chamaria a atenção dos faltosos. Mas naquela quinta-feira ele resolveu deixar para lá. Verificou, pela fisionomia dos *traders*, que muitos estavam a ponto de sofrer um colapso nervoso.

Entre os postos de negociação o mais agitado era o número 2, onde se negociava, entre outras companhias, a United States Steel. O especialista do papel, general Oliver Bridgeman, estava literalmente sitiado por seus colegas operadores. A cada compra que fechava, Bridgeman reduzia o preço, sem que isso diminuísse o ímpeto da horda de vendedores.

A primeira baixa física ocorreu no Posto 4, palco da Anaconda, Caterpillar, Southern Pacific, U. S. Pipe and Foundry e General Motors. Um *floor trader* obeso e suarento sofreu um pique de pressão arterial e desabou no solo. Foi preciso chamar os enfermeiros, que o levaram embora.

Nada disso preocupava tanto o superintendente Crawford quanto o desempenho da *ticker-tape*, que a cada volta do ponteiro de minutos do relógio se atrasava mais e mais. Tornara-se impossível saber, mesmo no interior do prédio da Bolsa, a situação real dos negócios. Mais uma vez Wall Street trabalhava em voo cego. E sem instrumentos.

Na sala de operações da W. E. Hutton, o jovem Hut Miller urrava num telefone privativo tentando se fazer ouvir por um dos auxiliares da empresa situado na outra ponta da linha, bem no meio do tumulto do pregão. Hut queria desesperadamente saber as cotações do momento. Era o mínimo de que precisava para poder conversar com os clientes da firma.

"Não dá para entender os preços", gritou o rapaz. "Aqui ficou todo mundo

louco. A pedra está atrasada e a *ticker* também. Só sei que os papéis estão desmoronando. Tem gente que até já morreu", exagerou o auxiliar, referindo-se ao *trader* levado para a enfermaria.

Para desalento de William Crawford, Winston Churchill chegou ao prédio da Bolsa às 11h45. O superintendente se viu obrigado a largar tudo para acompanhar o ilustre estrangeiro até a galeria de visitantes, de onde o estadista pôde testemunhar os lances da tragédia que se desenrolava lá embaixo.

Embora possuísse sua própria carteira de ações, Churchill se interessou muito mais pela importância histórica dos acontecimentos que presenciava do que pelo dinheiro que perdia com eles.

Em Flint, o tesoureiro Ivan Christensen, do Union Industrial Bank, acompanhava junto aos colegas defraudadores, todos já entorpecidos pelas derrotas recentes, a materialização de seus piores pesadelos. O atraso, agora de 55 minutos, da *ticker* já não os incomodava. Falidos ou falidos em dobro ou em triplo não fazia a menor diferença. Sem contar que a falência era fraudulenta e teria como consequência uma longa temporada atrás das grades, fossem quais fossem os números do rombo.

Na Baixa Manhattan, a multidão que congestionava as ruas do Distrito Financeiro só crescia, tanto em tamanho como em indignação. Excitados, repórteres e fotógrafos tentavam captar a atmosfera. Os mais perspicazes talvez já desconfiassem que os *Roaring Twenties* chegavam ao fim. Mas nem estes tinham como supor que aquele momento, mais do que o fim de um ciclo virtuoso, marcava o início de um enorme flagelo que afetaria toda a humanidade.

Oitocentos quilômetros a leste/nordeste de Wall Street o *Berengaria* cortava as águas do Atlântico Norte, procedente da Europa, trazendo 1.415 passageiros. O mar estava agitado devido a fortes correntes de vento. Com a viagem chegando ao fim, a diferença de fuso horário entre o navio e a Costa Leste dos Estados Unidos era de apenas uma hora.

À uma da tarde, hora do navio, o restaurante da primeira classe deveria estar cheio. Deveria, mas não estava. Seus potenciais frequentadores, sem nenhum apetite, não arredavam pé da sociedade corretora flutuante do transatlântico, cuja sala de atendimento não comportava tantas pessoas, estando agora a maioria do lado de fora, atenta às notícias.


WESTERN
UNION

Multidão toma de assalto o Distrito Financeiro na Baixa Manhattan
NovaYork, EUA, outubro de 1929
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

O que mais Charles Goudiss e Stanley Moore, empregados de Michael Meehan e responsáveis pela corretora de bordo, ouviam era:

"Vende, vende a mercado!"

Mesmo sabendo que a *ticker* do navio, defasada em uma hora, não representava os preços reais, Goudiss e Moore se limitavam a transmitir as ordens dos passageiros para a matriz da firma em Wall Street. Um bom tempo se passaria até que cada um dos passageiros vendedores fosse informado dos preços de suas liquidações.

"Vende, vende a mercado", eles continuavam gritando aflitivamente, como se essas palavras tivessem o poder de exorcizar o demônio que os possuía.

Helena Rubinstein ocupava uma poltrona próxima da escrivaninha de Stanley Moore. Madame Rubinstein sentara-se ali desde antes da abertura e até agora só dera algumas ordens pequenas. Aparentando indiferença ao tumulto que a rodeava, a rainha da beleza universal cochichava o tempo todo com Davenport Pogue, seu assessor financeiro, agachado ao seu lado.

De repente, como se fosse a única pessoa presente na corretora, a senhora Rubinstein moveu o indicador direito, repleto de anéis, para Moore, convocando-o a se aproximar dela, no que foi imediatamente obedecida.

"Venda 50 mil ações da Westinghouse a mercado", ela ordenou. O encarregado de dispor as cotações no quadro-negro acabara de apagar o preço de 190 dólares do papel, substituindo-o por 173.

Mesmo que, devido à defasagem da *ticker*, a venda fosse feita por 150, tratava-se da maior ordem isolada que a corretora flutuante do *Berengaria* já recebera desde sua inauguração.

Helena Rubinstein aguardou paciente o retorno da ordem, com a confirmação do preço de venda. Sequer piscou um olho ao ver o número 168, o que significava um total de 8,4 milhões de dólares.

Quando a madame se ergueu da poltrona, os demais clientes se moveram, abrindo um respeitoso corredor para ela sair, tão respeitoso quanto o silêncio que o acompanhou.

Se tivesse esperado mais uma semana para tomar a decisão de vender, Helena Rubinstein teria ficado um milhão de dólares menos rica.

Era meio-dia e vinte em Nova York quando, no J. P. Morgan, Charlton MacVeagh abdicou da fleuma que conseguira manter desde a abertura, fleuma essa que se esperava, em todas as circunstâncias, de qualquer executivo da firma. Só que o alarido do populacho reunido do lado de fora da Bolsa de Valores, a poucos metros do venerando prédio Morgan, impedia MacVeagh de se concentrar no trabalho.

Charlton se deslocou até a janela e viu que um cordão humano, formado por seguranças da empresa e policiais, impedia que a turba que sitiava a Bolsa se

aproximasse da entrada da Casa Morgan. À medida que o tempo passava o ruído do povo se tornava mais ameaçador e a dificuldade dos guardas em impedir um tumulto crescia na mesma proporção.

Pelo rádio, MacVeagh ficou sabendo que em outros estados a situação era ainda pior. As bolsas de valores de Chicago e Buffalo haviam fechado e a de São Francisco estava para fechar.

A chegada de Charles Mitchell ao Morgan, em mangas de camisa, chamou a atenção de Charles MacVeagh. Depois dele, com um intervalo de minutos entre um e outro, apareceram Albert Wiggin, *chairman* do Chase National Bank; William Potter, presidente do Guaranty Trust; e Seward Prosser, *chairman* do Bankers Trust. Os banqueiros formaram uma roda em torno da escrivaninha de Thomas Lamont, roda essa que representava 6 bilhões de dólares de ativos, não incluindo nessa conta os recursos da própria Casa Morgan, jamais revelados pela instituição.

"Eles estão tentando achar um modo de interromper a queda", deduziu MacVeagh, cético quanto aos resultados de um suporte organizado àquela altura dos acontecimentos.

Não se sabe como, a notícia de que os banqueiros estavam reunidos no Banco Morgan chegou rapidamente ao pregão da Bolsa e foi suficiente para estabilizar os preços. Os *traders* se lembraram de que uma reunião similar, ocorrida no dia 24 de outubro de 1907, portanto havia exatos 22 anos, liderada por ninguém menos do que o lendário John Pierpont Morgan, criara um *pool* de sustentação que interrompera o pânico daquele ano.

Na rua, o otimismo não era o mesmo. Uma ordem do presidente em exercício da Bolsa, Richard Whitney, mandando o superintendente William Crawford fechar a galeria de visitantes para o público, foi interpretada pelos investidores e especuladores de plantão do lado de fora como um indício de que o pregão seria interrompido. A multidão se tornou mais agitada e foi necessária a convocação de mais reforços policiais para evitar que as pessoas cometessem vandalismos.

Os visitantes escorraçados da galeria trouxeram consigo a notícia de que não havia compradores no pregão. Só operadores interessados em vender a qualquer preço.

No Morgan, a reunião terminou. Lamont acompanhou seus colegas banqueiros até a porta. A chegada do grupo à rua virou mais uma vez a opinião do público. De todos os lados ouviam-se gritos:

"Vai dar tudo certo."

"Os grandes banqueiros vão sustentar o mercado. Serão centenas de milhões de dólares."

"Acabou o pânico."

"É hora de comprar. Na baixa é que se ganha dinheiro."

Na realidade, Lamont e seus pares haviam concordado em investir 50 milhões de dólares na compra de ações. Ficou decidido que o próprio presidente interino Whitney executaria as ordens de compra, providência que foi imediatamente posta em prática.

Era uma e meia da tarde quando Richard entrou no pregão. Pomposamente dirigiu-se ao Posto 12. Estava ali na qualidade de corretor oficial da Casa Morgan. Em voz alta e clara, ele perguntou ao general Bridgeman qual fora a última oferta para a Steel.

"Cento e noventa e cinco", respondeu Bridgeman.

"Compro 10 mil a 205", apregoou Richard Whitney.

Por alguns segundos, houve silêncio no posto, como se os operadores precisassem digerir a notícia. Então, como se o pesadelo tivesse terminado, o recinto de negociações foi varrido por uma explosão de alegria. Whitney se aproveitou disso para percorrer os demais postos. Em cada um deles deixou novas ordens de compra de *blue chips*.

Foi o último suspiro do grande *bull-market* dos anos 20, o maior e mais exuberante de todos os tempos.

Por volta das duas da tarde, em Flint o vice-presidente do Union Industrial Bank, Frank Montague, e seus comparsas da Liga de Cavalheiros John de Camp, Milton Pollock, Elton Graham e Ivan Christensen apuraram que o rombo escavado por eles nas contas dos clientes passava de 2 milhões de dólares.

O terminal da *ticker-tape* instalado no banco, que agora rodava com um atraso de duas horas, mostrava a Westinghouse cotada a 160 dólares e a General Motors, a 283.

"Nós temos de pular fora", disse Montague, sem que nenhum dos colegas defraudadores o contestasse. Como não o contestariam se o vice-presidente dissesse que deveriam comprar mais. Àquela altura dos acontecimentos ninguém mais tinha esperança de se safar da enrascada em que haviam se metido.

Pouco depois das três da tarde, logo após o fechamento do mercado, Thomas Lamont, que respondia pelo J. P. Morgan na ausência de Jack Morgan — de férias em seu castelo na Inglaterra —, tomou uma atitude inédita na história do banco. Convocou uma coletiva de imprensa.



Thomas Lamont era o segundo em hierarquia na Casa Morgan
Nova York, EUA, 16 de junho de 1930
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

"Não há corretoras com problemas financeiros e todos os reforços de margem cobrados dos clientes de cada uma estão sendo cobertos de modo satisfatório", garantiu aos jornalistas o sisudo Lamont, que, diga-se a bem da verdade, não dispunha de dados para corroborar suas afirmativas.

Quem sabe devido às declarações de Thomas Lamont, ou talvez por causa das compras feitas por Richard Whitney nos diversos postos da Bolsa em cumprimento do "suporte organizado", o certo é que, apesar da enorme baixa do dia, os noticiários noturnos das rádios apresentaram um viés otimista para a sexta-feira, 25 de outubro.

"O pior já passou", foi a tônica de alguns dos analistas entrevistados pelas emissoras. "O *rally* do final da sessão deverá ter prosseguimento amanhã", anteviram os mais otimistas.

Só às 19h08, com quatro horas e oito minutos de atraso, a *ticker-tape* parou de rodar, dando números finais ao dia. Um total recorde de 12.894.650 ações, representando 974 empresas dos mais diversos ramos de atividade, trocou de dono.

O mercado caíra 11%. Três bilhões de dólares tinham sido perdidos pelos investidores, dinheiro esse que simplesmente deixou de existir. Boa parte da multidão que se concentrara em Wall Street e arredores ao longo do dia permaneceu no local, atordoada demais para voltar para suas casas. Muitos se sentavam nos meios-fios em profundo silêncio. Seus sonhos de riqueza fácil haviam esmaecido.

Temendo distúrbios e cenas de vandalismo, a chefia da polícia metropolitana enviou um pelotão para passar a noite no Distrito Financeiro.

Em certo momento alguém apontou para o alto de um arranha-céu, onde um operário fazia um reparo na fachada. Logo se espalhou que se tratava de um especulador querendo pular. Não faltaram gritos de incentivo.

O surto coletivo de trauma e medo não se limitava a Nova York. Em todo o país investidores não arredaram pé das sociedades corretoras com as quais faziam negócios, como se os preços dos papéis pudessem ser defendidos com sua simples presença.

O dia fora intenso para a astróloga de Wall Street, Evangeline Adams. Em seu estúdio no prédio do Carnegie Hall, ela se vira obrigada a cancelar as consultas individuais, trocando-as por sessões coletivas. Caso contrário não poderia dar conta da fila de consulentes que aguardavam suas previsões para o comportamento do mercado nos próximos dias.

Evangeline dissera dois dias antes que a Bolsa sofreria um crash. Mais do que isso: garantira até que as piores horas seriam na parte da manhã de quinta, com uma

recuperação no período da tarde. Agora seus clientes queriam saber se o mercado atingira o fundo do poço ou não.

Usando palavrório astrológico, no qual alegava interdependência da Bolsa com o alinhamento de certos planetas, desta vez Evangeline Adams errou. E errou feio, como os dias, semanas, meses e anos seguintes iriam mostrar. Ela simplesmente vaticinou uma forte alta das cotações, alta essa que começaria na manhã seguinte.

Grupos aliviados de investidores puderam ser vistos deixando o Carnegie Hall no final da tarde e início da noite de 24 de outubro. Nenhum deles sabia que a vidente dera ao seu corretor ordens expressas de zerar sua carteira de títulos ao soar do gongo de abertura na sexta-feira. Ao prever uma alta, a astróloga quisera apenas criar um fluxo comprador para dar liquidez às suas vendas.

No entender de Jesse Livermore, as perdas mais significativas realizadas até agora haviam se concentrado na arraia-miúda, uma vez que a maior parte dos negócios do dia se compusera de lotes pequenos. Os grandes especuladores tinham mantido seu sangue-frio e permaneciam comprados.

Livermore estava extremamente aflito, pois não contara com a violência da queda. Urso atávico, não ganhara um centavo sequer nem na quarta nem na quinta. Para um profissional como ele, o fato de perder uma oportunidade ímpar como aquela já significava enorme fracasso, mesmo que boa parte de seus pares estivesse se esvaindo em sangue e ele, ileso.

A atuação do consórcio de bancos liderada pelo Morgan deixara John Jakob Raskob feliz. Após passar o dia acompanhando a Bolsa, Raskob foi para casa convicto de que os recursos para a construção do Empire State Building não corriam risco.

Na suíte do último andar do Mark Hopkins Hotel, em São Francisco, eram 16h08 quando a *ticker-tape* de Amadeo Peter Giannini cuspiu o último negócio do dia. A. P. respirou fundo. Embora os papéis da Transamerica tivessem enfrentado forte onda vendedora durante a sessão da Bolsa de Nova York, eles acabaram fechando com baixa de apenas um dólar.

Naquele momento o irmão e o sócio de Amadeo, respectivamente Doc e Elisha Walker, voavam de volta para Nova York a bordo de um trimotor Boeing 80 da United Airlines, que faria apenas um pernoite no meio do caminho. Se as condições meteorológicas fossem favoráveis, no sábado os dois já estariam em seus postos em Wall Street.

Encerrado o pregão, Giannini pediu ao *room service* do hotel uma refeição de espaguete e mandou chamar lá embaixo o motorista Joe Garcia para comer com ele. Assim que terminaram, A. P. foi tirar um cochilo. Garcia postou-se no corredor do

lado de fora da suíte, de onde não deixaria nenhum intruso interromper o descanso do patrão.

O especulador Billy Durant perdera dinheiro naquela quinta, embora não tanto quanto chegara a temer em certo momento do dia — antes da chegada do socorro dos banqueiros. Agora Durant estava otimista para a sessão de sexta-feira.

Durante o jantar, em seu luxuoso apartamento da Quinta Avenida, sua mulher, Catherine, admirou-se da calma com que o marido enfrentava o momento crítico. Faminto, Billy comeu por dois.

O comportamento do mercado nova-iorquino na Quinta-Feira Negra, dia 24 de outubro de 1929, repercutiu em todo o mundo.

No mercado informal de rua de Shorters Court, em Londres, mesmo sob forte chuva, os corretores, ensopados, continuaram negociando com ações americanas até altas horas da noite. Os papéis caíram para níveis bem abaixo do fechamento em Nova York. Foi preciso que policiais da Scotland Yard encerrassem o "pregão" por causa da barulheira.

Em Paris havia euforia. Os financistas de lá acreditavam que a Bourse parisiense poderia se beneficiar de uma provável repatriação de capital francês que se movera para Nova York em busca de melhores ganhos. Já a Berlin Börse acompanhara Wall Street tanto na queda da primeira metade do pregão quanto na recuperação no fim do dia.

Após ponderar todas as notícias, o editor financeiro do *The New York Times*, Alexander Noyes, optou pelas seguintes manchetes que estampariam a primeira página da edição de sexta:

Crash abafado pelos bancos

12.894.650 ações inundam o mercado

Líderes conferenciam e deduzem que as condições são sólidas

Financistas reduzem as tensões

Queda foi técnica

Wall Street otimista após dia tempestuoso

Charles Mitchell, do City Bank, terminara o dia praticamente quebrado, mesmo tendo informações privilegiadas, já que participara da reunião na Casa Morgan. Na verdade, as informações não tinham lhe valido muito, pois no momento em que as obteve já estava com todo seu dinheiro comprometido em operações a termo. Assim não pôde comprar mais nada antes do início das atividades do suporte organizado dos bancos, o tal fundo de 50 milhões de dólares.

Nos cinco semestres compreendidos entre janeiro de 1927 e julho de 1929, Mitchell ganhara 3,5 milhões de dólares em participações nos lucros do banco. Esse dinheiro lhe permitiria viver confortavelmente até o fim de seus dias. Só que Mitchell quis mais, muito mais, alavancou sua fortuna no mercado e ao final da Quinta-Feira Negra só lhe restavam esperanças. Esperanças de que a Bolsa se recuperasse desde o primeiro minuto do pregão de sexta-feira, antes que ele fosse chamado para comparecer com reforços de margens.

Na noite de 24 de outubro o músico Irving Berlin trabalhava até altas horas nos estúdios da United Artists, na Califórnia, com o coreógrafo Maurice Kusell. Começou a circular no estúdio a notícia de que algo muito sério ocorrera nas bolsas de valores.

Mesmo tendo sido instado na véspera por Charles Chaplin a liquidar sua carteira, Berlin recebeu a notícia impassível.

"Vou aproveitar essa crise", o compositor disse para Kusell, "para comprar mais. E se o mercado continuar caindo comprarei ainda mais. Até ser dono de toda a América".

47 O GRANDE PERDEDOR

Em vez de ir dormir em seu apartamento, Hut Miller, da W. E. Hutton, limitou-se a descansar algumas poucas horas em um hotel nas proximidades da firma. Como não dispunha de aparelho de barbear, de manhã, antes de voltar para a Hutton, ele foi até um salão. Mas desistiu na porta ao ver a fila de espera. Pareceu-lhe que Nova York inteirinha passara a noite no Distrito Financeiro.

Michael Levine, o dono da empresa especializada em mensageiros, mas que aceitava qualquer tipo de encomenda, passou a noite na sede da firma. Mas não dormiu. Atendendo pedidos que vinham de todos os lados, Levine coordenou uma equipe de entrega de bebidas alcoólicas. Wall Street poderia estar moribunda, mas isso não impedia que estivesse sedenta.

Desde muito antes da abertura, os telefones das sociedades corretoras tocavam sem parar. Clientes de todos os estados e dos territórios do Alasca e do Havaí, tendo passado a noite fazendo planos para seus negócios na Bolsa — uns, desanimados, querendo pular fora; outros, achando que o mercado fizera um fundo na véspera, desejavam comprar a preços de barganha —, queriam logo passar suas ordens antes que as linhas ficassem congestionadas.

Percorrendo as filas que se formavam nas portas das corretoras, o engraxate Pat Bologna detectou um clima de otimismo. No entender de Bologna, tudo indicava que a recuperação iniciada no final do pregão de quinta-feira teria prosseguimento na sexta.

Na entrada do J. P. Morgan, populares saudaram com entusiasmo a chegada de cada um dos sócios e, finalmente, de Thomas Lamont. Isso trouxe grande desconforto aos austeros banqueiros, cujo último desejo na vida era serem tratados como celebridades.

Charles Mitchell voltou à rotina habitual. Seguido de perto pelo chofer guiando a limusine, o presidente do National City percorreu a pé os dez quilômetros de casa até o banco. No final da caminhada, Mitchell foi testemunha da calorosa recepção

dada aos colegas do Morgan. Isso melhorou seu estado de espírito, que já não era de todo ruim desde que lera as manchetes otimistas de diversos matutinos.

Na entrada da Bolsa de Valores, a multidão ali reunida formara um corredor através do qual os operadores de pregão tinham de passar para entrar no prédio. Em vez de imprecações, ou outras manifestações de hostilidade, os *traders* ouviram gritos de incentivos, como se fossem jogadores de futebol chegando ao estádio antes do início de uma partida importante.

A mesma atmosfera favorável foi sentida pelo superintendente da Bolsa, William Crawford, ao atravessar o recinto de negociações rumo ao pódio. Ao final do saguão, Crawford subiu as escadas, esperou o relógio marcar dez horas e soou o gongo.

O superintendente viu sua percepção inicial confirmada quando os primeiros negócios mostraram ganhos, embora nada pudesse anular as pesadas perdas dos dias anteriores. Mesmo assim, só a descontinuidade do crash já era para Crawford e para os operadores e corretores motivo de comemoração.

Na Califórnia, apesar de ter ido para a cama de madrugada, o músico Irving Berlin acordou cedo para acompanhar a abertura em Nova York, que na Costa Oeste se dava às sete da manhã. Ao ver que o mercado estava em alta, Berlin passou algumas ordens de compra para seu corretor e foi tratar de coisas ligadas ao seu trabalho.

Ao longo daquela sexta-feira, 25 de outubro, o pregão esteve calmo. O índice industrial Dow Jones acabou fechando com uma alta irrisória de 1,75 ponto. Os preços já tinham caído demais para que os ursos se animassem a vender a descoberto e os touros atuaram com parcimônia. Pouco menos de 6 milhões de ações foram negociadas, volume inferior à metade da véspera, ainda assim um número alto.

À tarde, ao saírem da Bolsa, os profissionais tinham a sensação de que a crise havia ao menos sido estancada.

Embora poucos analistas tivessem se dado conta disso, um tumor maligno continuava se alimentando das entranhas pustulentas do mercado: uma enorme quantidade de especuladores não havia depositado os valores correspondentes às chamadas de margens para cobrir os prejuízos de quarta e quinta-feira. Havia rombos em quase todas as sociedades corretoras, que teriam de vender as ações das carteiras da clientela inadimplente.

Um dos mais endividados, agora sem chances de recuperação, era o magnata dos telégrafos, Clarence Mackay, sogro de Irving Berlin. Mackay — que se opusera ao casamento de sua filha Ellin com um reles músico, ainda por cima judeu — alavancara sua fortuna em operações a termo e estava irremediavelmente quebrado,

tendo perdido quase 100 milhões de dólares, a maior perda individual do mercado de ações de Wall Street até então.

48 MAL SABIA ELE

No sábado, antes da abertura dos mercados, os jornais chegaram às bancas e aos assinantes com mensagens de otimismo dos mais importantes empresários e financistas do país. Charles Schwab, por exemplo, *chairman* da Bethlehem Steel, amigo de Henry Ford e consulente de Evangeline Adams, disse que não via motivos para que a prosperidade dos Estados Unidos não continuasse indefinidamente, declaração essa que recebeu o apoio integral de James Farrell, presidente da U. S. Steel, maior concorrente da Bethlehem.

Por sua vez, Alfred Sloan, *chairman* da General Motors, declarou que a violenta queda da Quinta-Feira Negra fora até saudável, diagnóstico este que não foi bem aceito nem pelos acionistas da GM, que tinham visto seus patrimônios encolherem sensivelmente, nem pelo segundo homem da empresa, Charles Stewart Mott, que, preocupadíssimo com a possibilidade do agravamento da crise, se transferira com armas e bagagens para seu escritório na sede da companhia, em Detroit, onde dormia por apenas umas poucas horas em uma cama de campanha.

Já Walter Teagle, presidente da Standard Oil, aconselhou os acionistas da companhia a não se desfazerem de seus papéis, pois, segundo ele, não houvera nenhuma mudança nos fundamentos da indústria petrolífera. Samuel Vauclain, da Baldwin Locomotive, acreditava que "a América continuava nos trilhos, no horário, e a todo vapor e velocidade".

"Não há na situação econômica do país nada que justifique qualquer nervosismo", foi o diagnóstico de Eugene M. Stevens, presidente do Continental Illinois Bank.

Instado a enviar uma palavra de ânimo aos investidores, o presidente Herbert Hoover, raposa matreira, tergiversou:

"As atividades fundamentais do país, isto é, a produção e a distribuição de mercadorias, estão apoiadas em bases sólidas e prósperas." E mais não disse.

Quem destoou do coro foi o governador do estado de Nova York, Franklin Delano Roosevelt, que criticou acidamente a "febre de especulações".

Embora, nos últimos tempos, tenha alertado sobre a possibilidade de uma grande queda da Bolsa, desta vez Amadeo Peter Giannini julgou por bem dar uma palavra de conforto aos clientes e acionistas de seu grupo financeiro. O que não impediu que Doc Giannini e Elisha Walker, tão logo desembarcassem no aeroporto de

Newark, procedentes da Califórnia, fossem direto para a sede nova-iorquina do Bank of America, onde passaram a ajustar, para baixo, as estimativas dos preços das ações para efeito de garantias de empréstimos de margem. O mesmo faziam os demais banqueiros, todos temendo uma inadimplência generalizada dos especuladores.

Repetindo a performance da véspera, o pregão de sábado, dia 26 de outubro, oscilou pouco. Os preços dos papéis caíram ligeiramente. Não houve pânico, mas também não houve entusiasmo. A exceção ficou por conta de John Jakob Raskob, o homem do Empire State, que se destacou na ponta compradora.

O superintendente da Bolsa, William Crawford, aproveitou-se da calmaria — o volume geral de negócios ficou ligeiramente acima de 2 milhões — para fazer uma revisão geral no sistema de *ticker*. A última coisa que Crawford queria na vida era que a fita voltasse a se atrasar.

Mal sabia ele.

10 MISERICÓRDIA DIVINA

A maioria das sociedades corretoras da Bolsa de Nova York aproveitou o domingo para preparar cartas de solicitação de reforços de margens e preencher ordens de venda — a serem executadas na abertura do pregão de segunda-feira — de papéis das carteiras dos inadimplentes.

Quem caminhasse pelas ruas do Distrito Financeiro podia pensar que se tratava de um dia útil, tal o tráfego de carros e pedestres. Ônibus repletos de turistas paravam em frente ao prédio da Bolsa. Cento e cinquenta metros ao norte, na Trinity Church, investidores pediam misericórdia a Deus. Em meio aos fiéis, alguns profissionais do mercado podiam ser vistos, entre eles Hut Miller, da W. E. Hutton. No sermão que pronunciou, um dos reverendos episcopais da igreja se valeu da ocasião para criticar a ganância dos especuladores que só agora, no prejuízo, se lembravam do Senhor.

Em Wall e Broad Street ambulantes circulavam entre os passantes, vendendo, a um *dime* (dez centavos) cada, pedacinhos da *ticker-tape* da Quinta-Feira Negra como souvenir.

Tanto em Nova York como no resto do país, era grande a expectativa com relação ao comportamento do mercado na segunda. O otimismo que se apoderara de alguns investidores na sexta e no sábado se esvaía no domingo. A sociedade onde todos seriam ricos agora se conformava em não ser pobre.

As palavras tímidas que o presidente Hoover pronunciara no sábado em nada haviam contribuído para levantar os ânimos. Os maus presságios do governador Roosevelt eram mais lembrados. Havia boatos de que os banqueiros que haviam tentado sustentar os preços — o tal suporte organizado — nos últimos dias agora iriam engrossar a horda de vendedores, num mais do que temido "salve-se quem puder".

5 A VÉSPERA

Os jornais de segunda-feira, 28 de outubro, continham farto material de propaganda enganosa: anúncios, artigos caracterizados como matéria paga e artigos pagos por baixo do pano pelas sociedades corretoras a jornalistas inescrupulosos. De acordo com essas matérias, uma quantidade fabulosa de ordens de compra proveniente de investidores que queriam se valer das baixas cotações dos papéis aguardava a abertura do mercado.

Desde as primeiras horas de segunda, milhares de turistas se concentravam no Distrito Financeiro. Alguns eram investidores novos, marinheiros de primeira viagem, com dinheiro vivo para investir na Bolsa.

Entre os especuladores veteranos, também havia gente otimista. Um dos touros mais entusiasmados era Mike Meehan, especialista nas ações da RCA, a gigantesca cadeia de comunicações controlada por David Sarnoff. A Radio vinha caindo havia seis meses, de cem dólares, cotação de abril, para 44, mínima alcançada na Quinta-Feira Negra, recuperando-se na sexta e no sábado para sessenta dólares, preço que, na opinião de Meehan, continuava sendo uma pechincha.

Alguns achavam que o *pool* de banqueiros liderado por Thomas Lamont, do Morgan, tinha como objetivo puxar os preços para cima. Nada mais inexato. Os bancos queriam apenas estabilizar o mercado para defender seus próprios cofres, ou seja, para evitar a inadimplência generalizada dos tomadores de empréstimo para compra de ações garantidas por margens, inadimplência essa que lhes traria enormes prejuízos. Só que os recursos alocados para o *pool* tinham limite, que os analistas mais perspicazes sabiam ser insuficiente para reverter a maré vendedora que vinha prevalecendo desde o início de setembro.

De seu quartel-general de emergência na cobertura do Mark Hopkins Hotel, em São Francisco, Amadeo Peter Giannini telefonou às cinco e meia da manhã (oito e meia em Nova York) para seu irmão Doc, a postos no Bank of America, na Baixa Manhattan.

"Esse negócio de 'suporte organizado' é conversa fiada", A. P. disse para Doc. "Nessas horas, o medo é que prevalece", advertiu. "Se todo mundo estiver pensando em vender, o mercado vai romper o fundo da quinta-feira. Nem nós mesmos vamos sustentar a Transamerica. É melhor deixar que os papéis encontrem seu nível, seja ele qual for."

Um sentimento unia Mike Meehan, Thomas Lamont, Amadeo e Doc Giannini e os demais profissionais em todo o país: a enorme ansiedade com que aguardavam o início dos negócios na Bolsa.

Após bater o gongo, William Crawford ainda não tinha chegado ao pé da escada do pódio quando viu que o mercado caía. No Posto 2, a United States Steel estava sendo negociada a 202,25 dólares, 1,25 dólar abaixo do fechamento de sábado. No 17, a ITT abrira com uma queda de três dólares. E, pior de todas, no Posto 6 a General Electric desabara 7,5 dólares. Tudo isso em menos de um minuto.

Como seria de se supor, a *ticker-tape* não conseguiu acompanhar a ligeireza dos negócios. Às 10h10 a máquina registrava o que acontecera às 10h05. E a tendência, Crawford sabia disso, era piorar, alargando cada vez mais o *gap*.

Meia hora após a abertura, a U. S. Steel rompeu, para baixo, a barreira psicológica dos duzentos dólares. As demais *blue chips* também afundavam.

O pregão seguiu caindo. Os poucos compradores abriam a boca, apregoavam timidamente um preço bem abaixo da cotação anterior e, mesmo assim, os papéis lhes eram enfiados pelas goelas.

"Vendo mais, vendo mais", os ursos de ofício, os ursos de ocasião e os ursos de puro desespero afrontavam os touros.

Por volta de uma da tarde, a *ticker* já exibia um atraso de noventa minutos. Com exceção daqueles poucos que estavam no recinto da Bolsa, ninguém sabia qual era o mercado real. Só restava aos especuladores uma alternativa:

"Vende, vende a mercado", eles berravam no ouvido dos corretores.

"Mas já caiu muito…"

"Vende, vende a mercado."

Quando Charles Mitchell, do National City, entrou no prédio sede da Casa Morgan, um rumor se alastrou pelas ruas próximas dando conta de que uma nova força-tarefa de suporte dos preços iria se formar. E, das ruas, se espalhou através das ondas de telégrafo de todo o país.

Na verdade, Mitchell foi ao Morgan pedir 12 milhões de dólares emprestados para poder sustentar as ações do próprio City. Mais por questão de princípios, Thomas Lamont impôs um abatimento e lhe concedeu dez.

O sorriso estampado no rosto de Charles Mitchell quando ele deixou o número 23 foi interpretado pelas testemunhas atentas como um bom sinal. Mais veloz do que se transmitida pelo telégrafo, a notícia chegou ao pregão da Bolsa. Imediatamente o mercado se estabilizou.

Meio na surdina, um corretor a serviço do J. P. Morgan começou a comprar ações da Steel, que rapidamente subiram de 193,5 para 198 dólares. No entanto, a alegria dos touros durou pouco. Surgiram maciças ordens de venda e a U. S. Steel voltou a ceder, agora para 190, fazendo nova mínima do dia.

Assim foi ao longo da segunda-feira. Apenas na última hora de pregão quase 3 milhões de títulos mudaram de dono. Na sessão inteira foram 9.212.800. A queda, de 49 pontos, significou um prejuízo de 14 bilhões de dólares em perda de valor das empresas negociadas na Bolsa.

De novo, Jesse Livermore, o rei dos ursos, fizera por desmerecer esse título. As perdas haviam sido tão rápidas que ele não tivera tempo, e muito menos coragem, de vender a descoberto. Só depois que o mercado fechou, Livermore, reunido com seus assessores, percebeu, ao analisar os gráficos das cotações, que, no dia seguinte, terça-feira, o tombo poderia ser maior, muito maior, quem sabe uma catástrofe sem precedentes em Wall Street.

5 TERÇA-FEIRA NEGRA

Após trabalhar em sua sala na W. E. Hutton até as primeiras horas da manhã de terça, Hut Miller não resistiu ao sono e desabou numa poltrona. Mas não por muito tempo. Acordou às seis horas, assustado com o som de um terminal de telex que começara a vomitar notícias, uma após a outra.

Na Albânia, o rei Zog pusera os principais líderes da oposição na cadeia. Em Londres, Edward, o príncipe de Gales, de 35 anos, redecorava sua residência oficial, a York House. Num inflamado discurso pronunciado em Roma, Benito Mussolini vaticinava que o fascismo iria dominar o mundo. Josef Stálin garantia o mesmo em Moscou, só que a respeito do comunismo. Em Xangai, o líder nacionalista Chiang Kai-shek, como que em resposta ao ditador soviético, dizia que os comunistas jamais governariam a China. No Japão, um camponês pulou na frente da carruagem dourada do imperador Hirohito, sofrendo morte instantânea.

As notícias chegaram a irritar Hut Miller, já que nenhuma delas tinha a menor capacidade de influenciar o comportamento da Bolsa de Nova York, a única coisa que o interessava naquele dia.

Outro que passou a noite em seu posto de trabalho foi William Craw- ford, superintendente da Bolsa. Só que Crawford não se deu ao luxo nem de um breve cochilo. Desde o fechamento da véspera, ele e sua equipe tinham feito várias modificações no sistema de *ticker-tape*, visando a diminuição do atraso da fita.

A principal mudança foi suprimir os primeiros algarismos das cotações. Assim, uma transação com determinado papel fechada a 104,25 apareceria na fita a 4,25. Seriam frações de segundos a menos no relato de cada negócio. Só que aqueles que leriam a fita teriam de estar bem atualizados com os níveis do mercado de modo a não confundir 104 com 94 ou com 114.

O dia estava clareando quando o novo método foi posto em teste, tendo funcionado a contento. Precioso tempo seria economizado. Mesmo que o gigantesco volume da Quinta-Feira Negra — quase 13 milhões de ações negociadas — se repetisse, a *ticker* tinha chances de cumprir sua função. Pelo menos era o que Crawford e seus homens esperavam.

Se o pessoal de Wall Street não dormia, Michael Levine e seus 2 mil mensageiros faziam o mesmo, não por solidariedade, é claro, mas por oportunismo. Antes

mesmo de o sol nascer, o que aconteceu às 6h22 naquela terça de outono, os rapazes de Levine, os mesmos que buscavam bebidas nos *speakeasies* para seus clientes durante a noite, já percorriam casas e apartamentos dos funcionários da Bolsa e das corretoras para pegar mudas de roupas limpas a serem entregues no local de trabalho de cada freguês, ao preço de cinquenta centavos de dólar por viagem.

Michael Levine raspara os estoques de estimulantes nas farmácias locais. Tinha certeza de que haveria forte demanda por eles assim que o mercado abrisse. E mais uma vez seus portadores entrariam em ação, entregando os medicamentos nas corretoras.

John Jakob Raskob agendara um café da manhã no Hotel Plaza. Seus convidados eram Alfred Smith, Pierre du Pont e outros diretores da Empire State Inc., empresa fundada para financiar e construir o arranha-céu de Raskob. O horário da *breakfast meeting* fora marcado de modo que todos pudessem estar em seus escritórios antes da abertura do pregão.

O excelente estado de espírito de Raskob, mais interessado na construção de seu prédio do que nos rumos da Bolsa, contagiou os demais integrantes da mesa.

"A América não é apenas um amontoado de papéis trocando de mãos", argumentou John Raskob. "Nós somos uma nação de empreendedores, tais como os senhores e eu. *Nós* somos a América", empolgou-se.

Enquanto viajava no metrô, rumo sul, em direção ao Distrito Financeiro, o engraxate Pat Bologna prestava atenção na conversa dos outros passageiros do vagão. A maioria estava otimista, refletindo o tom dos matutinos que quase todos tinham em mãos.

Pouco mais tarde, já em sua banca na Wall Street, Bologna não encontrou sua freguesia — bem mais calejada do que a turma do *subway* — tão animada. Exaurida sua capacidade de comparecer com reforços de margem, as pessoas diziam ao engraxate que só sobreviveriam se o mercado abrisse em forte alta e continuasse subindo ao longo do dia.

Temendo que a angústia reinante pudesse provocar baixas entre os investidores, a Bolsa de Valores reforçara o contingente de seu departamento médico, dirigido pelo doutor Francis Glazebrook. A polícia fora autorizada a enviar para lá todos aqueles que passassem mal em Wall Street e nas ruas próximas. A última coisa que o presidente em exercício Richard Whitney queria ver eram manchetes sensacionalistas na imprensa dando conta de pessoas morrendo de ataques cardíacos

nas proximidades de sua instituição. Daí o fato de ter franqueado ao público o ambulatório, até então exclusivo dos membros e funcionários da Bolsa.

Glazebrook, 51 anos, grisalho, veterano da Grande Guerra, era especializado em traumatismo psicológico. Tratava-se da pessoa certa para o momento certo. Não faltariam traumas naquela terça-feira que os historiadores, sempre apegados a um clichê, rotulariam como negra, tal como acontecera com a quinta da semana anterior.

Em seu escritório, Jesse Livermore olhava para o lado de fora da janela. Faltando uma hora para a abertura do pregão, uma neblina, acompanhada de leve garoa, caía sobre Nova York, dando cores apropriadas ao clima de tristeza que reinava na cidade.

Não aguentando mais o estado permanente de bebedeira de sua mulher, Dorothy, com quem tinha discussões intermináveis a propósito de tudo, Jesse deixara o apartamento. Agora ele se dividia entre suítes dos melhores hotéis e o escritório, onde passava boa parte das noites, tal como acontecera nos últimos cinco dias, com incursões rápidas aos apartamentos das coristas com as quais mantinha casos fugazes. Esses romances, se é que podemos chamá-los assim, sempre terminavam com um adeus sem mágoas, não sem a ajuda de um presentinho sob a forma de um casaco de peles ou uma joia.

Jesse Livermore estava cada vez mais aflito por não estar ganhando uma fortuna num cenário que sempre fora o seu domínio: o do medo, da baixa, do pânico, do desespero. Agora, Jesse contemplava um ponto indefinido do outro lado da janela, suas entranhas lhe dizendo que esta terça-feira, 29 de outubro, seria o seu grande dia.

Pouco antes da abertura, o galês Mike Meehan chegou ao Posto 12, onde a RCA era negociada. O olhar gélido e a fisionomia indecifrável de Meehan não davam o menor indício do que ele estaria antevendo para a sessão. Seria uma barganha comprar o papel a quarenta dólares, preço da véspera, ou seriam os quarenta dólares a rampa de salto de uma nova queda?

Meehan sabia as respostas para essas dúvidas. Durante a noite milhares de ordens de venda da Radio haviam chegado à sua sociedade corretora. Ao galês caberia tão simplesmente executá-las. Defender o papel seria um mero e inútil suicídio financeiro. Mesmo porque a maior preocupação de Meehan naquele momento era a de salvar o que restava de seu patrimônio. O único modo de fazer isso era se juntando às hostes vendedoras.

Nos próximos dias o *Berengaria* estaria partindo para a Europa com boa parte de suas cabines vazias. O mesmo não aconteceria na volta. Chamuscados pela queda da Quinta-Feira Negra, muitos americanos, agora com menos dinheiro e menos vontade de gozar as delícias europeias, faziam fila em Londres, Paris e Berlim para comprar seus bilhetes de regresso aos Estados Unidos. Durante a viagem, poderiam liquidar o que sobrara de suas carteiras, se é que sobrara alguma coisa, na corretora flutuante de Mike Meehan.

Desde a Quinta-Feira Negra a galeria de visitantes da Bolsa de Valores estava fechada a… visitantes. Se, ao fazer isso, o presidente em exercício, Richard Whitney, quis evitar o pânico, ele não poderia ter tomado decisão pior. Não percebeu que as pessoas se impressionam muito mais com o que imaginam do que com o que veem.

Agora o superintendente William Crawford subia ao pódio para dar início ao pregão. Seus olhos observaram ao redor. A galeria dos visitantes, deserta, lhe pareceu obscena. "Quem sabe não tenha sido um erro fechá-la" — pela primeira vez a possibilidade ocorreu ao superintendente.

"Agora é tarde", pensou ele, antes de bater o gongo.

Iniciava-se a sessão mais dramática e assustadora dos até então 112 anos de existência da Bolsa de Valores de Nova York, sessão essa que seria lembrada para sempre e que mudaria a história americana e mundial.

PAPÉIS PODRES

Em questão de segundos após a batida do gongo, os dezessete postos do pregão da Bolsa de Nova York tornaram-se palco de uma fúria epilética jamais vista no local. Enquanto mil operadores se esgoelavam, cada um querendo vender antes do outro, seus auxiliares (*runners*) corriam selvagemente dos postos de negociação para as cabines telefônicas, e das cabines para os postos, trazendo consigo muitas ordens e poucas execuções. Quase não havia touros e mesmo estes poucos só queriam comprar no fundo do poço. O ruído era ensurdecedor. As tábuas corridas do piso do recinto começavam a se cobrir de boletos rasgados.

"Vinte mil, vendo!"

"Trinta mil, vendo!"

"Cinquenta mil, vendo!"

Era só o que se ouvia.

No Posto 2, o general Oliver Bridgeman, especialista da United States Steel, via, atordoado, seus papéis despencarem sem que ele tivesse coragem de apregoar uma compra. Se o fizesse, todos os operadores da roda se lançariam sobre ele como aves de rapina em cima de uma carniça.

Sem o seu protetor oficial, 650 mil ações da Steel foram vendidas a preços impensáveis até alguns dias antes. Bastava alguém abrir a boca e dizer "compro", não importava a quanto, que as levava. Assim o papel caiu para 179 dólares, 13% abaixo do nível defendido por Richard Whitney na sessão da Quinta-Feira Negra, por ocasião do suporte organizado… e fracassado.

Logo surgiu um enxame de vendedores a 179, o que fez com que os touros emudecessem.

Nas demais rodas a situação era a mesma.

Alguns *runners* não aguentaram a pressão e fugiram do prédio da Bolsa, entre eles um que quase fora asfixiado por um *trader* falido que agarrara o rapaz pelo pescoço e só o soltara após a intervenção de terceiros.

"Hoje é o dia da matança dos milionários", um *runner* gritou para um colega enquanto os dois corriam pela Wall Street em direção ao East River.

O Distrito Financeiro tornara-se refém de um bando de loucos.

Ao passar pelo Posto 7, o superintendente William Crawford percebeu, aterrorizado, que as enormes telas Trans-Lux espalhadas pelo saguão estavam em

branco. Isso significava que a *ticker-tape* emperrara, estrangulada pelo gigantesco volume de negócios. O mercado mais importante do mundo se dissolvia — pensou Crawford — e a informação não era transmitida ao mundo exterior.

A sessão já se desenrolava havia quase dez minutos quando a *ticker* anunciou a primeira transação do dia. Só agora os corretores espalhados pelo país começariam a ser informados, com atraso crescente, sobre a calamidade que ocorria em Nova York. Todos os esforços do superintendente e de sua equipe para pôr a fita em dia com os acontecimentos haviam sido em vão.

No Posto 12, a Radio caía muito. Tal como planejara, Mike Meehan se unira aos ursos e vendia. Vendia, vendia, e vendia ainda mais. Com a barulheira muito acima do normal, era difícil para Crawford, distante uns dez metros de Meehan, ver quantas ações ele apregoava e a que preço. Mas a mão direita espalmada para a frente não deixava dúvidas sobre sua intenção de pular fora. A RCA já caíra inacreditáveis 25% em relação ao fechamento de segunda-feira, com enormes lotes negociados a trinta dólares.

Cinco rodas adiante, no Posto 17, o especialista da International Telephone & Telegraph tentava, sem sucesso, impedir que seu papel caísse abaixo de dezessete dólares, esforço que se revelara inútil, quando sua atenção foi despertada por um incidente, no mínimo bizarro, ao seu lado. Um operador dera um berro tão forte que sua dentadura voou longe, sendo pisoteada pelos *floor traders*.

Após ter sido transacionada por um bom tempo a trinta dólares, a Radio finalmente teve seu suporte rompido.

"Vendo a 29 e ¾!", um operador tomou a iniciativa.

"Vendo a 29 e ½!", gritou outro.

"Vendo a 29 e ¼!", urrou um terceiro.

"Vendo a 29!", ousou um quarto.

"Vendo a 28!", apregoou um quinto.

"Vendo a 27!", derrubou um sexto.

"Vendo a 26!", o mercado parecia ir direto para o fundo do poço.

"Fechado."

Só nesse nível, que representava uma perda de 74% desde as máximas do ano, surgiu, sem grande entusiasmo, o primeiro comprador.

Mike Meehan assistia impassível a derrocada de sua ação, a mais popular entre as *blue chips* dos anos 20. Por ser popular era líquida. Por ter liquidez era a preferida dos especuladores que precisavam fazer um mínimo de caixa para pagar reforços de margem de operações alavancadas em outros títulos.

Também no Posto 12, as cotas do Fundo Allegheny, consórcio que era a menina dos olhos de Jack Morgan, caíram cinco pontos, de 28 para 23 dólares, em um único negócio de 50 mil ações.

No Posto 6 a situação não era melhor. Apenas diferente. Dois auxiliares de pregão se engalfinharam por causa da venda de um lote da American Can. Nessa mesma roda, a General Electric, mesmo tendo um especialista a defendê-la, afundara à razão de um dólar a cada dez segundos durante os seis primeiros minutos de negociação. Do outro lado do recinto, a Westinghouse caíra dois dólares por minuto entre o gongo de abertura e as 10h15. Se prosseguisse nesse ritmo, ao meio-dia não valeria absolutamente nada. Ainda nessa roda, um *floor trader* tentava, sem sucesso, vender um lote de 25 mil ações da Timken Roller Bearing.

Simplesmente não havia comprador, embora o *trader* estivesse oferecendo o papel a um preço 19,75 dólares abaixo do fechamento da véspera.

General Motors, Anaconda Copper, Southern Pacific, Montgomery Ward, Paramount, Fox, Warner Bros… cada uma daquelas grandes corporações parecia agora não mais do que um amontoado de papéis podres, como se suas linhas de montagem, minas, ferrovias, sofisticados sistemas de vendas pelos correios e estúdios cinematográficos simplesmente não existissem.

Eram apenas dez e meia da manhã.

A queda na primeira meia hora de pregão fora tão violenta que o mínimo que se podia esperar era uma estabilização dos preços. Só que isso simplesmente não aconteceu. O pânico se apossara da Bolsa de Valores de Nova York. Bastava um corretor gritar "compro", em qualquer posto, a qualquer preço, para qualquer papel, que seu desejo era prontamente atendido.

Muita gente descobrira ao mesmo tempo que o rei estava nu. As ações da Blue Ridge Corporation, por exemplo, o consórcio fundado pela Goldman Sachs para alavancar a alavancagem sem produzir nenhum serviço ou mercadoria, mas tão somente especular em cascata, despencara de dez dólares, preço da abertura, para apenas três. Algumas semanas antes, a Blue Ridge havia sido negociada a 24 dólares.

A United Corporation, uma das empresas favoritas dos pequenos especuladores, caíra, também na primeira meia hora, de 26 dólares para 19,30.

Mesmo títulos de companhias produtivas como as mineradoras American Smelting e Kennecott Copper e a cadeia de lojas de varejo Woolworth, as três negociadas no Posto 11, não resistiam ao tropel avassalador dos ursos.

"Vendo! Vendo! Vendo!" O mercado tornara-se uma unanimidade maligna.

Apesar da presença no recinto de negociações de inúmeros donos de corretoras e dirigentes de bancos importantes, gente que controlava dezenas de milhões de dólares, nenhum deles se dispunha a sustentar as cotações. O objetivo comum era, na medida do possível, salvar a própria pele.

O presidente interino da Bolsa, Richard Whitney, também descera para o pregão. No início, alguns viram sua presença como a possibilidade de uma repetição do que acontecera na Quinta-Feira Negra, quando Whitney adquirira grandes lotes para o grupo organizado na Casa Morgan. Todos ficaram atentos. Se o presidente abrisse a boca, comprando, receberia em resposta uma saraivada de vendas. Mas ele se limitou a assistir a derrocada. Logo ninguém mais prestava atenção à sua presença.

Na mesa de negócios da W. E. Hutton, Hut Miller ouvia o som do vozerio que chegava do setor de clientes e da ala dos diretores da empresa. Não dava para entender o que as pessoas falavam, mas era nítido o tom do mais profundo lamento.

Havia quadros-negros nas paredes da sala, nos quais dois garotos iam anotando as cotações. Mas os números, que eram copiados da *ticker-tape*, estavam tão

defasados que nenhum dos corretores prestava atenção a eles. O que valia eram as informações que chegavam da Bolsa por intermédio dos aparelhos telefônicos acionados a manivela das linhas diretas com o pregão.

De uma coisa todos tinham certeza. A torrente de vendas se iniciara na abertura e, até agora, não dera o menor sinal de arrefecimento.

Por volta das 10h45 o gerente de operações da Hutton entrou na sala e determinou aos corretores que liquidassem, a preços de mercado, todas as carteiras de ações dos clientes que não tivessem atendido às chamadas de margem.

O próprio Hut se viu obrigado a vender os papéis de sua carteira particular, por não ter condições de cobrir o reforço solicitado. Constatou que ficara 100 mil dólares mais pobre.

Usando um telefone público ao lado de sua banca de engraxate, Pat Bologna acabara de liquidar suas ações do National City. Dos quase 10 mil dólares investidos em títulos que ele já possuíra, restaram-lhe não mais do que 1,7 mil dólares, que Bologna agora se apressava em transformar em dinheiro.

Em São Francisco, Amadeo Peter Giannini era informado de que as ações de seu Transamerica haviam desabado de 62 e ¾ dólares para 20 e ¼ dólares, preço pelo qual estavam sendo oferecidas, sem que houvesse comprador. A. P. sabia ser desperdício de dinheiro tentar defender o papel. Restava-lhe aguardar, aflito, que o Transamerica encontrasse seu chão.

Finalmente Jesse Livermore assumira sua condição de urso, pela qual ficara tão famoso na Rua. De seu escritório, usando diversos corretores, ele vendera a descoberto, na abertura, enormes lotes de ações. Agora zerava as posições com grande calma e sangue-frio. Em alguns momentos se aproveitava do pânico para comprar alguns títulos também.

Para homens da têmpera de Livermore, grandes oportunidades se sucediam naquela terça-feira louca. Papéis que tinham fechado na véspera a vinte dólares podiam ser comprados a três ou quatro e vendidos a cinco ou seis alguns minutos depois.

A não ser aqueles que se encontravam no pregão, ou os poucos privilegiados que conseguiam, através de linhas diretas, falar com algum corretor de confiança no recinto, ninguém tinha condições de saber as cotações. A *ticker-tape* perdera sua utilidade.

Amontoados nas salas de clientes dos escritórios das sociedades corretoras espalhados pela América, pequenos e médios investidores e especuladores não

tinham outro remédio a não ser se basear na fita para dar uma ordem.

Se alguém, por exemplo, quisesse vender ações da Radio a trinta dólares, preço exibido na *ticker*, e desse ordem a esse preço, podia ver o papel cair para 28, 25, 23… sem que a ordem fosse executada. Por outro lado, se mandasse vender a mercado, podia ser surpreendido com uma liquidação a dezoito dólares, isso após horas de angustiosa espera, para em seguida ver o preço subir para 22.

No pregão da Bolsa de Nova York operadores inescrupulosos se aproveitavam dessas bruscas variações de preços para comprar e vender para si, realizando lucros tão rápidos quanto substanciais. Poucos eram os que pensavam em seus clientes, que quase sempre ficavam com os piores preços, comprando caro e vendendo barato.

Por volta das onze e meia, Richard Whitney reuniu seus colegas governadores da Bolsa numa sala do subsolo do prédio. Propôs a eles que o pregão fosse fechado até que a situação de pânico se revertesse. Isso já acontecera em 1914, após a irrupção da Grande Guerra, quando os negócios ficaram suspensos por quatro meses e meio.

Em meio a uma fumarada de charutos e cigarros, a proposta de Whitney foi rejeitada por seus pares. A maioria ficou com medo de que a decisão gerasse grande revolta entre os investidores de todo o país.

O mercado continuou caindo no início da tarde. Quase todas as cotas dos fundos de investimentos, os "fabulosos" consórcios, invenção mágica da Rua, tinham simplesmente virado pó. As tábuas do piso do recinto de negociações da Bolsa agora estavam totalmente cobertas de boletos rasgados, escondendo parte dos sapatos dos *floor traders* e auxiliares.

Pouco depois de uma da tarde, o volume de negócios ultrapassou o da sessão inteira da Quinta-Feira Negra.

Entre os corretores, muitos não se vexavam em chorar copiosamente. Outros se ajoelhavam e rezavam contritos nos cantos do pregão. O Senhor não deve ter se comovido muito, pois o ritmo da baixa não sofreu alteração.

Do lado de fora, Wall Street estava tomada por uma multidão que se estendia desde a Broadway até a boca do East River. As pessoas estavam mais atônitas do que revoltadas.

A chance de a América quebrar não havia sido prevista por quase ninguém.

54 TEMOS UM PROBLEMA

Desde o início da manhã, Homer Dowdy vinha entregando telegramas com chamadas de margens na área urbana de Flint sob sua responsabilidade. Nos demais bairros, outros carteiros faziam o mesmo, num ritmo sem precedentes. Isso se repetia em cada cidade, em cada vila e em cada aldeota da América. Nas zonas rurais, o trabalho era feito em carros, bicicletas, cavalos e charretes.

Os destinatários dos telegramas distribuídos por Dowdy eram em sua grande maioria pequenos especuladores, entre eles vários empregados da GM, da Buick e da Chrysler, lojistas, profissionais liberais e donas de casa. Muitos haviam adquirido lotes de ações de empresas e de consórcios pagando apenas dez por cento do valor total, sendo o restante financiado pelos bancos, que agora cobravam reforços de margem, sob ameaça de liquidação imediata das posições.

Como tinha seus próprios problemas — a doença terminal da mulher, Gladys, e três filhos pequenos para criar —, Homer Dowdy não se deixava comover muito com a fisionomia de desespero das pessoas que abriam os telegramas.

Enquanto ia de casa em casa dando conta de seu serviço, Dowdy passou por um homem que vinha em sentido contrário, transtornado, gritando para quem quisesse ouvir:

"O Union Industrial Bank acaba de fechar as portas! O Union Bank está fechado!"

Se até aquele instante Homer Dowdy era não mais do que um mensageiro da crise, agora, caso o arauto da desgraça que acabara de ver e escutar não estivesse fazendo uma brincadeira de tremendo mau gosto, o carteiro era mais uma vítima. Todas as suas economias estavam depositadas no Union Industrial.

Como notícia ruim se espalha logo, os recém-casados Jolan e Steve Vargo também já tinham sido informados do que acontecera com o banco. Imediatamente correram para lá. Dois quarteirões antes, já puderam ver as portas trancadas — embora ainda faltasse meia hora para o fim do expediente bancário — e uma multidão se formando do lado de fora. O jovem casal, que não fazia a menor ideia de que um crash acontecia na Bolsa de Nova York, temeu, e tremeu, por seu dinheiro, toda a herança de Jolan e a suada poupança de Steve.

No começo da tarde, após rápida reunião com o tesoureiro Ivan Christensen, Frank Montague, vice-presidente do Industrial, concluíra ser totalmente impossível, por mais que usassem os saldos ainda disponíveis das contas dos clientes, pagar os reforços de margem que as sociedades corretoras estavam exigindo até o fim do dia, um valor que superava 3,5 milhões de dólares.

Montague foi até a sala do presidente Grant Brown, que não sabia nem desconfiava de nada, e, sem maiores introitos, contou tudo a respeito dos desfalques da Liga de Cavalheiros.

Coube a Brown a decisão de fechar as portas do banco imediatamente, inclusive obrigando os clientes que estavam no saguão naquele momento a sair para a rua antes mesmo de efetuar as transações que os levaram até ali.

Sem que sua fisionomia revelasse grandes emoções, Grant Brown convocou à sala do conselho todos os diretores e executivos que porventura estivessem envolvidos nas falcatruas. Só que, para sua enorme surpresa, além de Frank Montague e Ivan Christensen, apareceram na sala outros dois vice-presidentes, Milton Pollock e John de Camp, mais dois tesoureiros, Russell Runyon e Elton Graham, os atendentes de caixa James Barron, Farrell Thompson, Robert McDonald, George Woodhouse, Clifford Plumb, Mark Kelly, David McGregor e Arthur Schlosser, além do próprio filho de Grant Brown, Robert Brown, também atendente de caixa.

"Até você, Bob?", a voz sumidiça do presidente agora transparecia sua profunda decepção.

Grant Brown exigiu que cada um dos presentes detalhasse seu papel na bandalheira, enquanto ia tomando notas em um pequeno bloco. Quando o desfile de confissões chegou ao fim, Brown tomou do telefone e pediu à telefonista uma ligação para o *chairman* do banco, Charles Stewart Mott, que se encontrava na sede da General Motors, em Detroit.

"Senhor Mott, nós temos um problema." Brown começou a transmitir a notícia de que o Union Industrial Bank fora obrigado a fechar suas portas ao público por causa de um desfalque perpetrado por seus funcionários mais graduados.

"Estou indo imediatamente para aí", foi a resposta do *chairman*, após ouvir o relato.

55
IRREMEDIAVELMENTE POBRES

No dia 29 de outubro de 1929, a Bolsa de Valores de Nova York só parou de cair quando o tempo acabou. No horário de sempre, quinze horas, o superintendente William Crawford bateu o martelo. Não se pode dizer que a Bolsa foi salva pelo gongo porque na Terça-Feira Negra não se salvou nada. Além disso, após o fechamento, as cotações continuaram caindo na *ticker-tape* por causa do atraso nas transmissões de dados. Caíram até que o 16.383.700º negócio do dia, mais uma vez um número recorde, foi registrado.

"Fique rico rapidamente", "pague uma e leve dez", "não hesite, use seu crédito", "seja um touro", "entre para o nosso consórcio"… De repente os slogans dos reclames que haviam atraído tanta gente por tanto tempo soavam falsos e ardilosos, soavam irreais, como se a ideia de que poderia haver uma sociedade em que todos os que quisessem seriam ricos só poderia resultar em uma sociedade na qual, por mais que não quisessem, as pessoas seriam irremediavelmente pobres.

As perdas acumuladas na Bolsa entre 3 de setembro, dia em que o mercado fez um topo, e a Terça-Feira Negra haviam somado espantosos 50 bilhões de dólares, dez vezes a quantidade de moeda em circulação nos Estados Unidos naquela época.

Na terça, 29 de outubro, o desempenho de alguns papéis foi aterrador. A White Sewing Machine Company, por exemplo, que no pico do *bull-market* fora negociada a 48 dólares, e na segunda-feira, dia 28, fechou a onze dólares, apareceu na *ticker* a um dólar. E só saiu a esse preço porque um gaiato, por simples molecagem, apregoou:

"Sewing, compro a um!"

Levou.

Entre os maiores corretores, apenas uns poucos, como Charles Merrill, da Merrill Lynch, haviam advertido seus clientes para a possibilidade de uma queda sem precedentes. Também não foram muitos os especuladores que não se deixaram levar pela ganância. Em meio a essas exceções, o ator Charles Chaplin. Ele se revelava engraçado e irresponsável na tela, mas, nascido e crescido na pobreza dos cortiços londrinos, o criador e intérprete do imortal vagabundo dos filmes mudos era extremamente sério quando se tratava de cuidar de seu dinheiro.

Além de Chaplin, que se limitara a ficar de fora do mercado no último ano do *boom*, desta vez alguns *traders* mais lúcidos e audaciosos venderam a descoberto,

entre eles Jesse Livermore. Mas o grande ganhador foi Albert H. Wiggin, do Chase National Bank, que ficou vendido em enormes lotes entre a quinta e a terça-feira "negras".

Após o fechamento de terça-feira, Jimmy Walker, prefeito de Nova York, fez um apelo aos produtores de jornais cinematográficos.

"Por favor", pediu ele, "mostrem imagens que restabeleçam a coragem e a confiança dos investidores".

Evidentemente Walker não foi atendido. As cenas do crash, preservadas em arquivos de mídia, são exibidas até hoje.

56 FIM DE UMA ERA

Charles Stewart Mott, *chairman* do Union Industrial Bank, que viajara de Detroit para Flint tão logo foi informado pelo presidente do banco, Grant Brown, sobre o desfalque perpetrado pelos integrantes da Liga de Cavalheiros, fez questão de interrogar pessoalmente os defraudadores. Numa reunião realizada na sala do conselho do Union, a mesma que os trambiqueiros tinham usado para tramar seu desastrado golpe, Mott tomou conhecimento dos detalhes da participação individual de cada um deles.

Só às cinco da manhã de quarta-feira, dia 30, o *chairman* deu por encerrado o encontro. Antes, exigiu a renúncia por escrito de cada um dos "cavalheiros", no que foi prontamente atendido. Depois mandou-os para casa. Não disse se iria dar conhecimento dos fatos à polícia nem se iria processá-los na Justiça.

Após determinar que o banco permanecesse fechado, Charles Mott foi para sua mansão local descansar um pouco. Por volta das nove da manhã, ele chamou o promotor público de Flint, Charles Beagle.

Até hoje o teor da conversa dos dois é motivo de controvérsias. Não se sabe se o *chairman* exigiu a punição dos malversadores ou se pediu a Beagle para relevar os trambiques e agir como se o rombo no banco tivesse sido provocado unicamente pelo crash do mercado de ações, evitando assim um escândalo maior. O certo é que o promotor não tomou nenhuma providência imediata.

Apesar do tombo colossal, a Bolsa de Valores de Nova York abriu no horário normal na quarta. Todas as transações efetuadas na Terça-Feira Negra foram processadas. Quem comprou, recebeu seus papéis. Quem vendeu, seu dinheiro.

O músico Irving Berlin viu o valor de sua carteira de ações reduzido a praticamente zero. Mas recebeu a notícia com tranquilidade. Continuou investindo na Bolsa, todos os meses, o dinheiro que recebia de direitos autorais. Iria fazer isso pelos próximos sessenta anos, nos quais recuperaria, e multiplicaria, cada centavo perdido.

Em todos os Estados Unidos muita gente reuniu seus últimos trocados para aplicar em ações, na esperança de que o crash de 29 de outubro tivesse representado o fundo do poço. A partir desse fundo, só teriam a ganhar — pensavam.

O que ninguém, ou quase ninguém, poderia supor é que a Terça-Feira Negra seria não só o marco do fim de uma era de gastança e prosperidade, mas também o ponto de partida da maior depressão econômica do século XX, depressão essa que iria atingir brutalmente a população americana e, por efeito dominó, a de todo o mundo, incluindo povos que jamais tinham ouvido falar sobre bolsas de valores e mercado de ações.

Essa depressão afetaria a humanidade por longos onze anos, após os quais seria seguida por uma catástrofe ainda maior.

57 A GRANDE DEPRESSÃO

Os carros que conduziam as pessoas em êxodo arrastavam-se para a estrada principal, vindos dos caminhos que a cruzavam, e despejavam populações para o oeste. Quando a escuridão baixava, agrupavam-se qual percevejos nos abrigos. E isso porque todos eles estavam deslocados e perplexos, porque tinham vindo de terras em que reinava a tristeza e a preocupação...

Nessa linguagem impregnada de melancolia, o autor John Steinbeck (1902-1968; prêmios Nobel e Pulitzer), em sua obra-prima *As vinhas da Ira* (*The Grapes of Wrath*) descreveu o cenário da Grande Depressão que se seguiu ao crash.

Foram tempos sombrios, caracterizados por persistente deflação e violenta queda no consumo. Praticamente não surgiram novos investimentos e as falências se sucederam em proporções jamais vistas na América. Em Nova York, a Bolsa de Valores continuou funcionando, mas o que se ouvia no recinto do pregão eram murmúrios mais adequados a um velório e não os gritos eufóricos e excitados dos *traders*.

Para a grande maioria dos americanos, que jamais investira sequer um centavo na Bolsa, muito menos em especulações alavancadas, o colapso do mercado de ações parecia algo distante que em nada lhe afetaria a vida. Logo eles perceberiam seu equívoco quando os empregos, tanto urbanos quanto rurais, começaram a escassear. Fazendeiros de todo o país, já fragilizados pela queda dos preços de seus produtos, agora se viam à mercê dos bancos, que executavam as hipotecas e expulsavam famílias inteiras de suas casas, onde não raro elas viviam havia gerações.

Como um típico republicano, o presidente Herbert Hoover era contra qualquer espécie de ajuda financeira do governo aos flagelados da depressão. Assim, os desempregados e desalojados passaram a depender da caridade dos mais afortunados, ou dos menos desafortunados, para não passar fome. Filas de sopa gratuita se formavam em todas as metrópoles dos Estados Unidos. Houve grande migração do campo para as cidades, onde os novos-pobres se amontoavam em abrigos para não dormir ao relento. Quando todas as camas desses albergues já estavam tomadas, os retardatários tinham de ir para algum *speakeasy*, onde o proprietário os "acomodava" sobre pó de serragem espalhado pelo chão, faturando assim alguns trocados extras.

Pela manhã os albergados eram postos no olho da rua, chovesse, nevasse ou fizesse sol. Ao longo do dia nem mesmo tentariam procurar emprego, tal a inutilidade do esforço, limitando-se a entrar nas filas de sopa. À noitinha voltavam à

luta para encontrar outra vaga nos abrigos ou bares. Era essa a triste rotina dos herdeiros da Grande Depressão.

A pátria do capitalismo parecia amaldiçoada.

No outro lado do Atlântico, a situação não era nem um pouco melhor. Na boca do estuário do rio Clyde, na Escócia, por exemplo, os estaleiros que atendiam boa parte das companhias de navegação mais importantes fechavam seus diques por falta de encomendas. Profissionais especializados na construção de navios, como operadores de guindastes, soldadores, montadores, eletricistas, pintores, encanadores, tapeceiros e estofadores, dispensados de seus serviços, eram agora obrigados a recorrer aos cheques magros do seguro-desemprego.

Os números do tráfego marítimo entre os Estados Unidos e a Europa, a rota mais nobre e movimentada do mundo, haviam caído para menos de um terço daqueles anteriores ao crash. A crise na indústria de construção naval ia da foz do Mississippi até o porto de Yokohama, no Japão.



Durante a Grande Depressão, desempregados aguardam pacientemente na fila, em pleno inverno, a hora de receberem sua refeição gratuita
Nova York, EUA, novembro de 1930
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

No mercado financeiro americano, a falência serial iniciada na Terça-Feira Negra tornara-se sistêmica. Só no ano de 1931, nada menos do que 2.294 bancos foram forçados a fechar suas portas. O dinheiro dos depositantes que simplesmente evaporou podia ser medido em bilhões. As instituições mais sólidas, que haviam conseguido se manter funcionando, eram agora obrigadas a enfrentar a corrida dos clientes que tentavam sacar seus dólares para convertê-los em ouro.

Em novembro de 1932, quando o índice de desemprego nos Estados Unidos se encontrava em 25% da força de trabalho, o ex-governador democrata de Nova York Franklin Delano Roosevelt, que sofria de poliomielite, foi eleito presidente do país, tendo derrotado Hoover — em busca de seu segundo mandato — no colégio eleitoral por um placar acachapante de 472 votos contra 59.

A plataforma do vencedor era simples: criar empregos de qualquer maneira, nem que fosse contratando homens para cavar buracos e outros para tampá-los. O plano de Roosevelt, que tomou posse no dia 4 de março de 1933, levou o nome de New Deal.

O que Franklin Roosevelt não previra, nem tinha como prever, foi a severa estiagem — mudança climática provocada pelo aquecimento das águas do oceano Pacífico — que acometeu alguns estados agrícolas importantes do país em 1934 e 1936, estiagem essa que ficou conhecida como *Dust Bowl* (tigela de poeira) e que agravou ainda mais a tragédia americana. Se a terra estava seca, as bocas nem tanto. No dia 5 de dezembro de 1933 deixara de vigorar a *Prohibition*, em vigor havia quase catorze anos. Valiosos empregos foram criados na restabelecida indústria de bebidas alcoólicas.

Nos primeiros anos da Grande Depressão, a queda nos preços dos produtos agrícolas foi desastrosa. O trigo caiu 19%; o algodão, 27%; a lã, 42%; a seda, 30%; o estanho, 29%; a borracha, 42%; o açúcar, 20%; o café, 43%; e o cobre, 26%. "Por que comprar hoje se amanhã estará mais barato?", raciocinavam os consumidores, que só adquiriam o essencial do essencial.

Outras matérias-primas também sofreram com a escassez de dinheiro. O preço do barril de petróleo do Texas desabou para quatro centavos, valor que nem sempre dava para cobrir as despesas de extração. Muitos poços foram fechados.

O setor industrial não deixou por menos. Em Detroit, a Ford Motor Company por pouco não faliu. As vendas de seu Modelo A caíram de 1,5 milhão de unidades, número de 1929, para 232 mil em 1932. Mais de um milhão de veículos usados

atulhavam os pátios dos revendedores de carros de segunda mão em todo o país. As vendas da RCA murcharam de 137 milhões de dólares para 62 milhões. O parque siderúrgico americano chegou a operar com 88% de capacidade ociosa.

Não bastasse a penúria generalizada, sessenta países adotaram medidas protecionistas e retaliativas erguendo barreiras para produtos importados, numa política burra de "eu me lasco, mas você se lasca também". E todos se lascaram. Muros se ergueram entre as nações. O comércio dos Estados Unidos com o resto do mundo caiu 82% em relação ao nível pré-crash.

Na remota Nova Zelândia, nação que dependia inteiramente do comércio com o exterior, e aqui também pinçada como exemplo, a conjuntura tornou-se catastrófica. Suas exportações de lã, manteiga, carnes, peles, couro e cebola sofreram uma queda de 80%.

Ainda no governo Hoover, mais precisamente no dia 8 de julho de 1932, o índice Dow Jones da Bolsa de Valores de Nova York fez sua mínima a 41,22, uma queda de 89% sobre o pico atingido em 3 de setembro de 1929, que só voltaria a se repetir 21 anos mais tarde.

Entre as ações mais massacradas estavam as da Goldman Sachs Trading Corporation, as da United Founders e as da American Founders, que haviam caído respectivamente de 222, setenta e 117 dólares para 1,75 dólar, a primeira, e 63 e cinquenta... centavos (sim, centavos) as duas últimas.

Nos primeiros meses de 1934, o presidente Roosevelt resolveu criar a Comissão de Títulos e Câmbio (Securities and Exchange Commission — SEC) para fiscalizar o mercado e impedir que esbórnias financeiras como a da segunda metade da década de 1920 se repetissem. Para espanto da sociedade, Roosevelt nomeou o grande especulador Joe Kennedy para ser o primeiro *chairman* da agência.

"Ele chamou a raposa para tomar conta do galinheiro", protestaram os republicanos.

Poucos conheciam tão bem as tramoias do mercado de valores como Kennedy e, portanto, poucos tinham condições tão plenas como ele de coibi-las. O que Joe Kennedy não disse, mesmo porque ninguém lhe perguntou a respeito na ocasião, é que pretendia também usar o cargo para se desforrar da desfeita que Jack Morgan lhe fizera em fevereiro de 1929, recusando-se a recebê-lo em seu escritório.

Seis mil e duzentos quilômetros a leste de Washington, onde o presidente Roosevelt perpetrava as mudanças radicais que imortalizaram seus primeiros cem dias de governo, na Alemanha Adolf Hitler caminhava a passos largos para assumir o poder.

De certo modo, Hitler nutria o mesmo plano de Franklin Roosevelt: criar empregos. Só que, em seu caso, para rearmar a Alemanha, tornando-a novamente

uma potência militar que pudesse se impor na Europa.

58
O CABO AUSTRÍACO

Assim como aconteceu em quase todo o mundo, o *boom* econômico que a Alemanha vivera nos *Roaring Twenties* veio abaixo com o crash de 1929 e com a depressão que se seguiu. Dessa tragédia valeu-se o ex-cabo Adolf Hitler, abutre sinistro que se alimentava de crises para incrementar o poder político de seu mais do que radical e xenofóbico Partido Nazista, que quase caíra no esquecimento nos tempos de prosperidade da República de Weimar.

Não é exagero afirmar que Hitler foi a consequência mefistofélica da queda da Bolsa. Senão vejamos:

Em 1929 os filiados do Partido Nazista, decadente após o sucesso inicial, somavam apenas 178 mil, numa população de 65 milhões. Um ano mais tarde, nas eleições parlamentares, agora tendo ao fundo um cenário de 4 milhões de trabalhadores desempregados, os hitleristas obtiveram 6 milhões de votos, o que lhes valeu a segunda maior bancada do parlamento: 107 cadeiras. Os nazistas de carteirinha, contribuintes do partido, eram agora 800 mil.

Em suas diatribes histéricas, pronunciadas perante multidões hipnotizadas que incluíam milhares de homens das SA (Sturmabteilung — divisões de assalto) usando camisas marrons e braçadeiras com suásticas, Hitler prometia uma Alemanha forte e autossuficiente.

Em 1932 realizaram-se eleições presidenciais, com Hitler concorrendo contra o presidente em exercício, o venerando e popular marechal Hindenburg, então com 84 anos. O desemprego subira para apocalípticos 9,5 milhões.

Tal como se esperava, Hindenburg venceu, mas lhe faltou 0,4% dos votos necessários para obter a maioria exigida por lei. Houve necessidade de um segundo turno para o marechal se manter no cargo.

Nas eleições seguintes, para o Parlamento, os nazistas, sempre com a proposta de emprego para todos, tornaram-se o maior partido alemão, conquistando 230 de um total de 608 cadeiras. Hitler recusou a vice-chancelaria que lhe foi oferecida pelo chanceler de Hindenburg, Franz von Papen.

As tropas de assalto de Hitler transformaram a vida alemã em um sobressalto constante, espancando e matando adversários políticos, empastelando redações e gráficas de jornais que lhes opunham e saqueando lojas de judeus. Finalmente, temendo uma guerra civil, Hindenburg ofereceu o cargo de chanceler a Adolf Hitler.

Tendo aceitado a chancelaria, Hitler quis aumentar seu poder e exigiu novas eleições, no que foi atendido. Na segunda-feira, 27 de fevereiro de 1933, dias antes da votação, o chanceler foi extremamente beneficiado por um incêndio criminoso. Era noite quando o edifício do Parlamento, Reichstag, ardeu em chamas, obra de um jovem comunista holandês com problemas mentais, Marinus van der Lubbe. Como seria praticamente impossível uma pessoa sozinha provocar um incêndio de proporções tão grandes, é provável que agentes nazistas, interessados em ver o circo, literalmente, pegar fogo, tenham facilitado a tarefa de Lubbe, espalhando gasolina pelos corredores do prédio.

Aproveitando-se do incidente, Hitler conseguiu a aprovação de um decreto suspendendo os direitos civis. Sua recém-criada polícia, a Gestapo, prendeu 4 mil comunistas. Nesse clima de medo e coerção, os nazistas elevaram sua bancada de 230 para 288 cadeiras. Embora esse número não significasse maioria absoluta, Hitler, com seus métodos truculentos, conseguiu a aprovação de uma lei, o Ato de Capacitação, que lhe permitiu governar por decreto. Era o início de uma das mais sangrentas ditaduras da história, por certo mais um subproduto do crash de Nova York. Para começar, 24 parlamentares que faziam oposição aos nazistas foram assassinados por eles.

Com um gigantesco programa de obras públicas — autoestradas, pontes, túneis, barragens, portos e replantio de florestas — e de incentivo à indústria bélica, o governo nazista trouxe o índice de desemprego para níveis desprezíveis, façanha que pouquíssimos países haviam conseguido naqueles meados dos tenebrosos anos 1930.

Adolf Hitler passou a ser cultuado, dentro e fora da Alemanha, como um gênio econômico, um homem que derrotara a depressão, transformando seu país em uma ilha de prosperidade. Se derrotara também a democracia e as liberdades individuais, se perseguia os judeus e outras minorias, se defendia teorias raciais esdrúxulas e extremadas, se divulgava ideias expansionistas, para os alemães isso não importava muito. O que valia era não sofrer a humilhação da miséria e do desemprego.

No dia 2 de agosto de 1934, Hindenburg morreu. Mais do que depressa, Adolf Hitler se autonomeou presidente, acumulando o cargo com o de chanceler e dando a si próprio o título de *Führer* (chefe). Exigiu que todos os oficiais e soldados das forças armadas lhe jurassem obediência incondicional. Legitimou seus atos submetendo-os a um plebiscito, no qual obteve 90% dos votos. Pôde então dar início aos seus projetos de expansão territorial.

O primeiro ato do "Reich de Mil Anos", que era como Hitler se referia à "sua" Alemanha, foi anexar a Áustria, operação conhecida como Anschluss, que as potências a leste e a oeste aceitaram passivamente. Não era Adolf Hitler austríaco? Não fora recebido triunfalmente em Viena? Um referendo popular, levado a cabo

na Áustria e na Alemanha, não aprovara a fusão dos dois países, com 99,7% dos votos a favor? Quem poderia ser contra?

À anexação da Áustria seguiu-se a conquista da Tchecoslováquia, aceita passivamente por França e Inglaterra. Veio então a invasão da Polônia, no dia 1º de setembro de 1939, quando tropas alemãs irromperam através da fronteira.

Desta vez os ingleses e os franceses reagiram, dando início à Segunda Guerra Mundial, a última e pior consequência do crash da Bolsa de Valores de Nova York, ocorrido dez anos antes. A depressão econômica mundial dera lugar ao maior morticínio de todos os tempos.

50 GUERRA E PAZ

A Segunda Guerra Mundial durou exatamente seis anos e um dia, contando da data em que Hitler invadiu a Polônia até 2 de setembro de 1945, quando os japoneses se renderam aos americanos a bordo do encouraçado *Missouri*, ancorado na baía de Tóquio, após bombas atômicas terem sido lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Entre soldados e civis, os mortos no conflito somaram mais de 62 milhões de pessoas.

Nos primeiros anos, a vitória dos alemães foi avassaladora. No auge de seu poderio, Hitler chegou a controlar um imenso território que ia da península de Breton, no extremo oeste da França, até os rios Don e Volga, no Cáucaso, União Soviética. No sentido norte-sul, as tropas nazistas dominaram desde a região ártica da Noruega e da Finlândia até as areias escaldantes do deserto líbio, na África.

A partir da derrota na batalha de Stalingrado, travada no final de 1942 e início de 1943, o Terceiro Reich, projetado para mil anos, não fez outra coisa senão encolher. No dia 30 de abril de 1945, quando Adolf Hitler cometeu suicídio em seu abrigo subterrâneo, o Reich não passava de um quarteirão em ruínas no centro de Berlim.

No Pacífico, os japoneses também começaram com uma vitória maiúscula ao atacar e destruir parte da frota americana em Pearl Harbor, Havaí, provocando a entrada dos Estados Unidos na guerra. Seguiu-se uma sucessão de batalhas navais e combates pela posse de ilhas no caminho entre o Havaí e o Japão. Tal como o Reich de Hitler, o império japonês foi encolhendo. E teria encolhido até o fim não fossem as bombas atômicas e a rendição.

Obviamente não houve recessão, e muito menos desemprego, durante a guerra. Mas poderia ter havido tão logo os combates cessaram, se o presidente norte-americano Harry Truman, sucessor de Roosevelt, não tivesse tomado algumas decisões importantes.

No cenário doméstico, Truman assinou a chamada G. I. Bill, através da qual os soldados americanos que haviam retornado dos teatros europeu e do Pacífico fizeram jus a financiamentos com juros próximos de zero para compra ou construção de casa própria, início de um negócio ou custeio de estudos de segundo grau e universitários. Isso deu enorme impulso à economia.

A Europa foi beneficiada com o plano Marshall, também com financiamento americano, que bancou a reconstrução. O mesmo aconteceu no Japão, onde os

grandes empresários tiveram acesso a linhas de crédito para refazer seus parques industriais.

Dessa maneira terminou o ciclo perverso iniciado às dez horas da manhã de quinta-feira, 24 de outubro de 1929, quando o superintendente da Bolsa de Valores de Nova York, William Crawford, bateu o gongo do pregão e deu início ao crash.

Resta agora contar o que aconteceu com aquelas pessoas que esta narrativa abandonou tão abruptamente para tratar da depressão e da guerra.

JOE KENNEDY

Entre os financistas e especuladores que ganharam fortunas na euforia da Bolsa nos *Roaring Twenties*, Joseph (Joe) Kennedy foi um dos bem-aventurados que conseguiram reverter suas posições a tempo e atravessar os dias do crash de outubro de 1929 vendidos em ações a descoberto. Como se não bastassem todos os seus acertos até aquele momento, Joe continuou acumulando dinheiro ao longo da Grande Depressão, comprando ativos mobiliários e imobiliários por preços ínfimos.

Não totalmente satisfeito com seus incontáveis sucessos, Kennedy partiu para a política partidária, na qual logo se sobressaiu. Joe Kennedy acalentava o sonho de ser um dia presidente dos Estados Unidos.

Em 1932, Franklin Roosevelt se candidatou à Casa Branca. Mais do que depressa, Joe se pôs a serviço dele, não só angariando apoio na colônia católica irlandesa como dando generosa contribuição ao caixa da campanha, muito necessitado de fundos naqueles anos de depressão.

Com a eleição de Roosevelt, o mínimo que Kennedy esperava era ser contemplado com um cargo no primeiro escalão do governo, quem sabe até o de secretário do Tesouro, como chegou a confidenciar a alguns amigos. Veio então o convite para dirigir a Comissão de Títulos e Câmbio (Securities and Exchange Commission — SEC). Como se tratava de um órgão recém-criado, com grande poder sobre o mercado financeiro, Joe aceitou.

Já trabalhando em Washington, Kennedy deu uma enorme tacada que nada teve a ver com bolsas. Sabedor de que a Lei Seca (*Prohibition*) estava com os dias contados, Joe comprou grande quantidade de uísque escocês, estocando a bebida em armazéns no Canadá. Em dezembro de 1933, tendo a Suprema Corte americana derrubado a *Prohibition*, bastou ao esperto irlandês mover a mercadoria para o lado sul da fronteira.

Em 1937, já no segundo mandato de Roosevelt, após um breve e bem-sucedido período como *chairman* da Comissão Marítima, Joe Kennedy foi nomeado embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha. Apresentou suas credenciais ao rei George VI no início de 1938.

Para desgosto dos ingleses, Kennedy tomou-se de admiração pelo regime nazista da Alemanha, implantado havia cinco anos. Ele acreditava que as democracias ocidentais precisavam conviver amistosamente com Hitler se quisessem se defender da expansão do comunismo de Stálin, que reinava absoluto na União Soviética.

Na madrugada de 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra. Joe Kennedy, convicto de que uma vitória alemã era questão de tempo, insistiu com Roosevelt para que os Estados Unidos mantivessem sua postura isolacionista. Por medida de segurança familiar, Joe embarcou Rose e os filhos de volta para a América. Mais tarde, ele mesmo alugou uma casa fora de Londres para fugir dos bombardeios alemães. Os ingleses carimbaram-no como covarde e derrotista.

Em maio de 1940, tendo a Alemanha invadido e conquistado a França, Winston Churchill sucedeu Neville Chamberlain como primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Imediatamente Churchill passou a se comunicar diretamente com Roosevelt, sem que os dois estadistas notificassem o embaixador Kennedy sobre o teor dessas conversas.

Ignorado por seu presidente, e até mesmo pelo Departamento de Estado, Joe Kennedy não desperdiçou de todo sua temporada na Inglaterra. Enormes comboios de cargueiros cruzavam o Atlântico Norte trazendo armas e suprimentos americanos para a Inglaterra. Kennedy moveu seus pauzinhos para que, em suas viagens de retorno, alguns desses navios levassem lotes de uísque do estoque de seu comércio particular.

O desprestígio por fim tornou-se insustentável para Kennedy. Em 27 de outubro de 1940, a seu próprio pedido, ele foi destituído do cargo e regressou à América. Lá, voltou às atividades partidárias democratas, sempre com a esperança de um dia chegar à Casa Branca. Foi então que cometeu sua grande asneira.

Louis Lyons, um jornalista do *Boston Sunday Globe*, conseguiu uma entrevista com Kennedy. Entre outras impropriedades, Joe disse que o fim da democracia na Grã-Bretanha, e até mesmo nos Estados Unidos, era uma questão de tempo.

Como seria de se esperar, a reação negativa do público e da mídia foi enorme. Kennedy foi convocado a se explicar com o presidente Franklin Roosevelt e a relação de amizade entre os dois, que nunca fora muito ardente, terminou.

Pelo menos na política, o nome Kennedy parecia uma carta totalmente fora do baralho. Isso se os dois filhos mais velhos de Joe não fossem rapazes bonitos, inteligentes, extremamente simpáticos, destemidos e obstinados: Joseph (Joe Jr.), o mais velho, de 25 anos, e John (Jack), 23.



Joe Kennedy entre seus filhos John e Joe Jr., ambos heróis de guerra
Londres, Inglaterra, 4 de julho de 1938
Latinstock/© Hulton-Deutsch Collection /CORBIS/Corbis (DC)

Na primavera de 1941, Joe Jr. entrou para a Marinha dos Estados Unidos para servir como piloto naval. Completou seu curso de treinamento pouco antes de os japoneses atacarem Pearl Harbor, em 7 de dezembro, fato que determinou a entrada dos americanos na guerra. John também se alistara na Marinha, no verão, mas, como sofria de dores constantes na coluna, foi designado para um cargo burocrático em Washington, onde já vivia sua irmã Kick, de 21 anos, jornalista do *Washington Times-Herald*.

Após se livrar parcialmente do problema nas costas à custa de muito exercício, fisioterapia e potentes analgésicos, John Kennedy foi enviado para o teatro de guerra do Pacífico Sul com a missão de comandar uma lancha torpedeira PT, em seu caso a PT 109, parte de uma frota de grande mobilidade e rapidez que a Marinha americana usava para atacar de surpresa e afundar navios de guerra japoneses.

No domingo, 1º de agosto de 1943, o serviço de inteligência naval dos Estados Unidos captou uma troca de mensagens entre os navios de um comboio japonês,

escoltado por três destróieres, que cruzava o estreito de Blackett, nas ilhas Salomão. Diversas lanchas torpedeiras, entre elas a PT 109, foram acionadas para destruir a flotilha inimiga, mas falharam em interceptá-la.

Já eram as primeiras horas da madrugada de segunda-feira, e a PT 109 retornava para a base, quando um destróier japonês, o *Amigari*, surgiu no meio da escuridão e colidiu com a lancha de John Kennedy, partindo-a ao meio. Dois tripulantes morreram no choque, outros três ficaram feridos, sobrando ilesos apenas John e um marinheiro.

Durante quatro horas o jovem Kennedy e seu subordinado nadaram em mar aberto, sendo que John trazia a reboque um dos feridos, até encontrarem uma ilha deserta e desprovida de água e de recursos. Na ausência de melhor solução, John Kennedy voltou a cair no mar e nadou até outra ilha, esta habitada, onde conseguiu mantimentos e pediu socorro. Só seis dias após a colisão com o barco japonês é que os sobreviventes da PT 109 foram resgatados pela Marinha.

Assim que a notícia chegou à América, John Kennedy tornou-se um herói nacional, recebendo enorme publicidade e diversas condecorações por bravura em cerimônias realizadas em Washington. Isso não o impediu de voltar ao Pacífico, comandando outra lancha PT, até que as dores nas costas, acompanhadas da malária que contraíra na selva, o venceram e ele deu baixa, retornando para casa.

A atenção dada a seu irmão mais novo deixou o piloto Joe Jr. inquieto. Ele queria no mínimo igualar o feito de John, mas continuava longe do front, patrulhando águas americanas. Finalmente conseguiu ser transferido para uma base em Cornwall, na Inglaterra, onde passou a realizar missões sobre o Atlântico Norte e o Canal da Mancha para detectar submarinos alemães. Por mais importante que fosse o trabalho, ele não satisfez totalmente Joe Jr. Por isso, quando surgiu uma "oportunidade tentadora", ele não pensou duas vezes.

Pilotos voluntários experientes estavam sendo procurados para uma missão tão importante quanto perigosa. Em junho de 1944, os alemães haviam posto em ação a sua mais recente arma de terror, a bomba voadora V1, que era lançada balisticamente contra Londres e as principais cidades inglesas, provocando enorme destruição. As V1s partiam de plataformas localizadas no norte da França, na Bélgica e na Holanda, superprotegidas por casamatas e forte barragem de artilharia antiaérea.

Como ataques convencionais de aviões ingleses e americanos não estavam surtindo efeito contra as bases de V1s, surgiu uma nova ideia que recebeu o nome de Projeto Afrodite. Pilotos voariam bombardeiros lotados de explosivos sobre o Canal da Mancha, voando rente às águas para não serem detectados pelos radares alemães. Ao se aproximarem das plataformas de lançamento, apontariam suas aeronaves para o alvo e, segundos antes do impacto, pulariam de paraquedas de

baixa altitude e em alta velocidade. Se tudo desse certo, seriam recolhidos por lanchas de resgate aliadas.

O piloto poderia morrer ao saltar, a carga poderia explodir sob turbulência ou na hora de ser armada por controle remoto instalado em outro avião. Nada disso impediu que Joe Jr. se voluntariasse. Ou melhor, o alto risco foi justamente seu grande incentivo.

No fim da tarde de sábado de 12 de agosto de 1944, o primogênito dos Kennedy, que acabara de completar 29 anos, decolou de uma pista de Suffolk pilotando um PB4Y, o *Zootsuit Black*, abarrotado de explosivos potentíssimos.

Por volta das 18h20, quando Joe Kennedy ainda voava sobre a Inglaterra, algo deu errado. A carga explodiu no momento de ser armada e o *Zootsuit Black* transformou-se numa bola de fogo e destroços. A tripulação sofreu morte instantânea e nenhum fragmento de corpo foi encontrado.

Se o embaixador Joe Kennedy fora simpático ao nazismo, se previra que a Inglaterra perderia a guerra e se tornaria nacional-socialista, se dissera que os Estados Unidos deixariam de ser uma democracia, tudo isso foi esquecido com a demonstração de extrema coragem de seus filhos, um deles ainda vivo.

Outro episódio contribuiu para aumentar a aura mística que começava a envolver o nome Kennedy no imaginário do povo americano. Um dos genros do velho Joe, o inglês William Cavendish, marquês de Hartington, que se casara com Kick e agora servia em seu regimento no norte da Bélgica, foi morto por um franco-atirador alemão quando liderava uma patrulha.

Os episódios de heroísmo da família não iludiram Joe Kennedy. Ele teve a perspicácia de deduzir que dificilmente conseguiria alcançar a presidência. Seu passado voltaria à tona durante a campanha. Mas o filho John, agora o mais velho, extremamente charmoso, condecorado de guerra — que logo se casaria com Jacqueline Bouvier, uma bela e encantadora descendente de franceses, nascida no ano do crash da Bolsa —, reunia todos os requisitos para conseguir o cargo.

Joe decidiu fazer de John presidente dos Estados Unidos, usando todos os seus recursos financeiros para atingir esse objetivo e agindo sempre por trás das cortinas para não atrapalhar a carreira do filho.

No início deu tudo certo. Após uma trajetória meteórica, na qual foi deputado e senador de Massachusetts, sempre em campanhas financiadas pelo pai, John Fitzgerald Kennedy se elegeu em 1960 o 35º presidente dos Estados Unidos, ao derrotar Richard Nixon, vice de Eisenhower.

Antes que seu filho completasse um ano na Casa Branca, a fatalidade se abateu sobre o velho Joe Kennedy. Na terça-feira, 19 de dezembro de 1961, durante uma

partida de golfe, ele sofreu um AVC que o deixou paraplégico e sem fala, embora lúcido.

Foi preso a uma cadeira de rodas em sua casa de Hyannis Port, no cabo Cod, que Joe Kennedy acompanhou o assassinato de John, em Dallas, em 22 de novembro de 1963, assim como o de Bob, que tinha tudo para ser o segundo Kennedy na Casa Branca, durante um evento em Los Angeles, parte da campanha presidencial de 1968.

Joe Jr., morto na guerra. John e Bob, assassinados por lunáticos. Entre os filhos homens de Joe Kennedy restava apenas o caçula Ted, tal como seus irmãos um político carismático, e já senador, com grandes chances de um dia disputar a Casa Branca. Só que em 18 de julho de 1969, num incidente muito mal explicado, Ted Kennedy, que estava acompanhado da jovem Mary Jo Kopechne, de 28 anos, perdeu a direção de seu carro, que caiu de uma ponte na ilha de Chappaquiddick, em Massachusetts.

Ted conseguiu escapar do carro, mas Mary Jo ficou presa no interior do veículo e se afogou. Omissão de socorro? Covardia? Embriaguez ao volante? Relacionamento extraconjugal? Os detalhes jamais foram totalmente esclarecidos. Mas junto com Mary Jo se foi também a possibilidade de Edward Kennedy se candidatar a presidente dos Estados Unidos, embora fosse exercer, com brilhantismo, inúmeros mandatos de senador por Massachusetts.

Joe Kennedy não sobreviveu muito tempo a essas tragédias. Menos de seis meses após o episódio de Chappaquiddick ele morreu, aos 81 anos. A fortuna que acumulou, nem sempre de modo muito ético, durante os *Roaring Twenties*, o crash de 1929, a guerra e o pós-guerra, sem nunca ter sofrido um revés financeiro de peso, sustentará ainda muitas gerações do clã dos Kennedy.

Jack Morgan e seus sócios na J. P. Morgan se sentiam tão superiores aos outros banqueiros, e mesmo aos demais homens de negócio da América, que não deram, ou pelo menos não pareceram dar, muita importância ao crash e à depressão que se seguiu. Era como se nada pudesse afetá-los negativamente.

O *chairman* da Casa Morgan costumava passar suas férias na Grã-Bretanha, onde não raro recebia em Wall Hall, seu castelo de estilo gótico em Aldenham, Hertfordshire, integrantes da família real. Em 1931, quando a situação da libra esterlina ameaçou se tornar insustentável, mais do que depressa Jack, que se sentia mais inglês do que americano, se ofereceu para prestar auxílio financeiro ao Banco da Inglaterra. Ofereceu-lhes um empréstimo de emergência, prontamente aceito por Sir Montagu, *governor* do banco.

O valor foi de 25 milhões de libras. Embora não se tratasse de uma grande soma, principalmente sendo tomador o Império britânico, o que valia era o simbolismo da operação. Significava que a J. P. Morgan tinha confiança no poder de recuperação da moeda inglesa. Imediatamente o FED (Federal Reserve Bank) ofereceu ao Banco da Inglaterra outros 25 milhões. O mesmo fez o Banco da França.

A comunidade financeira e empresarial americana não achou a menor graça ao ver seu banco central e sua casa bancária mais prestigiosa socorrendo um país estrangeiro justo no momento em que os Estados Unidos da América mais precisavam de liquidez. Jack Morgan foi metralhado por críticas. "Anglófilo impatriótico" foi o mínimo que se disse dele.

A colaboração externa em pouco ajudou a Inglaterra, e o dinheiro dos empréstimos de emergência logo evaporou, com os investidores exigindo ouro — a Grã-Bretanha adotava o padrão-ouro, lastreando sua moeda no metal — em troca de suas libras.

Por fim a situação da libra esterlina tornou-se insustentável. No dia 21 de setembro de 1931, agindo por ordem do primeiro-ministro Ramsay MacDonald, o Banco da Inglaterra anunciou que não mais entregava ouro a quem o exigisse em troca de libras, tal como vinha fazendo desde 1925.

A cotação da libra frente ao dólar, até então fixada em 4,86665 dólares, caiu imediatamente para 3,75 dólares e passou a flutuar ao sabor do mercado. Como a Casa Morgan fizera o empréstimo em libras, e iria, ao final, receber em libras, o prejuízo em dólares tornou-se inevitável. Embora isso não abalasse as finanças da

Morgan, abalava seriamente seu prestígio, pois dera seu aval a uma moeda que não se sustentara. Isso era apenas o primeiro de uma série de reveses que Jack Morgan iria sofrer nos anos 30.

Como a J. P. Morgan era uma empresa de capital fechado, ela não publicava balanços nem divulgava seus resultados. Mas rumorejava-se em Wall Street que a firma acumulara no crash e nos dois anos que se seguiram perdas de 65 milhões de dólares. Isso não impediu que Jack lançasse um novo iate de 2,5 milhões de dólares. Ou quem sabe o fez para mostrar que estava bem financeiramente.

Só que as coisas continuaram piorando. Em 1932 o Senado americano criou uma comissão de inquérito presidida pelo senador Ferdinand Pecora para investigar as causas do crash. Jack Morgan foi uma das primeiras pessoas convocadas para depor.

Pouquíssima gente nos Estados Unidos conhecia a fisionomia e a voz de Morgan, que mantinha uma vida reservada, não frequentava eventos sociais e jamais dava entrevistas. Certa vez ele dera uma bengalada em um fotógrafo que tentara retratá-lo. Agora o banqueiro era obrigado a se expor e explicar aos senadores como funcionavam seus negócios. Entre uma e outra audiência na Comissão Pecora, os jornais o chamavam de *bankster*, combinando as palavras "banqueiro" e "gângster".

Tendo Franklin Delano Roosevelt tomado posse na Casa Branca em 1933, a situação de Jack Morgan se deteriorou ainda mais. Suas empresas passaram a pagar muito mais impostos, criados por Roosevelt, e Jack começou a ser perseguido por Joe Kennedy, *chairman* da Comissão de Títulos e Câmbio (SEC), que não se esquecia da desfeita que Jack lhe fizera quatro anos antes.

Como se não lhe bastassem tantos contratempos, em função da lei Glass-Steagal, recém-promulgada, Morgan se viu obrigado a vender parte de suas instituições financeiras, pois os bancos passaram a ter de optar entre captar depósitos ou fazer investimentos. Ficou proibido exercer simultaneamente as duas atividades.

Ao longo da segunda metade dos anos 30, a J. P. Morgan — que se viu obrigada a aceitar novos sócios e passou a se chamar Morgan, Stanley & Co. — foi emagrecendo. Assim como emagreceu a fortuna pessoal de Jack. Para seu profundo desgosto, ele foi obrigado a fazer economias, dispensar serviçais e vender obras de arte, tudo pelos preços minguados da depressão.

Quando Jack Morgan morreu, na Flórida, em 13 de março de 1943, aos 75 anos, sua fortuna pessoal, que chegara a ser a maior do mundo, era de apenas 16 milhões de dólares, sendo que dois terços desse montante foram imediatamente engolidos pelos impostos de herança criados por Roosevelt.

Nunca mais a Morgan teve alguém com o sobrenome da família na direção de seus negócios. Na aldeia inglesa de Aldenham quase não há indícios de que um dia

Jack Morgan conviveu por lá com reis, rainhas, príncipes e princesas. Sobrou como lembrança apenas uma bucólica rua residencial chamada Morgan Gardens.

PERDAS E GANHOS

Após o crash de 1929, o engraxate Pat Bologna, tendo perdido seu precioso "capital de risco", voltou a se dedicar exclusivamente ao enfadonho esfrega-e-lustra na banca do número 60 de Wall Street. Já não havia tantos clientes, e mesmo esses gatos-pingados davam gorjetas magras, compatíveis com os novos tempos.

Nunca mais Bologna deu conselhos de investimentos, mesmo porque ninguém os solicitou, e ele mesmo evitava falar no assunto para não perder o freguês. Nas cinco décadas seguintes Pat continuou por lá, até que um dia pegou suas tralhas, foi embora e não se ouviu falar mais dele.

O judeu russo Michael Levine, faz-tudo, fornecedor de bebidas e dono de uma firma de mensageiros, também continuou na Rua. Como seria de se esperar, seu negócio encolheu. Agora, muitas vezes o próprio Levine se encarregava de entregar as mensagens e as encomendas da clientela.

Apesar de Amadeo Peter Giannini ter antevisto o crash, seu grupo financeiro sofreu pesadas perdas. Para piorar as coisas, Giannini e seu sócio Elisha Walker travaram uma disputa feroz pelo controle acionário do Transamerica e das demais empresas associadas.

Walker desejava vender o banco para Charles Mitchell, do National City, enquanto A. P. Giannini queria continuar tocando o negócio, concentrando-o cada vez mais em operações de varejo, atendendo correntistas, poupadores e investidores pequenos. O confronto entre os dois sócios acabou sendo resolvido litigiosamente em uma assembleia de acionistas, para a qual Giannini conseguiu reunir procurações de padeiros, merceeiros, açougueiros, verdureiros, garçons, operários etc., todos acionistas do banco. Isso foi suficiente para que ele derrotasse, ainda que por escassa margem, o grande capital que apoiava Elisha Walker.

Livre de Walker, Amadeo Giannini voltou a perseguir seu sonho de montar um grande banco dirigido às pessoas de menor renda. Para ficar mais com a cara de sua instituição, A. P. livrou-se de seu Rolls-Royce. O chofer Joe Garcia passou a dirigir um carro americano comum, sem sirene de bombeiros e outros espalhafatos.

Giannini entregou a direção do Bank of America a seus filhos, inclusive Claire, que se casou e passou a se chamar Claire Giannini Hoffman. Ela se aposentou com quase 80 anos e viveu até os 92. Teve a alegria de ver o banco fundado por seu pai, que morrera em 1949, aos 79 anos, transformar-se no maior do mundo.

John Jakob Raskob, o idealizador e construtor do Empire State Building, teve a esperteza de ficar vendido a descoberto em ações durante o crash e os meses de queda que vieram depois. Com isso, Raskob não só manteve sua fortuna como a vitaminou e pôde manter vivo seu sonho de construir seu arranha-céu.

Na segunda-feira 17 de março de 1930, dia de São Patrício, os primeiros alicerces do Empire State foram colocados em posição para sustentar as 365 mil toneladas de aço, pedra, concreto e vidro. Nos 410 dias que se seguiram, a construção subiu em ritmo vertiginoso. Sentados em uma arquibancada que Raskob mandou montar em frente à obra, curiosos e palpiteiros nova-iorquinos podiam ver o prédio se elevando nas alturas, não raro seu topo furando a camada de nuvens.



O Empire State foi construído após o crash da Bolsa
Nova York, EUA, 1931
Fotógrafo: Philip Gendreau
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Finalmente, no dia 1º de maio de 1931, em plena Grande Depressão, o presidente Herbert Hoover cortou a fita inaugural do Empire State Building. Em seu discurso, John Jakob Raskob disse que aquele edifício era uma prova de que os bons tempos iriam voltar. Não se pode dizer que Raskob errou, mas seu prognóstico levaria mais de uma década para se tornar realidade.

Charles E. Merrill, da Merrill Lynch, fora um dos primeiros financistas de Wall Street a prever o crash. Ele fizera isso, num comunicado aos seus clientes, um ano e meio antes da Terça-Feira Negra, levando alguns investidores cautelosos a liquidar suas carteiras de ações.



Charles Merrill fez da Merrill Lynch a maior sociedade corretora do mundo
S.l., s.d.
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

Após o colapso do mercado, todo mundo se lembrou de Merrill. E o prestígio de sua sociedade corretora cresceu imensamente. Merrill e seu sócio Edmund Lynch se juntaram à empresa E. A. Pierce & Co., formando a Merrill Lynch, Pierce, Fenner & Smith, que se tornou a maior corretora de valores do planeta.

Durante o *bull-market* dos *Roaring Twenties*, a ação mais prestigiada e mais negociada do mercado havia sido a da RCA, Radio Corporation of America, a popular Radio. Evidentemente, sua cotação despencou junto com as outras. Só que a RCA tinha um negócio bom demais para naufragar, mesmo em um cenário de depressão.

David Sarnoff, o bielorrusso que chegara à América ainda criança, era agora, aos 39 anos, presidente da Radio. Sarnoff tinha enorme fé na empresa que dirigia, mesmo naqueles anos de penúria. Novidades na área de comunicação surgiam a todo momento e a RCA se beneficiava imensamente delas. Conquanto sua firma se dedicasse mais à fabricação e à venda de aparelhos de rádio e a transmissões radiofônicas, David, em seu amplo e suntuoso escritório no 53º andar do Rockefeller Center, na Quinta Avenida, pensava longe e grande. Televisão, ele tinha certeza, seria o grande negócio do futuro em seu campo de atividade.

No dia 30 de abril de 1939, durante a Feira Mundial de Nova York, David Sarnoff, dirigindo-se a uma câmera, participou da primeira transmissão de televisão do país.

Amadeo Peter Giannini, do Bank of America, John Jakob Raskob, do Empire State Building, Charles E. Merrill, da Merrill Lynch, e David Sarnoff, da RCA, assim como o já citado Joe Kennedy, foram notáveis exceções naquela década de fracassados.

63 DE WALL STREET PARA SING SING

Por ocasião do crash, o presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Edward Simmons, encontrava-se em prolongada lua de mel no Havaí e não fez a menor questão de antecipar sua volta. Seu substituto, Richard Whitney, o desastrado especulador que conseguia a proeza de perder dinheiro tanto na alta quanto na baixa, continuou tendo seus prejuízos cobertos pelo irmão, George, sócio e diretor da Casa Morgan.

Simmons só reassumiu seu posto em 2 de dezembro de 1929. Mas permaneceu nele por apenas quatro meses e meio. Em abril de 1930 Richard Whitney, apoiado pela J. P. Morgan, foi eleito presidente da Bolsa. O cargo, agora em caráter efetivo, veio a calhar, pois lhe permitiu esconder suas perdas no mercado, tanto as de sua conta pessoal como as da sociedade corretora Whitney & Co., da qual era sócio majoritário.

A situação de relativo conforto de Richard durou até Franklin Roosevelt assumir a Casa Branca, em 1933, e criar a Comissão de Títulos e Câmbio (SEC), nomeando Joe Kennedy como *chairman*. Nessa mesma época, a Comissão Pecora, do Senado, investigava os acontecimentos de 1929.

Até então a Bolsa de Nova York não abria seus livros contábeis para ninguém. Agora era obrigada a dar satisfações ao Senado e à SEC. O senador Ferdinand Pecora, por exemplo, enviou enorme e detalhado questionário, preparado por um batalhão de advogados, para ser respondido não só por cada um dos diretores da Bolsa como por todos os proprietários de assentos. Isso implicava trazer à tona os números de milhares e milhares de contas de investidores e especuladores.

Como seria de se esperar, Richard Whitney foi convocado a depor. Submeteram-no a severo interrogatório que, aos poucos, foi minando sua arrogância. Enquanto isso, em Nova York, os investigadores de Kennedy esmiuçavam os lançamentos de suas contas pessoais.

A SEC e o Senado levaram cinco anos para descobrir todas as falcatruas de Whitney, inclusive apropriações de fundos das contas dos clientes da Whitney & Co., entre os quais viúvas e órfãos, e até um desfalque no New York Yatch Club, cometido na época em que Richard era seu tesoureiro.

Às nove horas da manhã de segunda-feira, 11 de abril de 1938, agentes policiais, munidos de um mandado, se apresentaram na mansão de Richard Whitney no

número 115 da rua 73 Leste, em Midtown Manhattan. Horas mais tarde, após ser levado à presença de um juiz, ele teve sua prisão preventiva decretada.

Julgado por vários crimes, Whitney foi condenado a cumprir uma sentença de cinco a dez anos de prisão na penitenciária de Sing Sing. Recebeu liberdade condicional em 1941. Jamais voltou ao mundo dos negócios. Morreu em 1974, aos 86, tendo sido sustentado em seus últimos 33 anos de vida pelos rendimentos de um pecúlio doado por seu irmão, George Whitney, que em nenhum momento o abandonou.

Charles Mitchell, do National City Bank, foi outro financista que teve de prestar contas à Comissão Pecora. Apesar de ter sido um dos maiores responsáveis pela febre especulativa que precedeu o crash, os senadores, assim como os fiscais da SEC, não descobriram nenhuma prática de atos ilícitos por parte de Mitchell durante o *boom* de 1929.

O banqueiro só não escapou do Internal Revenue Service (IRS), órgão arrecadador e fiscalizador do imposto de renda americano. Auditorias em suas contas pessoais revelaram que Mitchell cometera sonegação. Após ter sido preso, ele acabou fechando um acordo com o IRS e pagou aos cofres públicos uma importância não revelada. Tendo renunciado ao cargo de presidente do City Bank em 1933, ele passou a viver de rendas. Morreu em 1955, aos 78 anos.



O presidente em exercício da Bolsa de Nova York na época do crash, Richard Whitney, ao ser libertado, sob condicional, na penitenciária de Sing Sing
Ossining, Nova York, EUA, 11 de agosto de 1941
Latinstock/© Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)

O galês Michael Meehan, notório especulador, participante de diversos *pools* e outros tipos de "puxadas" durante o *bull-market*, dono de oito assentos na Bolsa de Valores de Nova York e especialista da Radio no Posto 12 do pregão, além de proprietário da corretora flutuante do transatlântico *Berengaria*, perdeu quase toda a sua fortuna no crash. O fato de que a RCA continuou prosperando durante a Grande Depressão não o ajudou em nada, pois deixou de ser o especialista no papel.

Como se não bastassem os prejuízos de Meehan, a SEC de Joe Kennedy não o deixou em paz. Suas operações especulativas foram esquadrinhadas. No início, Michael se declarou inocente e colaborou com as investigações. Mas quando sentiu que poderia ir para a cadeia, ele simplesmente desapareceu.

Em dezembro de 1936, a revista *Times* descobriu que Michael Meehan era um dos internos do asilo para doentes mentais Bloomingdale, em White Plains, ao norte da cidade de Nova York. Uma reportagem feita sobre ele descreveu-o "caminhando altivamente pelos gramados, tragando seus charutos...".

Na verdade Meehan se transformara em um alcoólatra que passava boa parte do tempo discutindo em voz alta consigo mesmo. Quando não conseguia, mediante suborno de enfermeiros, acesso a bebidas, sofria sérias crises de abstinência. Nada disso impediu que, uma vez localizado, tivesse que responder pelos atos que cometera durante o *boom*. Resultado: foi proibido de operar em todas as bolsas de valores dos Estados Unidos, medida provavelmente inócua devido ao seu estado físico e mental.

Michael Meehan morreu no dia 2 de fevereiro de 1948 com a idade de 56 anos, não sem antes fazer uma última incursão no mundo dos negócios, adquirindo o controle acionário de uma fábrica de sorvetes.

Billy (William Crapo) Durant, criado em Flint, fundara a General Motors. Mais tarde fora um dos grandes especuladores de Wall Street, amigo e parceiro de Charles Mitchell, John Jakob Raskob e Mike Meehan. Tinha sido uma pessoa tão ilustre que visitava o presidente Herbert Hoover sem agendar uma entrevista. Só que o passado brilhante não impediu que seu destino fosse marcado por um declínio lento e melancólico.

Só no crash, Billy Durant perdeu 40 milhões de dólares. Fora o que perdera nas semanas anteriores, quando acreditara em uma recuperação do mercado. No ano seguinte, 1930, Durant pediu a sua mulher, Catherine, 187 mil ações da General Motors de um fundo de investimentos fechado que constituíra para ela.

"É um empréstimo rápido, só para dar uma tacada certa", ele dissera a ela.

O dinheiro de Catherine Durant simplesmente evaporou.

Pedindo um empréstimo aqui, oferecendo uma tacada infalível ali, Billy Durant continuou tentando se refazer, cada vez com menos capital. Os amigos e conhecidos agora se recusavam a recebê-lo, não o atendiam ao telefone.

Em 1933, Durant tentou voltar à indústria automobilística comprando por um valor insignificante uma montadora em estado pré-falimentar e mudando o nome da empresa para Durant Motor Car Company, só para vê-la falir de verdade algumas semanas depois.

Três anos mais tarde, quem pediu falência foi o próprio Billy pessoa física. Declarou dívidas no valor de 914.231 dólares e um patrimônio de 250 dólares, representados por pouco mais do que as roupas que vestia ao se apresentar ao juiz.

Próximo passo ladeira abaixo, Durant abriu uma lanchonete em Asbury Park, Nova Jersey. Com o parco dinheiro que arrecadava, conseguia sobreviver, talvez porque comesse seus próprios sanduíches.

Um dia William Crapo Durant, já quase octogenário, decidiu voltar às suas origens. Vendeu a lanchonete e mudou-se para Flint, onde abriu um boliche, unidade pioneira, pelo menos era o que ele dizia às pessoas, de uma cadeia.

Em outubro de 1942, Billy Durant sofreu um AVC. Tinha 80 anos. Ainda viveu mais cinco, agora num modesto apartamento em Nova York, preso a uma cadeira de rodas, sempre ao lado da fiel mulher, Catherine. Ela vendeu suas joias, peça por peça, para pagar as contas da casa e as despesas médicas do marido. Alguns figurões sobreviventes da indústria automobilística, entre os quais Charles Stewart Mott, Alfred Sloan e Walter Chrysler, eventualmente visitavam o casal e nunca se esqueciam de deixar um cheque para auxiliar nas despesas.

Billy Durant morreu em 18 de março de 1947, aos 85 anos.

Na Inglaterra, Clarence Hatry, o ex-magnata do vidro, homem cuja falência, na opinião de muitos, dera início à crise econômica que desencadeou o crash, foi solto da prisão em 1930. Hatry conseguiu se recuperar, voltando a ficar rico, atuando na City. Morreu em 19 de junho de 1965, aos 76 anos.

O professor Irving Fisher, da Universidade de Yale, economista que havia garantido que um crash da Bolsa de Nova York era simplesmente impossível, ao menos foi coerente com suas próprias ideias. Perdeu tudo o que tinha, inclusive a própria casa, quando Wall Street quebrou. Fisher teve de ir morar de favor na casa de sua filha, onde morreu aos 80 anos, em 1947.

FLINT: OS ESCROQUES E SUAS VÍTIMAS

Tão logo soube dos desfalques nas contas do Union Industrial Bank praticados pelos cavalheiros da Liga, todos eles dirigentes e funcionários da própria instituição, Charles Stewart Mott, *chairman* e maior acionista do banco, decidiu cobrir o rombo com seu próprio dinheiro. Isso lhe custou 3,392 milhões de dólares.

A corajosa atitude de Mott revelou-se inútil para salvar o Industrial. Embora o banco tivesse deixado de operar apenas durante não mais do que dois expedientes e meio, esse pequeno espaço de tempo — ainda mais tendo acontecido simultaneamente ao crash da Bolsa de Nova York — foi suficiente para quebrar a confiança dos depositantes.

Na dúvida, dinheiro na mão. Sempre fora assim no sistema bancário em todo o mundo ao longo dos tempos. Quando as portas do Union Industrial se reabriram, houve uma corrida aos caixas e a direção do banco se viu obrigada a interromper novamente os saques. Interrupção que acabou se tornando definitiva, pois o Industrial teve sua falência decretada.

Entre os que ficaram sem nada, estava o jovem casal Vargo, Jolan e Steve. Ela não conseguiu receber a herança que seu pai lhe deixara ao morrer. Steve, por sua vez, perdeu todas as economias que acumulara, tiradas de seu suado salário na Buick.

Os Vargo jamais se mudaram de Flint. Tal como a maioria dos americanos, eles passaram necessidades durante a Grande Depressão, mas conseguiram refazer suas vidas na próspera década de 1950. A história se esqueceu de registrar se tiveram filhos e netos. Na ausência de informações em contrário, vamos supor que viveram felizes para sempre e que Jolan tenha tomado muitos sorvetes de baunilha.

Homer Dowdy, o carteiro de Flint, foi outro que não conseguiu sacar seu dinheiro no Union Industrial Bank, justamente na época em que mais precisava, devido à doença de sua mulher, Gladys. Ela morreu sem a assistência médica que ele desejara. Como felizmente tinha um emprego estável, Homer, que se casou novamente, viveu melhor do que a maioria dos americanos nos difíceis anos 30 e pôde proporcionar uma boa educação aos filhos.

Em 15 de novembro de 1929, a promotoria de Flint acusou os cavalheiros da Liga de desfalque no banco. A maioria se declarou culpada e o julgamento teve início em janeiro de 1930.

O vice-presidente sênior do Union, John de Camp, foi sentenciado a dez anos de prisão. Ivan Christensen, tesoureiro assistente, pegou sete anos e meio. Frank Montague, outro vice-presidente, três anos e meio. Robert, filho de Grant Brown, apenas seis meses. Os demais trambiqueiros receberam sentenças leves.

Curiosamente, a Liga de Cavalheiros de Flint continuou se reunindo após o julgamento, pois seus membros foram enviados para o mesmo local, a prisão estadual de Michigan, onde receberam celas contíguas. Como se revelaram prisioneiros-modelo, e se tratavam de executivos experientes, logo receberam do diretor do presídio a tarefa de aprimorar a administração da cadeia, no que foram extremamente bem-sucedidos. Isso lhes valeu uma rápida liberdade condicional.

Após serem soltos, quase todos voltaram para Flint, sendo que alguns conseguiram empregos em bancos locais.

É bem possível que De Camp, Christensen, Montague, Robert Brown e outros pares da Liga tenham cruzado nas calçadas da cidade com os Vargo e com o carteiro Dowdy, sem que nenhum deles soubesse quem era quem.

65 MINHA VIDA FOI UM FRACASSO

Além de ativo especulador da Bolsa, James Riordan era presidente da New York County Trust Company. Sua morte foi uma surpresa para o mercado. Às 17h40 de sexta-feira, 8 de novembro de 1929, portanto menos de duas semanas após o crash, ele sentou-se numa poltrona de sua elegante casa em Manhattan e suicidou-se com um tiro no ouvido.

Assim que soube da tragédia, John Jakob Raskob, o homem do Empire State e sócio de Riordan na New York County, fez o possível e o impossível para que a imprensa não soubesse do ocorrido até o final do expediente bancário de sábado, dia 9, que aconteceu ao meio-dia.

Com a colaboração da polícia metropolitana de Nova York, inclusive do médico legista que cuidou do corpo de Riordan, a iniciativa de John Raskob teve êxito. Nas primeiras horas, só o círculo mais íntimo de parentes e amigos do morto ficou sabendo do suicídio. Raskob pôde então examinar as contas do banco, o que fez durante o restante do sábado e o dia todo de domingo.

Para grande espanto de John Jakob Raskob, não havia nenhum rombo na New York County Trust Company. Na segunda-feira, com toda a opinião pública já ciente do que acontecera, Raskob assumiu as rédeas da instituição e usou de todo o seu prestígio para minimizar os efeitos de um início de pânico dos correntistas. Contou com a ajuda do prefeito da cidade, James Walker, que mandou o tesouro municipal fazer um vultoso depósito no banco.

A County Trust continuou de pé, agora com John Raskob na presidência. Riordan, embora tenha perdido boa parte de sua fortuna especulando na Bolsa, não tocara em um só centavo do dinheiro da Trust.

É comum se mostrar o grande crash de 1929 como tendo sido o detonador de uma onda de suicídios. Hollywood, por exemplo, adora essa versão. Em diversos filmes, especuladores e homens de negócios os mais diversos são mostrados saltando de andares altos dos hotéis de Nova York. Ficcionistas também são fãs do tema, como também eram os comediantes da época, politicamente mais do que incorretos.

"O senhor está se registrando para dormir ou para pular?", perguntava, num diálogo tragicômico de um show de variedades da Broadway, o recepcionista de um hotel nova-iorquino. "Se for para pular, senhor, por favor, pague adiantado."

Tudo isso é puro folclore, além de exagero. Houve realmente um aumento no índice de suicídios após o crash e durante a depressão, mas foi uma coisa mais pontual. Só que houve gente que se aproveitou dessas mortes para especular na Bolsa.

No sábado, 12 de março de 1932, por exemplo, Ivar Kreuger, um financista e especulador international de grande notoriedade — operava, nem sempre de modo muito honesto, nas bolsas dos dois lados do Atlântico Norte —, apontou uma arma semiautomática contra a própria cabeça e se matou.

O suicídio ocorreu em Paris, às onze da manhã, hora local, com a Bolsa de Nova York tendo todo seu meio pregão de sábado pela frente. Policiais parisienses foram subornados e a notícia retida até que especuladores do círculo de Kreuger pudessem vender a descoberto ações da Kreuger and Toll e da Lee, Higginson and Company — empresas ligadas ao financista morto — no mercado americano.

Jesse Livermore tornara-se o mais famoso e mais bem-sucedido urso dos Estados Unidos e talvez do mundo. Como emérito ganhador nas baixas, não era de se espantar que ele tenha faturado horrores no crash.

Nos dias de pânico generalizado do final de outubro de 1929, Livermore se deu muito bem. Ficou vendido a descoberto e rachou de ganhar dinheiro.

No dia 13 de novembro, uma quarta-feira, Jesse Livermore percebeu que o mercado já caíra demais. E trocou a pele de urso pela de touro. Liquidou suas posições vendidas e adquiriu todos os papéis que lhe foram oferecidos. Mais uma vez acertou na mosca. Assim como continuou ganhando ao longo de 1930.

Os lucros agora eram menores, pois o mercado já não absorvia grandes lotes. Esse marasmo não só continuou como cresceu em 1931. Seria a ocasião de Livermore parar de operar. Daria para viver de renda a vida toda e ainda durante umas cinco reencarnações.

Um erro comum nas pessoas que têm sucesso em determinado momento da vida é o de confundir o fato (correto) de que foram vencedores porque estavam do lado certo com o fato (incorreto) de que qualquer posição que assumam passa a ser imediatamente a certa. Isso acontece em todos os ramos de atividade e em todas as profissões. E com Jesse Livermore não foi diferente.

A partir de 1931, Livermore passou a errar sistematicamente. E não admitia isso. Nem para os outros, nem para si mesmo. Achava que o mercado estava errado e não ele. O dinheiro que entrara nos tempos de acerto começou a sair, primeiro devagarzinho, depois, à medida que Jesse se impacientava e aumentava suas apostas, aos borbotões. Ao final do ano, metade de sua fortuna se fora.

Em 1932, Jesse Livermore parecia um novato, amador precipitado, que apostava todas as fichas em qualquer mão, por pior que fossem suas cartas. Nesse ano ele

jogou fora 30 milhões de dólares, seus últimos 30 milhões.

Como se não bastassem os reveses na Bolsa, Livermore descobriu que Dorothy, sua mulher alcoólatra, o traía com um agente da Lei Seca. O casal se divorciou em Reno.

No mês de março de 1933, aos 58 anos, Livermore se casou com Harriet Metz Noble, uma viúva rica natural de Omaha, Nebraska, concertista de piano e vinte anos mais nova do que ele. Mais do que depressa, Jesse pediu a ela um empréstimo de 136 mil dólares.

"É para depositar como margem de uma operação infalível", ele disse a Harriet. "Impossível perder." Só que o impossível aconteceu e Harriet Noble jamais viu seu dinheiro de volta.

Jesse Livermore vendeu seus imóveis, seu Rolls-Royce amarelo. Tomou dinheiro emprestado a juros e não pagou. Gângsteres a soldo de agiotas o ameaçaram. Ele precisou se esconder desses cobradores truculentos, assim como de oficiais de justiça que o procuravam para entregar intimações de sociedades corretoras das quais ele era devedor.

Desse modo inglório, Livermore atravessou toda a Grande Depressão. Até que em 28 de novembro de 1940, ele, impecavelmente vestido como nos seus tempos de fama, entrou no Sherry-Netherland Hotel, na esquina da Quinta Avenida com a rua 59 Leste. Foi até o bar, onde entornou dois martínis, e depois seguiu para o banheiro masculino.

Mirando-se no espelho, o grande Jesse Livermore, o urso de Boston, o maior especulador dos *Roaring Twenties*, uma figura mítica de Wall Street, sacou uma pistola do bolso do paletó, apontou-a para a testa e atirou. Quando caiu no chão, já estava morto. Em seu bolso foi encontrado um lápis de ouro, última lembrança de sua época de esplendor, e um caderninho em cujas páginas Livermore rabiscara dezenas de vezes:

"Minha vida foi um fracasso" (*My life has been a failure*), "Minha vida foi um fracasso", "Minha vida foi…"

Como herança, Jesse Livermore deixou apenas os direitos autorais de um livro que publicara oito meses antes e que fora um fracasso editorial. Seu título: *Como operar com ações* (*How to Trade in Stocks*).

Após a morte do autor, o livro passou a vender bem. Aliás, vende até hoje, passados mais de setenta anos. É só entrar num dos bons sites de livrarias virtuais americanas que *How to Trade in Stocks* está lá.

EPÍLOGO

Na véspera do crash, o ator Charles Chaplin e o compositor Irving Berlin haviam jantado juntos em Hollywood, ocasião em que Berlin censurara Chaplin por ter vendido sua carteira de ações, atitude que o compositor considerava impatriótica. O colapso em Nova York pegou os dois em posições antagônicas, o comediante zerado e o músico com todas as suas economias aplicadas na Bolsa.

Embora em ritmo menor do que nos *Roaring Twenties*, a indústria de entretenimento continuou crescendo ao longo da Grande Depressão. Charles Chaplin pôde aumentar sua já enorme fortuna ao passo que Berlin começou a refazer a sua, quase toda perdida no crash. Seja por teimosia, seja por perspicácia, seja por patriotismo, o músico continuou aplicando dinheiro em ações.

Em fevereiro de 1931, Chaplin lançou *City Lights* (*Luzes da cidade*), um filme meio-mudo — embora não houvesse diálogos entre os personagens, a ação era acompanhada de uma trilha sonora musical. A produção da fita custou 2 milhões de dólares, uma extravagância para aqueles tempos de depressão.

Mesmo sem falas, *City Lights*, com Chaplin interpretando Carlitos pela última vez, foi um estrondoso sucesso, tendo sua bilheteria — 5 milhões só nos primeiros meses — sido maior do que a de qualquer outro filme da época. Apesar disso, Charles Chaplin concluiu que chegara o momento de pôr fim à carreira do personagem Carlitos.

Multimilionário e grande celebridade em todo o mundo, Chaplin diminuiu seu ritmo de trabalho e passou a se dedicar a viagens, principalmente pela Europa, tendo inclusive visitado Berlim um ano e meio antes da ascensão de Adolf Hitler.

O mítico talento de Charles Chaplin era tão reconhecido pelo público que ele ainda insistiu em alguns filmes sem diálogos, só com o acompanhamento de música. *Modern Times* (*Tempos modernos*), no qual Chaplin contracenou com Paulette Goddard, com quem vivia maritalmente na época, foi um desses. Estreou em 1936 e repetiu o êxito de *City Lights*.

Três anos mais tarde, justamente quando a Inglaterra e a Alemanha entraram em guerra, Charles lançou *The Great Dictator* (*O grande ditador*), um fita falada que, graças à interpretação magistral de Chaplin, ridicularizava ao extremo a figura do ditador nazista. Foi mais um triunfo artístico e financeiro. *The Great Dictator* veio a ser o filme mais lucrativo de Charles Chaplin até então.

Quando, após o ataque dos japoneses a Pearl Harbor, os Estados Unidos entraram na guerra, Chaplin fez uma longa turnê de palestras pelo país instando os assistentes a apoiar a agora aliada União Soviética. O entusiasmo com que defendia os russos, aliado ao uso da expressão "camaradas", com a qual se dirigia à plateia, iria lhe causar grandes inconvenientes no futuro.

Após a Segunda Guerra, já nos tempos inquisitoriais do macarthismo, e em plena Guerra Fria, Charles Chaplin, agora considerado por muitos como simpatizante do comunismo, durante uma viagem de navio para a Europa, a bordo do transatlântico *Queen Elizabeth*, ficou sabendo, por um telegrama do Serviço de Imigração, que seu visto de permanência dos Estados Unidos fora cassado — ele jamais quisera pleitear a cidadania americana. Na época Charles era casado com Oona O'Neill, 36 anos mais moça do que ele, filha do dramaturgo Eugene O'Neill. Depois de algum tempo em Londres, o casal fixou moradia em Vevey, na Suíça.

Chaplin só voltou à América em 1972, e mesmo assim por poucos dias, para receber um Oscar especial da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, que lhe foi concedido pelo conjunto da obra. Tinha então 83 anos. Morreria no dia de Natal de 1977, na Suíça, deixando nove filhos e enorme fortuna, resultado de seus filmes e das aplicações na Bolsa feitas nos *Roaring Twenties*, as quais liquidara em 1928.

Irving Berlin saiu do crash e entrou na Grande Depressão quase tão pobre quanto no começo de sua vida artística no início do século, só que agora com a vantagem de ter seu talento amplamente reconhecido no mundo da música. Como não diminuiu a demanda por suas canções, e ainda recebia direitos autorais das obras anteriores, Berlin não demorou a voltar a investir na Bolsa, comprando ações por preços baixíssimos. Goldman Sachs Trading Corporation, por exemplo, um papel pelo qual ele chegara a pagar 220 dólares, estava a menos de dois dólares.

O sogro de Irving, o católico Clarence Mackay, magnata dos telégrafos, que jamais aprovara o casamento de sua filha Ellin com o músico judeu, também perdera tudo que tinha no colapso de 1929. Só que Mackay, ao contrário do genro, não tinha como refazer sua fortuna, pois isso dependeria de capital e não de talento criativo.

Dono de Harbor Hill, uma enorme e luxuosa propriedade em Wheatley Hills, Long Island, Mackay não podia vendê-la por absoluta falta de compradores. Muito menos tinha condições de custear a manutenção da casa principal, das casas de hóspedes, da estufa, dos estábulos que antes haviam abrigado seus puros-sangues ingleses, das quadras de tênis, da piscina e dos campos a perder de vista, fora os salários dos 134 empregados.

A alternativa foi dispensar todo mundo e mudar-se para a pequena casa do porteiro, junto ao portão de entrada da propriedade, e deixar o resto abandonado, à mercê das intempéries e da sanha dos saqueadores.

Em agosto de 1932, quando o Industrial Dow Jones da Bolsa de Valores de Nova York bateu em sua mínima, a 63 pontos, o menor nível desde a criação do índice, em 1896, e uma queda de 83% sobre o pico registrado na terça-feira 3 de setembro de 1929, Irving Berlin continuava comprando ações. Nessa época o ritmo da *ticker-tape* se assemelhava ao bater irregular do coração de um moribundo. Havia momentos em que a fita parava por absoluta falta de negócios no pregão.

Quando Kitty, mulher de Clarence Mackay, morreu de câncer na garganta, o viúvo levou sua amante, Anna Case, para morar com ele na casa do porteiro. Por fim, casou-se com ela. Irving e Ellin Berlin compareceram à cerimônia. De presente, Berlin deu um cheque de um milhão de dólares para o sogro. Assim ele e Anna puderam viver com conforto e dignidade até o fim dos seus dias.

Em setembro de 1930, Irving Berlin comprara um lote no número 66 da rua 93 Leste, entre a Madison e a Park Avenue. Sua ideia era derrubar o prédio que havia no local e construir uma mansão em seu lugar. Precisava apenas de emplacar um novo hit. E não é que emplacou dois, ambos em 1932: *Say It Isn't* e *How Deep is the Ocean*. Como se não bastasse, o musical *Off Thee I Sing*, dos irmãos George e Ira Gershwin, montado na "Music Box", casa de espetáculos de propriedade de Berlin, e de cuja bilheteria ele tirava um percentual, fez 441 apresentações.

Na temporada seguinte (1933-1934), o musical *As Thousands Cheer*, com composições de Irving Berlin, e montado em seu próprio teatro, foi também um grande sucesso. A fortuna perdida no crash se recuperava rapidamente. E cada centavo que sobrava Irving Berlin punha na Bolsa, com exceção do dinheiro que reservou para erguer sua mansão no East Side.

O ano de 1935 trouxe novos êxitos: as canções do filme *Top Hat*, que teve como protagonistas Fred Astaire e Ginger Rogers. De participação na bilheteria, Berlin, agora com 46 anos, faturou 300 mil dólares.

Em 1917 Irving escrevera a música e a letra da canção *God Bless America*, que por algum motivo decidira pôr de lado. Vinte e um anos mais tarde, em 1938, ele resolveu resgatá-la do fundo de um baú.

God Bless America causou tanto impacto que, dias após ter sido apresentada pela primeira vez, numa transmissão radiofônica, na voz de Kate Smith, tornou-se o hino extraoficial dos Estados Unidos. Passados 75 anos do lançamento, e quase cem da criação, não há um instante sequer em que *God Bless America* não esteja sendo tocada ou cantada em algum canto do país.

Irving Berlin podia agora viver de direitos autorais, sem precisar criar mais nada e ainda tendo recursos de sobra para aplicar na Bolsa. Mas Berlin simplesmente não quis parar. Veio a Segunda Guerra e ele produziu um musical para a Broadway, *This is the Army*, com toda a renda, que ultrapassou 10 milhões de dólares, destinada ao Exército. Para si, Berlin escreveu a canção *White Christmas*, que arrecadou tanto quanto *God Bless America*.



Irving Berlin foi um dos compositores mais bem-sucedidos da história do showbiz
S.l., 1954

© Courtesy Everett Collection/Everett Collection/Everett/Latinstock

Só com a voz de Bing Crosby, *White Christmas* vendeu 10 milhões de discos. Mais 4 milhões saíram com outros cantores, além de 3 milhões de partituras.

O dinheiro continuou entrando aos borbotões. O musical *Annie Get Your Gun* foi exibido 1.147 vezes. Uma das músicas da peça, *There is no Business Like Show Business*, repetiu a trajetória de *God Bless America* e de *White Christmas*. A inspiração de Irving Berlin, agora com 58 anos de idade, parecia não ter limites. *Annie Get Your Gun* rendeu ao compositor 400 mil dólares, mais 650 mil pela adaptação para o cinema. Com o disco e a partitura de *There is no Business Like Show Business*, ele faturou outros 600 mil.

Em 1947, Irving e Ellin se mudaram para a enorme mansão que ele finalmente construíra, onde viveriam o resto de suas vidas. No ano seguinte, o filme *Easter Parade*, com a trilha sonora composta por ele, faturou 6,8 milhões de dólares de bilheteria.

Os sucessos passaram então a se alternar com fracassos. *Miss Liberty*, por exemplo, encenado na Broadway em 1949, mal deu para cobrir as despesas de produção. Pouco mais tarde, em 1950, o filme *Annie Get Your Gun*, baseado na peça do mesmo nome, faturou 8 milhões de dólares.

Berlin, aos 63 anos, tornara-se um homem sovina, mesquinho, ganancioso, deprimido e mal-humorado. Isso talvez tenha destruído sua inspiração. Sua última canção bem-sucedida foi *You're Just in Love*, parte do musical *Call me Madam*, montado em 1951. Depois dela, quase mais nada deu certo.

Pela primeira vez em sua carreira, Irving Berlin começou a ter músicas recusadas na Broadway e em Hollywood. Evidentemente que isso em nada contribuiu para melhorar seu estado de espírito. Mas não prejudicou sua renda de direitos autorais, garantida até o fim da vida graças aos sucessos anteriores. E quase tudo que entrava continuou indo para o mercado de ações.

Aos 70 anos, Berlin padecia tanto de depressão que um hospital foi montado em sua casa. Três enfermeiras se alternavam ao seu lado. Devem ter feito um ótimo trabalho, pois Irving viveu mais três décadas, recluso, sempre acabrunhado, viciado em soníferos, morrendo apenas em 1989, aos 101 anos de idade, catorze meses após Ellin, dezessete anos mais moça.

Além dos direitos autorais de mais de 1,5 mil canções, Berlin deixou para seus filhos uma carteira de títulos no valor um 1,1 bilhão de dólares.

Muitos defensores do mercado de ações dizem que Irving Berlin mostrou que aplicar dinheiro na Bolsa, por todo o tempo, seja na alta ou na baixa, é um método

infalível de se enriquecer. Mas se esquecem de assinalar que para isso é preciso ter outras rendas e viver um século.

James Riordan, Ivar Kreuger, Jesse Livermore, Richard Whitney, Michael Meehan, Billy Durant, Irving Fisher e centenas de outros desafortunados mostraram que a armadilha criada pela prosperidade dos *Roaring Twenties* e pela catástrofe de outubro de 1929 havia mudado, para pior, a história dos Estados Unidos da América e do mundo, afetando a vida de centenas de milhões de pessoas, os herdeiros da sociedade onde todos seriam ricos.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, David. *Panic! The Day the Money Stopped*. Evanston, Ill.: Regency Books, 1962.

ALLEN, Frederick Lewis. *Only Yesterday*. Nova York: John Willey & Sons, 1997.

BERGREEN, Laurence. *As Thousands Cheer*: The Life of Irving Berlin. Cambridge: Da Capo Press, 1996.

BERNANKE, Ben. *Essays on the Great Depression*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

CAROSSO, Vincent P. *The Morgans*: Private International Bankers. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

CHAPLIN, Charles. *My Autobiography*. Londres: Penguin Books, 2008.

DERBYSHIRE, Wyn. *Six Tycoons*. Londres: Spiramus Press, 2009.

EGAN, Timothy. *The Worst Hard Time*. Boston: Mariner Books, 2006.

FRIEDRICH, Otto. *Before the Deluge*. Nova York: Harper Perennial, 1995.

GALBRAITH, John Kenneth. *A Short History of Financial Euphoria*. Londres: Penguin Books, 1994.

_____. *The Great Crash*. Boston: Mariner Books, 2009.

GORDON, John Steele. *The Great Game*: A History of Wall Street. Londres: Orion Business Books, 1999.

GREENSPAN, Alan. *The Age of Turbulence*: Adventures in a New World. Londres: Penguin Books, 2008.

GROSS, Daniel. *Forbes*: Greatest Business Stories of All Times. Nova York: John Wiley & Sons, 1997.

GUILLEBAUD, C. W. *The Economic Recovery of German from 1933 to March 1938*. Nova York: AMS Press, 1972.

HALPERING, S. William. *A Political History of the Reich from 1918 to 1933*. Nova York: W. W. Norton & Co., 2007.

HAYES, Helen; LOOS, Anita. *Twice Over Lightly*: New York Then and Now. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

HINDUS, Milton. *The Old East Side*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1971.

KEYNES, John Maynard. *The General Theory of Employment, Interest and Money*. Nova York: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2011.

LEFÈVRE, Edwin. *Reminiscences of a Stock Operator*. Nova York: John Wiley & Sons, 2004.

LIVERMORE, Jesse. *How to Trade in Stocks*. Columbus: McGraw-Hill, 2006.

LOOS, Anita. *Kiss Hollywood Goodbye*. Boston: G. K. Hall, 1975.

MALRAUX, André. *Le Temps du Mépris*. Paris: Gallimard, 1945.

McGOVERN, James. *And a Time for Hope*. Westport: Praeger Publishers, 2001.

MORGAN-WITTS, Max; THOMAS, Gordon. *The Day the Bubble Burst*. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1979.

ODETS, Clifford. *Waiting for Lefty*. Nova York: Dramatists Play Service, 1998.

ORWELL, George. *The Road to Wigan Pier*. Londres: Penguin Classics, 2001.

PARKER, Selwyn. *The Great Crash*: How the Stock Market Crash of 1929 Plunged the World into Depression. Londres: Piatkus Books, 2008.

PECORA, Ferdinand. *Wall Street Under Oath*. Nova York: A. M. Kelley, 1973.

PIGOU, Arthur. *The Veil of Money*. Nova York: Greenwood Press, 1979.

_____. *Economics of Welfare*. Londres: Macmillan, 1962.

SALVEMINI, Gaetano. *Under the Axe of Fascism*. Whitefish, MT: Literary Licensing, 2011.

SHIRER, William L. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SULLIVAN, Lawrence. *Prelude to Panic*. Washington, DC: Statesman Press, 1938.

TERKEL, Louis. *Hard Times*. Nova York: New Press, 1970.

TOLAND, John. *Adolf Hitler*. Harpswell, ME: Anchor Publishing, 1991.

WEISS, John. *Nazis and Fascists in Europe*: 1918-1945. Chicago: Quadrangle Books, 1969.

WILSON, Joan Hoff. *American Business and Foreign Policy, 1920-1933*. Boston: Beacon Press, 1973.

YERGIN, Daniel. *The Prize*: the Epic Quest for Oil, Money and Power. Nova York: Free Press, 1993.